



**UNISINOS**  
MAR 2024  
TESE DE DOUTORADO  
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

**GUILHERME SFREDO MIORANDO**

orientação:  
**RONALDO CESAR HENN**

**DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA!**

# MITOS, MESSIAS, SALVADORES DA PÁTRIA

E AINDA:  
**BOI, BALA E BIBLIA!!!**



**UNISINOS**



Nando Motta DEN

**SENTIDOS DE MASCULINIDADES EM MEMES DE SUPER-HERÓIS USADOS NO BOLSONARISMO**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**  
**NÍVEL DOUTORADO**

**GUILHERME SFREDO MIORANDO**

**MITOS, MESSIAS E SALVADORES DA PÁTRIA:**  
**Sentidos de masculinidades em memes de super-heróis usados no bolsonarismo**

**São Leopoldo**

**2024**

GUILHERME SFREDO MIORANDO

**MITOS, MESSIAS E SALVADORES DA PÁTRIA:**

**Sentidos de masculinidades em memes de super-heróis usados no bolsonarismo**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

**Orientador:** Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn

**São Leopoldo**

**2024**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M669m Miorando, Guilherme Sfredo

Mitos, messias e salvadores da pátria: sentidos de masculinidade em memes de super-heróis usados no bolsonarismo / Guilherme Sfredo Miorando. – São Leopoldo : s.n., 2024.  
322 p.

Orientado por Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn

Tese de Doutorado para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

1. Comunicação – política. 2. Semiótica da cultura.  
3. Estudo de gênero – masculinidade e internet. I. Título.

DD: 320

**André Felipe de Moraes Queiroz – Bibliotecário – CRB-4/2242**

**GUILHERME SFREDO MIORANDO**

**MITOS, MESSIAS E SALVADORES DA PÁTRIA: SENTIDOS DE  
MASCULINIDADES EM MEMES DE SUPER-HERÓIS USADOS NO  
BOLSONARISMO**

Tese apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutor, pelo Programa  
de Pós-Graduação em Ciências da  
Comunicação da Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos - UNISINOS.

**APROVADO EM 18 DE ABRIL DE 2024.**

**BANCA EXAMINADORA**

**PROFA. DRA. NÍSIA MARTINS DO ROSÁRIO - UFRGS  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. FÁBIO SADAO NAKAGAWA - UFBA  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. FELIPE VIERO KOLINSKI MACHADO MENDONÇA  
- UFMG (PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. CHRISTIAN GONZATTI - UNISINOS  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. RONALDO CESAR HENN – ORIENTADOR  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



---

## **AGRADECIMENTOS À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brazil (CAPES) – Finance Code 001.

Em solidariedade ao precariado acadêmico.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao meu irmão Bernardo Sfredo Miorando. Ele não apenas me incentivou a ingressar na academia, mas também me ajudou imensamente com o trabalho de composição desta tese. Não apenas lendo, puxando orelhas e sugerindo melhorias, mas principalmente servindo como confidente e apoio durante esses quatro anos. Seja à distância de uma chamada de vídeo ou de um abraço. Estendo meu agradecimento à minha cunhada Ana Danielle Santana Cavalheiro por ajudar a colocar nossas cabeças nos eixos quando as coisas pareciam sem volta e estar sempre à disposição para meus desabafos. Aos meus tios Marta Sfredo e Luiz Adolfo Lino de Souza, que compartilharam a indignação que foi sobreviver aos anos Bolsonaro. Agradeço pelo apoio manifestado constantemente e pelos momentos de confraternização que aliviaram esse período.

O percurso acadêmico para a confecção desta tese não foi fácil, como o leitor poderá entender na introdução deste trabalho. Poder contar com professores que abrem um mundo vasto de conhecimento e de experiências pessoais nesse caminho é extremamente gratificante. Assim, gostaria de saudar os professores Dr. Ronaldo Henn e Dra. Nísia Martins do Rosário por me fazerem encarar a semiótica da cultura com os olhos brilhando de entusiasmo. Esse entusiasmo dos professores repercutiu neste trabalho. Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Ronaldo por ter conseguido controlar minhas crises de ansiedade e percalços durante este processo de doutorado.

Quero agradecer à Profa. Dra. Adriana da Rosa Amaral por seu empenho no processo de conquista da bolsa do DAAD que me levaria à Alemanha, mas que, por causa dos desmandos do governo Bolsonaro, foi cancelada.

Obrigado aos colegas de doutorado que trouxeram insights relevantes para esta tese e que caminharam juntos em algumas cadeiras do PPG: Christian Gonzatti, Daniel Pimenta, Franciele Emitz, Letícia Rossa, Marlon Santa Maria Dias, Paula Coruja e Tiago Segabinazzi. Outros apontamentos importantes foram trazidos pelos amigos Daniela Marino e Jean Sinclair. Agradeço ao chargista Nando Motta por ceder seus desenhos para comporem um gráfico desta tese e pela ilustração da capa deste trabalho. Obrigado ao Vilmar Rossi Jr. pelo conceito dos personagens da capa e ao José Rodrigo Batista pelas cores da capa.

Reconheço a dedicação dos amigos e leitores de primeira hora de alguns dos capítulos deste trabalho doutoral, Antônio Carlos Mota Machado Filho e Neide Maleski. Obrigado à Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial, a ASPAS, na pessoa de sua presidenta, Natania Aparecida da Silva Nogueira.

Agradeço também à parte da minha família que se posicionou contra Jair Bolsonaro e dedico esse trabalho aos meus familiares que desejariam ter vivido para ver o final deste período tenebroso da história do Brasil, minha mãe Miriam Isabel Sfredo, e meus tios Mirtes Teresinha Sfredo Wicteky e José Carlos Wicteky.

*Pra bom entendedor, meia palavra basta  
 Eu vou denunciar a sua ação nefasta  
 Você amarga o mar, desflora a flores  
 Por onde você passa, o ar você empesta  
 Não tem medida a sua ação imediatista  
 Não tem limite o seu sonho consumista  
 Você deixou na mata uma ferida exposta  
 Você descora as cores dos corais na costa  
 Você aquece a Terra e enriquece à custa  
 Do roubo, do futuro e da beleza augusta  
 Mas do que vale tal riqueza? Grande boçal  
 Parece que de neto seu você não gostou  
 Você decreta a morte, a vida indevisível  
 Você declara guerra à paz por mais bem querer  
 Não há em toda fauna um animal tão besteira  
 Mas já tem gente vendo que você não preside  
 Não vou dizer seu nome porque me desgostei  
 Pra bom entendedor, meia palavra basta  
 Não vou dizer seu nome porque me desgostei  
 Pra bom entendedor, meia palavra basta  
 Bom entendedor, meia palavra basta  
 Bom entendedor, meia palavra basta  
 Tá?*

Mariana Aydar - Tá? (2009)



Overman - Laerte (2003)



Tirinha - Thiago Krenning (2018)

## RESUMO

O bolsonarismo é um fenômeno alinhado com outros movimentos políticos de extrema direita que assolam o mundo nas primeiras décadas do século XXI. Utiliza-se de um arsenal de estratégias digitais em plataformas online, entre as quais estão a criação e difusão de memes de internet. Os super-heróis são um produto cultural associado a diversas mídias que tiveram sua popularidade acentuada por produções audiovisuais a partir do ano 2000. Estes personagens estão frequentemente relacionados com os memes produzidos pela extrema direita porque fazem circular sentidos relacionados com virilidade, poder e dominação. Os movimentos masculinistas relacionados com políticos extremistas se apoiam na circulação de conteúdos gerados por usuários que difundem as lógicas de supremacia masculina. Esta retórica induz violências físicas e simbólicas contra outras pessoas, especialmente mulheres e pessoas queer. Esta tese busca entender, a partir de memes, como o bolsonarismo se apropria de imagens de super-heróis com sentidos de masculinismo para estabelecer seus territórios semióticos. A análise aqui desenhada toma como base pressupostos teóricos que dão conta de explicar a dinâmica dos super-heróis, do bolsonarismo e das masculinidades na cultura, a partir de uma perspectiva da memética e da Semiótica da Cultura, de Iuri Lotman. A metodologia se propõe a desvendar as territorialidades semióticas desses memes, ou seja, compreender os espaços que seus sentidos ocupam dentro das semiosferas, os sistemas que formam a cultura. Esta pesquisa computou 400 memes políticos baseados em super-heróis colhidos através de mecanismos de busca na internet. Do total, 60% deles se utilizam de figuras ligadas ao bolsonarismo e Bolsonaro aparece em 52% dos memes. Também se apresentam mais como imagens diversas sem repetição de uma estrutura. Heróis nacionalistas como Superman e Capitão América são os mais utilizados. Contudo, o uso abundante de manifestações imagéticas de hipermasculinidade e de personagens de ação como Exterminador do Futuro e Rambo ultrapassam as fronteiras de definições super-heróicas comuns. Uma masculinidade de ostentação e de cumplicidade masculina foram mais associados ao bolsonarismo, enquanto a ostentação e os sentidos de homofobia e misoginia foram utilizados para retratar os opositores do movimento. Esse resultado tem reflexo no fato de que a masculinidade é um fator ligado à demonstração de poder e, ao apresentá-la de forma vexatória, associada com a homossexualidade ou a feminilidade, significa também inferiorizar seu alvo. Ressalta-se que essa prática não é algo restrito a extrema direita, mas algo a que a esquerda também recorre. As implicações da tese dão conta de que os sentidos do bolsonarismo e das masculinidades são trabalhados a partir de movimentos de tradução semióticas, que permitem o uso de diversas

acepções e valores sobre imagens dos super-heróis. A intenção dos memes de se espalhar e reproduzir pelo maior número possível de mentes e espaços da internet e da cultura, como um vírus, é um fator importante para a disseminação dessas ideias. Dessa forma, acontece uma sobreposição de ambientes semióticos que provocam um superaquecimento nas semiosferas, promovendo um aprofundamento e desgaste nos sentidos de masculinidades que são buscados com mais intensidade, ódio e violência.

**Palavras-chave:** memes; super-heróis; bolsonarismo; masculinidades; semiótica da cultura.

## ABSTRACT

Bolsonarism aligns with other far-right political movements that plague the world in the early decades of the 21st century. It employs a range of digital strategies on online platforms, including the creation and dissemination of internet memes. Superheroes are a cultural product associated with various media whose popularity has been heightened by audiovisual productions since the year 2000. These characters are often linked to memes produced by the far-right because they circulate meanings related to virility, power, and domination. Masculinist movements related to extremist politicians rely on the circulation of user-generated content that spreads logics of male supremacy. This rhetoric induces physical and symbolic violence against other individuals, especially women and queer people. This thesis seeks to understand, through memes, how bolsonarism appropriates images of superheroes with meanings of masculinity to establish its semiotic territories. The analysis outlined here is based on theoretical assumptions that explain the dynamics of superheroes, bolsonarism, and masculinities in culture, from a perspective of memetics and Yuri Lotman's Semiotics of Culture. The methodology aims to unravel the semiotic territorialities of these memes, that is, to understand the spaces their meanings occupy within semiospheres, the systems that form culture. This research compiled 400 political memes based on superheroes collected through internet search mechanisms. Of the total, 60% of them use figures linked to bolsonarism, and Bolsonaro appears in 52% of the memes. They also present more as diverse images without repetition of a structure. Nationalist heroes like Superman and Captain America are the most used. However, the abundant use of imagery manifestations of hypermasculinity and action characters like Terminator and Rambo surpasses the boundaries of common superhero definitions. A masculinity of ostentation and male complicity were more associated with bolsonarism, while ostentation and the senses of homophobia and misogyny were used to portray opponents of the movement. This result reflects the fact that masculinity is a factor linked to the demonstration of power and, by presenting it in a derogatory manner, associated with homosexuality or femininity, it also means to belittle its target. It is emphasized that this practice is not restricted to the far right, but something that the left also resorts to. The implications of the thesis account for the meanings of bolsonarism and masculinities being worked on from movements of semiotic translation, which allow the use of various meanings and values about images of superheroes. The intention of memes to spread and reproduce through as many minds and spaces of the internet and culture as possible, like a virus, is an important factor in the dissemination of these ideas. Thus, there is an overlap of semiotic environments that provoke overheating in the semiospheres,

promoting a deepening and wear in the meanings of masculinities that are sought with more intensity, hatred, and violence.

**Keywords:** memes; superheroes; bolsonarism; masculinities; semiotics of culture.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exposição da arte SuperPutin, no museu UMAM, de Moscou, em 6 de dezembro de 2017 .....	23
Figura 2 – Montagem de presidentes autoritários como super-heróis .....	24
Figura 3 – Simulação de capa de quadrinho do General Anca, Javier Milei vestido como seu personagem e manifestante com cosplay de Chainsaw Man durante as eleições na Argentina .....	25
Figura 4 – O Xamã Qanon, Jacob Anthony Chansley, durante a invasão do Capitólio, nos EUA, e sua versão brasileira, Julio Monteiro, durante as manifestações pró-Bolsonaro na Avenida Paulista do Sete de Setembro .....	27
Figura 5 – Montagem que circulou pelas plataformas digitais sociais apresentando uma associação entre o deputado federal condenado pelo STF, Daniel Silveira, com o Superman, interpretado por Henry Cavill, no filme O Homem de Aço, de 2013 .....	29
Figura 6 – Festa de aniversário infantil com temática de Bolsonaro como super-herói ...	32
Figura 7 – Cartaz do filme curta-metragem <i>Building up the health of a nation</i> , de 1916, estrelado por Bernarr MacFadden .....	42
Figura 8 – Um dos famosos anúncios dos manuais de exercícios físicos de Charles Atlas, que eram veiculados em páginas de revistas em quadrinhos .....	43
Figura 9 – O homem perfeito, ou o homem mais forte do mundo, Eugene Sandow em 1894 em foto de Benjamin J. Falk .....	44
Figura 10 – Série de exercícios de Siegmund Breitbart, considerado o “homem mais forte do mundo” na década de 1920 .....	45
Figura 11 – Um retrato do jovem Harry Houdini acorrentado .....	46
Figura 12 – Alexander Skarsgård, no papel principal do mais recente de muitos filmes realizados sobre Tarzan, <i>A Lenda de Tarzan</i> , de 2016 .....	47
Figura 13 – A capa do <i>fanzine Science Fiction #3</i> , de 1993, estrelando o protótipo do Superman que conhecemos em <i>The Reign of Super-Man</i> . Por Herbert S. Fine (Jerry Siegel) e Joe Shuster .....	49
Figura 14 – As capas dos primeiros números das revistas <i>Action Comics</i> (setembro de 1938) e <i>Superman</i> (versão de 1939). No início da Segunda Guerra Mundial, essas publicações vendiam por volta de 1 milhão e 1,5 milhões de cópias por mês, respectivamente .....	50

Figura 15 – <i>Wonder Comics</i> #1 (maio de 1939) trazia o Wonderman, a primeira cópia do Superman, criada por Will Eisner sob encomenda de Victor Fox, dono da editora <i>Fox Features</i> .....	52
Figura 16 – O brasileiro Marco Zorzin é o maior colecionador de itens do Superman, com uma memorabilia de mais de 1520 unidades de produtos licenciados.....	53
Figura 17 – Pôster dos anos 1980 do Superman, durante o auge da Guerra Fria.....	54
Figura 18 – A nave do bebê Kal-El é encontrada por Jonathan e Martha Kent, na página 2 de <i>All-Star Superman</i> #1, de 2006, por Grant Morrison e Frank Quitely.....	56
Figura 19 – A capa e a primeira página da revista <i>Daredevil battles Hitler</i> , de Charles Biro e Wallace Wood, publicada pela <i>Lev Gleason Publication</i> em 1939 .....	58
Figura 20 – Cartaz de J. M. Flagg para propaganda de recrutamento nas forças armadas dos Estados Unidos, trazendo o Tio Sam. Capa de <i>National Comics</i> #26 (nov. de 1942), com o super-herói Tio Sam, criado por Will Eisner em 1940 .....	59
Figura 21 – Página 6 da revista <i>Captain America Comics</i> #1, de 1941, que mostra a gênese do Capitão América .....	60
Figura 22 – Capa da revista <i>Captain America Comics</i> #1, de 1941 .....	61
Figura 23 – Linha de vestuário do Justiceiro da Thin Blue Line Inc. ....	69
Figura 24 – A reunião entre três atores que interpretaram o Homem-Aranha, reprisando o famoso meme da internet. Da esquerda para a direita: Tobey Maguire, Tom Holland e Andrew Garfield .....	73
Figura 25 – Esquema Esquema representativo da árvore de imagens de Jean-Jacques Wunenburger (2018) .....	76
Figura 26 – Dos demônios populares aos heróis populares: desenvolvimentos da imagem espelhada .....	81
Figura 27 – Um dos muitos outdoors encontrados no interior do Brasil, este, em Ji-Paraná (RO), em apoio a Jair Bolsonaro e seu lema “Deus, pátria e família” .....	107
Figura 28 – Capturas do vídeo da campanha de Paulo Batista, o candidato a deputado estadual do “raio privatizador” .....	122
Figura 29 – Gráfico diferenciando modismo, moda e clássico .....	125
Figura 30 – Mapa com o título “Terra Brasilis”, de autoria do cartógrafo português Lopo Homem, auxiliado por Pedro e Jorge Reinel (1519), reforça o mito da Ilha-Brasil	139
Figura 31 – <i>Slogan</i> de Adolf Hitler utilizado em Campos dos Goytacazes em campanha pró-Bolsonaro .....	145

Figura 32 – A estética nazista de Alvim, com uma estatueta do super-herói brasileiro O Doutrinador em segundo plano .....	145
Figura 33 – <i>Frame</i> da <i>live</i> de Bolsonaro bebendo leite ladeado pelo presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, e do secretário de Agricultura e Pesca, Jorge Seif Junior .....	146
Figura 34 – Orientação que circulava nos grupos digitais bolsonaristas sobre o uso da camiseta da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 2022 .....	148
Figura 35 – Adesivos relacionados à crise do petróleo e do combustível durante o governo Dilma Rousseff .....	174
Figura 36 – Oskar Garvens, “ <i>The Sculptor of Germany</i> ”, 1933. Caricatura política que mostra Hitler como o escultor de uma Alemanha unificada e singular .....	183
Figura 37 – Rostos deformados dos vilões de Dick Tracy, por Chester Gould .....	186
Figura 38 – Evolução do traço e do visual do Superman .....	187
Figura 39 – Evolução do corpo do G. I. Joe. Da esquerda para a direita, respectivamente, modelos de 1964, 1975 e 1994 .....	189
Figura 40 – Cenas sem camisa obrigatórias dos filmes do <i>Marvel Studios</i> , incluindo corpos femininos .....	191
Figura 41 – Evolução do traço e do visual do Capitão América .....	192
Figura 42 – O <i>codpiece</i> na Idade Moderna e na cultura pop: <i>Star Wars</i> , <i>Laranja Mecânica</i> , <i>Batman &amp; Robin</i> e no supervilão Codpiece, da Patrulha do Destino .....	194
Figura 43 – As relações de dualidade nas narrativas de super-heróis .....	195
Figura 44 – Duas ilustrações de memes que representam a imagem do Chad .....	200
Figura 45 – Infográfico demonstrando o número de mortes por ataques em escolas no Brasil .....	204
Figura 46 – Pôster do média-metragem ‘Uma Dupla Quase Dinâmica’, de 2011, estrelado e dirigido por Alexandre Frota .....	210
Figura 47 – O super-herói brasileiro Jou Ventania apoiando Bolsonaro, em arte de Lincoln Nery .....	211
Figura 48 – Capa ilustrada, da Folha de S. Paulo, trazendo Mário Frias seminu .....	212
Figura 49 – Paulo Kogos vestido de templário em protesto em São Paulo .....	213
Figura 50 – Jair Bolsonaro exhibe medalha do Clube Bolsonaro .....	215
Figura 51 – Montagens de Bolsonaro sendo penetrado por uma bomba de gasolina .....	222
Figura 52 – Ambientes semiótico ou semiosferas .....	234

Figura 53 – Quadro sinóptico da Análise de Territorialidades Semióticas .....	235
Figura 54 – Super-heróis mais procurados em mecanismos de busca na internet no Brasil .....	237
Figura 55 – Recorrência de memes segundo alinhamento político .....	239
Figura 56 – Relação entre texto e imagens nos memes do universo de pesquisa .....	240
Figura 57 – Presença e ausência de estrutura nos memes do universo pesquisado .....	241
Figura 58 – Exemplo de repetição de estrutura com mudança apenas do personagem ...	242
Figura 59 – Outro exemplo de repetição de padrões e estrutura nos memes encontrados. Estes, utilizados diretamente por Carlos Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2022 .....	242
Figura 60 – Pessoas públicas que mais apareceram nos memes .....	243
Figura 61 – Reincidência de indivíduos que aparecem mais de uma vez junto com Bolsonaro em um mesmo meme .....	244
Figura 62 – Goku encontra Bolsonaro .....	245
Figura 63 – Dois mentores do bolsonarismo: Enéas Carneiro e Olavo de Carvalho .....	247
Figura 64 – Recorrência de símbolos e imagens nos memes do universo de pesquisa ...	248
Figura 65 – Os principais personagens utilizados nos memes em geral .....	249
Figura 66 – Bolsonaro retratado como Rambo e Exterminador do Futuro em memes ...	250
Figura 67 – Michelle Bolsonaro, Joice Hasselmann e Janaina Paschoal retratadas como Mulher-Maravilha em memes .....	251
Figura 68 – Os principais personagens ligados a figuras bolsonaristas .....	252
Figura 69 – Os principais personagens associados a Jair Bolsonaro .....	253
Figura 70 – Memes com Bolsonaro com o Capitão América e Superman .....	254
Figura 71 – Exemplos de memes classificados em categorias de masculinidades .....	255
Figura 72 – Categorização dos memes conforme o tipo de masculinidade de dominação .....	256
Figura 73 – Memes hiperbólicos da série Make Brasil Great Again .....	257
Figura 74 – Série de memes com Bolsonaro prestando continência a símbolos estadunidenses .....	258
Figura 75 – Relação entre número de memes relacionados com acontecimentos por ano	259
Figura 76 – Relação entre número de memes relacionados com acontecimentos por ano	260
Figura 77 – Memes referentes à visita de Bolsonaro à Rússia em 2022 .....	264
Figura 78 – Semiosfera dos super-heróis .....	266

Figura 79 – “Capitão Bolsonaro <i>wants you</i> ” .....	267
Figura 80 – “ <i>Captain America wants you</i> ” .....	268
Figura 81 – “Super-Bolsonaro anticomunista” .....	270
Figura 82 – Festa de aniversário de Super-Bolsonaro .....	271
Figura 83 – Processo de tradução de sentidos na semiosfera .....	273
Figura 84 – Semiosfera das masculinidades .....	274
Figura 85 – Homofobia expressa em memes contra Renan Bolsonaro e Alexandre de Moraes .....	275
Figura 86 – Masculinidade em combate: Lula <i>versus</i> Bolsonaro .....	276
Figura 87 – O senador Marcos do Val submetendo Lula e o então ministro Flávio Dino retratado como parte dos Vingadores .....	278
Figura 88 – Marcos do Val compara volume de sunga com Flávio Dino no Twitter/X ...	279
Figura 89 – Tio Sam brasileiro e israelita .....	283
Figura 90 – Vampetaço contra Bolsonaro .....	284
Figura 91 – Homem-Aranha patriótico da Paulista e desenho de Rafael Ogusuku .....	285

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Maiores bilheterias mundiais de filmes de super-heróis com arrecadação de mais de 1 bilhão de dólares em março de 2023 .....	25
Quadro 2 – As 10 maiores bilheterias brasileiras de filmes até janeiro de 2023 .....	26
Quadro 3 – Identidade moral segundo A. G. Holdier (2020) .....	78
Quadro 4 – Sumário dos temas centrais do populismo e do fascismo .....	113
Quadro 5 – Correlações entre o fascismo eterno de Eco, a cultura do bolsonarismo e a cultura dos super-heróis .....	114
Quadro 6 – A “Escala F”, suas características e sua relação com a lógica do bolsonarismo .....	116
Quadro 7 – Relação entre temas de super-heróis nacionalistas, lemas do bolsonarismo e bancadas de influência no congresso brasileiro .....	149
Quadro 8 – Tipos de masculinidades surgidas a partir dos anos 1990 .....	170
Quadro 9 – Autodesignações geradas dentro da machosfera .....	197
Quadro 10 – Relação entre as autodefinições de Bolsonaro e os elementos do masculinismo .....	216
Quadro 11 – Datas de acontecimentos relacionados com o bolsonarismo que geraram memes e que se deram fora da Internet e os personagens associados .....	261

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>2 OS SUPER-HERÓIS .....</b>	<b>40</b>
2.1 O CALDO CULTURAL DE UMA ÉPOCA: PRIMÓRDIOS E INFLUÊNCIAS DE CRIAÇÃO DOS SUPER-HERÓIS .....	40
2.2 SUPERMAN, O MESSIAS DA INDÚSTRIA DOS <i>COMICS</i> .....	48
2.3 CAPITÃO AMÉRICA, NACIONALISMO E SOBERANIA DOS SUPER-HERÓIS ESTADUNIDENSES .....	57
2.4 O MITO DO SUPER-HERÓI AMERICANO .....	64
2.5 A SUPERINDÚSTRIA DO IMAGINÁRIO E AS QUESTÕES DE FLUXO DE SENTIDOS DOS SUPER-HERÓIS .....	70
2.6 O SISTEMA MÍTICO-SEMIÓTICO DOS SUPER-HERÓIS .....	74
2.7 FRONTEIRAS MORAIS ENTRE SUPER-HERÓIS E SUPERVILÕES .....	77
<b>3 SEMIÓTICA DA CULTURA E A SEMIOSFERA .....</b>	<b>83</b>
3.1 MEMÓRIA COLETIVA E CULTURAL .....	83
3.2 CULTURA .....	85
3.3 A SEMIOSFERA .....	88
<b>4 MEMÉTICA E MEMES .....</b>	<b>92</b>
4.1 A MEMÉTICA, OS MEMES E SEU PAPEL NA CULTURA .....	92
4.2 MEMES COMO LINGUAGEM E MEMES DA POLÍTICA .....	96
4.3 QUESTÕES DE AUTORALIDADE NOS MEMES: TRADUÇÃO, APROPRIAÇÃO E SUBVERSÃO .....	101
<b>5 BOLSONARISMO .....</b>	<b>105</b>
5.1 AS VELHAS E AS NOVAS DIREITAS, O POPULISMO E O AUTORITARISMO .....	109
5.2 O BOLSONARISMO COMO TENDÊNCIA, MEME E MENTALIDADE .....	124
5.3 ELEMENTOS MORAIS DA BASE CULTURAL BRASILEIRA E O BOLSONARISMO .....	137

5.4 MITOS, MESSIAS E SALVADORES DA PÁTRIA: O TRINÔMIO “DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA” E AS BANCADAS DO BOI, DA BÍBLIA E DA BALA .....	143
<b>5.4.1 Mitos .....</b>	<b>149</b>
<b>5.4.2 Messias .....</b>	<b>155</b>
<b>5.4.3 Salvadores da Pátria .....</b>	<b>160</b>
<b>6 MASCULINIDADES .....</b>	<b>165</b>
6.1 MASCULINIDADES E DOMINAÇÃO .....	171
6.2 CULTURA VISUAL E A IMAGEM MASCULINA DO SUPER-HERÓI .....	177
6.3 MASCULINIDADES NA INTERNET .....	197
6.4 MASCULINISMO E MACHISMO NO BOLSONARISMO .....	206
<b>7 METODOLOGIA E ANÁLISE .....</b>	<b>226</b>
7.1 TERRITORIALIDADES SEMIÓTICAS .....	228
7.2 CARACTERIZAÇÃO DOS MEMES COLHIDOS .....	235
<b>7.2.1 Análise estrutural dos memes .....</b>	<b>239</b>
<b>7.2.2 Análise de conteúdo dos memes .....</b>	<b>243</b>
<b>7.2.3 Análise da temporalidade dos memes .....</b>	<b>259</b>
7.3 DEFINIÇÕES DE TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES SEMIÓTICAS ....	264
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>281</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>292</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Será que nunca faremos senão confirmar  
 A incompetência da América católica  
 Que sempre precisará de ridículos tiranos  
 Será, será, que será?  
 Que será, que será?  
 Será que esta minha estúpida retórica  
 Terá que soar, terá que se ouvir  
 Por mais zil anos  
 Enquanto os homens exercem  
 Seus podres poderes  
 Índios e padres e bichas  
 Negros e mulheres  
 E adolescentes  
 Fazem o carnaval  
 Queria querer cantar afinado com eles  
 Silenciar em respeito ao seu transe num êxtase  
 Ser indecente  
 Mas tudo é muito mau  
**Caetano Veloso - Podres Poderes (1984).***

A música Podres Poderes, de Caetano Veloso, foi gravada no álbum Velô, de 1984, o ano em que eu nasci, e que foi o último ano da ditadura militar no Brasil. 1984 também é o título do livro pós-apocalíptico totalitário de George Orwell. A música retrata uma realidade que poderíamos ter vencido, mas, como num potencial memético, apresenta-se num *remix* de aspectos do passado com novas nuances e novas aplicações, confirmando a incompetência não apenas da América católica, mas do mundo todo, que sempre precisará de ridículos tiranos. Jair Messias Bolsonaro, Donald Trump, Vladimir Putin, Volodymyr Zelensky, Viktor Orbán, Recep Erdogan, Rodrigo Duterte e, mais recentemente, Javier Milei, são alguns dos nomes da direita alternativa, *alt-right*, e da extrema direita. Estes *strongmen* vêm assolando o mundo com sua verve conservadora, associada a frustrações resultantes da recessão econômica e da perda de espaço na sociedade por indivíduos que se identificam com uma ordem tradicional.

Figura 1 – Exposição da arte SuperPutin, no museu UMAM, de Moscou, em 6 de dezembro de 2017



Fonte: Yuri Kadobnov/AFP/Getty Images<sup>1</sup>.

Todos esses tiranos conservadores possuem uma rede de sentidos em comum, entre eles aqueles atrelados ao masculinismo, assim mesmo, com o sufixo *-ismo*, de origem grega, que designa conceitos generalizadores com um teor pejorativo. Muitos desses governos foram eleitos com bases que se apoiam em *nerds*, *geeks*, *gamers*, *hackers* e *haters* que veiculam, compartilham e participam de memes - enquanto ideias e enquanto mídia -, que disseminam os valores e sentidos da extrema direita ao redor do mundo. Todos os chefes de governo citados no parágrafo anterior podem ser encontrados em montagens com seus rostos e corpos de super-heróis em uma busca simples no *Google Images*. Dessa forma, percebe-se que elementos da cultura pop como os super-heróis não saíram incólumes a esse tipo de associação.

<sup>1</sup> Disponível em <https://newsweek.com/super-putin-exhibition-depicting-trumps-favourite-russian-superhero-opens-743663>. Acesso em: 09 jun. 2022.

Figura 2 – Montagem de presidentes autoritários como super-heróis<sup>2</sup>



Fonte: Montagem realizada pelo autor.

Um caso curioso se deu na eleição do presidente da Argentina, Javier Milei, que já se fantasiou de “super-herói libertário”, o General Ancap<sup>3</sup>, em 2019. Tal personagem teria vindo da Liberlândia<sup>4</sup>, um “país em que não se pagam impostos”. No vídeo, Milei diz que “A minha missão é chutar a bunda de keynesianos e coletivistas filhos da puta que querem acabar com a nossa vida. Vamos por uma sociedade livre, vamos pela ordem espontânea, vamos pelos valores da liberdade” (PODER360, 2023, n. p.). Além disso, um dos símbolos da campanha de Javier Milei, eleito em 2023, foi uma motosserra, imagem justificada pelo fato de que seu programa de governo prever um corte extremo nos gastos públicos. Em função disso, alguns simpatizantes de sua candidatura saíam às ruas nos dias das eleições vestidos como o personagem principal

<sup>2</sup> Em sentido horário, montagem de Volodimir Zelensky sobre Capitão América, Recep Erdogan sobre Superman, Vladimir Putin sobre Superman, Donald Trump sobre Superman, Rodrigo Duterte sobre Superman e Viktor Orbán sobre Thor.

<sup>3</sup> Ancap: anarcocapitalista, ou seja, que defende um capitalismo sem interferência do Estado.

<sup>4</sup> A Liberlândia é uma nação autoproclamada que compreende uma área de sete quilômetros quadrados entre a Croácia e a Sérvia que durante a divisão da Iugoslávia, nos anos 1990, não foi reivindicada por nenhum país. O país foi criado em 13 de abril de 2015 pelo político libertário da República Tcheca Vít Jedlička, que também é o presidente do local.

do mangá e animê Chainsaw Man<sup>5</sup>, demonstrando o apelo da cultura pop usada em manifestações da extrema direita pelo mundo (LACERDA, 2023).

Figura 3 - Simulação de capa de quadrinho do General Ancap, Javier Milei vestido como seu personagem e manifestante com cosplay de Chainsaw Man durante as eleições na Argentina



Fonte: Montagem realizada pelo autor a partir de Instagram, Poder360 e Folha de S. Paulo.

Em maio de 2022, no *Box Office Mojo* do *Internet Movie Database* (IMDB)<sup>6</sup>, 45 filmes associados ao universo dos super-heróis figuravam na lista de 200 maiores bilheterias do cinema de todos os tempos, ao redor do mundo. Todos eles produzidos nas primeiras décadas do século XXI. Conforme demonstra o Quadro 1, 30% das 50 maiores bilheterias mundiais do cinema são performadas por filmes de super-heróis. Quando se olha para as 10 maiores bilheterias, essa porcentagem aumenta para 40%. São quinze filmes de super-heróis neste universo das 50 maiores bilheterias do cinema ao redor do mundo e que arrecadaram mais de um bilhão de dólares com seus títulos. Dentre eles, um deles foi produzido pela Disney/Pixar (a animação *Os Incríveis 2*), que constitui 6,8% do total; quatro filmes lançados pela Warner Bros./DC Comics (26, 6%); e dez filmes da Disney/Marvel (66,6%).

Quadro 1 - Maiores bilheterias mundiais de filmes de super-heróis com arrecadação de mais de 1 bilhão de dólares em março de 2023

Colocação	Título	Arrecadação em bilhões de dólares	Ano de Lançamento
2	<i>Avengers: End Game</i>	2,799	2019
6	<i>Avengers: Infinity War</i>	2,052	2018

<sup>5</sup> Em tradução literal, Homem-Motosserra. Trata-se de uma história em quadrinhos e desenho animado japoneses, cuja história acompanha Denji, que sobrevive matando demônios com seu cachorrinho Pochita em meio a uma vida atolada em dívidas.

<sup>6</sup> Disponível em [https://www.boxofficemojo.com/chart/ww\\_top\\_lifetime\\_gross/?ref\\_=bo\\_nav\\_hm\\_shrt](https://www.boxofficemojo.com/chart/ww_top_lifetime_gross/?ref_=bo_nav_hm_shrt). Acesso em: 06 jun. 2022.

7	<i>Spider-Man: No Way Home</i>	1,921	2021
10	<i>The Avengers</i>	1,520	2012
14	<i>Avengers: Age of Ultron</i>	1,405	2015
15	<i>Black Panther</i>	1,349	2018
21	<i>The Incredibles 2</i>	1,243	2018
23	<i>Iron Man 3</i>	1,215	2013
25	<i>Captain America: Civil War</i>	1,155	2016
26	<i>Aquaman</i>	1,148	2018
29	<i>Spider-Man: Far From Home</i>	1,131	2019
30	<i>Captain Marvel</i>	1,131	2019
34	<i>The Dark Knight Rises</i>	1,081	2012
36	<i>Joker</i>	1,074	2019
50	<i>The Dark Knight</i>	1,006	2008

Fonte: Box Office Mojo<sup>7</sup>.

Quadro 2 - As 10 maiores bilheterias brasileiras de filmes até janeiro de 2023

<b>Colocação</b>	<b>Título</b>	<b>Arrecadação em milhões de Reais</b>	<b>Ano de Lançamento</b>
1	<i>Vingadores: Ultimato</i>	353	2019
2	<i>Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa</i>	322	2021
3	<i>O Rei Leão</i>	287	2019
4	<i>Vingadores: Guerra Infinita</i>	259	2018
5	<i>Avatar: O Caminho da Água</i>	209	2022
6	<i>Vingadores: A Era de Ultron</i>	187	2015
7	<i>Minha Mãe é Uma Peça 3</i>	175	2019
8	<i>Doutor Estranho no</i>	168	2022

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.boxofficemojo.com/chart/ww\\_top\\_lifetime\\_gross/?area=XWW&ref\\_=bo\\_cso\\_ac](https://www.boxofficemojo.com/chart/ww_top_lifetime_gross/?area=XWW&ref_=bo_cso_ac). Acesso em: 01 mar. 2024.

	<i>Multiverso da Loucura</i>		
9	<i>Coringa</i>	156	2019
10	<i>Capitã Marvel</i>	153	2019

Fonte: Jovem Nerd<sup>8</sup>.

No Quadro 1 podemos perceber o impacto dos filmes de super-heróis no Brasil. Das dez maiores bilheterias dos cinemas brasileiros, sete delas estão associadas com os super-heróis, portanto 70% da amostra. Apenas um desses filmes (14,3%) foi produzido pela Warner Bros./DC Comics (14,3%), enquanto que a enorme maioria, seis (85,7%) foram desenvolvidos pela Disney/Marvel. O Capitão América aparece em quatro desses filmes (57,1%). Apenas Vingadores: A Era de Ultron foi lançado antes de 2018 (14,3%) e os seis restantes (85,7%) a partir daquele ano. Todas estas películas foram lançadas depois do início da Operação Lava-Jato, que apelou para o punitivismo dos brasileiros e começou em março de 2014. Estes números ajudam a entender a influência e a presença dos super-heróis no imaginário social mundial e, em particular dos brasileiros.

Assim como a ascensão da extrema direita e o discurso sobre crise da masculinidade, os super-heróis ocuparam a centralidade da cultura em diversos períodos históricos do século XX, com maior destaque para as décadas de 1930 e 1940, e posteriormente, nos anos 1970 e 1980. Isso indica que os super-heróis aparecem como memes - idéias que circulam com forte adesão, de tempos em tempos, com novas roupagens - frequentemente atrelados a sentidos de radicalismo conservador e superioridade masculinista. Essa ideia de que o gênero de super-heróis nas histórias em quadrinho age como um meme foi, inclusive, corroborada pelo longo roteirista de Batman, Dennis O'Neil (2013).

Figura 4 – O Xamã Qanon, Jacob Anthony Chansley, durante a invasão do Capitólio, nos EUA, e sua versão brasileira, Julio Monteiro, durante as manifestações pró-Bolsonaro na

<sup>8</sup> Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/maiores-bilheterias-do-brasil/>. Acesso em: 01 mar. 2024.

## Avenida Paulista do Sete de Setembro



Fonte: Saul Loeb/AFP/Getty Images/Guilherme Gandolfi.

Em 6 de janeiro de 2021, manifestantes de extrema direita invadem o Capitólio, em Washington D.C., nos Estados Unidos, em protesto contra a derrota de Donald Trump nas urnas no ano anterior. Entre eles, uma figura se destaca, o Xamã Qanon, Jacob Anthony Chansley, vestido com uma espécie de traje tribal, ele ostenta um chapéu de guaxinim com chifres, porta a bandeira estadunidense, o rosto pintado com as cores da mesma e o peito nu. A mídia também o apelidou de *horned man* e o *viking* do Capitólio.

Em 7 de setembro de 2021, durante as manifestações pró-governo de Jair Bolsonaro, na Avenida Paulista, em São Paulo, no Brasil, pessoas vão às ruas vestindo camisetas da seleção brasileira de futebol. Desta vez, um personagem semelhante ao Xamã Qanon se destaca da multidão. Portando um megafone de onde saem palavras de ordem contra o Supremo Tribunal Federal (STF), Julio Monteiro, o homem fantasiado, usa um cocar com as cores da bandeira brasileira, acompanhado de rabos de onças-pintadas e chifres. Também exhibe o peito nu, mas com uma cruz desenhada sobre ele.

Essas duas excêntricas figuras são apenas um dos pontos de contato entre as investidas antidemocráticas e extremistas do trumpismo e do bolsonarismo. Para este trabalho, a comparação entre elas revela uma dimensão semiótica: a semelhança dessas vestimentas com as de super-heróis nacionalistas, que incorporam a bandeira de seu país em seus uniformes. Mais do que isso, o peito nu dos personagens e demais símbolos que compõem os adereços de suas fantasias denotam poder e masculinidade. Outra dimensão simbólica é a mimetização das práticas ufanistas de um país para o outro, levando ao mesmo tempo a pensar numa reafirmação e num rompimento de valores que definem as fronteiras entre o que deve ser tratado como essência de cada nação e o que é passível de hibridismo.

Julio Monteiro, o Xamã QAnon brasileiro, foi candidato a vereador da cidade de Niterói, em 2020 e recebeu apenas 228 votos. Em suas redes, diz que será um grande político. Professor de inglês, o personagem carnavalesco estava ao lado dos deputados bolsonaristas Carlos Jordy

e Daniel Silveira em um carro de som durante as manifestações do dia 1º de maio de 2022 a favor de Jair Bolsonaro (LIMA, 2022). Foi a primeira vez que o Xamã QAnon brasileiro foi identificado, embora já tenha figurado em registros fotográficos de outras manifestações.

Monteiro manifesta seu apoio ao deputado federal bolsonarista Daniel Silveira, que foi condenado pelo (STF) por incitar a animosidade entre as Forças Armadas e o Supremo e de impedir o livre exercício do Poder Judiciário, com ofensas e ameaças aos ministros do STF. Silveira também apareceu em uma foto com a placa da Rua Marielle Franco quebrada em suas mãos. A placa aludia à vereadora socialista, negra e bissexual das favelas do Rio de Janeiro assassinada em 2018 junto com seu motorista Anderson Gomes pela milícia carioca. Mais de quatro anos depois, o crime ainda permanece sem solução. Depois da condenação pelo STF, um meme com Silveira sendo comparado ao Superman circulou pelas plataformas digitais sociais.

Figura 5 – Montagem que circulou pelas plataformas digitais sociais apresentando uma associação entre o deputado federal condenado pelo STF, Daniel Silveira, com o Superman, interpretado por Henry Cavill, no filme O Homem de Aço, de 2013



Fonte: Facebook.

O pioneiro nos estudos dos quadrinhos no Brasil, Moacy Cirne (1982), acredita que os super-heróis se caracterizam como uma necessidade política e social do conjunto de ideias e valores estadunidenses. Para ele, é também nas histórias dos super-heróis que as convicções e princípios da direita política se presentificam de forma mais completa, destacando o reacionarismo no Superman, Batman e Homem de Ferro, o conservadorismo em Shazam! e o colonialismo em Tarzan e Fantasma.

Os super-heróis existem enquanto produto cultural desde o final da década de 1930, quando Jerry Siegel e Joe Shuster criaram o Superman, cujas revistas eram publicadas pela

*National Periodical Comics*, hoje em dia conhecida como *DC Comics*. O personagem, que depois seria denominado Homem de Aço, encarnava, entre outras características dos super-heróis, a luta por “verdade, justiça e o modo de vida americano” (WELDON, 2016, p. 115). Por essa razão, o Superman é considerado também o primeiro super-herói a incorporar a noção de patriotismo em sua dinâmica (CURTIS, 2016).

A popularidade dos super-heróis teve sua explosão durante a Segunda Guerra Mundial, quando os gibis de outro personagem, o Capitão Marvel<sup>9</sup>, publicados pela *Fawcett Comics* e acusado pela *National Periodical Comics* de ser uma cópia do Superman, vendiam mais de 2 milhões de exemplares por mês (WRIGHT, 2003). Entre os fatores que levaram a esse fenômeno esteve a distribuição dessas publicações aos soldados nos *fronts*, o que associa os super-heróis a mecanismos bélicos e patrióticos desde sua gênese. Prova disso foi a difusão do Capitão América, criado por Joe Simon e Jack Kirby. A capa de *Captain America Comics* #1, que estreou nas bancas meses antes do ataque japonês à base estadunidense de Pearl Harbor, no Oceano Pacífico em 1941, trazia o super-herói vestido em um traje inspirado na bandeira dos Estados Unidos, desferindo um soco no rosto de Adolf Hitler.

É importante dizer que, depois da Segunda Guerra Mundial, os super-heróis só foram ter projeção parecida nas primeiras décadas do século XXI, embora alguns arroubos de popularidade aconteceram nos anos 1980 e 1990. No rescaldo dos atentados ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, o cinema hollywoodiano passou a investir mais neste filão de histórias, adaptando o produto cultural dos super-heróis para a sétima arte com maior profusão do que havia sido realizado nas décadas anteriores.

Percebe-se nesse *revival* da popularidade dos super-heróis um potencial memético com a capacidade de replicação e reapropriação de fórmulas e conteúdos para um novo contexto. Nessa direção, a ascensão dos chamados memes de internet, compartilhados nas plataformas digitais, são um diagnóstico de como as primeiras décadas do século XXI têm se valido desse potencial memético para ressaltar diversos valores, conteúdos, sentidos e territorialidades semióticas que prevaleceram em outras épocas como orientações vigentes da cultura. Acredito, portanto, que estudar a memética e a forma como ela se relaciona com os sistemas modelizantes da cultura (LOTMAN, 1990) pode nos ajudar a entender como a sociedade vem sendo moldada a partir de determinados valores culturais.

Pensando nisso, esta tese pretende responder à questão direcionadora: **de que forma o bolsonarismo se apropria de memes de super-heróis com sentidos de masculinidades para**

---

<sup>9</sup> Atualmente conhecido apenas como Shazam! para evitar conflitos de nome com a editora Marvel Comics.

**estabelecer suas territorialidades semióticas?** Tornando-se o objetivo geral deste trabalho entender a maneira que o bolsonarismo se apropria de memes de super-heróis com sentidos de masculinidades para estabelecer suas territorialidades semióticas.

Nessa direção, traço como objetivos específicos:

- Desenvolver um exame sobre memes que usam das figuras dos super-heróis para representar sentidos do bolsonarismo;
- Avaliar como as masculinidades são representadas e produzidas dentro do espectro de sentidos gerados pelos super-heróis nacionalistas;
- Compreender como o bolsonarismo se vincula a sentidos de nacionalismo e de masculinidades projetados nos super-heróis; e
- Situar como os sentidos de super-heróis são apropriados pelo bolsonarismo no estabelecimento de territórios semióticos.

Proponho esta pesquisa a partir da minha experiência pessoal com tais temas. Os super-heróis têm sido uma constante na minha vida: através de suas narrativas de continuidade infinita encontrei a estabilidade entre as diversas turbulências que passei durante esta existência. Desde 1994, quando, aos 10 anos, descobri o desenho animado dos X-Men, fiquei fascinado pela dinâmica dos super-heróis, que mistura uma certa nobreza em suas ações com uma inescapável ligação com elementos socioculturais e, por conseguinte, políticos.

Os X-Men são uma equipe de mutantes, pessoas nascidas com características genéticas que lhes conferem poderes sobrenaturais, que lutam para proteger uma sociedade que os teme e odeia (LUND, 2015). Desde sua criação em 1963 por Stan Lee e Jack Kirby, suas histórias em quadrinhos têm como tema o combate ao preconceito contra grupos estigmatizados. Ao descobrir, poucos anos depois, na puberdade, que meu desejo sexual desviava das normas de sexualidade dominante, e que isso me tornava um homem gay, portanto, um estigmatizado como os mutantes, esse fator me aproximou ainda mais dos X-Men e, por consequência, das demais histórias de super-heróis e da produção de quadrinhos em geral.

A leitura ávida de histórias em quadrinhos também me levou a trabalhar com eles, produzindo roteiros para essas tramas. Em 2008 publiquei minha primeira história curta em uma antologia de ficção especulativa e desde então acumulo mais de trinta histórias em quadrinhos dos mais diferentes formatos e temas, com diversas parcerias. Também as aventuras dos super-heróis me levaram a trabalhar com quadrinhos de forma voluntária, criando em 2021 a primeira gibiteca pública do estado do Rio Grande do Sul, situada na Biblioteca Pública do Estado, na qual atuo como curador.

Antes de trabalhar diretamente com quadrinhos, comecei a pesquisá-los em 2004 no meu trabalho de conclusão do curso de Publicidade e Propaganda, em que investiguei a revista em quadrinhos de super-heróis como veículo de mídia. O objeto foi a revista mensal X-Men, da Panini Comics. Naquela época, me parecia algo desprazeroso e muito distante de mim pesquisar quadrinhos relacionado com gênero. Mas em 2017, este se tornou o tema do meu mestrado em Memória Social e Bens Culturais direcionado para identidades e sexualidades em um relato de si em quadrinhos. Desta vez o objeto foi o quadrinho *Fun Home: Uma Tragicomédia em Família*, de Alison Bechdel. Jamais me passou pela cabeça pesquisar política partidária e a condição brasileira enquanto pesquisador de quadrinhos no doutorado. Entrei no Programa de Pós-Graduação da Unisinos para estudar *fanarts* eróticas gays de super-heróis. Mas mais uma vez fui tomado de assalto pelo contexto ao meu redor.

Em 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República, através de uma plataforma que agredia os LGBTQIA+ e promovia discursos de ódio e violência contra diversos grupos sociais, fiquei instigado em tentar entender como tal plataforma política ganhou as mentes e corações da maioria do povo brasileiro. Mais que isso, causou-me perplexidade o uso de imagens dos super-heróis, nobres figuras cujas histórias me ajudaram a superar tantas adversidades para promover Jair Bolsonaro e seus notórios apoiadores, a exemplo da imagem na Figura 6. A imagem retrata uma festa de aniversário infantil com temática de Bolsonaro como super-herói. A festa foi organizada por Graziela Brum, de 33 anos, para sua filha Gabriela, de 7 anos. A imagem utilizada para replicação nos diversos itens da festa é um dos memes de internet que analiso aqui.

Este processo se dá no ambiente das plataformas digitais, gerando uma disputa de territorialidades semióticas sobre o sentido político e sociocultural dos super-heróis. A inquietação acerca destas disputas de sentidos inspirou esta pesquisa.

Figura 6 – Festa de aniversário infantil com temática de Bolsonaro como super-herói



Fonte: Facebook/Blog do Jamildo (Jornal do Comercio/PE).

Ao longo do doutorado, os efeitos do bolsonarismo no Brasil também me impactaram, o que me motivou ainda mais a pesquisar sobre esse fenômeno, tal foi o sofrimento e angústia que provocou em mim e tantos outros brasileiros. Logo no início do doutorado, embora classificado no processo, não pude iniciar meus estudos porque o governo federal da época, de Bolsonaro, não havia liberado verba para novas bolsas de pós-graduação. Bolsa da qual eu dependia para iniciar minha pesquisa. Com a liberação das verbas, acabei entrando no programa um mês depois dos demais colegas, já tendo aulas síncronas à distância e *online* devido à nova realidade da pandemia da Covid-19 no país. Foi um período duro de adaptação para todos, não apenas na área da educação, como em todos os espaços de convivência.

Neste trabalho os leitores poderão perceber que não me atenho muito aos impactos da pandemia da Covid-19 no Brasil e no bolsonarismo. Existe um motivo pessoal e sensível que faz com que isso aconteça. Perdi meus queridos tios Mirtes e José Carlos em março de 2021 por causa da ineficiência do governo Bolsonaro em comprar os lotes de vacinas contra a Covid-19 a tempo de imunizar a todos. Isso aconteceu durante o período de maior número de mortes pelo vírus e durante o período em que a saúde de Manaus colapsou por falta de oxigênio nas unidades de cuidado médico.

Também como consequência da pandemia, realizei todas as cadeiras do doutorado de modo remoto. A única vez em que conheci o campus foi durante um encontro do grupo de pesquisa em 2022. Nessa época, a biblioteca da Unisinos permanecia fechada e as formas de consulta bibliográficas eram restritas. O que ajudou o acesso ao conhecimento foi a existência de sites como a *ZLibrary*, o *PDF Drive* e o *ebook777*, sites de pirataria de livros, sem os quais eu não poderia ter desenvolvido a extensão que essa pesquisa atingiu. No fim de 2022, o *ZLibrary* foi bloqueado pelo FBI e seu conteúdo impedido de ser acessado. Também minha pesquisa foi possibilitada graças ao site pirata *SciHub* que permitiu que tivesse acesso a artigos que são monetizados em plataformas de publicações acadêmicas.

Em julho de 2022, um pouco antes de defender minha qualificação, a comunidade dos Programas de Pós-Graduação da Unisinos foi pega de surpresa quando a reitoria anunciou a descontinuidade de doze PPGs, incluindo o de Ciências da Comunicação. Entre algumas das justificativas enviesadas feitas pelos responsáveis pela decisão, que mobilizou a comunidade em prol de reverter esse veredito, estavam as condições econômicas desfavoráveis. Condições essas geradas pela falta de política educacional do governo Bolsonaro, cujo Ministério da Educação também se envolveu em atos corruptos, além de uma troca constante de ministros. Ainda assim, o PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos recebeu na última avaliação da CAPES a nota máxima, fator que não abalou a decisão da reitoria.

No final de 2022, depois do projeto qualificado, estava tudo certo para que eu realizasse meu programa de doutorado sanduíche em Essen, na Alemanha. O projeto estava aprovado e eu havia passado no exame de línguas (TOEFL), que tomou tempo e recursos para a obtenção de *score*. Contudo, em dezembro de 2022 foi noticiado que o governo federal havia cortado os recursos para o PROBRAL (Programa Brasil-Alemanha) que financiaria meu doutorado sanduíche. Assim, como esses relatos demonstram, o governo Bolsonaro afetou bastante a minha existência durante seu regime. Eu me considero privilegiado se comparado com a situação de miséria e descaso que vivem outros de meus compatriotas. Se o bolsonarismo me afetou tanto, imagino o impacto destrutivo que causou naqueles que possuem menos recursos econômicos, educacionais e psíquicos que eu.

Por isso, acredito que este trabalho tenha um fundo e importância social no fato que aborda o tema do bolsonarismo e como esse sistema de ideias e crenças manipula diversos sentidos a partir de seus ideais, incluindo aí os super-heróis, outro fenômeno que pode ser analisado a partir de sua presença massiva nas mídias. Além disso, é importante investigar o poder dos memes, sejam eles como mídias ou como potência de ideias, uma vez que vêm se

replicando e transformando com a mesma velocidade que as tecnologias da comunicação conseguem atingir.

Para a área da Comunicação, com o emprego de conceitos emprestados da Geografia - territórios, territorialidades, migrações e fronteiras -, acredito que este trabalho trará grande contribuição metodológica para as pesquisas desenvolvidas a partir da abordagem da semiótica da cultura. Amplia as noções de territorialidades semióticas trazidas por Henn e Flôres (2020), bem como desenvolvidas em trabalhos realizados por outros membros do LIC (Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento) e as aplica de forma prática. Também apresenta novas formas de pensar os memes a partir da semiótica da cultura.

Entretanto, como este trabalho possui uma abordagem também transdisciplinar, acredito que lança luz sobre outras formas de conceituar o bolsonarismo, como tendência e mentalidade, bem como traça uma extensa história da arte sobre bibliografias que foram cerzidas a respeito do tema. Outro filão coberto por esse trabalho que é pouco explorado são as masculinidades dentro do bolsonarismo, na internet, em sua relação com os super-heróis e a intersecção destes três temas. Acredito que esta tese ajudará a avançar também nessas áreas do conhecimento.

Esta pesquisa se insere na área de concentração em processos midiáticos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no sentido em que explora os processos meméticos e culturais, principalmente dentro da semiótica da cultura, que pensa o diálogo proporcionado pela comunicação como parte essencial da formação cultural. Também está inserida na linha de pesquisa do programa linguagens e práticas jornalísticas, de forma a analisar linguagens, práticas e produções de sentidos a partir de acontecimentos, como a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência e a manutenção de seu poder através dos memes.

Empregando uma abordagem transdisciplinar e fenomenológica, investigo os super-heróis como produtos da cultura, em uma dimensão ampla, não associados apenas a uma mídia. A cultura, por sua vez, é encarada como algo em constante dinâmica. Esta e sua formação através dos movimentos dos sentidos pelo interior da semiosfera tomam predominância sobre a digitalização e a plataformização nesta análise. Tomo os memes como um objeto de análise que possui um alcance e produz efeitos socioculturais mais do que como elementos que têm surgido nas plataformas digitais sociais. Como veremos a seguir, a produção de memes com temas de super-heróis tem a ver com processos de oralidade e autoria que vão além do mundo e da cultura digital.

Ao longo dos seminários do doutorado, procurei aproximar meus estudos da sociedade brasileira em que me insiro e das possibilidades de compreender uma realidade que me oprime.

Com a orientação do Professor Dr. Ronaldo Henn, que me chamou atenção para uma reportagem da Folha de S. Paulo sobre memes de masculinidade utilizados pela ultradireita (PERASSOLO, 2020), comecei a moldar o tema atual da pesquisa. Ronaldo também me convidou para participar do grupo de estudos sobre Semiótica da Cultura de Iúri Lotman, capitaneado por ele e pela Professora Dra. Nísia Martins do Rosário, da UFRGS. Encontrei nessa perspectiva uma chave para analisar as imagens de super-heróis utilizadas pelo bolsonarismo, não através de seu conteúdo ou de sua natureza como fruto da plataformização, mas através das dinâmicas culturais propostas pela teoria da semiosfera. O título deste trabalho, *Mitos, Messias e Salvadores da Pátria*, vem do texto *O super-herói Bolsonaro*, da jornalista Denise Wasserman (2018).

Ao mesmo tempo, desenvolvi meu trabalho de conclusão de curso para a Especialização em Histórias em Quadrinhos nas Faculdades EST, cujo também sou professor-conteudista, sobre as contribuições dos estudos do imaginário para o estudo das histórias em quadrinhos. Minha intenção ao realizar essa pesquisa era encontrar subsídios para defender a tese doutoral envolvendo imagens de super-heróis. Os super-heróis estão presentes no imaginário através de suas tecnologias (SILVA, 2003) desenvolvidas a partir de múltiplas mídias, incluindo as histórias em quadrinhos, o cinema, os desenhos animados, as séries de televisão, os videogames e o *merchandising*.

Contudo, os estudos do imaginário, a partir da perspectiva de Durand (1999) e demais contribuidores, são bastante esotéricos e pretendem encarar os super-heróis principalmente como arquétipos do inconsciente coletivo. Nessa direção, concordo com a posição de Terrence R. Wandtke (2012) de que os aspectos mitológicos dos super-heróis têm mais a ver com a ressurgência de uma sensibilidade oral do que com a pressão que os arquétipos exercem no inconsciente coletivo. Isto é, está relacionada com a persistência cultural de um passado em que as canções e histórias orais disseminavam características míticas dos feitos dos heróis através de suas diferentes representações.

Os memes, a masculinidade, as produções protagonizadas pelos super-heróis e, principalmente, o discurso e o pensamento da direita política têm como ponto de convergência o uso ou o local de fala do senso comum. Por essa razão, para Marilena Chauí (2021) a persuasão e o convencimento são facilitados por elementos associados à direita política, que, como veremos mais para a frente neste trabalho, ocupam, em reiteradas vezes, local central na cultura. Esses elementos são de fácil identificação e estão presentes na vida cotidiana, já o discurso de elementos periféricos da cultura, como os da esquerda política, depende de uma

desconstrução e do uso do pensamento crítico sobre os elementos que já estão dados pelo senso comum.

Assim, enquanto para a direita basta repetir o senso comum produzido por ela mesma, para a esquerda cabe o trabalho da prática e do pensamento críticos, da reflexão sobre o sentido das ações sociais e a abertura do campo histórico das transformações do existente (CHAUI, 2021, p. 9).

Os super-heróis representam, como produtos culturais veiculados em diversas mídias, símbolos, valores, com sentidos disputados, porém potentes e massivos, que podem ser apropriados em diversas situações. Aí se inclui a intenção político-ideológica para controlar aspectos socioculturais, como a hegemonia do patriarcado, a heterossexualidade compulsória, o heterossexismo e produzir outras violências simbólicas.

Esse contínuo de ações e comportamentos patriarcais escondidos e em dinâmica com outros tipos de machismos foram batizados por Joanna Burigo (2022) de *patrisokas*, em alusão às bonecas russas, as *matrioskas*, que se acumulam e saem uma da outra. A metáfora das *matrioskas* é um tema caro para a Semiótica da Cultura, como abordarei mais à frente. Contudo, tudo leva a crer que essa lógica cultural das *matrioskas* ou das *patrisokas* se liga à rede de opressões e dominações representadas pelo trinômio do capitalismo, do patriarcado e do colonialismo. Boaventura de Sousa Santos (2022) chama de “o problema das *matrioskas*” a dificuldade em incluir na mesma visão a crítica da mentalidade colonizadora e a mentalidade colonizada, sem deixar de lado suas desigualdades e assimetria. Para o autor, o colonizador e o colonizado são tão parecidos e diferentes quanto as *matrioskas*. “O colonialismo baseia-se na apropriação e na violência, mas também na co-criação e na coautodestruição” (SOUSA SANTOS, 2022, p. 38). Essa frase resume de forma exemplar os processos pelos quais os memes de super-heróis usados pelo bolsonarismo com sentidos de masculinidade atravessam.

Imagens de masculinidade com sentido político-ideológico são utilizadas como propulsores de sentidos desde antes da Primeira Guerra Mundial, conforme atesta o historiador Carlo Ginzburg (1989) quando analisa pôsteres de alistamento nas forças armadas durante períodos bélicos. Um dos principais cartazes de guerra analisados por Ginzburg é o famoso *I Want You*, de J. M. Flagg, que data de 1917, e traz a figura folclórica do Tio Sam apontando para o observador.

O Tio Sam, como uma das encarnações da nação estadunidense, é um elemento interessante para minha análise porque durante a Segunda Guerra Mundial ele foi apropriado na criação de um super-herói por Will Eisner em 1940. Tio Sam foi apenas um dos inúmeros super-heróis patrióticos que surgiram durante aquele período, o mesmo em que o Capitão

América foi produzido. É importante, ao pensar os pôsteres de guerra, destacar sua posição como elementos de uma retórica visual nacionalista, bélica, político-ideológica e masculinista. Dessa forma, perceber as similaridades dos memes bolsonaristas com os cartazes de alistamento, já que cooptam apoiadores ao bolsonarismo através da força imagética dos super-heróis.

Esta tese de doutorado se estrutura através de mais sete capítulos. O primeiro deles observa o fenômeno dos super-heróis através de sua forma agregadora de sentidos. Acepções essas que se relacionam com o nacionalismo, o patriotismo e o ufanismo como no caso do Superman e do Capitão América, dois super-heróis que darei enfoque por serem aqueles mais utilizados em memes pelo bolsonarismo. Esse capítulo também analisa como as noções de masculinidades do século XIX e do início do século XX foram importantes e impactantes na gênese dos super-heróis. Exponho de que forma os sentidos dos super-heróis se estruturam em suas produções midiáticas e como flutuam através do imaginário social, para em seguida pensá-los como mitos em diferentes interpretações e como esse direcionamento influencia o consumo desses produtos culturais. Por fim, estabeleço as diferenças entre super-heróis, vilões, anti-heróis e anti-vilões, levando em conta aspectos como o pânico e a euforia moral, os demônios e os heróis populares.

Os dois capítulos seguintes dão conta da Semiótica da Cultura e da Memética, respectivamente, perspectivas sob as quais apoiarei minha análise. A partir dos pressupostos de Iúri Lotman, apresento a Semiótica da Cultura, uma corrente russa da semiótica que tem na memória, na cultura e nas semiosferas conceitos-chave de teorização das dinâmicas sociais. Paralelo a isso, a memética, ciência que estuda os fenômenos a partir da ótica dos memes, trará os aportes necessários para entender o funcionamento desses artefatos, sejam eles como ideias que se repetem ou como sua versão produzida para a internet. Os memes podem ser utilizados contemporaneamente como uma espécie de ferramenta da linguagem e manipulados com intenções políticas, fatos para os quais volto minha atenção também neste capítulo. Importante frisar as questões de autorialidade dos memes da internet, uma vez que ninguém pode se colocar como proprietário de um desses artefatos. Ao final do capítulo, explico como se dão os processos de tradução, apropriação e subversão dos sentidos presentes nos memes.

O capítulo 5 abordará o fenômeno do bolsonarismo que, para esta tese, vejo como uma tendência social, analisada através do espectro da moda enquanto espírito do tempo e não como vestuário. Também explico como o bolsonarismo pode funcionar como uma mentalidade e como um meme. Antes disso, porém, traço uma história das velhas e novas direitas no Brasil e explico como o populismo e o autoritarismo forjaram essa extrema direita à qual pertence o

bolsonarismo. Além do mais, estruturo uma seção em que estipulo alguns elementos morais da base cultural brasileira que prepararam o terreno para que o bolsonarismo florescesse. Na última seção deste capítulo, desenvolvo uma correlação entre o trinômio “Deus, pátria e família”, as bancadas do boi, da bala e da bíblia do Senado e do Congresso Nacional com os três tipos de super-heróis bolsonaristas que dão título a esta tese: Mitos, Messias e Salvadores da Pátria.

As masculinidades são o tema do capítulo 6, que se divide em quatro seções. Primeiro, trago definições básicas sobre o estudo do gênero e das masculinidades, para em seguida pensar como a dominação se estabelece a partir do gênero masculino e os tipos de dominação masculina que acontecem. A seção que aborda como a cultura visual encara a imagem masculina do super-herói se relaciona com conteúdos trazidos ainda no primeiro capítulo desta tese. Já o capítulo anterior conecta ideias com a seção deste capítulo que trata do masculinismo e do machismo presentes no bolsonarismo. Além disso, esse capítulo também apresentará as peculiaridades presentes na apresentação das masculinidades no âmbito da digitalização e da plataformização.

No capítulo 7, sigo para a definição da metodologia, baseada nos processos de territorialização semiótica, aqui também conceitualizados e definidos, e em uma análise quantitativa dos memes que se divide nos aspectos estrutural, de conteúdo e de temporalidade dos memes. Segue-se a análise qualitativa dos memes, baseada na metodologia das territorialidades semióticas. Parto, então, para as Considerações Finais desta tese fazendo um balanço entre a proposta estipulada com os achados da pesquisa.

## 2 OS SUPER-HERÓIS

*Quando você duvidar do presente  
Calado, em silêncio, como quem consente  
E começar a chorar em segredo  
Porque tem que ser forte alguém  
Que enfrente o medo da morte, de corpo doente  
Não se desespere, levante, vá em frente  
Se lembre que todo Super-Homem  
Tem seu dia de Clark Kent*  
**Zeca Baleiro - Todo Super-Homem (2019)**

### 2.1 O CALDO CULTURAL DE UMA ÉPOCA: PRIMÓRDIOS E INFLUÊNCIAS DE CRIAÇÃO DOS SUPER-HERÓIS

Na biologia, uma cultura significa um meio nutritivo em que células, tecidos e até micro-organismos são inseridos a fim de estimular o desenvolvimento e o crescimento de um determinado experimento, buscando sua integração e harmonia. Foi através da cultura de diferentes elementos na biosfera terrestre que foi possibilitado o surgimento da vida. Trago essa analogia das ciências biológicas para justificar o surgimento dos super-heróis no caldo que gerou a sua cultura. Diversos elementos e personagens foram agregados para que deste caldo cultural fossem desenvolvidos os super-heróis. Como um meme, em sua acepção memética, as ideias que forjaram os super-heróis estavam circulando desde o século anterior à sua criação - poderia ser dito que essas ideias sempre circularam na cultura humana - e acabaram sendo direcionadas para o desenvolvimento deste produto cultural.

As mudanças no jornalismo a partir do final do século XIX ajudaram na circulação e na difusão da figura do super-herói. As histórias em quadrinhos modernas surgiram nos jornais dos Estados Unidos. Um de seus marcos mais conhecidos é a publicação das tiras *Hogan's Alley* do personagem Menino Amarelo (*Yellow Kid*), de Richard Felton Outcault, conteúdo que foi disputado pelos magnatas do jornalismo da época, William Randolph Hearst e Joseph Pulitzer. Apesar da forma moderna de fazer quadrinhos, distribuindo tiras massivamente nos suplementos de jornais diários, ser atribuída a Outcault, há divergências quanto às origens dessa arte e de onde se empregou inicialmente uma mídia baseada em palavras e imagens justapostas (MCCLLOUD, 2005). Atribui-se a Angelo Agostini o pioneirismo nessa arte, na publicação *A Vida Fluminense*, editada no Brasil em 1869. Alguns autores, entretanto, classificam essa forma pré-moderna de se comunicar como histórias em estampas (IANNONE; IANNONE, 1994).

A introdução da técnica de reticularização, entre 1885 e 1910, barateou o uso de imagens nos meios impressos massificados. Com isso, fotografias e ilustrações coloridas de quadrinhos passaram a ser fruídas por milhares de pessoas em todo o mundo. Esse fator transformou a cultura impressa em uma cultura visual, em que a imagem foi adquirindo uma importância cada vez maior na transmissão de mensagens. Muitas dessas imagens retratavam o corpo humano, enfatizando diversos significados atrelados a suas representações e apreciações. Confrontar-se com o espetáculo do corpo do outro deixou de ser uma atração mambembe e passou a fazer parte do dia a dia dos leitores.

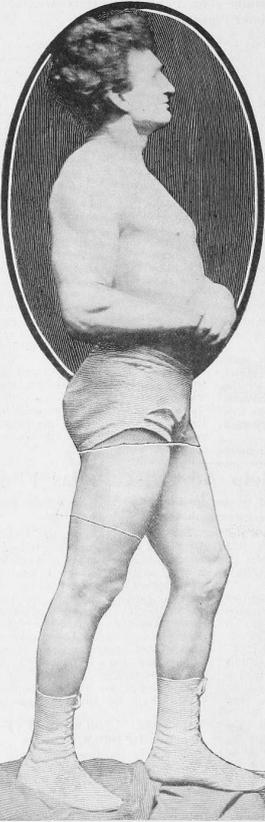
Outro elemento a influenciar a gênese dos super-heróis foi a difusão do fisiculturismo, que veiculava imagens que associavam o cultivo e o culto do corpo. Nessa perspectiva, um corpo forte e belo seria, antes de mais nada, a expressão de uma personalidade viril.

O desenho do físico do *bodybuilder* se relaciona com a capacidade insuperável da forma em ser ativa e em realizar. Não significa - e não deve significar - somente sentar ali e ser bonito. Isso seria efeminado. Em vez disso, a muscularidade é uma maravilha do empreendimento, construtora de uma economia forte, combativa na guerra, e asseguradora da solidez da casa e do coração. E, de acordo com isso, tal físico assegura a seu portador um lugar de valor porque estas realizações são fundamentais para uma sociedade próspera (GRUBISIC, 2009, p. 22, tradução nossa).

Três nomes se destacam como modelos de virilidade quando abordamos os primeiros movimentos do fisiculturismo: Bernarr MacFadden, Charles Atlas e Eugene Sandow. Bernarr MacFadden (1868-1955) foi o fundador da revista *Physical Culture*, que popularizou o fisiculturismo ao redor dos Estados Unidos. A revista pregava uma fórmula de bem-estar baseada em uma vida saudável, para a qual dava dicas de exercício e de nutrição. “Fraqueza é um crime. Não seja um criminoso”, dizia um dos avisos da revista (KASSON, 2001, p. 32, tradução nossa). Esse tipo de culto ao corpo perfeito traria através da cultura visual novas definições de masculinidade e feminilidade como um remédio para a virilidade perdida.

Figura 7 – Cartaz do filme curta-metragem *Building up the health of a nation*, de 1916, estrelado por Bernarr MacFadden

528 MOTION PICTURE NEWS Vol. 13. No. 4.



**EXTRA!!**

*The Greatest Living Exponent  
of Physical Culture*

**BERNARR  
MACFADDEN**

— in —

**SPECIAL  
UNIVERSAL  
FEATURE**

**“BUILDING UP THE  
HEALTH OF A NATION”**

*Without a doubt, one of the greatest achievements in the history of Moving Pictures.*

**A**T last it has been accomplished. Bernarr Macfadden in Universal Pictures, in a series of health exercises that will delight his army of followers throughout the world. You have followed and profited by the health exercise talks and illustrations in Bernarr Macfadden's famous PHYSICAL CULTURE magazine; now you have the opportunity of seeing the exercises demonstrated by Bernarr Macfadden himself in moving pictures.

Every two weeks a lesson on Health Building will be shown in all Universal theatres—consisting of the pictures by Bernarr Macfadden, and complete instructions which enable you to practice them just exactly as he does.

Not in cold type and lifeless illustrations, but in animated moving pictures—personal lessons that would cost you a large sum if demonstrated for you personally or exclusively.

*Your Favorite Moving Picture Theatre will show this great series if you simply tell the manager you want to see them.*

Read these splendid Health Lessons in the PHYSICAL CULTURE Magazine and see Bernarr Macfadden's demonstration at all Universal Theatres. Exhibitors can clean up with this series. The exercises demonstrated will delight your patrons, pack your house and net you a big profit.

**Universal Film Manufacturing Co.**  
CARL LAEMMLE, President  
“The Largest Film Manufacturing Concern in the Universe” 1600 Broadway, NEW YORK

Fonte: *Internet Movie Database* (IMDB)<sup>10</sup>.

Charles Atlas, nascido Angelo Sciciliano (1892-1972), se tornou conhecido dos leitores de quadrinhos por causa de seus anúncios de cursos por correspondência sobre fisiculturismo veiculados nas revistas de super-heróis, e é tido como um dos maiores empreendedores do ramo do fisiculturismo (KASSON, 2001). Vestia-se com uma tanga de leopardo, em referência a Tarzan, e seu visual inspirou o roteirista Grant Morrison na criação de Flex Mentallo, personagem de apoio da revista em quadrinhos *Doom Patrol* (conhecida no Brasil como Patrulha do Destino) nos anos 1990.

<sup>10</sup>Disponível em [https://m.media-amazon.com/images/M/MV5BZcGdeQXVyN5MTAzODY@.\\_V1\\_.jpg](https://m.media-amazon.com/images/M/MV5BZcGdeQXVyN5MTAzODY@._V1_.jpg). Acesso em: 06 jun. 2022.

Figura 8 – Um dos famosos anúncios dos manuais de exercícios físicos de Charles Atlas, que eram veiculados em páginas de revistas em quadrinhos

**THE INSULT THAT MADE A MAN OUT OF 'MAC'**

**HEY! QUIT KICKING THAT SAND IN OUR FACES!**  
THAT MAN IS THE WORST NUISANCE ON THE BEACH

**LISTEN HERE, I'D SMASH YOUR FACE... ONLY YOU'RE SO SKINNY YOU MIGHT DRY UP AND BLOW AWAY.**

**THE BIG BULLY! I'LL GET EVEN SOME DAY!**  
**OH DON'T LET IT BOTHER YOU, LITTLE BOY!**

**DARN IT! I'M SICK AND TIRED OF BEING A SCARECROW! CHARLES ATLAS SAYS HE CAN GIVE ME A REAL BODY. ALL RIGHT! I'LL GAMBLE A STAMP AND GET HIS FREE BOOK!**

**BOY! IT DIDN'T TAKE ATLAS LONG TO DO THIS FOR ME! WHAT MUSCLES! THAT BULLY WON'T SHOVE ME AROUND AGAIN!**

**LATER**

**WHAT! YOU HERE AGAIN? HERE'S SOMETHING I OWE YOU!**

**OH, MAC! YOU ARE A REAL MAN AFTER ALL!**  
**HERO OF THE BEACH**  
**GOSH! WHAT A BUILD!**  
**HE'S ALREADY FAMOUS FOR IT!**

**Let Me PROVE I Can Make YOU A NEW MAN!**

**ARE** you "fed up" with seeing the huskies walk off with the best of everything? Sick and tired of being soft, frail, skinny or flabby — only **HALF ALIVE?** I know just how you feel. Because I, myself, was once a puny 97-pound "runt." And I was so ashamed of my scrawny frame that I dreaded being seen in a swim suit.

**The Secret of How I Got My Build**

Then I discovered a wonderful way to develop my body fast. It worked wonders for me — changed me from the scrawny "runt" I was at 17, into "The World's Most Perfectly Developed Man." And I can build up **YOUR** body the very same natural way — without weights, springs or pulleys. Only 15 minutes a day of pleasant practice — in the privacy of your room.

My "Dynamic-Tension" method has already helped thousands of other fellows become real he-men in double-

quick time. Let it help **YOU**. Not next month or next year — but **Right NOW!**

**"Dynamic-Tension" Builds Muscles FAST!**

If you're like I was, you want a powerful, muscular, well-proportioned build you can be proud of any time, anywhere. You want the "Greek-God" type of physique that women rave about at the beach — the kind that makes other fellows green with envy.

**Mail Coupon Now for My 32-Page Illustrated Book**

Mailing the coupon can be the turning point in your life. I'll send you a copy of my 32-page illustrated book, "How Dynamic-Tension Makes You a NEW MAN." Tells how and why my method works; shows many pictures proving what it has done for others. Don't delay. Mail coupon NOW. **CHARLES ATLAS, Dept. 60X 115 E. 23rd St., New York, N. Y. 10010.**

**CHARLES ATLAS, Dept. 60X  
115 East 23rd St., New York, N. Y. 10010**

*Dear Charles Atlas: Here's the kind of Body I Want:*

(Check as many as you like)

<input type="checkbox"/> Broader Chest and Shoulders	<input type="checkbox"/> More Energy and Stamina
<input type="checkbox"/> Firm and Strong Muscles	<input type="checkbox"/> More Magnetic Personality
<input type="checkbox"/> Tireless Legs	<input type="checkbox"/> More Weight—Solid—in the Right Places
<input type="checkbox"/> Slimmer Waist and Legs	

I enclose 10¢. Please send me a copy of your famous book showing how "Dynamic-Tension" can make me a new man. 32 Pages, crammed with photographs, answers to vital health questions, and valuable advice. This does not obligate me in any way.

Print Name.....Age.....

Address.....

City & State..... Zip.....

In England: Charles Atlas, 21 Poland St., London, W.1

Fonte: Drawing words and Writing pictures<sup>11</sup>.

Por sua vez, Eugene Sandow (1867-1925) foi o mais influente dos fisiculturistas de seu tempo, tendo inspirado MacFadden e Atlas, além de inúmeros imitadores, que o desafiavam em competições. Apelidado de o homem perfeito e de o homem mais forte do mundo, Sandow era exibido muitas vezes nu, ou com folhas de parreira cobrindo seus órgãos genitais, para que o público pudesse fruir os músculos definidos de seu corpo como um espetáculo. "Os espectadores viam o corpo de Sandow ao mesmo tempo como uma atração e um desafio, um

<sup>11</sup> Disponível em <https://dw-wp.com/2011/03/notables-2010-tom-motley/>. Acesso em: 06 jun. 2022.

modelo de força e um objeto de desejo, uma inspiração, uma reprimenda e uma sedução” (KASSON, 2001, p. 29, tradução nossa).

Figura 9 – O homem perfeito, ou o homem mais forte do mundo, Eugene Sandow em 1894 em foto de Benjamin J. Falk



Fonte: Wikimedia Commons<sup>12</sup>.

O show do corpo de Sandow era uma atração mambembe que percorria diversas cidades dos Estados Unidos e da Europa com suas apresentações. Ele se vestia como um homem da aristocracia em seus espetáculos, portando fraque e monóculo e se despia demonstrando seu corpo perfeitamente esculpido. O efeito narrativo de revelação dos músculos seria muito explorado, posteriormente, na dinâmica dos super-heróis.

Esse fato colocava simultaneamente Sandow em uma categoria própria e apelava para fantasias de autotransformação de garotos e homens, tanto quanto Clark Kent iria inspirar gerações posteriores no sonho de se despir de suas roupas e óculos mundanos dentro de uma cabine telefônica e se tornarem Superman (KASSON, 2001, p. 38, tradução nossa).

John F. Kasson afirma que Eugene Sandow ajudou em uma mudança de paradigma cultural da masculinidade entre os períodos vitoriano e moderno. Numa época em que a identidade masculina parecia perder conteúdo e coerência, Sandow trouxe nova luz a conceitos visuais e físicos de força, controle, heroísmo e virilidade. Esses valores também foram

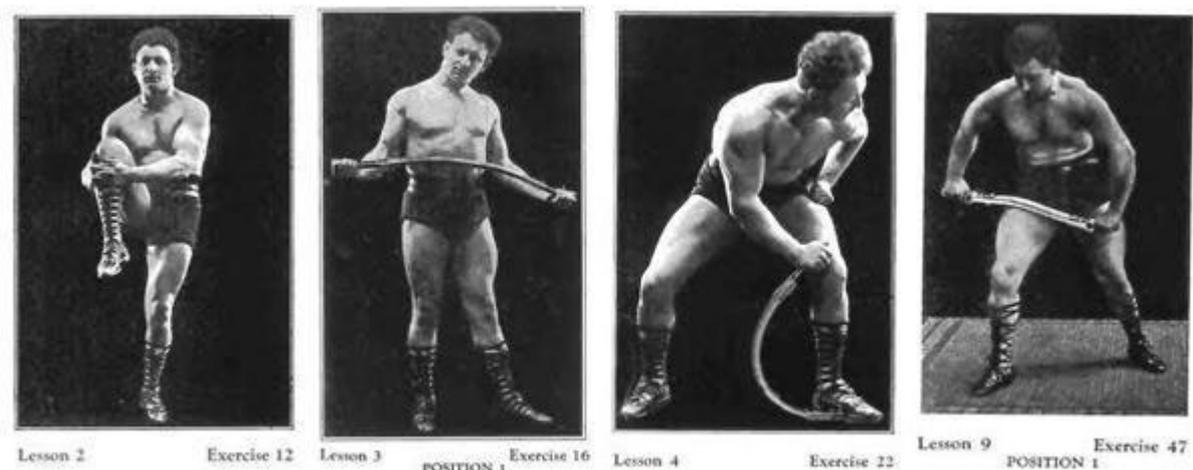
<sup>12</sup> Disponível em

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/Falk%2C\\_Benjamin\\_J.\\_%281925%29\\_-\\_Eugen\\_Sandow\\_%281867-1925%29\\_-\\_1894.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/Falk%2C_Benjamin_J._%281925%29_-_Eugen_Sandow_%281867-1925%29_-_1894.jpg). Acesso em: 06 jun. 2022.

afirmados através da promoção publicitária da industrialização e das lógicas de trabalho capitalista. Outro elemento utilizado nessa espetacularização que foi apropriado na visualidade dos super-heróis foram as roupas coloridas e colantes relacionadas à estética do homem forte do circo, que realça os músculos masculinos.

Já Marcelo Travassos da Silva (2022) chama atenção para o fato de que entre esses artistas circenses, o polonês Siegmund Breitbart, chamado de “Homem de Aço” e considerado “o homem mais forte do mundo” à sua época, na década de 1920, fazia uso de botas e sungas para realçar outras partes do seu corpo, tal qual o Superman faz.

Figura 10 - Série de exercícios de Siegmund Breitbart, considerado o “homem mais forte do mundo” na década de 1920



Fonte: Harvard University Press Blog<sup>13</sup>.

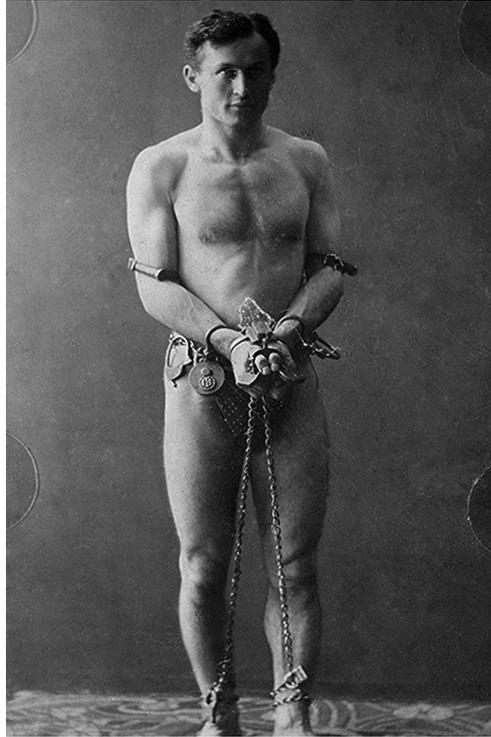
Brett J. Grubisic (2009) expõe que esse tipo de imagem aparecia frequentemente em anúncios de diversos produtos no início do século XX nos Estados Unidos. O autor considera que esses anúncios tinham a intenção de evocar a incrível força e capacidade masculina que os produtos confeririam. O ideário manifestado pelos anunciantes nessas operações ligava o valor do homem a atributos como atrelada à liderança, privilégio e sucesso.

Um pelotão de imagens de físicos homogêneos refletindo estruturas econômicas e normas de gênero em mudança, os corpos musculosos direcionaram atenção aos atributos do arquétipo masculino heroico na direção de promover vendas de produtos (como o homem viril, a bateria Sturdee dá conta do seu trabalho). Além disso, ao sublinhar uma suposta relação entre um produto e qualidades hercúleas como realização e fortaleza, outro estrato de imagens assegurava que o verdadeiro homem moderno não era fraco nem desproporcional (GRUBISIC, 2009, p. 26, tradução nossa).

<sup>13</sup> Disponível em: <https://harvardpress.typepad.com/.a/6a00d8341d17e553ef01b8d1748538970c-600wi>. Acesso em: 10 abr. 2023.

John F. Kasson (2001) aponta outras duas figuras de influência para a construção do corpo masculino do homem branco perfeito na atualidade: o escapista Harry Houdini e o herói ficcional Tarzan, de Edgar Rice Burroughs.

Figura 11 – Um retrato do jovem Harry Houdini acorrentado



Fonte: Donaldson Collection/Getty Images<sup>14</sup>

Harry Houdini (1874-1926) era o nome artístico do escapista e ilusionista Ehrich Weisz, que ficou famoso por apresentações em que desafiava a morte se livrando de diversas armadilhas colocadas deliberadamente com o propósito de deleitar seu público. O enfrentamento do perigo sempre foi tido como um atributo masculino e a exibição do corpo masculino em perigo (muitas vezes nu, como nos números de Houdini) ressalta ainda mais as características visuais da virilidade, como os músculos e as proezas que esse corpo de um homem era capaz de realizar. Para Kasson (2001), os números de Houdini ressaltavam uma transformação do feminino (o papel de vítima aprisionada e vulnerável) para o masculino (a conquista e a realização da liberdade). Além disso, Houdini se apresentava a seu público como um mágico, sustentando um retrato fantasioso de si mesmo como possuidor de poderes miraculosos, um papel masculino que demonstra potência para superar a vulnerabilidade. Essa

<sup>14</sup> Disponível em <https://www.crfashionbook.com/mens/g31899448/harry-houdini-magician-vintage-photos/?slide=4>. Acesso em: 06 jun. 2022.

magia do poder, seja ele terreno ou sobrenatural, que garante valores masculinos, vai ser um elemento fundamental para a definição dos super-heróis.

Figura 12 – Alexander Skarsgård, no papel principal do mais recente de muitos filmes realizados sobre Tarzan, *A Lenda de Tarzan*, de 2016



Fonte: Divulgação/Warner Bros. Pictures<sup>15</sup>.

Por sua vez, o Tarzan de Edgar Rice Burroughs (1875-1950) trazia consigo as definições do autor de um homem perfeito, outra figura nua que exalava força, beleza, virilidade, violência e autoridade. O personagem surgiu primeiramente no *pulp*<sup>16</sup> *All-Story Magazine* de outubro de 1912. Já o livro *Tarzan of the apes*<sup>17</sup> foi publicado em 1914 e conta a história do naufrágio da família Greystoke, pertencente à aristocracia britânica, que acaba perseguida e morta na selva africana. Apenas o bebê sobrevive, é criado pelos macacos da selva e batizado por eles de Tarzan.

Apesar de ter origem ficcional inglesa, o personagem Tarzan se tornaria um símbolo do imperialismo estadunidense na cultura popular:

O sonho de revitalização e conquista dos brancos anglo-saxônicos não transformou apenas as relações exteriores americanas; também alterou profundamente o

<sup>15</sup> Disponível em <https://c4.wallpaperflare.com/wallpaper/484/270/451/movie-the-legend-of-tarzan-alexander-skarsg%C3%A5rd-tarzan-wallpaper-preview.jpg>. Acesso em: 06 jun. 2022.

<sup>16</sup> Revistas baratas feitas com as sobras do papel de livros mais conceituados, continham histórias para jovens adultos com temas que versavam sobre terror, fantasia e ficção científica. As páginas que compunham essas publicações eram feitas com o material da polpa das árvores, menos nobres, daí o apelido de *pulp fiction*. Esse tipo de revista seria uma outra grande influência para a criação dos super-heróis.

<sup>17</sup> No Brasil, *Tarzan: o filho das selvas*.

pensamento americano, como fica evidente na ficção popular. Em muitos romances populares do início do século XX, expressam-se as preocupações do que poderia ser chamado de geografias da masculinidade rude: regiões em que os homens brancos do norte europeu reafirmariam a presunção de sua dominação sobre ‘inferiores’ físicos e morais, incluindo incompetentes, malfeitores, fracotes e covardes (KASSON, 2001, p. 180, tradução nossa).

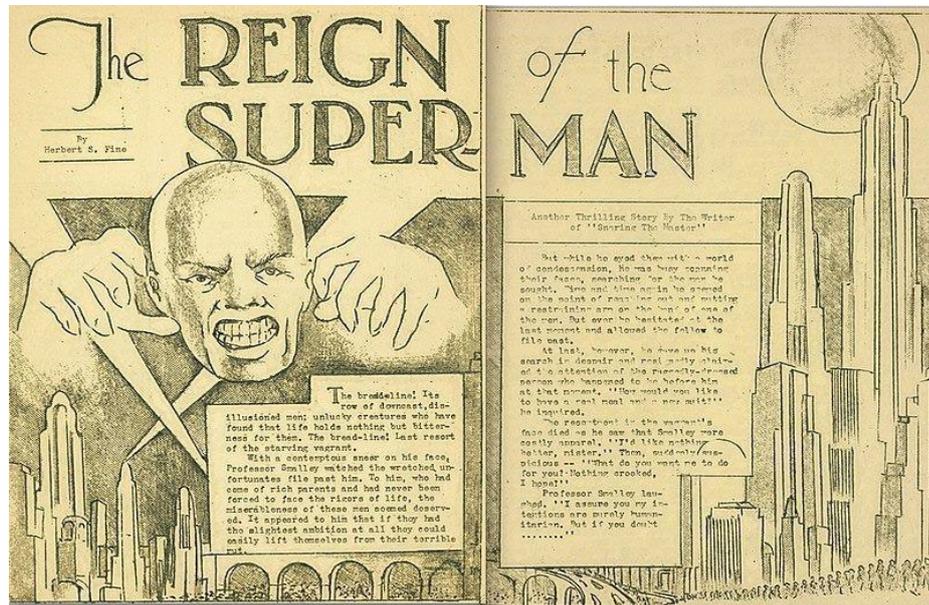
Em comum aos três personagens elencados por Kasson, Sandow, Houdini e o último, Tarzan, está uma noção de espetáculo da masculinidade e de espetáculo em geral, além, é claro, de uma noção bastante apurada da visualidade destes corpos em espetáculos ressaltada pela nudez dos corpos dos personagens em questão. Outra característica que os une os três primeiros é a integridade aliada da fisicalidade com a moralidade, permitida pelo fisiculturismo, pelo desafio ao perigo e pela liberdade de conquista exercida pelo homem. Essas três características que poderiam definir também os super-heróis estão arraigadas a noções de uma masculinidade de dominação, conceito que desenvolvo em capítulos seguintes.

## 2.2 SUPERMAN, O MESSIAS DA INDÚSTRIA DOS *COMICS*

O contexto sociocultural da década de 1930 nos Estados Unidos, em que os super-heróis surgiram, a começar pelo Superman, é moldado pelas consequências do *crash* da bolsa de valores de Nova York em 1929, sobretudo devido à grande depressão econômica. Na Europa, Adolf Hitler e o partido nazista estavam em ascensão, bem como a perseguição aos judeus daquele continente. O entretenimento começava a envolver uma cultura de massa com a popularização do cinema e do rádio.

A história de criação e as influências que tornaram o Superman o personagem que conhecemos atualmente foi explorada por Gerard Jones (2006) no livro *Homens do amanhã: geeks, gângsteres e o nascimento dos gibis*, compondo o cenário em que se criaram os quadrinhos de super-heróis, incluindo as negociatas por trás do surgimento dessa mídia. Superman foi criado por dois garotos de etnia judaica de Cleveland, Ohio, nos Estados Unidos. Os dois se conheceram em 1931 quando, aos 17 anos, iniciaram uma parceria no jornal do colégio, onde eram pouco populares. Eram fãs de ficção científica, em especial aquelas publicadas em *pulps*, e dos filmes de aventura de Douglas Fairbanks. Enquanto Siegel se dedicava aos roteiros das histórias em quadrinhos que desenvolviam, Shuster fazia os desenhos com um traço limpo e clássico inspirado em Milton Caniff (Terry e os Piratas; Steve Canyon) e Alex Raymond (Flash Gordon, Jim das Selvas, Agente Secreto X-9).

Figura 13 – A capa do *fanzine Science Fiction #3*, de 1933, estreado o protótipo do Superman que conhecemos em *The Reign of Super-Man*. Por Herbert S. Fine (Jerry Siegel) e Joe Shuster



Fonte: Wikimedia Commons<sup>18</sup>.

Em janeiro de 1933, Siegel e Shuster publicaram seu protótipo do que viria a ser o Superman na terceira edição do *fanzine Science Fiction*. A história, intitulada *O Reino do Super-Man*, contava como o mendigo Bill Dunn era transformado pelas experiências de um professor universitário em um ser superpoderoso, dotado de poderes telepáticos, cujo intuito era governar o mundo inteiro. Mais tarde, em entrevistas, Siegel declarou que havia se inspirado nas ideias do filósofo alemão Friedrich Nietzsche para criar a história<sup>19</sup>. No mesmo ano, é lançada uma das primeiras revistas em quadrinhos - que ficaram conhecidas nos Estados Unidos como *comic books* ou simplesmente *comics*: *Famous Funnies*, em 1933. Posteriormente, entra em circulação o *comic Detective Dan*, do mesmo ano. Siegel e Shuster tentam então vender a história para uma editora. Irado com a resposta negativa, Shuster queima os originais, tendo apenas a capa resgatada por Siegel.

A ideia original do Superman começa a ser retrabalhada em 1934. Os poderes mentais são substituídos por poderes físicos, inspirados nos homens fortes do circo e acrobatas, bem como nos heróis mitológicos como Hércules e Sansão e nas façanhas de homens como os citados na seção anterior. É importante destacar que Joe Shuster era um fisiculturista,

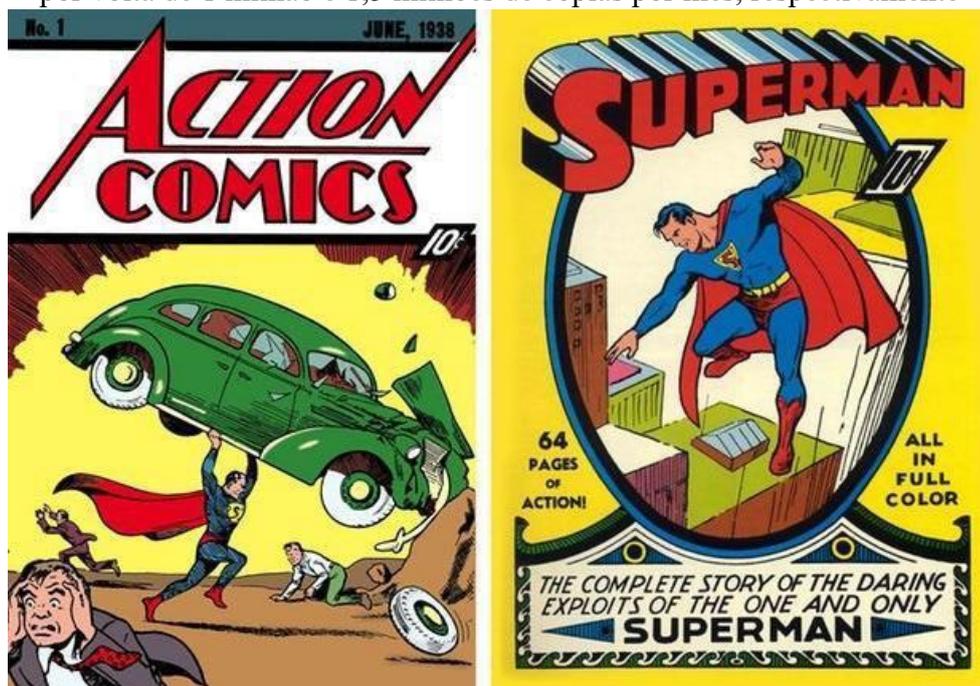
<sup>18</sup> Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Reign\\_of\\_the\\_Superman#/media/Ficheiro:Superman.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Reign_of_the_Superman#/media/Ficheiro:Superman.jpg). Acesso em: 06 jun. 2022.

<sup>19</sup> Contexto explorado mais detalhadamente a partir da Figura 17.

influenciado por revistas como *Physical Culture* e, embora o desenhista gostasse de trabalhar o corpo com pesos, polias e bastões, detestava esportes.

A origem alienígena do personagem tem inspiração no Flash Gordon de Raymond e abre espaço para interpretações religiosas ligadas a figuras como Moisés e Jesus Cristo, assim como para a ideia de um defensor do povo, mais precisamente da lenda do Golem presente no folclore judaico. O elemento de identidade secreta faz parte de uma tradição que remonta ao Pimpinela Escarlata, personagem criado em 1903 pela Baronesa Orczy em peça teatral homônima. Superman tem como *alter ego* Clark Kent, um jornalista introvertido, de origem simples, desengonçado e desastrado. Kent é apaixonado por sua colega repórter Lois Lane, que o esnoba e ignora, mas se apaixona por Superman. O triângulo amoroso Superman/Lois/Clark teria inspiração nas decepções amorosas dos dois criadores.

Figura 14 – As capas dos primeiros números das revistas *Action Comics* (setembro de 1938) e *Superman* (verão de 1939). No início da Segunda Guerra Mundial, essas publicações vendiam por volta de 1 milhão e 1,5 milhões de cópias por mês, respectivamente



Fonte: Divulgação/DC Comics.

Os primeiros trabalhos publicados de Siegel e Shuster são as histórias em quadrinhos dos personagens Henri Duval da França, com temática de capa e espada, e Doutor Oculto, com inspiração sobrenatural, publicados em uma antologia editada pela *National Allied Publishing*. A editora logo lançaria a revista *Detective Comics*<sup>20</sup>, cujo primeiro número traria outra criação

<sup>20</sup> *Detective Comics* seria a revista que iria apresentar também o personagem Batman, de 1939, criado por Bob Kane e Bill Finger, em seu número 27. A popularidade da revista seria tão grande que a editora *National Allied*

dos dois, o detetive Slam Bradley. Quando a *National* muda de dono, seus editores aceitam o conceito retrabalhado do Superman para uma história de dez páginas, uma montagem de tirinhas de quadrinhos feitas previamente, que seriam publicadas em setembro de 1938, no primeiríssimo número da revista *Action Comics*. Pelo primeiro número de *Action Comics* e pelos direitos do personagem, Siegel e Shuster recebem um cheque de apenas cento e trinta dólares.

Em 1939, a tira diária nos jornais estrelando Superman começava a ser publicada, bem como a primeira edição do gibi *Superman*, que foi o primeiro *comic book* dedicado integralmente a um único personagem. O programa de rádio *As Aventuras do Superman* foi ao ar em fevereiro de 1940 e serviu de vitrine para o personagem ao redor dos Estados Unidos:

Com o programa de rádio servindo de abre-alas, por volta de 1941, a tira do Super-Homem já saía em 300 jornais, e Duke Ducovny<sup>21</sup> dizia que 35 milhões de pessoas acompanhavam suas aventuras em pelo menos um veículo de comunicação. [...] A Paramount pagou o estúdio dos irmãos Fleischer<sup>22</sup> para fazer uma série de desenhos animados com o Superman, gastando 50 mil dólares no piloto, quatro vezes mais que o orçamento normal para um curta de animação. [...] As vendas para o exterior eram estupendas, uma vez que a simplicidade do Super-Homem facilitava muito sua exportação para a Europa e América Latina. E os lucros não paravam de aumentar: a *Action Comics* vendia quase 1 milhão de exemplares por edição, e a *Superman*, 1,5 milhão. A taxa cobrada dos anunciantes também subiu (JONES, 2006, p. 190).

Wright (2003) indica que o sucesso de Superman fez com que editores de revistas *pulp* e publicações semelhantes se voltassem para o negócio dos *comics*. Esses editores empregavam estúdios de artistas - mais conhecidos como *shops* - como o de Will Eisner e Bob Iger. Esses estúdios empregavam artistas de quadrinhos em contratos exaustivos, fazendo com que virassem noites trabalhando em criações de super-heróis em troca de uma remuneração ínfima. A maioria dos artistas empregados nos *shops* eram iniciantes, muitas vezes adolescentes, que não teriam espaço em outros serviços de ilustração como a publicidade e o jornalismo.

Em 1939, Will Eisner criou uma das primeiras imitações do Superman, o Wonderman, para Victor Fox, dono da editora *Fox Features*. A revista do personagem teve apenas uma edição porque Fox seria o primeiro de muitos a ser processado por violação de direitos autorais, no caso, aqueles detidos pela *National* sobre o Superman. Esse caso abriu precedentes para uma intensa proteção da *DC Comics* sobre o *copyright* de seus personagens.

---

*Publishing* era mais conhecida simplesmente por *DC Comics*, devido ao selo no canto superior de suas revistas que diziam uma publicação DC - *Detective Comics*.

<sup>21</sup> Allen "Duke" Ducovny - assessor de imprensa da *National* contratado por Harry Donnenfeld, um dos donos da empresa, para promover o Superman e criar o programa de rádio e a animação com o personagem.

<sup>22</sup> *Fleischer Studios* foi uma empresa estadunidense fundada em 1921 pelos irmãos Max e Dave Fleischer, que a dirigiram até 1942, quando foi adquirida pela *Paramount Pictures*. Entre suas maiores realizações, encontram-se os desenhos animados de Betty Boop, Popeye e Superman.



Figura 15 – *Wonder Comics* #1 (maio de 1939) trazia o Wonderman, a primeira cópia do Superman, criada por Will Eisner sob encomenda de Victor Fox, dono da editora *Fox Features*



Fonte: Wikimedia Commons<sup>23</sup>.

Os direitos autorais sobre o Superman eram importantes para a empresa porque cada nova transição do super-herói para outras mídias gerava, através de sua publicidade, novas ondas de licenciamentos. Esse processo seria descrito décadas mais tarde por estudiosos como Les Daniels (2004, p. 50, tradução nossa) sob a denominação de sinergia: “as crianças podiam vestir a imagem do Superman em fantasias, meias, camisas, sapatos e cueca, enquanto guardavam suas economias em cofrinhos do Superman e jantavam o pão do Superman”.

<sup>23</sup> Disponível em [https://alemdatorrez.files.wordpress.com/2021/09/wonder\\_man.jpg](https://alemdatorrez.files.wordpress.com/2021/09/wonder_man.jpg). Acesso em: 06 jun. 2022.

Figura 16 – O brasileiro Marco Zorzin é o maior colecionador de itens do Superman, com uma memorabilia de mais de 1520 unidades de produtos licenciados



Fonte: Guinness World Records<sup>24</sup>.

A expansão do Superman como produto de mídia se deu em conjunto com sua progressiva identificação com os valores da propaganda nacionalista dos Estados Unidos. Nos primeiros treze números de *Action Comics*, as histórias do Superman mostram o herói combatendo problemas sociais como prisões injustas, abusos domésticos, problemas na imigração e oficiais de governo corruptos. Para Bradford W. Wright (2003, p. 13), a América do Superman era “uma terra onde a virtude dos pobres e dos fracos despontava sobre aquela dos ricos e poderosos”. Martin Lund (2016) aponta que o físico do personagem também serve para reafirmar o Superman como um indivíduo forte em suas convicções. O autor também destaca que o super-herói passou de campeão dos oprimidos para defensor da democracia, um “adversário de todos os interesses e atividades subversivas aos melhores interesses desse país” (LUND, 2016, p. 117, tradução nossa). Os valores morais do Superman têm a ver com seu lema, “pela verdade, justiça e o modo de vida americano”. Segundo Andrew Terjesen (2014, p. 82):

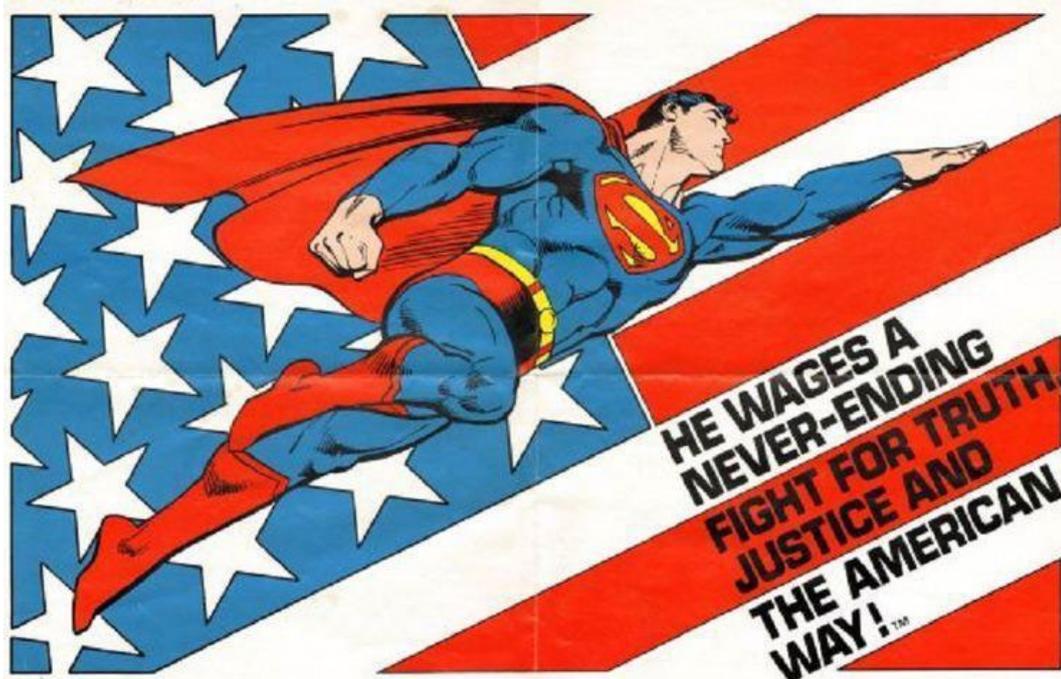
Os primeiros programas de rádio paravam em ‘verdade e justiça’. A parte do ‘modo americano’ só foi adicionada em 1942 quando os Estados Unidos estavam fortemente envolvidos com a Segunda Guerra Mundial. E ela não se tornou uma frase famosa até o programa de televisão estrelado por George Reeves estreiar na televisão na década de 1950.

<sup>24</sup> Disponível em <https://www.guinnessworldrecords.com.br/news/2017/1/brazilian-dad-showcases-his-record-breaking-superman-collection-459428>. Acesso em: 06 jun. 2022.

De acordo com Terjesen (2014), a ideia de modo de vida americano tal como é utilizada no lema do Superman foi tematizada pelo pensador conservador Will Herberg (1955, p. 79, tradução nossa), para contrastar essa conduta com o governo totalitário e comunista da União Soviética:

O modo de vida americano é individualista, dinâmico e pragmático. Ele afirma o valor supremo e a dignidade do indivíduo; ele enfatiza sua incessante atividade, pois ele nunca descansará, pois está sempre buscando “estar adiante”; ele define uma ética de autonomia, mérito e personalidade, e que julga pelo que foi alcançado: ‘feitos, não crenças’ são o que contam [...]. O americano acredita o progresso, na progressiva melhoria do indivíduo e, quase de modo fanático, na educação. Mas, acima de tudo, o americano é um idealista.

Figura 17 – Pôster dos anos 1980 do Superman, durante o auge da Guerra Fria



Fonte: Divulgação/DC Comics<sup>25</sup>.

O Superman representa o potencial da humanidade para a criação de grandes feitos. Para Arno Bogaerts (2014), essa é a característica que aproxima o Superman do *übermensch* de Friedrich Nietzsche, capaz de se superar constantemente tanto no vazio moral como no próprio vazio. Para Nietzsche (2015), o conceito de *übermensch* era positivo, pois representava um homem que estava além do bem e do mal e tinha a coragem para rejeitar a moralidade tradicional de modo a forjar seu próprio destino, livre de qualquer restrição. Essa concepção teve uma recepção negativa entre cristãos e judeus, que acreditam numa lei moral universal. Bogaerts (2014) argumenta que, como o super-homem ou o sobre-homem de Nietzsche, o

<sup>25</sup> Disponível em <https://static1.cbrimages.com/wordpress/wp-content/uploads/2021/10/superman-american-way-poster.jpg?q=50&fit=crop&w=740&h=484&dpr=1.5>. Acesso em: 06 jun. 2022.

Superman é forte, criativo, afirmador da vida. Por outro lado, o Superman é compassivo e busca ajudar aos fracos. Para Adam Barkman (2014, p. 131), “a devoção absoluta do Superman à lei moral universal e à moralidade judaico-cristã está em completo contraste em relação à moralidade do poder de Nietzsche”.

Em uma entrevista para a revista estadunidense *Wizard*<sup>26</sup>, especializada em histórias em quadrinhos, o escritor de quadrinhos escocês Grant Morrison chamou o Superman de Cristo americano em 2003. Essa comparação messiânica do Superman é desenvolvida por Iuri Andréas Reblin (2015), quando afirma que o Homem de Aço não aparece em suas histórias como um deus que está acima da humanidade, mas que caminha entre e junto a ela. Para o autor, “toda história de superaventura aborda temas precisos para a teologia: morte, justiça, esperança, o Bem. Toda narrativa da superaventura é, em geral, uma história de salvação” (REBLIN, 2015, p. 233).

Richard Reynolds (2013) compara a origem do Superman a passagens da Bíblia, em que um passante encontra um bebê no interior de um invólucro, como na jornada dos reis magos à Belém e na descoberta de Moisés em um cesto de juncos. Na origem do Superman, os fazendeiros Jonathan e Martha Kent encontram um bebê em uma espaçonave que caiu na Terra, vinda do planeta Krypton. Teologicamente, as raízes dessa história também encontram eco em deidades greco-romanas e egípcias. “Superman é nascido de um casamento entre Urano (Céu) e Gaia (Terra). Ao mesmo tempo, Superman vai encontrar um pai na Terra (Kent sênior) para combinar com Jor-El de Krypton, seu pai no céu” (REYNOLDS, 2013, p. 104, tradução nossa). Esse atributo de uma paternidade dual também é compartilhado com Jesus Cristo e Moisés.

---

<sup>26</sup> Retirado de uma entrevista para a revista estadunidense especializada em quadrinhos, *Wizard*, #143 (agosto de 2003).

Figura 18 – A nave do bebê Kal-El é encontrada por Jonathan e Martha Kent, na página 2 de *All-Star Superman #1*, de 2006, por Grant Morrison e Frank Quitely



Fonte: Divulgação/DC Comics.

Bogaerts (2014) também defende a ideia do Superman como uma analogia definitiva do imigrante, elevando sua experiência ao mito religioso, num processo que o torna um santo patrono dos Estados Unidos. Reblin (2020) traz um importante aspecto do Superman e dos super-heróis em geral que une o messianismo ao modo de vida americano, a doutrina do Destino Manifesto, que se baseia na esperança messiânica de um povo eleito por Deus. Através dos preceitos dessa doutrina, os estadunidenses teriam o direito/missão de estender seu domínio além das fronteiras de seu país através da escolha que Deus teria feito por aquele povo, pautado por histórias contadas na Bíblia. Essa compreensão justificaria as intervenções militares e a manutenção de interesses dos Estados Unidos.

A ideia de um escolhido, ou de um povo eleito repercute na noção de esperança messiânica. O messias é um enviado divino que aparece geralmente em uma fase difícil da história da humanidade, quando a sociedade sofre de desgraças e injustiça, para libertar e iluminar o povo, garantindo a justiça, a felicidade e a paz. Essa crença se intensifica em meio aos conflitos, quando um personagem sagrado irá aparecer para colocar ordem no caos. Christopher Knowles (2008) chega a identificar o messias como o principal arquétipo em que

se baseiam os super-heróis, um arquétipo baseado em altruísmo, autossacrifício e anúncio de prosperidade para o povo eleito.

### 2.3 CAPITÃO AMÉRICA, NACIONALISMO E SOBERANIA DOS SUPER-HERÓIS ESTADUNIDENSES

O Superman, consagrado o primeiro super-herói, é considerado também como o primeiro super-herói nacionalista (CURTIS, 2016) pela sua associação com a defesa do modo de vida americano e os elementos correlatos do messianismo e da doutrina do Destino Manifesto. Para Jason Dittmer (2013, p. 7, tradução nossa), o super-herói nacionalista faz parte de uma narrativa em que “o herói explicitamente se identifica como representante e defensor de um estado-nação específico, muitas vezes através de seu nome, uniforme ou missão”. Para este autor, existe uma linha tênue que separa o Superman do Capitão América no que tange ao nacionalismo. Enquanto o primeiro luta pelo povo americano, mais do que pela América como uma ideia abstrata, o segundo, é a incorporação do sonho americano.

De toda forma, para Dittmer (2013), o super-herói nacionalista possui um fardo que os outros não carregam: encarnar o estado-nação. O autor acredita que os super-heróis são co-constituintes e não resultantes do discurso do excepcionalismo americano. O excepcionalismo americano é a ideia de que os Estados Unidos são diferentes dos outros países por causa do seu desenvolvimento histórico, suas experiências fronteiriças ou apenas por causa de sua função na ordem internacional.

Apesar do Superman merecer um grande destaque por seu pioneirismo, o super-herói nacionalista por excelência se tornou o Capitão América, que apareceu pela primeira vez na revista *Captain America Comics* #1, de dezembro de 1941, desferindo um soco na cara de Adolf Hitler. Entretanto, alguns meses antes, outra capa com Hitler chamava atenção nas bancas de revista: era a capa de *Daredevil*<sup>27</sup> *fight*s Hitler, de Charles Biro e Wallace Wood. Nesta época, os Estados Unidos ainda estavam em paz e o Superman não possuía ligações com a guerra que acontecia na Europa.

---

<sup>27</sup> Nos anos 1960 Stan Lee e Bill Everett criaram outro personagem com o nome de **Daredevil**. É conhecido no Brasil como o Demolidor da *Marvel*, sob alter ego do advogado cego Matt Murdock, que por acidente acaba ganhando sentidos amplificados e um senso de radar. O personagem foi adaptado para os cinemas e para uma série de televisão da plataforma de *streaming* Netflix.

Figura 19 – A capa e a primeira página da revista *Daredevil battles Hitler*, de Charles Biro e Wallace Wood, publicada pela *Lev Gleason Publication* em 1939



Fonte: Splash Pages<sup>28</sup>.

O Capitão América não foi o primeiro super-herói a vestir a bandeira dos Estados Unidos. Quatorze meses antes de sua estreia, em *Pep Comics* #1, da *Editora MLJ*, surgia *The Shield*<sup>29</sup>, criado pelo editor Harry Shorten e desenhado por Irv Novick. Em seguida, na editora *Fox Features*, de Victor Fox, o mesmo responsável por *Wonderman*, vinha o *Eagle*, fazendo sua primeira aparição em *Science Comics* #1.

Um pouco mais conhecido por ter sido adquirido pela *DC Comics* nos anos 1970, vem o super-herói da *Quality Comics*, Tio Sam. Criado por Will Eisner quatro meses depois do *Eagle*, em *National Comics* #1, era baseado no famoso cartaz de recrutamento da Primeira Guerra Mundial feito por James Montgomery Flagg. Esse personagem era uma manifestação da psiquê estadunidense, tinha superforça, podia saltar a longas distâncias, tinha uma precognição limitada e não podia ser fotografado. Depois vieram *Minute Man*, da *Fawcett* e *U.S.A.*, da *Quality*, a primeira personagem feminina com atributos de heroína patriótica. Todos esses heróis patrióticos combatiam nazistas, seja em solo estadunidense ou em *fronts* na Europa.

<sup>28</sup> Disponível em <https://splashpages.files.wordpress.com/2015/04/ddgcovers.jpg>. Acesso em: 06 jun. 2022.

<sup>29</sup> Um acrônimo para *Sacrum, Heart, Innervation, Eyes, Lungs e Derma*. Em português, Sacro, Coração, Nervos, Olhos, Pulmões e Pele.

Figura 20 – Cartaz de J. M. Flagg para propaganda de recrutamento nas forças armadas dos Estados Unidos, trazendo o Tio Sam. Capa de *National Comics* #26 (nov. de 1942), com o super-herói Tio Sam, criado por Will Eisner em 1940

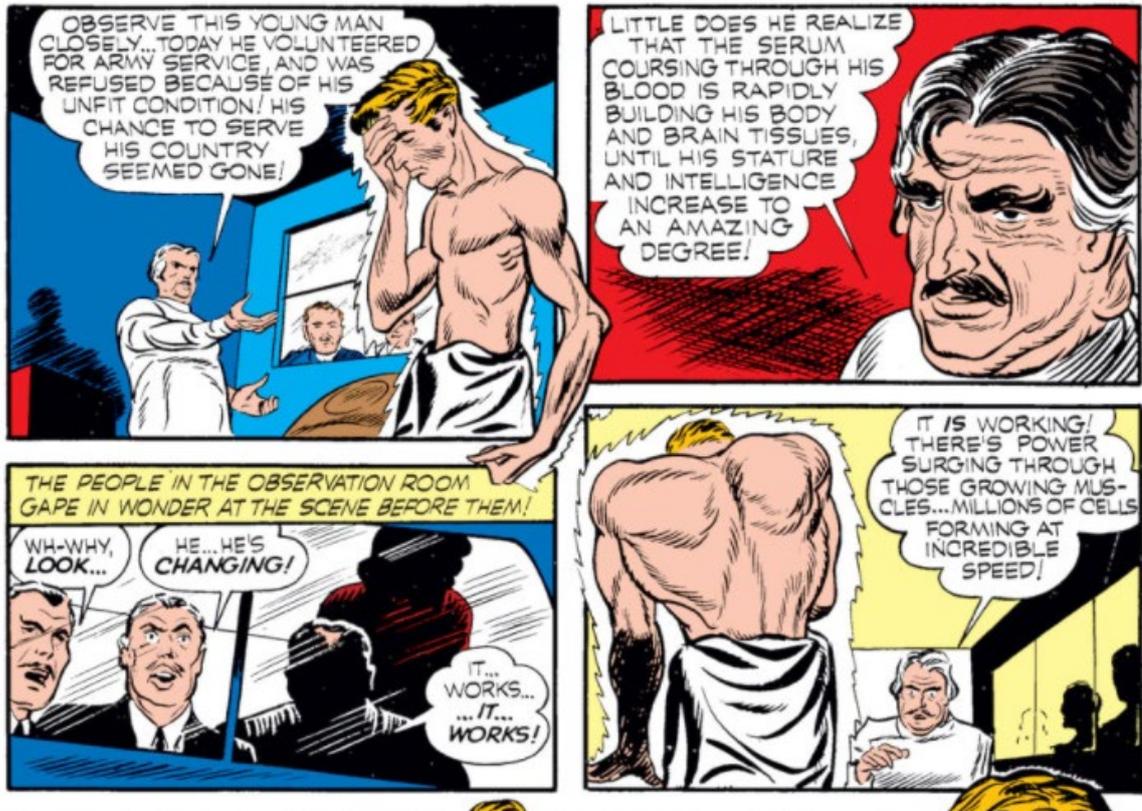


Fonte: Montagem do autor.

Com a estreia do Capitão América, houve uma explosão de super-heróis patrióticos nos Estados Unidos: Captain Courageous, Captain Freedom, Patriot, Major Liberty, Miss America, Captain Victory, Captain Flag, Fighting Yank, Major Victory, Miss Victory, U. S. Jones, Yank and Doodle, Yankee Doodle Jones, Yankee Boy e Yankee Eagle (CONROY, 2002).

A gênese do Capitão América, entretanto, envolveu a concorrência entre a *MLJ* e a *Timely Comics*, de Martin Goodman, que mais tarde viria a se chamar *Marvel Comics*. Ao perceber o sucesso de *The Shield*, Joe Simon desenvolveu, no outono de 1940, o conceito do Capitão América. Simon dotou o personagem de um escudo em uma alusão direta ao *The Shield*. A alcunha de “capitão” veio emprestada de outros sucessos como as tiras de quadrinhos do Capitão César (*Captain Easy*), do programa de rádio do Captain Midnight e dos *pulps* do Capitão Futuro, além, é claro, de todo plano de fundo militar que permeia a origem do novo super-herói.

Figura 21 – Página 6 da revista *Captain America Comics* #1, de 1941, que mostra a gênese do Capitão América



Fonte: Divulgação/Marvel Comics.

Na sua história de gênese, Steve Rogers, um menino franzino que fora dispensado do serviço militar, tinha o sonho de servir sua pátria contra os nazistas. Conquistando a simpatia do exército por sua força de vontade, Rogers serviu como cobaia em um experimento do Dr. Erskine que testava a influência dos raios vita sobre um corpo infundido com o soro que havia criado, o soro do super-soldado. Assim, Steve Rogers passa a atuar secretamente em uma base do exército como o Capitão América, tendo como escudeiro o adolescente James Buchanan Barnes, mais conhecido como Bucky.

Para a estreia do Capitão América, ele apareceria numa revista só dele, e não enterrado em alguma antologia. Simon e Kirby ficariam com 15% dos rendimentos e também teriam cargos assalariados na qualidade de editor e diretor de arte de Goodman. Só esse contrato foi suficiente para fazer deles uma dupla de bacanas da indústria. Depois que a primeira *Captain America Comics* chegou às bancas, em fevereiro, e se esgotou em poucos dias, depois que a edição seguinte teve uma tiragem de 1 milhão de exemplares, os dois viraram astros (JONES, 2006, p. 254).

Figura 22 – Capa da revista *Captain America Comics* #1, de 1941



Fonte: Divulgação/Marvel Comics.

Segundo Jones (2006), um dos fatores para o sucesso do Capitão América era a arte dinâmica e cheia de força do desenhista Jack Kirby. “Kirby celebrou o corpo, o corpo masculino, o suor e os músculos do homem, não com o fetichismo das academias de halterofilismo, mas com um júbilo selvagem” (JONES, 2006, p. 254). Isso tornava o Capitão América a corporificação da ideia vigente sobre os Estados Unidos e o modo de vida americano da época. Outros fatores do sucesso do Capitão América era que tanto o personagem como os criadores, Simon e Kirby, eram filhos de imigrantes.

Através dessa paixão imigrante, Simon e Kirby capturaram todo um despertar patriótico: os Estados Unidos provincianos a caminho de se tornar uma potência mundial, [de forma que] [...] o Capitão América, assim como o Super-Homem, tornou-se símbolo de uma fantasia juvenil universal. Fantasia que, no fundo, também era dos adultos (JONES, 2006, p. 255).

Essa fantasia era a da transformação do homem comum ou abaixo da média que supera suas fraquezas tornando-se alguém capaz de proezas espetaculares, como a mudança do tímido Clark Kent no poderoso Superman, ou do fraco Steve Rogers no potente Capitão América.

Utilizando a categoria da soberania, Neal Curtis (2016), define o Superman e o Capitão América como os personagens de maior autoridade nos universos *DC Comics* e *Marvel Comics*, respectivamente. O autor define o poder soberano, inerente aos super-heróis, como aquela vontade que decide quem pertence a uma comunidade política sob a proteção da lei e aqueles cuja existência não deve ser levada em consideração e que não são alcançados pela lei. Essa

prática de exclusão seria uma forma de disciplinar essa comunidade em prol de um “bem coletivo”. Para ele, os super-heróis são a representação da manutenção do poder feito visível. O Superman carrega uma aura de divindade, de soberania absolutista, enquanto o Capitão América traz à tona a visão moderna de soberania imanente da vontade do povo.

Eles representam a continuidade desse momento super-executivo, quasi-teológico, transcendente que persiste nas modernas concepções de soberania e seus pressupostos de legitimidade, é essa transcendência que dá a eles a maior autoridade. É um poder que nenhuma mutação física, transformação química ou melhoria tecnológica pode alcançar, e ainda assim é o elemento ‘invisível’ que precisa compor todo super-herói, em graus variados (CURTIS, 2016, p. 14).

Curtis (2016) expõe que se a legitimidade do Superman vem de um comprometimento com um futuro em aberto, a referente ao Capitão América se desenvolve a partir da defesa das origens. Para Christian Steinmetz (2009, p. 191), “os mitos dos quadrinhos estão continuamente no processo de performar uma manutenção das fronteiras do espaço nacional imaginário”, por essa razão são úteis para entender o patriotismo. Curtis (2016) destaca que o surgimento dos primeiros super-heróis tem a ver com uma cultura preocupada com temas como o patrimônio físico e racial do povo estadunidense, como é explicitado na história de origem do Capitão América, um experimento de eugenia, feito pelos Estados Unidos<sup>30</sup>.

O corpo do super-herói nacionalista é um espetáculo; o uso de trajes e máscaras apenas enfatiza que o corpo é uma visão a ser contemplada (mesmo que não totalmente compreendida). Sempre altamente visível, mas com sua raça geralmente considerada tácita e indigna de atenção, os corpos dos super-heróis nacionalistas são constitutivos de um amplo (e racializado) corpo político com o qual estão alinhados (DITTMER, 2013, p. 47, tradução nossa).

O fato do corpo de Steve Rogers, Capitão América, ter sido fruto de um experimento com intenções políticas não por acaso tem a ver com a definição de “corpo político”. Essa analogia relaciona a formação política de um estado-nação com o funcionamento do organismo humano. “O corpo político naturaliza questões éticas e políticas como preocupações com a saúde e a preservação da vida de alguém legitimada sob quaisquer circunstâncias” (DITTMER, 2013, p. 25, tradução nossa).

Elizabeth Gagen (2004, p. 434, tradução nossa) defende que o nacionalismo se relaciona ao corpo através de uma aproximação com a forma simbólica, performativa, uma vez que o

---

<sup>30</sup> O tema da eugenia na sociedade americana do início do século XX é abordado pelas histórias em quadrinhos da *Marvel* na obra *Capitão América: A Verdade*, de Robert Morales e Kyle Baker. Nesta história revela-se que os primeiros experimentos que deram origem ao **Capitão América** foram feitos em um pelotão de soldados negros. Pessoas a cujos corpos as regras de soberania não asseguravam os mesmos direitos reservados às pessoas que correspondiam aos ideais de aparência daquela comunidade.

corpo “representa discursos de acordo com a circulação simbólica de atos e de práticas”. A autora destaca ainda o sentido eugenista da relação entre corpo e nacionalismo: no início do século XX existia uma preocupação com a educação física de garotos e garotas, que evitaria que estilos de vida urbanos e modernos prejudicassem sua vitalidade e enfraquecessem a índole nacional. Essa segunda relação ecoa à preocupação do franzino Steve Rogers em sua inadequação em servir às forças armadas na defesa dos Estados Unidos.

O corpo do super-herói nacionalista também traz em seu bojo relações entre visões de gênero e de ações políticas:

Numa leitura generificada da cultura de segurança nacional, é a nação ‘suave’ e feminizada que deve ser protegida pelo estado ‘duro’ e masculino. Entre as implicações do termo problemático estado-nação é a fusão heteronormativa do masculino e do feminino funcionando como base da concepção moderna das relações internacionais. [...] Da mesma forma que o *cowboy* serve como uma fonte masculina para uma ordem (racial) na fronteira do oeste, protegendo uma ‘civilização’ feminizada em regiões além do alcance do estado, os super-heróis funcionam como uma barreira entre as populações urbanas vulneráveis e feminizadas e a caótica selvageria dos criminosos e supervilões. *Cowboys*, super-heróis e a segurança nacional podem cada um ser imaginados espacialmente como um corpo ‘duro’ protegendo as nações fracas e feminizadas de ameaças externas (DITTMER, 2013, p. 28, tradução nossa).

Em seu ensaio sobre o nacionalismo, George Orwell (2022), acredita que essa mentalidade difere do patriotismo. Patriotismo é entendido pelo autor como uma devoção a um determinado lugar e um determinado modo de vida, considerado pelo patriota o melhor do mundo, mas que não é imposto aos demais. É defensivo em termos militares e culturais. Já o nacionalismo, para Orwell, não pode ser dividido do desejo de poder, já que todo nacionalista deseja obter mais poder e prestígio, que vai além de si mesmo, mas para a nação ou unidade de grupo ao qual decidiu se identificar com. Trata-se de uma mentalidade que reflete basicamente em termos de comparação e competição. O nacionalista não deseja se aliar ao lado mais forte da contenda, mas ao ter escolhido seu lado, se convence de que esse é o mais forte e pelo qual lutará mesmo com fatos sendo apontados esmagadoramente contra essa pessoa. “O nacionalismo é a sede de poder temperada pelo autoengano. Todo nacionalista é capaz da mais flagrante desonestidade, mas tem também - pois pensa servir a algo maior do que ele próprio - a certeza inabalável de estar correto” (ORWELL, 2022, p. 118)

Para Dittmer (2013) tanto a construção narrativa e dos super-heróis quanto a identidade de uma nação são desenvolvidas através do esforço de projetos diversos, de muitos autores, gerando uma expansão exponencial de seu conjunto de narrativas. Essas narrativas também possuem seus policiais de fronteira, exércitos de fãs que investem pesadamente na continuidade dessas histórias. Para o autor, o corpo do super-herói nacionalista serve como uma unidade para

a nação e como um lembrete de que o estado está protegendo a nação, ao mesmo tempo que comprime a diversidade desse espaço na representação de um corpo de gênero e raça específicos. Esse tipo de representação, seja daqueles que são definidos como aliados, como aqueles que são tidos como ameaças, toma a forma de técnicas visuais que marcam o que pertence a “nós” e o que pertence a “eles”, como muitas capas dos *comic books* da Segunda Guerra Mundial faziam.

O viés racial presente nos quadrinhos desta época provê exclusões de duas ordens: em primeiro lugar, sacraliza como condição para performance super-heróica o corpo (via de regra masculino, branco e forte); em segundo lugar, ao representar nessas histórias apenas pessoas brancas, segmenta racialmente os indivíduos sobre os quais uma história merece ser contada. Dessa forma, sedimentam-se fronteiras de soberania em torno dos indivíduos que são relevantes para o estado-nação, de modo que os demais grupos que não correspondem a esse padrão, quando chegam a estar presentes nestas histórias são apresentados como inimigos, caricaturas, ou na melhor das hipóteses, elementos de figuração. Ao mesmo tempo, outros elementos indicativos de posições sociais são invisibilizados ou instrumentalizados sub-repticiamente na divisão “nós/eles” conforme os interesses da narrativa dominante sobre o estado-nação: etnia, religião, classe, ocupação, sexualidade, habilidade, capacitismo, idade, origem geográfica, entre outras.

#### 2.4 O MITO DO SUPER-HERÓI AMERICANO

A abordagem do universo dos super-heróis como uma espécie de mitologia moderna é bastante difundida entre seus estudiosos (REYNOLDS, 1994; KNOWLES, 2008; BAHLMANN, 2016). Esse pensamento se desenvolveu a partir do conceito de monomito elaborado por Joseph Campbell (1998; 2009) para descrever a estrutura comum às narrativas sobre heróis míticos: a jornada do herói. Através de variações culturais e históricas, o monomito se perpetua nas sociedades humanas através dos arquétipos do inconsciente coletivo, elementos da teoria psicanalítica de Carl Gustav Jung, em quem Campbell fortemente se baseou. Para autores como Reynolds (1994) e Coogan (2006), as narrativas de super-heróis seriam formas do monomito por apresentarem uma estrutura comum, principalmente no que se refere às suas histórias de origem, que também explicam sua missão e visão de mundo.

Para além dos quadrinhos de super-heróis, a jornada do herói orientou as histórias de outros produtos culturais como filmes da franquia *Star Wars*, de George Lucas, e diversas produções da *Pixar*, bem como livros da série *Harry Potter*, de J. K. Rowling, posteriormente

adaptados para filmes e demais elementos de *franchising*. Todos esses produtos compõem a cultura pop, da qual os quadrinhos de super-heróis e seus derivados também fazem parte. Como expõe Terrence R. Wandtke (2012), a mitologia dos super-heróis permite que seu público identifique a dinâmica cultural de uma forma mais imediata que em outras mídias impressas. Isso se deve à semelhança das narrativas dos super-heróis com a tradição oral dos mitos: a produção e condução das histórias por múltiplos atores e a remixagem relativa à repetição através do tempo, que colocam o ponto de sustentação dos personagens em um imaginário compartilhado mais do que em uma autoridade autoral.

Em seu ensaio sobre *O mito, hoje*, o semioticista Roland Barthes (2001, p. 139) enuncia que “o mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela forma como se profere”. Assim, para ele, a característica fundamental do mito era a possibilidade de ser apropriado. Nesse sentido, também os super-heróis podem ser apropriados em diferentes tempos e culturas, adaptados às necessidades de quem os manipula, a partir da repetição de alguns de seus componentes básicos.

Em seu ensaio seminal *O mito do Superman*, Umberto Eco (2001) examina as histórias em quadrinhos do Superman. Ele compara esse tipo de narrativa com os mitos porque elas produzem um clima onírico que suspende o tempo interno da história, de modo que o Superman e os demais super-heróis não evoluem e se mantêm como fórmulas pré-prontas. O personagem mitológico das histórias em quadrinhos precisa ser um arquétipo imobilizado de modo a ser facilmente reconhecível em sua veiculação em mídias de massa seriadas, condição que o autor denomina de consumismo inconsumível. Segundo esse entendimento, a aceitação do Superman estaria ligada a inserção de suas características de mito intemporal em um cenário contemporâneo ao de seu público, compartilhando de seus elementos cotidianos.

O ensaio de Eco (2001) foi escrito em 1972 e, desde então, tem recebido diversas críticas de estudiosos dos quadrinhos e dos super-heróis. Marc Singer (2018) aponta que a noção de “consumismo inconsumível” dos super-heróis pode ser contestada em função da forma como funciona a continuidade contemporânea das histórias em quadrinhos de super-heróis<sup>31</sup>. Um bom exemplo de dinamismo na apresentação dos super-heróis é o dispositivo da passagem de manto que ocorre nas revistas em quadrinhos de vários desses personagens<sup>32</sup>. Em sua crítica aos usos

---

<sup>31</sup> Esse fenômeno também se observa nas outras mídias em que os super-heróis são representados na contemporaneidade, como as narrativas dos filmes incluídos nos universos cinemáticos da *Marvel* e da *DC Comics*.

<sup>32</sup> O mais recente acontecimento desse tipo foi a passagem do manto do Superman. Clark Kent incumbiu seu filho, Jonathan Kent, de tomar seu lugar como protetor da Terra, enquanto partia para o espaço sideral a fim de debelar ameaças à existência galáctica.

e abusos do ensaio de Eco, desconsiderando sua historicidade, Singer (2018, p. 55) atesta o seguinte sobre o emprego da teoria do consumismo inconsumível:

Essas práticas agora incluem vários universos de histórias espalhados por diversas formas de mídia, inúmeras reiterações do mesmo punhado de populares personagens, e uma série aparentemente interminável de *resets* e *reboots* de continuidade, a maioria dos quais toma a própria continuidade como seu assunto principal. Discutivelmente, os quadrinhos estão mais hiperconscientes do que nunca, tanto que esta observação migrou de estudos culturais e de mídia para outros, disciplinas de mentalidade mais formal, como a narratologia.

Esse tipo de diferenciações em relação ao monomito básico conceituado por Campbell (1998) levou John Shelton Lawrence e Robert Jewett (2002) a desenvolverem o conceito de monomito americano para caracterizar as narrativas heroicas da cultura estadunidense, aí incluídos os super-heróis. O monomito americano se diferenciaria do monomito clássico ao destacar contos de redenção em relação a ritos de iniciação.

Ele seculariza os dramas judaico-cristãos de redenção comunitária que emergiram no solo americano, combinando elementos de um servo abnegado que fornece impassivelmente sua vida aos outros e é o cruzado zeloso que destrói o mal. Os super salvadores da cultura pop funcionam como substitutos para a figura do Cristo, cuja credibilidade foi erodida pelo racionalismo científico. Mas suas habilidades superhumanas refletem uma esperança divina, poderes redentores que a ciência nunca erradicou da mente popular (LAWRENCE; JEWETT, 2002, p. 6-7, tradução nossa).

De acordo com os autores, o monomito americano se compõe de uma perspectiva maniqueísta dada pela própria constituição da sociedade dos Estados Unidos, cristalizada no processo de justificação da dominação dos estadunidenses sobre outros povos a partir de uma percebida superioridade moral.

O monomito americano oferece vigilantismo sem desregramento, repressão sexual sem a perversão resultante, e a infalibilidade moral sem o uso do intelecto. [...] Ele permite aos americanos uma terra de fantasia sem ambiguidades a nublar a visão moral, em que o império maligno dos inimigos é facilmente discernível, e onde se pode vicariamente (através da identificação do super-herói) desbaratar o mal antes que ele os alcance (LAWRENCE; JEWETT, 2002, p. 47-48, tradução nossa).

Essa característica está presente em toda a cultura estadunidense, de modo que as narrativas super-heróicas não são a causa dessa maneira de pensar, mas um produto desse pensamento que é hoje difundido massivamente para além das fronteiras dos Estados Unidos. Esses produtos, de propagação transnacional, podem inclusive trazer narrativas construídas em torno da ruptura violenta de fronteiras nacionais. Nesses casos, há um conteúdo de violência simbólica, cultural e, em algumas situações, até mesmo física, como reflexo da violência visual

difundida através do monomito americano. Para Eco (2001, p. 275), a violência presente nos quadrinhos de super-heróis faz parte de um projeto pedagógico que encontra sua justificativa na “reprovação terminal do mal e no triunfo dos honestos”, conquistada através das lições de moral presentes nessas narrativas, em que, de forma indefectível, os super-heróis sempre vencem. A violência é um fator intrínseco desse tipo de narrativa, especialmente na forma que o teólogo Walter Wink (1998) caracterizou como mito da violência redentora. Esse dispositivo narrativo traz um enredo que privilegia a vitória da ordem sobre o caos através de meios violentos. O autor acredita que esse tipo de dispositivo não é exclusivo das histórias de super-heróis, mas que permeia as forças mais dominantes e destrutivas da cultura ocidental.

A questão da violência no monomito também é tematizada em abordagens que criticam a proposta da jornada do herói por sua incapacidade de lidar adequadamente com o protagonismo de mulheres e problematizar questões de gênero. Autoras como Maureen Murdock (2022) e Victoria Lynn Schmidt (2001) propuseram versões femininas desse modelo como jornadas de heroínas. A crítica de Marie Tatar (2021) aponta a necessidade de considerar as narrativas dos contos de fadas com protagonismo feminino. A autora considera que, devido a sua tradição oral, esses contos foram menos modelados pela cultura impressa, guardando maior proximidade em relação a sua versão original onde mais se preservam seus elementos brutais e violentos. Tatar (2021) atesta que a tônica dessas narrativas é apresentar as mulheres ao conhecimento íntimo da violência masculina e ao potencial feminino de transgressão sexual. A leitura dessas críticas permite considerar que o monomito contém sentidos de reprodução da dominação masculina, sendo ela também uma violência estrutural naturalizada nos processos de integração cultural.

Esse processo de transmissão e conservação seria facilitado pelo mito, uma vez que, na perspectiva de Barthes (2001, p. 131), nesse tipo de narrativa, “o sentido já está completo, postula um saber, um passado, uma memória, uma ordem comparativa de fatos, de ideias, de decisões”. Haveria assim uma sequência de transposições entre mito e vida, em que

A violência a que nos submetemos aumenta quando um sistema mítico, intacto, embora talvez sem acompanhamento, canaliza um impulso agressivo e de frustração em caminhos destrutivos. A violência mítica sugere a sua audiência a possibilidade de conquistar uma forma negativa de integração através de retribuição zelosa. Pode até mesmo emitir convites para encenar o comportamento retratado na narrativa mítica (LAWRENCE; JEWETT, 2002, p. 107, tradução nossa).

Os autores abordam esse tipo de impacto das narrativas míticas na sociedade a partir do chamado Efeito Werther. Esse fenômeno tem essa denominação com base na onda de suicídios de jovens na Europa desencadeada pela publicação do livro *Os sofrimentos do jovem Werther*,

de 1774, de Johann Wolfgang von Goethe, cujo protagonista, sofrendo de amor, decide se suicidar. Lawrence e Jewett (2002, p. 10, tradução nossa) definem o Efeito Werther como o processo pelo qual “um artefato entra na arena da cultura popular e assume sua própria existência na imaginação dos fãs, quando um processo poderoso, embora elusivo, começa”. Para os autores, este efeito “incorpora caracteristicamente a redefinição da fronteira entre fato e fantasia” (LAWRENCE; JEWETT, 2002, p. 10, tradução nossa), um fator que se torna importante em todos os âmbitos desta pesquisa.

Para interpretar os padrões que conectam a imagética mitológica às interações sociais por parte dos públicos que a consomem, Lawrence e Jewett (2002) caracterizam alguns processos:

- **Seletividade mítica:** quando um artefato define a realidade factual em uma dada situação. Nela, a audiência aceita detalhes seletivos porque alguns detalhes se encaixam a um paradigma mítico;
- **Massagem mítica:** quando se assume que as audiências irão completar as lacunas entre mito e realidade. “Complexos problemas sociais são organizadamente resolvidos com um simples gesto; imbricadas relações humanas são decifradas e resolvidas; o mal é eliminado com um único golpe heroico” (LAWRENCE; JEWITT, 2002, p. 116, tradução nossa). Contudo, nem sempre as audiências conseguem discernir entre mito e realidade. De toda forma, a massagem mítica é uma ação impossível na vida real; e
- **Convite à emulação** ou o **Convite Werther:** é a internalização dos padrões de comportamento apresentados nos mitos, quando se participa vicariamente deles, reproduzindo seus métodos em situações da realidade.

O uso desses processos míticos de forma oblíqua está, por exemplo, na mimetização dos feitos do anti-herói alçado ao super-herói Justiceiro. Criado por Gerry Conway, Ross Andru e John Romita em 1974 como um inimigo do Homem-Aranha, Frank Castle se tornou o vigilante conhecido como Justiceiro depois de ter a família morta violentamente pela máfia, jurando exterminar todo e qualquer criminoso. Assim como o Batman, foi o trauma que definiu este personagem, além da violência que o fuzileiro naval dos Estados Unidos sofreu na Guerra do Vietnã, que o deixou perturbado mentalmente. Justiceiro é impiedoso contra aqueles que ele considera criminosos, tortura e mata, ignorando a noção de que, praticando tais feitos, ele também se torna um fora-da-lei.

Contudo, inspirado no filme *Desejo de Matar*, de 1974, o Justiceiro ganhou uma minissérie chamada Justiceiro: Círculo de Sangue, por Steven Grant e Mike Zeck, em 1986, que apresentava não apenas Frank Castle como protagonista, mas como uma espécie de herói.

Ao fazer isso, a audiência pratica a seletividade mítica, entendendo que um personagem de moralidade dúbia pode ser herói. Além disso, os produtores da minissérie acreditavam que sua audiência poderia entender a mensagem mítica produzida pelo desejo de redenção do Justiceiro, ao mostrar que a morte dos criminosos é a solução definitiva dos problemas sociais. Esta ideologia, já bastante difundida na sociedade estadunidense e global, tornou o Justiceiro um sucesso, tendo estrelado já três filmes para o cinema, em 1989, 2004 e 2008, e uma série de *streaming* produzida pela Netflix (2017-2019).

Não apenas presente no audiovisual, mas no *merchandising*, o Justiceiro é facilmente reconhecível pelo símbolo da caveira que usa em sua camiseta, artigo de vestuário muito utilizado pelos fãs do personagem. Esse símbolo também foi utilizado por policiais como uma resposta ao movimento *Black Lives Matter*, associado ao contramovimento *Blue Lives Matter*. Os dois movimentos são resultantes da brutalidade policial no caso de George Floyd que foi asfixiado até a morte pelo policial Derek Chauvin em Minneapolis, no dia 25 de maio de 2020. Cada um dos movimentos carrega a sua simbologia. No caso do *Blue Lives Matter*, o símbolo escolhido foi a caveira da camiseta do Justiceiro (CARASCONE, 2020), como se pode conferir abaixo:

Figura 23 – Linha de vestuário do Justiceiro da Thin Blue Line Inc.



Fonte: Thin Blue Line Inc.

Depois da grande polêmica gerada pelo uso oblíquo dos símbolos do Justiceiro por policiais, inclusive no Brasil, a editora *Marvel Comics* colocou a série de revistas em quadrinhos do personagem em hiato. O mecanismo da utilização do símbolo e das práticas de comportamento do Justiceiro por policiais ao redor do mundo tem reflexo no mecanismo do convite à emulação ou o Convite Werther, em que as ações distorcidas e justificadas na fantasia

são praticadas na realidade a fim de encontrar um parâmetro que eleve as condições de existência a feitos heroicos próprios do monomito americano.

Segundo Barthes (2001), o mito, como fala, serve para deformar e ocultar o que já existe. Os mitos são roubados e restituídos, ou apropriados e ressignificados direcionados a uma determinada motivação, processo afim ao experimentado por memes digitais e nas dinâmicas meméticas em geral. Como vimos no caso do Justiceiro e do contramovimento *Blue Lives Matter*, “o mito prefere trabalhar com imagens pobres, incompletas, onde o sentido está diminuído, disponível para uma significação: caricaturas, pastiches, símbolos etc.” (BARTHES, 2001, p. 148). Os super-heróis servem a esse trabalho mítico uma vez que foram originados, já nas histórias em quadrinhos, como caricaturas morais da realidade, com uma simbologia muito própria, envolvendo vestuário, comportamento, parafernália e heráldica.

Nesse sentido, podemos entender como a moralidade e a ética dos super-heróis acaba sendo apropriada e retrabalhada por diversos segmentos ideológicos da cultura e da sociedade. Barthes (2001, p. 176) evidencia que “a mitologia é uma concordância com o mundo, não tal como ele é, mas como pretende sê-lo”. Não é de se surpreender que quando se fala de super-heróis, percebemos que o mesmo significado é reiterado diversas vezes. Força, segurança, poder, hegemonia, soberania, todos podem ser sinônimos. Isso demonstra que “o mito é uma fala excessivamente justificada” (BARTHES, 2001, p. 151).

Da mesma forma, as representações feitas nas narrativas de super-heróis são reiteradas idealizações da realidade, submetidas às leis de oferta e procura, inseridas em um círculo em que ao mesmo tempo produzem a cultura e são afetadas por ela. A moralidade dos super-heróis geralmente é uma dimensão desejada da realidade, enquanto que as forças destrutivas do capitalismo, e mais especificamente o neoliberalismo, analisadas adiante, são por diversas vezes atenuadas e desconsideradas nessas narrativas míticas.

## 2.5 A SUPERINDÚSTRIA DO IMAGINÁRIO E AS QUESTÕES DE FLUXO DE SENTIDOS DOS SUPER-HERÓIS

Esta pesquisa compreende os super-heróis como produtos de uma indústria cultural atrelados a lógicas de consumo e de uma cadeia mítico-semiótica que facilita seu entendimento. Nessa direção, entende-se como indústria cultural a produção em massa e industrializada de bens culturais que interferem no comportamento e no cotidiano do consumidor dessas obras, uma acepção criada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, da Escola de Frankfurt. Dentro do funcionamento dessa indústria, existem lógicas de consumo, que mobilizam o público em

direção ao aumento do lucro dos produtores desse conteúdo e a manutenção do pensamento dominante.

Por cadeia mítico-semiótica entende-se como um fluxo de sentidos, marcados por disputas de territorialidades semióticas. Funciona de forma encadeada porque ao mesmo tempo se preservam determinadas características basilares de tramas e personagens referente aos mitos, enquanto novos e diversos significados servem como camadas que recobrem esses mitos gerando novas semioses. Este entendimento tem um funcionamento semelhante ao da oralidade, pois como bem aponta Terrence R. Wandtke (2012, p. 23, tradução nossa), “a ideia da indústria cultural de super-heróis como cultura oral demonstra como os super-heróis dos quadrinhos funcionam tanto como mito como *commodity*, e como as duas ideias não são diametralmente opostas como seu significado parece ser”.

Na esfera cultural, os quadrinhos e outros produtos relacionados aos super-heróis costumam ser classificados como componentes da baixa cultura, por serem de fácil entendimento e por serem industrialmente reproduzidos aos milhões, sem aura, sem hermetismo e sem relação com os códigos das elites. Essas condições de produção e consumo, organizadas segundo a lógica de uma indústria da cultura, insere-os no conjunto da cultura pop, em que também se destaca seu elemento midiático (SOARES, 2015). Sua capacidade de propagação conecta elementos identitários ultrapassando fronteiras, ao mesmo tempo que permite a ressignificação de seus conteúdos. Essa dinâmica reposiciona os elementos tidos como pertencentes a um determinado contexto cultural: “como uma membrana elástica, o pop remodela e reconfigura a própria ideia de cultura popular ao fazer propagar através da cultura midiática expressões culturais de ordem diversas como filmes, seriados, músicas e quadrinhos” (JANOTTI JÚNIOR, 2015, p. 45).

Eugênio Bucci (2021) utiliza o termo superindústria do imaginário para demonstrar como o capitalismo fabrica valores imagéticos potencialmente utilizados como mercadorias, principalmente em tempos de digitalização, em que imagens são moeda de troca. Os super-heróis são produtos culturais apoiados essencialmente em imagens. Essa relação foi potencializada a partir da proliferação de filmes de super-heróis nas últimas décadas, que tornou suas imagens mais presentes e abriu novos espaços para *merchandising*. Esse impulso significou inclusive um reforço de sua popularidade e seu consumo entre os públicos de fora de seu país e sua cultura de origem. A importância econômica de atingir um mercado maior, internacional, tem também implicações na dimensão criativa:

Como qualquer outra *commodity* que circula num mercado global, a marca do super-herói precisa trazer uma combinação do que é familiar e de uma nova ordem para se manter na moda e, por conseguinte, rentável. Ainda que, obviamente, não haja nada de novo na importância de *commodities* lucrativas no capitalismo, as formas de criação e circulação de valor mudaram na era globalizada e desregulada do neoliberalismo (HASSLER-FOREST, 2012, p. 22, tradução nossa).

O conteúdo das narrativas de super-heróis, porém, não é determinado apenas por estratégias de acesso a novos mercados. Ele sofre influência fundamental do contexto político que marca a cultura da sociedade em que é originado. Dentro da superindústria do imaginário os conglomerados possuidores dos direitos autorais dos super-heróis se servem de seu repertório para intervir no fluxo simbólico de modo a disseminar seus valores e sua visão de mundo. Os personagens podem ser moldados de acordo com as conveniências da mídia específica e do contexto de mercado cultural em que são necessários.

Os filmes de super-heróis ganharam força na década de 2000, um período marcado pelo atentado em que forças estrangeiras derrubaram o World Trade Center, ícone da pujança econômica estadunidense. Um dos fatores que levaram a essa popularização foi a ênfase do povo estadunidense como vítimas de um trauma, seguido por uma ideia de difícil sobrevivência, para chegar então à transcendência como heróis míticos. Essa tendência se tornou mais forte a partir de então, misturando vitimização com heroísmo para demarcar que indivíduos poderiam ser considerados verdadeiros estadunidenses e se espalhou pela cultura popular, criando um caldo cultural propício para a proliferação dos filmes de super-heróis (HASSLER-FOREST, 2012). Dessa forma, os filmes de super-heróis se difundem como mercadoria e como propaganda do modo de vida americano, reforçando ao mesmo tempo a posição dos Estados Unidos como líder da indústria cultural e autoridade moral na composição de modelos de conduta.

O poder unificador do imaginário social é assegurado pela fusão entre verdade e normatividade, informação e valores, que é operada por e pelo simbolismo. Assim, por exemplo, as representações que legitimam um poder informam sobre sua realidade e a atestam; conseqüentemente, constituem-se em tantas exortações para respeitá-lo e obedecê-lo (BACZKO, 1999, p. 30, tradução nossa).

A afirmação dessa posição se dá, entre outros recursos, por um processo de reiteração de suas imagens, com adequações necessárias à sua recontextualização, mas preservando os sentidos fundamentais. Ou seja, as mesmas histórias são recontadas através de roupagens diferentes, em diferentes mídias e em diferentes contextos espaço-temporais. Os filmes de super-heróis vêm se utilizando desse consumo inconsumível, nos termos de Eco (2001). Esse tipo de ação começou a ser estabelecida quando foi criado o *Marvel Studios*, com o filme

*Homem de Ferro*, de 2008. estabelecendo, assim, uma ligação entre todas as narrativas cinemáticas da franquia.

Figura 24 – A reunião entre três atores que interpretaram o Homem-Aranha, reprisando o famoso meme da internet. Da esquerda para a direita: Tobey Maguire, Tom Holland e Andrew Garfield



Fonte: Divulgação/Marvel Studios/Disney.

Um bom exemplo do uso dessa continuidade revisionista - uma forma de avançar e reescrever a narrativa aproveitando de elementos utilizados em outras versões de um mesmo personagem - nos cinemas é o filme *Homem-Aranha: Sem volta para casa*, de 2021. Nele se encontram três atores que representaram versões do personagem Homem-Aranha nos cinemas: Tobey Maguire, de 2002, Andrew Garfield, em 2012 e Tom Holland, em 2016. O filme apresenta um roteiro que, ao possibilitar uma releitura das histórias pregressas, abre caminho para que novas histórias se utilizem de outros filmes de personagens da *Marvel* anteriores ao estabelecimento do *Marvel Studios*.

O processo de recriação e mixagem de filmes de super-heróis acaba por reafirmar a posição dos conglomerados que detêm seus direitos autorais como figuras dominantes na indústria cultural e no fluxo simbólico da sociedade globalizada.

Essas representações da realidade social (e não um simples reflexo dela), inventadas e feitas com materiais retirados do fluxo simbólico, têm uma realidade específica que reside em sua própria existência, em seu impacto variável sobre mentalidades e comportamentos coletivos, em múltiplas funções que exercem na vida social. Desta forma, todo o poder é cercado por representações, símbolos, emblemas etc., que legitimam, ampliam e precisam assegurar sua proteção (BACZKO, 1999, p. 8, tradução nossa).

Assim, a manipulação desses conteúdos permite renovar o consumo de mercadorias atreladas a um mesmo fornecedor ao retrabalhar um produto cultural com variações de peso, dramaticidade, ritmo e toda uma gama de elementos criativos em afinidade com as flutuações de sentidos que ocorrem entre uma edição e outra. A escolha de quais sentidos reforçar nos filmes é da alçada dos estúdios, produtores e diretores e não da mitologia do personagem ou ainda da atividade dos fãs, e pode servir para atender a outras agendas culturais, econômicas ou políticas.

## 2.6 O SISTEMA MÍTICO-SEMIÓTICO DOS SUPER-HERÓIS

O sistema mítico-semiótico dos super-heróis é um encadeamento de sentidos, em disputa ou não, que são renovados e reintegrados aos super-heróis de tempos em tempos, de acordo com a necessidade de quem engendra esses sentidos. O manipulador dos super-heróis, entretanto, não necessariamente é aquele que detém seus direitos autorais. Muitas vezes esses sentidos são modificados por atores que não fazem parte da indústria desses produtos culturais, como seu público de fãs em suas produções individuais, por exemplo.

A manipulação dos super-heróis em suas narrativas, reforçada por sua elasticidade como parte da cultura pop e pelas características orais que os aproximam da condição de mitos da atualidade, facilita que eles ganhem novos sentidos ao serem reapropriados em outros contextos culturais. Nesse ponto, os super-heróis adquirem características daquilo que Umberto Eco (2013) chamou de personagens flutuantes, indivíduos fictícios que, ao ganhar espaço no imaginário popular, acabam moldados de acordo com seus outros elementos, reconfigurados livremente conforme interesses de ocasião e sem compromisso com seu cânone. Esses personagens se tornam tão mais flutuantes quanto mais sua venda for promovida. Assim, personagens reiterados em diferentes mídias e artigos de *merchandising* se fazem presentes em muito mais mentes do que aqueles que são apresentados apenas em uma obra singular. Por isso, processos de remediação e transmídia ajudam a inflar essa característica.

Muitos personagens de ficção ‘vivem’ fora da partitura que lhes deu existência, e se mudam para uma zona do universo que achamos muito difícil delimitar. Alguns até mesmo migram de texto para texto, porque a imaginação coletiva, ao longo dos séculos, fez um investimento emocional nele, e os transformou em indivíduos ‘flutuantes’. Muitos vêm de obras de artes ou mitos, mas certamente não todos. Assim, nossa comunidade de entidades flutuantes inclui Hamlet, Robin Hood, Heathcliff, Milady, Leopold Bloom e o Superman (ECO, 2013, p. 87).

Quando os personagens se tornam flutuantes, também mais dispersas são suas características específicas, pois existirão diferentes versões deles tanto nas mídias tradicionais e nas mídias inovadoras, quanto nas mentes de fãs e público em geral. Essa identificação com o personagem também torna essa criação cultural uma propriedade. Ademais, a individualização de personagens do imaginário coletivo os torna universais e míticos. Ao mesmo tempo que permite com quem o consome, o possui.

O conceito de personagem flutuante pode ser aproximado da noção de texto mental. Segundo Peeter Torop (2004), esse termo descreveria uma estrutura abstrata textual persistente, porém mutável, que se mantém presente em um contexto cultural enquanto passa por transformações de sentido. Esta última concepção está inserida dentro da proposta da Semiótica da Cultura, uma vez que Torop é um dos discípulos de Lotman e o texto mental é caracterizado em consonância com a perspectiva de análise da semiosfera, com características fronteiriças e estruturadas, sendo construído de acordo com as mudanças da cultura e da memória coletiva.

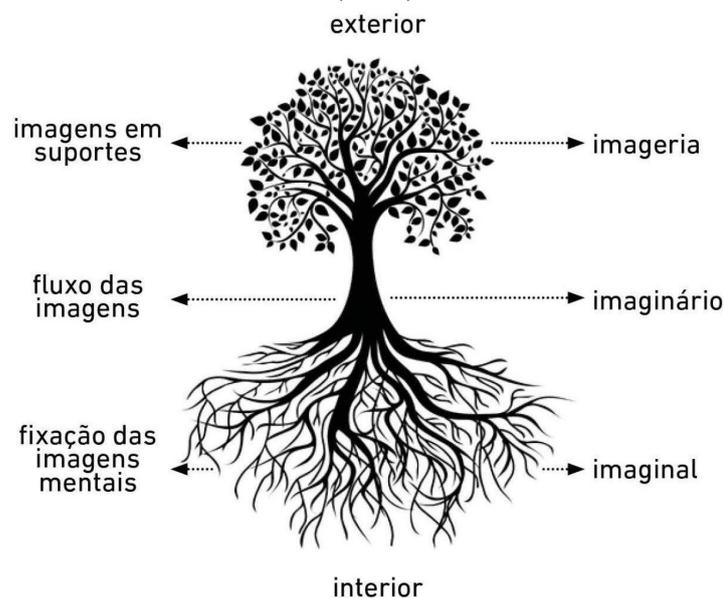
O próprio Lotman também descreve esse fluxo simbólico através de personagens nos textos da cultura. Para o autor, os elementos de um texto se classificam por seus elementos móveis e imóveis. “Os elementos imóveis do texto caracterizam as estruturas cosmológica, geográfica, social etc., do mundo: tudo que pode ser unido mediante o conceito ‘entorno do herói’. O ‘herói’ é o elemento móvel do texto” (LOTMAN, 1998, p. 70, tradução nossa). Lotman então classifica os heróis também como móveis e imóveis. Os heróis imóveis seriam aqueles ligados à estrutura da história e que têm um papel circunstancial. Já os heróis móveis são aqueles que desenvolvem uma jornada no texto e “encerram a possibilidade de destruir a classificação dada e afirmar uma nova ou de apresentar a estrutura não em sua essência, mas através de uma diversidade multifacetada de realizações” (LOTMAN, 1998, p. 70, tradução nossa). Dependendo da complexidade do enredo, o herói pode, em seu caminho, “cruzar a trajetória básica do modelo da cultura, assim como estar em movimento rumo a limites mais específicos” (LOTMAN, 1998, p. 85, tradução nossa).

Os super-heróis poderiam ser considerados textos mentais porque são dinamizados através de mudanças culturais que fazem com que seus sentidos, significados e conteúdos sejam modificados. Teriam características móveis quando apresentam a capacidade de romper modelos e status culturais, cruzando limites temporais ou espaciais. Eles persistem em diversos contextos culturais, desde os anos 1930 até a atualidade, das bancas de revista dos Estados Unidos à internet conectada globalmente, passando por hibridizações culturais que permitem que sejam adaptados para outras mídias e outros territórios geográficos.

Roland Barthes (2001) teoriza a existência de imagens à disposição com sentido aberto para que o ser humano as interprete e manipule ao seu prazer, como parte da cultura do espetáculo. Mas como essas imagens se desprendem de seus suportes gráficos e midiáticos e se tornam imagens mentais?

Para explicar esse movimento, é útil recorrer ao conceito de árvore de imagens do estudioso do imaginário Jean-Jacques Wunenburger (2018), segundo o qual a imagem de uma árvore seria uma metáfora para o trânsito das imagens na coletividade humana. As folhas seriam a comunicação da memória coletiva com o exterior, com os suportes das imagens no mundo real, nomeadas por Wunenburger (2018) como imageria. O imaginário, então, seria o tronco da árvore, onde ocorrem fluxos que nutrem toda a árvore e permitem a irrigação de conteúdo e, nesse caso, de significado, da mesma. Por último, temos o substrato imaginal, que são as raízes, onde se fixam as imagens mentais, o essencial que está representado na memória cultural coletiva.

Figura 25 – Esquema representativo da árvore de imagens de Jean-Jacques Wunenburger (2018)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para Wunenburger (2018), para cada etapa ou parte da árvore de imagens, cabe um tipo de estudo. A semiótica é a ciência que se ocupa do mundo externo, a imageria, as folhas da árvore. Wunenburger (2018) entende que o imaginário deveria ser estudado a partir da ordem de uma ciência do sonho e das ficções e a imageria seria tratada por ciências que estudam a arquetipização. A semiótica da cultura lotmaniana permitiria complementar a perspectiva do autor ao estudar todo o trânsito do sentido a partir da árvore de imagens, da copa às raízes.

Analisar esse trânsito levaria a entendimentos sobre como o poder é exercido através da manipulação de imaginários sociais, buscando as configurações das referências que os indivíduos acionarão para compreender como deverão estabelecer e viver suas existências.

O controle do imaginário social, sua reprodução, sua difusão e sua gestão garantem, em diferentes níveis, um impacto nos comportamentos e atividades individuais e coletivos, permite a canalização de energias e influenciar eleições coletivas em situações cujas saídas são tão incertas quanto imprevisíveis. Uma das funções do imaginário social consiste na organização e domínio do tempo coletivo no plano simbólico (BACZKO, 1999, p. 30, tradução nossa).

Nas produções culturais de massa, um ponto específico de atenção seriam as escolhas mais ou menos arbitrárias de determinadas representações, como aspectos específicos de super-heróis, para promover significados e práticas através de um fluxo simbólico. Portanto, é preciso entender os super-heróis a partir de seu movimento de circulação através de todas as partes da árvore das imagens. Super-heróis podem, portanto, ser entendidos como pertencentes tanto à imageria, ao imaginário e ao imaginal, uma vez que produzem um caminho da exterioridade para a interioridade e vice-versa, nutrindo a árvore de imagens de sentidos circulantes.

## 2.7 FRONTEIRAS MORAIS ENTRE SUPER-HERÓIS E SUPERVILÕES

Os movimentos da sociedade através da cultura podem modificar tanto os sentidos mais superficiais dos super-heróis quanto seus conteúdos definidores. Entre esses elementos estão aqueles que traçam a fronteira entre bem e mal, que pode se tornar bastante obscura conforme a narrativa. Em diversas histórias, seja nos quadrinhos, no audiovisual ou nos videogames, super-heróis se tornam supervilões e supervilões se tornam super-heróis ao modificar sua posição com atos em resposta a dilemas éticos e morais.

Conforme Urmson (1985), uma das características particulares dos super-heróis é assumir um dever extramoral que nem a sociedade, nem sua família, nem ninguém além dele mesmo impõe. Esse compromisso é adotado em relação à sociedade por causa de seus poderes extraordinários. Assim, ele assume uma responsabilidade maior do que a das pessoas comuns. O lema do Homem-Aranha, por exemplo, “com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”, implica que os deveres de um super-herói são maiores do que os de um homem comum, em razão dos poderes que detém.

Usualmente, o super-herói escolhe entre o que deve fazer, dada sua condição de herói, e seu bem-estar como ser humano, condições que normalmente se apresentam de forma separada. O super-herói sempre se vê na obrigação de moderar entre meios e

fins para fazer o que é mais justo em benefício da sociedade à qual pertence (BOLAÑO-PÉREZ, 2012, p. 41, tradução nossa).

O que diferencia super-heróis de supervilões é a predisposição moral para usar seus superpoderes para servir à sociedade. Eles assumem dois tipos de deveres: fazer de seus poderes algo útil e empregar esses poderes para ajudar os demais (BOLAÑO-PÉREZ, 2012). As narrativas apresentam esse auxílio como um elemento reativo, defensivo em relação à ação proativa dos supervilões, que desencadeiam a ação ao agir em benefício próprio e em detrimento dos demais (COOGAN, 2006). Os supervilões representariam então a liberdade de escolha e de vontade, enquanto os heróis seriam caracterizados pela repressão em favor da ordem estável das coisas (WEINER; PEASLEE; PRETTYMAN, 2020).

A. G. Holdier (2020, p. 4, tradução nossa) desenvolve uma diferenciação de espectros de identidade moral aplicada às personalidades de heróis e vilões:

Situada na confluência da psicologia com a ética, a identidade moral isola e considera os traços morais dentro de uma matriz multivariada da personalidade de um personagem para categorizar sua natureza moral geral ao avaliá-la tanto internamente pela autoconcepção reflexiva do personagem como externamente por suas ações e interações com os outros.

O autor desenha um quadro em que situa as definições de herói, vilão, anti-herói e antivilão. Para ele, “anti-heróis são personagens que agem moralmente, mas tipicamente por razões desconectadas de um sentido interno de honra; antivilões são suas contrapartes complementares, personagens que mantêm traços morais, mas que falham em colocá-los em prática” (HOLDIER, 2020, p. 7, tradução nossa).

Quadro 3 – Identidade moral segundo A. G. Holdier (2020)

<b>X</b>	<b>Age moralmente</b>	<b>Age imoralmente</b>
<b>Possui traços morais</b>	Herói	Antivilão
<b>Faltam traços morais</b>	Anti-herói	Vilão

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de A. G. Holdier (2020).

A oposição entre super-heróis e supervilões também funciona ao definir a condição de inimigo. Esse elemento narrativo pode ser acionado no imaginário social com fins políticos, contribuindo para a formação de significados e identidades com contornos maniqueístas. Denise D’Aurea Tardeli (2011) postula que a oposição “nós-eles” se concretiza no par herói-vilão, em que os primeiros defendem os valores morais da sociedade e os seguintes os transgridem. Nesse caso, o mal se apoia no conceito de delito, que pode tomar forma de um crime contra o coletivo.

Se os primeiros super-heróis nasciam lutando contra os nazistas, os atuais combatem o próprio presidente, acusando-o de trair os princípios básicos da nação, pois a mesma dinâmica social reescreve várias vezes a história dos super-heróis, adequando-os à mudanças culturais e políticas (TARDELI, 2011, p. 128).

A autora incluiu outros binômios como os de aliado-inimigo e superior-inferior como outros pares do nós-eles, herói-vilão e bem-mal. Nessa direção os conceitos do que é da ordem do bem e o que está ligado ao mal podem ser interpretados de formas diversas em grupos sociais diferentes ou dentro de um mesmo grupo em momentos distintos. Assim, que nas narrativas de super-heróis a caracterização dos nazistas como o “eles” principal sucedeu a dos comunistas durante o auge da Guerra Fria, dos terroristas após a queda das Torres Gêmeas e muitas vezes os inimigos foram os próprios super-heróis como no caso das histórias *Guerra Civil* e ou alienígenas disfarçados de aliados como em *Invasão Secreta*, publicadas originalmente em 2006 e 2008, respectivamente, pela *Marvel Comics*.

Assim, pode-se falar em fabricação de inimigos como um conjunto de processos articulatórios que constituem e organizam relações sociais. Esses processos de construção de identidade são parte da vida social, da retórica política, e do conflito internacional, mas eles também estão profundamente enraizados na maneira em que estruturamos as histórias que contamos (SOBERON, 2020). Também é possível tematizar sua contraparte, a fabricação de heróis, baseada em estruturas de simpatia, mobilizadas em estágios de envolvimento com o personagem através de fases de reconhecimento, alinhamento e aliança (SMITH, 1995). Conforme Lennart Soberon (2020, p. 71, tradução nossa), “cultos de heróis e imagens de inimigos estão entre os mais efetivos instrumentos em conjunto com condições demagógicas fazem com que o povo aceite guerras e aguente injustiças”.

A construção do inimigo foi uma estratégia utilizada pelo bolsonarismo para ganhar espaço e angariar apoio. Ao mesmo tempo, o culto ao herói também serviu como ferramenta para enaltecer a figura de Jair Messias Bolsonaro, ajudando a alçá-lo à presidência da República. Tudo na forma de pensar bolsonarista parece visar o desenvolvimento de um pânico moral, conforme as teorias desenvolvidas por Stanley Cohen (2011) ao analisar as constantes alterações entre as tribos *mods* e *rockers*, no Reino Unido dos anos 1950. Para Cohen, o pânico moral é um estado de alarme generalizado e coletivizado, motivado por acontecimentos e entendimentos que causam uma disrupção no cotidiano do público. Esse pânico moral seria insuflado pelos meios de comunicação. Na análise de Cohen, os jornais, as revistas e a televisão, enfim, o jornalismo em geral da época que, ao discutir exaustivamente esses temas, desenvolve um sentimento de insegurança na população. Ao mesmo tempo em que o pânico moral cresce, a mídia e o público escolhem seus demônios populares (*folk devils*) que seriam a encarnação

daquele sentimento de pavor e que somente debelados poderiam acabar com o estado de alarme em que a comunidade se encontra.

Alguns exemplos de pânico moral no discurso do bolsonarismo são as disseminações das *fake news* do “kit gay” e da “mamadeira de piroca”. Seu objetivo era fomentar o temor de uma alegada doutrinação por parte de lideranças de esquerda na construção de uma agenda rotulada como “ideologia de gênero”. A proposta dessa pregação seria convencer as crianças a se tornarem feministas ou LGBTQIAPN+, abalando assim a família tradicional brasileira como base da sociedade (VISCARDI, 2020).

O bolsonarismo também se utilizou largamente das plataformas digitais para divulgar *fake news* e pânico moral para fabricar os inimigos desse movimento. Ao mesmo tempo em que o bolsonarismo criou “demônios populares”, também deu origem aos “heróis populares” que os combatem. Um dos primeiros heróis do bolsonarismo foi o ex-juiz Sérgio Moro, que encarcerou Luiz Inácio Lula da Silva e o impediu de concorrer nas eleições de 2018. Mas essa concepção se estendeu para Jair Bolsonaro e outros aliados que seguem sua mentalidade.

Não obstante, em uma pesquisa realizada em 2018, pela plataforma de pesquisa *YouGov*, e que não se repetiu nos anos posteriores, apontava Sérgio Moro como o homem mais admirado do país naquele ano, com 13% das respostas dos entrevistados. Outras figuras masculinas ligadas à política que foram elencadas naquele ano foram Barack Obama, em segundo lugar com 11,60% dos votos; Lula, em sétimo lugar, com 4,7%; Jair Bolsonaro, em 13º lugar, com 2,8% das escolhas; e Donald Trump na 18ª colocação com 1,6% dos votos do público da pesquisa (WAINBERG, 2021).

Como estabelecem Flinders e Woods (2015), os políticos têm sido tradicionalmente identificados como uma “barricada moral” e o sistema democrático atual tem presenciado um ciclo de expectativas heróicas, em que se dão através de explosões e implosões, fazendo com que a imagem dos políticos alterne entre “heróis populares” e “demônios populares”. Esses ciclos maniqueístas dos políticos denotam a fragilidade da democracia. Davis (1986) traz à discussão que quando os limites morais passam por reavaliação ou revisão por ataques, por exemplo na esteira de um tipo de revolução, a incerteza moral pode levar a grande ansiedade ou “pânico moral” e exigir uma reafirmação ou redefinição dos limites morais.

Pensando no caso dos super-heróis apropriados pelo bolsonarismo, os temas das fronteiras ou das barricadas morais tomam ênfase quando Jeffrey A. Brown (2011, p. 78) aponta que “em essência, o gênero super-heróis trata sobre fronteiras [...] Plots específicos são quase irrelevantes, o que os super-heróis promulgam repetidamente para os leitores é um policiamento de fronteiras entre conceitos-chave da cultura: bem e mal, certo e errado, nós e eles”. Portanto,

super-heróis e políticos são os guardiões da moralidade, que separam o bem do mal na sociedade.

Flinders e Woods (2015), estabelecem um processo contrário, mas intrínseco à demonização e a criação dos demônios populares durante períodos de pânico moral. Para eles, a identificação de políticos como heróis populares cria um processo de deificação em épocas de euforia moral, promovendo um espelhamento do processo definido por Cohen. Os dois processos são catalisados pela grande mídia e pelas plataformas digitais. As definições destes processos e seu espelhamento podem ser verificados na figura a seguir:

Figura 26 – Dos demônios populares aos heróis populares: desenvolvimentos da imagem espelhada

<b>Teoria</b>	<b>Pânico Moral:</b> a manifestação momentaneamente intensa, desproporcional e dramática de choque, ansiedade e ódio em uma sociedade preocupada com o presumido desvio moral dos “demônios populares”.	<b>Euforia Moral:</b> a manifestação momentaneamente intensa, desproporcional e dramática de alegria, alívio e esperança em uma sociedade preocupada com o comportamento justo dos “heróis populares”.
<b>Conceito</b>	<b>Demônios Populares:</b> o agente da preocupação social (do grupo, da comunidade, do indivíduo) que é temido pela sociedade devido ao presumido desvio moral de seu comportamento.	<b>Heróis Populares:</b> o agente da preocupação social (do grupo, da comunidade, do indivíduo) que é amado e mantido em reverência pela sociedade devido à presumida fortaleza moral de seu comportamento.
<b>Processo</b>	<b>Demonização:</b> o processo de simbolização, enquadramento e comentário discursivo através do qual certos agentes se tornam associados com qualidades quase diabólicas.	<b>Deificação:</b> o processo de simbolização, enquadramento e comentário discursivo através do qual certos agentes se tornam associados com qualidades quase divinas.

Fonte: Flinders e Woods (2015, p. 644, tradução nossa).

Dessa forma, se por um lado a euforia moral é provocada pelo cinema que lota as salas de cinemas com os mais diferentes tipos de filmes de super-heróis e a mídia informativa tradicional divulga fatos e dados que instigam o pânico moral, tudo isso é ampliado através das plataformas digitais em que os memes são alguns de seus componentes. Os memes, assim como outros conteúdos gerados pelos usuários (CGUs) ajudam a potencializar os processos de demonização e deificação de figuras políticas através da apropriação de imagens de super-heróis e supervilões, auxiliando na sua transformação seja em heróis populares ou em demônios populares. No contexto da moralidade, para além dos super-heróis e supervilões, é preciso pensar na figura que se encontra entre eles: a vítima.

O herói implica uma vítima a ser salva. A vítima, por sua vez, deve se sentir e se posicionar como um corpo fraco a espera de um corpo forte que pode simplesmente ser o do homem branco de paletó e gravata. A humilhação é apresentada como se fosse um bem, seu papel é restabelecer a ordem do sistema de violência que deve ser interiorizado pelas pessoas como se ele não fosse a sua desgraça (TIBURI, 2021, p. 38).

O papel da vítima é uma articulação que tem consequências poderosas na emergência do bolsonarismo. O vitimismo, o ressentimento e a nostalgia, que têm laços com o estudo dos super-heróis serão abordados com mais propriedade no capítulo sobre o bolsonarismo. No capítulo seguinte situio como a Semiótica da Cultura é definida e suas relações com a memória e a cultura.

### 3 SEMIÓTICA DA CULTURA E A SEMIOSFERA

*Yo no sé de dónde soy  
 Mi casa está en la frontera  
 Y las fronteras se mueven  
 Como las banderas  
 Que el mundo está como está  
 Por causa de las certezas  
 La guerra y la vanidad  
 Comen en la misma mesa*  
**Jorge Drexler – Frontera (1999)**

Retomando a ideia da árvore de imagens de Wunenburger (2018) abordada no capítulo anterior, é possível considerar como as imagens externas dos super-heróis se tornam parte do imaginário, da cultura. Tal fenômeno se dá mediante processos da memória que são acionados em um duplo fluxo de representação de imagens materiais em imagens metáforas. Dessa forma, os super-heróis são internalizados e passam a tomar parte da vida cotidiana dos indivíduos.

Para Iuri Lotman (1978), figura central da Semiótica da Cultura e da Escola de Tártu-Moscou, a memória é sinônimo de cultura. Neste capítulo, apresento algumas definições e contribuições da Semiótica da Cultura para este estudo. A análise proposta nesta tese se dará sobre a dimensão cultural das imagens de super-heróis apropriadas pelo bolsonarismo, reforçando sentidos de masculinidade dominante. Não pretendo investigar características imagéticas, àquelas próprias da digitalização e da plataformização ou como memes da internet, embora algumas noções advindas da memética venham a ter grande importância nesta parte do estudo.

Assim, como coloca Roberto Marafioti (2022, p. 32, tradução nossa): “reconstruir o código de uma cultura não significa explicar todos os fenômenos dessa cultura, mas expor melhor por que essa cultura produziu esses fenômenos”.

#### 3.1 MEMÓRIA COLETIVA E CULTURAL

Quando se fala em memória, seja ela coletiva ou individual, é importante definir que essa faculdade humana é constituída a partir da ligação de fragmentos de sentidos que, juntos, estabelecem uma narrativa sobre a existência e as experiências vividas pelos indivíduos. É nessa fragmentação que podemos estabelecer uma primeira ligação dos estudos da memória com a semiótica (da cultura) e a memética. Os fragmentos da memória podem ser definidos dentro da semiótica como semes, a mínima unidade de sentido que dão origem às semioses, que são os

semes ativados, postos em prática para trazer significado à experiência humana. Na mesma direção vão os memes, fragmentos de ideias, que têm como característica se repetirem de tempos em tempos, replicados à maneira dos genes, como estipulou Richard Dawkins (2007).

A memória é incompleta, está sempre em busca de preencher lacunas, recolhendo informações e sentidos úteis, em permanente reconfiguração, assumindo uma postura dinâmica. Assim, a memória assume diversos binômios como acúmulo e perda, arquivos e restos, lembrança e esquecimento. Nesse sentido, a memória não se trata apenas de um movimento de interpretar, no momento presente, o já vivido. Recordar também é fazer uma escolha sobre o que vale ou não ser lembrado, diz respeito a um recurso para o futuro.

A passagem da memória individual para a coletiva se dá, segundo Joël Candau (2012), quando uma representação mental é comunicada de um indivíduo a outro. Nesse processo, a maior parte desta representação permanece própria àquele indivíduo e o restante se transforma em representação pública. Dessa forma, o autor estabelece que “as sociedades caracterizadas por um forte e denso conhecimento entre seus membros são mais propícias à constituição de uma memória coletiva - que será nesse caso uma memória organizadora forte” (CANDAU, 2012, p. 45).

Ao mesmo tempo, Maurice Halbwachs (1994, p. 290, tradução nossa) observa que “a sociedade tende a descartar de sua memória tudo que pode separar os indivíduos, separar os grupos uns dos outros, a cada época tende a remanejar suas lembranças de maneira a dispor-lhes de acordo com as condições variáveis de seu equilíbrio”. O autor também destaca que:

Os fatos e as noções que temos mais facilidade de lembrar são do domínio comum, pelo menos para um ou alguns meios. Essas lembranças estão para “todo mundo”, dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los (HALBWACHS, 1990, p. 49).

Paul Ricoeur (1985, p. 320, tradução nossa) fala de uma “transmissão geradora de sentido”, quando reflete sobre a tradição, portanto que a memória cultural poderia ser pensada como um aspecto da memória coletiva. Aleida Assmann (2020), quando popularizou em seus estudos o conceito de memória cultural, afirmou que esta ideia está associada ao conceito de cultura de Iuri Lotman e Boris Uspenskii. Iuri Lotman entende a cultura como “o conjunto de informações não hereditárias que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem” (LOTMAN, 1979, p. 31). Ainda, “cultura é memória ou gravação na memória do patrimônio vivencial de uma comunidade; enquanto tal, reporta-se ao passado” (MACHADO, 2003, p. 163).

A conexão entre memória e cultura estaria também em sua historicidade, em suas marcas temporais, que estendem seus sentidos tanto para o passado como para o futuro, para serem utilizados no presente. “A cultura, por essência própria, vai dirigida contra o esquecimento; ela logra vencer o esquecimento transformando-o num dos mecanismos da memória” (LOTMAN; USPENSKII, 1981, p. 44). Ao lado de Uspenskii, Lotman vai pensar a cultura como um sistema que se utiliza da memória para que se sustente, se organize, se mantenha e continue sendo utilizado:

Toda a cultura cria um modelo inerente à duração da própria existência, à continuidade da própria memória. Modelo esse que corresponde à ideia do máximo de extensão temporal, de tal modo que constitui praticamente a eternidade de uma cultura. Já que uma cultura se concebe como existente apenas se identifica com as normas constantes de sua própria memória, a continuidade da memória e a continuidade da existência, geralmente coincidem (LOTMAN; USPENSKII, 1981, p. 47).

Portanto, a cultura, segundo Lotman (1990), é um trabalho da memória, até mesmo se confundindo com ela. Lotman (2000, p. 397) também traz à tona que “apenas aquilo que é traduzido em um sistema de signos pode ser apropriado pela memória; nesse sentido, a história intelectual da humanidade pode ser considerada como uma luta pela memória”. O semiótico soviético também adiciona que

Toda cultura define seus próprios paradigmas para o que deve ser lembrado, ou seja, preservado, e o que deve ser relegado ao esquecimento. O último é um apagamento da memória cultural e aparentemente ‘cessa de existir’. Mas o tempo muda junto com sistemas de códigos culturais e os paradigmas de lembrar/esquecer (LOTMAN, 2009, p. 135, tradução nossa).

Essa memória constitui-se num âmbito coletivo, que aciona sentidos tanto de identidade, como de pertencimento.

### 3.2 CULTURA

Dando continuidade a este estudo, também em um âmbito semiótico, trago o conceito de cultura, dessa vez, apropriando a definição do antropólogo Clifford Geertz (2008, p. 4):

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e essas análises; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

A partir da analogia que Geertz (2008) lança sobre as teias, pode-se dizer que esse desenho da cultura se assemelha à dimensão rizomática da memória, em que significados se

misturam, se entrelaçam, e vão sendo cerzidas novas direções para os mesmos, lançando rizomas, não apenas raízes. Confirmando assim o postulado de Lotman que diz que memória e cultura estão muito próximas, quando mesmo se confundem em uma única função. Assim, retomando a noção de que nas relações que permeiam a cultura e a memória, e seus paralelos, a barbárie e o esquecimento, existem forças de transformações baseadas em pactuações de poder que negociam os conflitos entre dominação e resistência. Para Stuart Hall (2013, p. 255), a cultura é “um campo de batalha permanente, onde não se obtém vitória definitiva, mas há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas”.

Assim, penso neste trabalho não apenas em cultura como um todo, mas em culturas no plural, que são negociadas, sobrepostas, apropriadas, renegadas, expropriadas, hibridizadas em diferentes níveis de semioses, resultantes dos movimentos que essas guerras de sentidos provocam. Enquanto estrutura de elementos em que movimentos ocorrem e são autorregulados e auto organizados por esse mesmo espaço, em que ocorrem disputas e outras relações entre culturas, Iuri Lotman (2000, p. 387) pensa a cultura como um sistema, “uma esfera inteira de conhecimento, entendimento e regulação”. Marek Tamm e Peeter Torop (2022) afirmam que Lotman tinha consciência de que o trabalho de todo semiótico era transformar o mundo que o cerca em estruturas semióticas. Ao lado de Uspenskii, também afirma que “O trabalho fundamental da cultura [...] consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem. A cultura é um gerador de estruturalidade” (LOTMAN; USPENSKII, 1981, p. 39).

Nenhum sistema de cultura, portanto, pode ser tido como algo acabado ou como um sistema isolado. Para que a cultura prospere, um sistema cultural só pode existir em solidariedade com outros. Entretanto, entre esses sistemas existe a dependência da transmissão de modelos estruturais, que vão se basear na língua. Assim, os estudiosos da semiótica da cultura tomam a língua como um sistema modelizante primário, enquanto os mitos, artes, literatura, histórias em quadrinhos, cinema, folclore, entre outros, seriam sistemas modelizantes secundários, por precisarem do apoio da língua para se expressarem.

A construção de diferentes sistemas semióticos, um sobre o outro, em que o superior modeliza o inferior, torna-se possível porque a semântica de cada um desses sistemas artificiais (por exemplo, das metalinguagens lógicas) pode ser discutida não só através de sua relação com os sistemas superiores, mas também pelo recurso à língua natural que, em última análise, lhes serve de fonte (ZALIZNIAK, IVÁNOV, TOPÓROV, 1970, p. 87).

No processo de modelização dos sistemas da cultura, a comunicação é entendida como um processo semiótico e a cultura, como um texto. Nesse caso, as semioses transformam a informação em texto e o texto em estrutura pensante, ou seja, na memória. De acordo com a

semiótica da cultura de Lotman, o texto ao mesmo tempo transmite e gera novas mensagens. Através dessa ótica, busca-se encontrar não as semelhanças na comunicação, mas as diferenças entre elas, pois somente essas divergências podem criar sentido.

Lotman ainda expõe que a cultura “para ser definida como ‘texto’ é preciso que a mensagem seja duplamente codificada” (LOTMAN; USPENSKII, 1981, p. 4). Para Irene Machado (2003, p. 54), pensar “a cultura como texto implica a existência de uma memória coletiva que não apenas armazena informações como também funciona como um programa gerador de novos textos, garantindo assim a continuidade”. Lotman (1985) também aponta que o movimento natural da cultura é para a abundância e não para a economia. Desse modo, a cultura deve ser pensada e estudada como um texto de uma complexidade extraordinária que consiste numa hierarquia de textos dentro de textos.

Para Lotman, o texto teria as seguintes funções: *comunicativa* (a transferência de informações), a *criativa* (a geração de novas informações) e a *preservativa* (que grava as informações e usa informações prévias). Os significados que esses textos podem gerar emergem das tensões entre estas funções. Dessa forma, para medir a informatividade de um texto artístico, o critério principal deve ser buscar o número de possíveis mensagens alternativas (sentidos) que um texto pode gerar. O autor sugere que o texto, na acepção da semiótica da cultura, possui três características básicas: 1) ser expresso através de um *sistema de signos* (ex.: verbal, visual, incluindo uma síntese de diferentes sistemas de signos); 2) ser *limitado* (ex.: por um enquadramento composicional, começo e final, uma moldura que demarca um espaço autônomo com um significado integral e uma função cultural); e 3) ser *estruturado* (ex.: ter relações hierárquicas entre seus elementos composicionais, não é só uma sequência ou coleção de signos mas que apresenta uma hierarquia ou estrutura interna) (HARTLEY; IBUS; OJAMAA, 2021).

O semioticista soviético Lotman também explica como o texto (da cultura) é criado. Através da memória, toda informação verbal é transformada em conteúdo visual; já o visual é transformado pela memória em narrativa. Dessa forma, uma estrutura visual é criada e organizada, “conectando o sentido da realidade, inerente a tudo que têm sido visto, a todas as possibilidades gramaticais da irrealidade. Isso representa o potencial material para a criação artística” (LOTMAN, 2009, p. 36, tradução nossa). Nesse contexto, Lotman desenvolve a natureza semiótica do texto artístico como sendo algo dual. Por um lado, o texto simula a realidade, mostrando que é independente do autor e de outras coisas do mundo real, por outro, nos lembra constantemente de que é criação de alguém e que isso significa algo.

### 3.3 A SEMIOSFERA

Iuri Lotman (1996) descreveu a semiosfera como o espaço em que se metabolizam todas e quaisquer semioses. Designada como noosfera pelo filósofo jesuíta Teilhard de Chardin (1999) e pelo pensador Edgar Morin (1975, 1986), a semiosfera, no sentido materialista conferido por Lotman, desenvolve uma esfera de sentidos, com processos próximos ao que acontece na biosfera, no plano da vida (VERNADSKY, 2019): um sistema vivo em que a vida na Terra se sustenta através de trocas entre os diferentes seres que nela habitam e a mantém estabilizada e funcional. A semiosfera, nesta perspectiva, é dotada de materialidades específicas, oriundas dos processamentos da linguagem, e é através dela que a espécie humana dá sentido às suas experiências. Por analogia, a semiosfera é um sistema alimentado por semioses, que se transformam para compor a continuidade da cultura e dos sentidos que orientam a existência humana. Na semiosfera ocorrem trocas semióticas entre seu centro e sua periferia. A partir dessa dinâmica são estabelecidos a cultura e seus sentidos. É também na semiosfera onde acontecem os processos comunicativos e se produzem novas informações.

Conforme Lotman (1996), uma das características definidoras da semiosfera é seu caráter limitado, acionado a partir da homogeneidade de semioses presentes em seu espaço. Nessa direção, percebemos a territorialidade de certos sentidos que pertencem ao centro ou à periferia, ou de elementos que pertençam ou não à uma cultura ou a uma dada semiosfera. As fronteiras, no entanto, geram fluxos de permeabilidade e “traduzibilidade” na medida em que a cultura, nessa perspectiva, não é homogênea, mas sim um intercâmbio constante de sentidos.

Outra característica importante da semiosfera é sua irregularidade e imprevisibilidade, ou seja, existem diversos níveis de sentido e sobreposições de semioses. É a reificação destes sentidos, principalmente aqueles sobrepostos e ressignificados ao longo dos tempos que fazem com que determinadas ideias permaneçam no seu centro. Ao mesmo tempo, são as forças criativas presentes na periferia do sistema que permitem essa ressignificação: as dinâmicas fronteiriças propulsionam formação de sentidos. Nas palavras de Lotman (1990, p. 131, tradução nossa): “o espaço interno da semiosfera é ao mesmo tempo desigual e unificado, assimétrico e uniforme. Composta por estruturas conflitantes, não deixa também de ser marcada pela individuação”.

Aleksei Semenenko (2012) sumariza algumas das características principais da semiosfera como *assimetria*, que pressupõe relações desiguais entre o centro e a periferia, enquanto o centro é ocupado com sistemas mais organizados e os sistemas menos organizados pertencem à periferia; *poliglotismo* e *heterogeneidade*, mostra que a semiosfera é composta de

diversos sistemas semióticos ou de linguagens, permitindo serem interpretados separadamente ou mutuamente em vários níveis de tradução, é a interação destes sistemas que gera tensão, comunicação e a geração de significados; no *binarismo*, Lotman aplica a lógica de que todos sistema em pluralidade podem ser subdivididos por um princípio binário, como por exemplo, as relações entre centro e periferia da semiosfera da cultura; por fim, a característica do *isomorfismo* versa sobre os níveis da semiosfera. Lotman acredita que desde o nível individual até significados semióticos globais existe uma analogia com os bibelôs russos, as matrioscas, porque “representam semiosferas como se fossem colocadas uma dentro da outra e cada uma delas é, por sua vez, tanto participante do diálogo (uma parte da semiosfera) como um espaço de diálogo (o todo da semiosfera)” (LOTMAN, 1996, p. 42, tradução nossa).

Para os níveis de sentido analisados nas semiosferas observadas neste trabalho, destaco a característica do isomorfismo vertical da cultura, descrito por Lotman como diferentes níveis hierárquicos existentes entre estruturas da semiosfera e que acabam gerando um aumento quantitativo das mensagens. Dessa forma, conforme o autor, um texto orientador acaba se tornando uma avalanche de textos porque “do mesmo modo que o objeto refletido no espelho gera centenas de reflexos em seus pedaços, a mensagem introduzida na estrutura semiótica total se multiplica em níveis mais baixos” (LOTMAN, 1996, p. 32, tradução nossa). Marcelo Serra (2010, p. 92, tradução nossa) estudou este efeito no universo das histórias de super-heróis da *Marvel* e da *DC Comics*. Para ele, essas narrativas “funcionam como um sistema integrado produtor de histórias e imaginários. Ou seja, uma semiosfera”.

Dentro das características da semiosfera, a espacialidade da redução binária dos sistemas acaba gerando uma polarização de sentidos, uma disputa territorial de espaços internos da semiosfera, que geralmente se definem como sentidos localizados na periferia e no centro destes sistemas.

Para Lotman, a organização espacial é um sentido universal para construir qualquer modelo cultural. A partir de uma visão semiótica lotmaniana, o espaço pode ser um ponto de vista de análise e a espacialidade pode se tornar um método de estudo. Pensando nesta direção, é preciso prestar atenção na relação que se estabelece nas trocas de sentido e de relações de força entre os centros e periferias semiosféricas. Lotman (1996, p. 17, tradução nossa) estabelece que “a divisão em centro e periferia é uma lei da organização interna da semiosfera. No centro estão dispostos os sistemas semióticos dominantes”. Ou seja, é no centro que se encontra o poder, onde são trabalhados meios para que a centralidade seja mantida através de normas e regras. Lá são codificadas as formas, as práticas e as transações trazendo um efeito de fechamento e direcionamento para as disputas de sentido. Por outro lado, é na periferia que

ocorre um maior número de trocas, de diálogos. A comunicação dialógica “é direcionada tanto ao entendimento do outro como da explicação de si mesmo ao outro. O diálogo pode criar uma situação de entendimento mútuo e trocar informações inicialmente estrangeiras” (HARTLEY; IBUS; OJAMAA, 2021, p. 201, tradução nossa).

Ao pensar a periferia, Lotman destacou a intensa dinâmica cultural existente nas margens daquilo que é legitimado como parte do sistema sociocultural e político, indo na direção dos recursos culturais das identidades que se encontram fora do centro da cultura.

As periferias são geralmente tratadas como territórios dependentes destinados a se resignar aos seus papéis e status secundários em relação à dominação imposta sobre elas. Porém, Lotman não aceitava essa visão; para ele as periferias eram sujeitas de si mesmas, possuindo não só suas próprias identidades, mas também habilidades de ressignificar sua marginalidade geográfica e então produzir mensagens culturais autênticas que criam espaços amplos para lógicas não binárias de inclusão (MAKARYCHEV; YATSYK, 2017, p. 93, tradução nossa).

Dentro da semiosfera, também é importante definir a relação que se estabelece com os símbolos para entendermos como se dá a passagem de semioses entre seus diferentes níveis. Para Lotman, os símbolos são mediadores entre culturas, ou seja, entre semiosferas, eles servem de unificadores entre sistemas semióticos e também entre a realidade semiótica e não-semiótica. O símbolo é um dos veículos chave da memória cultural. Símbolos são “todos os signos que possuem a capacidade de concentrar em si, conservar e reconstituir a recordação de seus contextos precedentes” (LOTMAN, 1998, p. 110, tradução nossa).

Como vimos no esquema da árvore de imagens de Wunenburger (2018), o texto cultural se torna imagem mental, ou seja, memória. Essa memória é visual e espacial, demandando a presença de um elemento visual que paira entre níveis de expressão e conteúdo. Ao ativar uma memória da cultura, eles previnem que ela se desintegre em camadas cronológicas, mediando o texto com a memória cultural. Assim, os símbolos, na acepção lotmaniana, unem o passado e o futuro da cultura e ocupam o núcleo da memória coletiva (LOTMAN, 1990).

O capítulo que se segue aborda os memes e a ciência que os estuda, a memética. Também analiso outras questões relacionadas a este artefato cultural, suas relações com a internet, com a política, questões de autoralidade, entre outros elementos que fazem parte da análise e o estudo dos memes.

## 4 MEMÉTICA E MEMES

*Eu vejo o futuro repetir o passado  
Eu vejo um museu de grandes novidades*  
**Cazuza - O tempo não para (1988)**

*Nada é orgânico, é tudo programado  
E eu achando que tinha me libertado*  
**Pitty - Admirável chip novo (2003)**

### 4.1 A MEMÉTICA, OS MEMES E SEU PAPEL NA CULTURA

Seja na memória ou nos sistemas semióticos, o processo de criação de significados possui uma dupla via: a um mesmo tempo ressemantiza o sistema semiótico como também aciona sistemas anteriores na mesma medida que produz informações novas. Essa mecânica de renovação/conservação está na base dos estudos da ciência memética, dedicada à análise dos memes. Isto leva a outra característica dos memes que é a de possuir uma estrutura e ao mesmo tempo serem dinâmicos, mantendo uma tensão entre o conhecido e o desconhecido, entre a manutenção do mesmo e a incorporação de novidades. Todos estes elementos levam a uma facilidade da produção de intermináveis paródias - definidas aqui como “repetições com distanciamento crítico” (HUTCHEON, 1985, p. 17) - sobre estruturas do meme original sem desfazer seu contexto e aplicando novos conteúdos a eles

Segundo Richard Brodie (2009, p. 27), um meme é “a unidade básica de transmissão ou imitação cultural” e a memética é “o estudo do funcionamento dos memes: como eles interagem, como se multiplicam e evoluem”. Para Gustavo Leal-Toledo (2017, p. 80), a memética precisa buscar “a capacidade de explicar a mudança cultural através de histórias que mostrem a adaptabilidade sequencial e gradativa de um dos seus traços às estruturas cognitivas humanas”, destacando ainda que a memética não trata a cultura a partir do ponto de vista dos humanos, mas da própria cultura, ou seja, assim como na visão de Lotman, a cultura se replica e se mantém por conta própria. As críticas à memética, conforme Leal-Toledo (2017), envolvem a ontologia do meme. Por ser algo de difícil definição, o estudo da memética deve ser considerado como uma ciência em processo. Contudo, uma análise da memética pelas ciências humanas pode se contrapor a este posicionamento.

No livro *O gene egoísta*, o biólogo Richard Dawkins (2007) cunhou o termo meme, como um neologismo entre as palavras mimesis e gene. Em sua teoria, ele definiu que memes estão para a cultura como os genes estão para o organismo. Ou seja, eles servem como replicadores de uma forma de ideia que se espalha pela cultura, através da imitação. Na

definição de Susan Blackmore (1999), uma das mais aguerridas defensoras dos memes, este fenômeno pode ser descrito como instruções para comportamentos que são armazenados no cérebro e que são replicados por imitação, criando assim, padrões de comportamento. Isso explica a ideia de que a cultura passa de pessoa para pessoa, de geração para geração, de uma forma não-hereditária, conforme postulou Iuri Lotman.

Lotman tinha conhecimento da ação dos memes e da memética, embora não nomeasse tal processo e unidade da cultura desta maneira. Mais de uma vez, Lotman (1998, 2001) disserta sobre uma sedimentação da cultura, que acontece quando estratos inteiros da cultura são expulsos do espaço semiótico. Estes estratos, porém, se assentam nos confins da cultura esperando um momento oportuno para reaparecerem. Podem, então, ser percebidos como novos elementos culturais, ativados sempre através das leis da memória, que faz o passado se manifestar muitas vezes como novo. Dessa forma, a partir de uma perspectiva da Semiótica da Cultura, a memética é uma área que estuda o “processo pelo qual acontece a transformação de texto cultural em contexto (tendência à desintegração) e de contexto em texto cultural (tendência à integração)” (LOTMAN, 1996, p. 54, tradução nossa).

Memes, portanto, a partir da Semiótica da Cultura, podem ser assumidos como textos, textos culturais. Neste caso, textos como agentes em processos comunicacionais. Da mesma forma que a semiosfera possui, digamos, um instinto de se autorregular, os memes possuem, como os vírus, uma potência para a autorreplicação. Um dos pontos fulcrais da memética é o fato de que os memes devem ser estudados a partir do seu próprio ponto de vista, ou seja, da replicação das ideias que querem passar. Quanto mais um meme colabora para a propagação de ideias, ou nesse caso, de textos culturais, maior a sua chance de sobrevivência. Richard Brodie (2009) acredita que a evolução dos memes deslanchou a partir do momento que os indivíduos tiveram consciência das ameaças à sua vida, quando comunicar o perigo passou a fazer parte das relações pessoais humanas. Assim, além de sobrevivência, a replicação e transformação dos memes também têm a ver com segurança.

Susan Blackmore (1999) acredita que a sobrevivência dos memes começa a partir da imitação, pois nesse movimento algo foi passado adiante. Trazendo uma analogia ao título do livro de Richard Dawkins (2007), Blackmore (1999, p. 7, tradução nossa) estipula que o meme também é egoísta, uma vez que “memes espalham a si mesmos indiscriminadamente sem se importar se eles são úteis, neutros, positivos ou perigosos para nós”, completando que “é claro que os memes não se importam; eles são egoístas como os genes e irão simplesmente se espalhar se puderem”. Contudo, a autora indica que todo meme traz consigo uma variação, porque o processo de cópia não é sempre perfeito, assim existe uma seleção memética dos memes mais

aptos a sobreviverem, ao mesmo tempo que existe uma retenção de certas ideias e comportamentos incluídos no meme. Para Blackmore (1999), é a característica seletiva da imitação que deixa espaço para que novos significados sejam criados a partir de velhos memes.

“Produzimos memes em todo momento em que falamos, mas muitos deles são rapidamente liquidados. Outros memes são difundidos no rádio e na televisão, em palavras escritas, na ação de outras pessoas, ou nos produtos da tecnologia, filmes e imagens” (BLACKMORE, 1999, p. 37, tradução nossa). Todavia, nem tudo pode ser tido como um meme. Para Blackmore (1999, p. 51, tradução nossa) é preciso que os memes tragam consigo três características essenciais: “*hereditariedade* (as formas e detalhes como o comportamento é copiado), *variação* (são copiados com erros, adição de detalhes ou outras variações) e *seleção* (somente alguns comportamentos são copiados)”. Para a autora, esses movimentos formam um processo evolucionário verdadeiro.

Esse tipo de pensamento leva a uma similaridade com a normatização das características que compõem o gênero e a sexualidade humana, num sistema complexo. Isso porque “a imitação envolve necessariamente: (a) uma decisão sobre o que imitar, ou o que conta como ‘mesmo’ ou ‘similar’, (b) transformações complexas de um ponto de vista a outro, e (c) a produção de ações corporais correspondentes” (BLACKMORE, 1999, p. 52, tradução nossa).

As características dos memes fundados na cultura e que influenciam na nossa construção de gênero também podem ser encontradas nos memes digitais, ou memes de internet. Delia Rodríguez (2003), pensa os memes digitais a partir de sua lógica e do fenômeno de sua recepção. Assim, ao invés de se utilizar de um arcabouço que se serve da memética, ela vai buscar processos neuronais, antropológicos, psicológicos e sociológicos que expliquem o efeito que os memes têm nas pessoas que os replicam, que os remixam e que os compartilham. Ela chega à conclusão que estamos vivendo o que batizou de memecracia, em que as ideias pré-concebidas e arranjadas dos memes que pulam de mente em mente nos governam e estão imbricadas em todas as nossas relações. Uma ressalva que deve ser feita é que a autora coloca virais e memes no mesmo patamar, enquanto que outros autores, como Limor Shifman (2013, p. 57, tradução nossa) preferem fazer uma diferenciação entre estes conceitos, estipulando que “enquanto o viral inclui uma única e simples unidade cultural (como um vídeo, uma foto ou uma piada), que se propaga em várias cópias, um meme da internet é sempre uma coleção de textos”. Para a autora, a participação do público através dos virais e dos memes também é diferente: enquanto nos virais o público participa comentando, nos memes, o engajamento se dá de forma criadora, modificando esse texto em algum nível. Dessa forma, a transmissão do meme de internet se dá a partir de uma espécie de ritual. Por fim, Ryan M. Milner (2016, p. 38,

tradução nossa) expõe que “viralidade tende a rotular um tipo específico de informação de circulação acelerada, enquanto a memética tende a rotular processos de reapropriação transformativa”.

Limor Shifman observa que os memes não são “unidades discretas isoladas”, mas “blocos construídos de culturas complexas, entrelaçando e interagindo uns com outros” (SHIFMAN, 2013, p. 189, tradução nossa). A autora também destaca que os memes são considerados frequentemente como peças prosaicas das culturas populares, quando considerados como resultado da digitalização e da plataformização, tendo desempenhado e continuam a desempenhar um grande papel nos eventos definidores do século XXI. Nakamura (2014) destaca que os memes se destacam pela utilização de um forte sentido de paródia, mas também por sua estereotipização regressiva.

Limor Shifman (2013, p. 41, tradução nossa) define os memes da internet como “a) um grupo de itens digitais dividindo características comuns de conteúdo, forma, e/ou instância, que b) foram criados conscientes uns dos outros, e c) estiveram circulando, sendo imitados e/ou transformados através da Internet por muitos usuários”. Assim, entendo que as imagens que compõem o *corpus* deste trabalho podem ser classificadas como memes da internet, mas existem outras acepções para estas peças que devem ser verificadas antes de tomarmos o conceito de memes da internet como orientador desta pesquisa.

Richard Brodie (2009), pensa os memes (de internet ou não) como vírus da mente, devido a sua natureza contagiosa e infecciosa. Por sua vez, Douglas Rushkoff (1996) vai estabelecer os memes como vírus da mídia. A definição de Rushkoff (1996, p. 9-10, tradução nossa) amplia, complexifica e faz uma analogia ao organismo humano ao descrever o funcionamento dos vírus da mídia:

Os vírus da mídia se espalham através da datasfera do mesmo modo que os vírus biológicos se espalham pelo corpo ou por uma comunidade. Mas, em vez de trafegar por um sistema circulatório orgânico, o vírus da mídia viaja através das redes do mídiaespaço. A ‘casca proteica’ de um vírus da mídia pode ser um evento, uma invenção, a tecnologia, um sistema de pensamento, um tema musical, uma imagem visual, uma teoria científica, um escândalo sexual, um estilo de roupas ou até mesmo um herói pop – desde que seja capaz de chamar nossa atenção. Qualquer uma dessas cascas que envolvem o vírus da mídia buscará na cultura popular algum encaixe receptivo e se fixará em qualquer fresta onde for notado. Assim que está fixado, o vírus injeta seus interesses e propósitos mais dissimulados no fluxo oficial de dados na forma de algum código ideológico, não como genes, mas como um equivalente conceitual que atualmente denominamos ‘memes’.

Naquilo que concerne a esta pesquisa é interessante que Rushkoff (1996) cita os heróis pop como veículos midiáticos dos memes, sendo sua casca proteica, que embala as ideias e crenças que um meme quer espalhar.

#### 4.2 MEMES COMO LINGUAGEM E MEMES DA POLÍTICA

Diante do exposto, os memes, são pensados como textos culturais através da semiótica da cultura de Iúri Lotman, tornando preciso ter em mente que a característica replicadora de manter partes pretéritas adicionando novas partes de significados trabalha para que os memes sejam elementos estruturadores da cultura, assim como a semiosfera é geradora de estruturalidade (HENN, 2014). Os memes navegam pelas fronteiras da semiosfera, mesclando elementos centrais e periféricos e estabelecendo novas localizações semióticas para os sentidos que fazem circular.

A semiosfera está composta por fronteiras nas quais as máquinas de sobrevivência dos memes operacionalizam estratégias de ação e permanência. Estas fronteiras exploram hoje um mundo em rede, altamente convergente, transmidiático e instantâneo. A própria memória se reconfigura neste processo. Estruturas arquetípicas de memes se reinventam enquanto novas mutações surgem (HENN, 2014, p. 46, tradução nossa).

Os choques das transformações dos textos culturais meméticos, ou dos memes, no interior da semiosfera fazem com que sentidos periféricos sejam incorporados por uma cultura ou sistema semiosférico vindos de outro sistema ou cultura, que vão se localizar também em suas zonas periféricas. “O texto inicial se converte em um texto alheio formando assim uma nova mensagem. A complexidade e a multiplicidade dos componentes participantes na interação textual conduzem a certa ‘imprevisibilidade’ na transformação a que se submeteu o texto de base”. (ARÁN, 2001, p. 54, tradução nossa). Desse jeito, a semiosfera dos memes pode ser compreendida como “uma estrutura imersa em um mundo externo a ela que atrai esse mundo em direção a si e o expulsa reelaborado por sua própria língua” (ARÁN, 2001, p. 60, tradução nossa).

Natália Horta (2015, p. 113), ao pensar a linguagem dos memes de internet expõe que esta “é uma linguagem que opera nos limites (nesse caso, nos limites do que algo pode significar), experimentando o excesso pela repetição (quantidade) e pela paródia (qualidade, modos de trabalhar nos limites do que já está convencionalizado, estabelecido)”. Dessa forma, entendemos que o trabalho dos memes é um trabalho fronteiro no interior da semiosfera, local onde, segundo Lotman, como vimos previamente, ocorrem as mais intensas trocas e

reapropriações de sentido, justamente pelo caráter periférico dessas zonas, onde também brotam novas concepções.

Ainda, para Horta (2015, p. 115), apropriação e recriação acontecem num mesmo processo, o que sinaliza o trabalho de cruzamento de fronteiras de sentidos, mas também o surgimento de novos sentidos nas periferias do interior da semiosfera. “O meme, dessa maneira, por seu aspecto paródico, assim como por sua regularidade de repetição, permite experimentar o excesso e empurrar os confins de um sistema, extirpando o objeto representado de sua normalidade” (HORTA, 2015, p. 122). A excentricidade do meme é, para Horta (2015), ao mesmo tempo uma ruptura e uma continuidade do texto invadido ou parodiado, que “age nos limites de um sistema ordenado, mas sem ameaçar a sua regularidade” (HORTA, 2015, p. 178). Nessa direção, podemos pensar que a periferização de sentidos evocados pelos memes também ajuda na manutenção da centralidade e hegemonia de certas ideias e crenças no interior da semiosfera.

A linguagem dos memes da internet estudada por Natália Horta (2015) também pode servir para analisar a cultura do século XXI:

A própria noção de continuidade não nos permite afirmar que o meme só aconteça na internet. Assim, se o meme é uma linguagem, é também uma forma de pensamento, uma forma de entendimento do mundo, seja ‘dentro’ ou ‘fora’ da internet, portanto não se restringe ao ambiente online. Por conseguinte, não faria sentido tratar a cultura da internet como um ‘ambiente virtual’ que está desconectado do ‘mundo real’, que é uma outra realidade (HORTA, 2015, p. 171).

Este argumento reforça o direcionamento desta pesquisa para o uso dos memes como um elemento cultural numa dimensão fenomenológica de estudo da cultura, mesmo que estes artefatos culturais esteja comumente associada e imersa no mundo das plataformas digitais e sociais da rede mundial de computadores.

Algumas das características dos memes incluem sua modularidade e serem espécie de “objetos do folclore, da cultura popular” (SHIFMAN, 2013, p. 15, tradução nossa), ou seja, pertencem a todos. Por essa razão são fenômenos que podem ser manipulados por todos a partir de suas visões de mundo, servindo aos mais diversos propósitos. Neste trabalho, a memética ajudará a desvendar alguns aspectos das técnicas de comunicação da propaganda do bolsonarismo. A ideia de propaganda vem do latim *propagare*, que significa disseminar ideias e comportamentos de pessoa para pessoa. “Trata-se portanto, de fazer acreditar, relativamente a um fazer saber, que será missão da informação (contudo, esta levanta sempre a questão de sua escolha e apresentação)” (GERVEREAU, 2007, p. 168). Um bolsonarista, ao defender o

bolsonarismo, está tentando passar esse meme para outras pessoas. Se as pessoas forem receptivas a esse meme, ele terá sucesso, e sua cadeia de propagação se expandirá.

Já Boorstin (1992) entende a propaganda como uma falácia intencionalmente orientada, que define um juízo de valor sobre a realidade e inflama os ânimos, obedecendo o desejo humano de ser despertado ou incitado por uma liderança. Boostin (1992) acusa a propaganda de ser um pseudo-evento, um desdobramento do acontecimento que o estende e complexifica pois está calcada em informações manipuladas para serem reproduzidas principalmente através da mídia, com a intenção de obter um efeito de seu público. Para Viktor Chagas (2020, p. 276), “a propaganda política pode ser interpretada como um meme se e quando produzida com finalidade específica de gerar grande repercussão junto ao público através de uma mensagem e/ou um formato que facilite a sua reprodução”.

Segundo Chagas (2020, p. 260), “algumas imagens são capazes de sintetizar/personificar um conjunto de referências sobre os políticos ou o cenário da política e, de certo modo, recuperam as teses sobre o teatro político e a política de opinião”. Esses estereótipos ajudam a simplificar a política, mas também a tornar os debates nesses espaços digitais mais rasos. Chagas (2020) cita como exemplos o sapo barbudo, a Dilma bolada, os coxinhas e as feminazis. Para o direcionamento desta pesquisa, os super-heróis bolsonaristas, o mito e as imagens de masculinidade dominante associadas a Bolsonaro e seus asseclas seriam exemplos dessas imagens através de memes.

Assim, ao utilizar a estratégia comunicacional da memética aliada à representação das imagens de culto dos super-heróis, o bolsonarismo está de posse de um poderoso aparato para disseminar suas ideias. Os memes, em geral e em particular os do bolsonarismo, desconstruem uma crença em uma cultura ideal. Como o bolsonarismo se coloca como antissistema, utilizar os memes para desarticular esse sistema, principalmente o político, através de uma estética grosseira, vai ao encontro de suas ideias e crenças.

Nos memes, essa desconstrução está no desmantelamento da sisudez das imagens jornalísticas, na dessacralização da áurea artística das obras de arte, na releitura esteticamente grosseira das produções profissionais do cinema e da TV, bem como das imagens amadoras cotidianas, que apesar de não serem sequer obras artísticas, muito menos parte de um ideal cultural, entram no jogo das recriações, possíveis pela linguagem do meme (HORTA, 2015, p. 164).

Além disso, precisamos levar em conta que, no Brasil, os memes estão associados à essa desconstrução da política, estetizando-a, tornando-a mais palatável para camadas de base da população, geralmente pelo uso do humor ou de elementos da cultura pop, como é o caso das associações do bolsonarismo com os super-heróis. Estabeleceu-se, através dos memes, uma

*cultura da zoeira* (LUNARDI; BURGESS, 2020), que está associada ao conceito de carnavalização de Mikhail Bakhtin (1984). O carnaval, segundo Bakhtin, é um momento em que as classes mais baixas podem se libertar e subverter a ordem ou ironizar e ressignificar o poder emitido pelas elites e autoridades.

Na análise das frases a zoeira não tem limites e *the zoeira never ends*, Gabriela Monteiro Lunardi e Jean Burgess (2020, p. 433) entenderam que essas expressões “funcionavam como uma autorização que dava liberdade para os internautas para ridicularizar os sérios problemas e falhas de seu país”, retratado de forma canhestra e irônica, “ridicularizando seus fracassos como nação, quase como se fosse motivo de orgulho”. A zoeira é, para as autoras, uma forma de conexão cultural mostrando os absurdos do sistema político brasileiro, como um alívio da tensão coletiva que gera um sentimento de subversão do poder.

Uma das figuras cruciais para o sucesso de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 foi seu filho 02, Carlos Bolsonaro. Neste mesmo livro são reiteradas as vezes em que Carlos é considerado mentor intelectual das redes sociais de seu pai e responsável por uma campanha pouco custosa em termos monetários. Eduardo também ressalta o clima de “zoeira” presente nas redes sociais que ajudaram a catapultar a fama de seu pai, como a página de Facebook *Bolsonaro Zuero*. Para ele, com “a massificação das redes sociais, o ‘brasileiro comum’ descobriu que Jair Bolsonaro era o líder pelo qual ele esperava fazia décadas” (BOLSONARO; MENDES, 2022, p. 185).

É nesse sentido que surgem os memes que retratam os super-heróis do bolsonarismo. Se mostram antissistemáticas ao colocarem o azarão nas eleições como uma força capaz de conquistar o Brasil, mas não de forma irônica e sim para suprir a necessidade de subversão de poder que emana das classes menos favorecidas. Dão a impressão que ao povo que não tem fala sobrou apenas a zoeira de reagir massivamente nas eleições, como o caso da eleição do cantor e palhaço Tiririca a deputado federal em 2010, com 1,3 milhão de eleitores, o número mais expressivo do país. A lógica da subversão, responsável pela eleição de Bolsonaro e de suas ideias e crenças, também foi uma das alavancas para a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e de diversos representantes da direita alternativa ao redor do mundo após a crise econômica de 2008.

Nas eleições de 2022, surgiu um elemento que alguns consideraram como um contraveneno ao bolsonarismo e outros entenderam que era uma espécie de bolsonarismo praticado por seus opositores: o Janonismo Cultural. Encarnado pelo deputado federal mineiro, André Janones, que chegou a se candidatar à presidência do Brasil naquele pleito, pelo partido Avante!, ele é definido pelo próprio, em seu livro, como uma tática política nas plataformas

digitais que compreende quatro frentes. A primeira seria a *distração*, desviar a atenção da mídia e dos bolsonaristas com o sensacionalismo; a segunda é a *frente ganha-votos*, que consiste em elogiar as ações da esquerda, em temas relacionados com o cotidiano da população; a terceira é a *mobilização*, chamamento às massas feito em plataformas como o WhatsApp e Telegram para que se posicionem pública, fisicamente e nas redes acerca de um tema levantado e que envolve intimismo e constância. Todas elas, táticas conhecidas do bolsonarismo, que passou a empregar também o que Janones definiu como auto-oposição, quando, por exemplo, Bolsonaro fazia críticas à atuação da Petrobrás em seu governo e era apoiado por seus seguidores (JANONES, 2023).

O deputado diferencia o alcance do Twitter e do Facebook no Brasil, explicando que enquanto o Twitter (agora X) pauta as discussões, servindo a uma elite intelectual, é no Facebook que se encontra a maioria da população brasileira que recebe até dois salários mínimos, em que uma postagem tem o mesmo peso que uma matéria da Folha de S. Paulo possui para seus assinantes. Através de sua experiência, Janones explica que quanto menos produção uma imagem tem, mais impacto causa, em qualquer rede (JANONES, 2023). Isso se relaciona diretamente com os memes enfocados neste estudo.

Chagas (2020, p. 263) define os memes políticos, de forma abrangente como:

Fórmulas discursivas ou artefatos culturais que, a partir de uma interação com seus congêneres, e através de um processo de circulação em diferentes redes sociais, são capazes de despertar ou demonstrar o engajamento político do sujeito, ou ainda socializa-lo com o debate público, através de uma linguagem metafórica e orientada à construção de um enredo ou enquadramento próprios que fazem uso, muitas vezes, de referências da cultura popular.

Por essa definição, esses memes não necessariamente precisam se tratar de propaganda negativa, que desabona os adversários, mas também como campanhas que destacam as virtudes de um político apelando à razão e à emoção. Boa parte do uso de super-heróis no bolsonarismo serve para sublinhar características positivas e masculinas relacionadas aos políticos, com poucas, mas ainda assim presentes, formas de difamar seus adversários.

Como ferramenta e elemento da construção dos memes, a cultura pop está aliada a eles para estabelecer uma discussão política. Por fazer parte do cotidiano das pessoas e de suas identidades culturais, a cultura pop torna as complexas e impenetráveis discussões da política mais palatáveis para o público em geral (SHIFMAN, 2013). A cultura pop acaba servindo como plataforma lúdica para discutir política, que produz engajamento na forma de comunicarmos nossas ideias, crenças e valores uns com os outros, para a construção social de poder através de um sistema de governo, que é uma das definições de política. Ao mesmo tempo, como no caso

da zoeira brasileira, os memes relacionados à política também servem a um processo de despolitização, em que a crítica e a política são deixadas de lado pela pura diversão e pela zoeira que nunca acaba. Essa premissa vai ao encontro do posicionamento antissistema e antipolítico de Jair Bolsonaro.

Para além da discussão da despolitização, Shifman (2013) coloca que os memes de fundo político têm evoluído para se tornarem mais visuais que seus predecessores. Essa é uma mudança que, a partir do ponto de vista dos memes, deixa esses artefatos culturais mais fáceis de serem replicadas, utilizadas e espalhadas. Por outro lado, a autora acredita que a polissemia das imagens deixa aberta múltiplas possibilidades de leitura, evocando interpretações contrastantes. Isso está implicado no caso dos super-heróis do bolsonarismo quando essas imagens são utilizadas ou pela direita ou pela esquerda, ampliando suas possibilidades de interpretação. A própria associação com os super-heróis e seus sentidos e significados deixaria a mensagem mais ambígua e complexa.

#### 4.3 QUESTÕES DE AUTORALIDADE NOS MEMES: TRADUÇÃO, APROPRIAÇÃO E SUBVERSÃO

No capítulo que versou sobre os super-heróis pudemos perceber que sua cultura é baseada e calcada na oralidade, vimos agora que os memes também possuem elementos de oralidade, uma vez que são pensados como uma espécie de folclore dos tempos da internet.

Conforme explica Will Brooker (2013), as discussões sobre autoria e *fandom* dos quadrinhos nasceram juntas e cresceram nas últimas décadas, num debate de mútua dependência. A cultura de fãs dos quadrinhos - principalmente os de super-heróis, sua mídia originária - viu os debates sobre autoria se fortalecer nos anos 1960 com a organização da New York Comic Con em 1964, organizada por fãs. Os primeiros créditos nos quadrinhos de super-heróis surgiram só em 1961, quando o editor Julius Schwartz permitiu ao escritor Gardner Fox colocar seu nome em uma edição de *The Atom*. Até então, a maioria dos autores de super-heróis permanecia desconhecida do seu público. “As fronteiras entre autor e fã, escritor e leitor, sempre foram estreitas e algumas vezes se dissolveram inteiramente” (BROOKER, 2013, p. 63, tradução nossa). Foram os fãs que criaram o culto ao autor através de estilos reconhecíveis e marcas criativas, os editores apenas seguiram os anseios dos fãs.

A dinâmica entre o canônico e o que está fora do cânon, ou seja, produzido pelos fãs de maneira não-oficial, também se reflete nos memes, trazendo a visão de uma determinada comunidade de um espaço de afinidade sobre produtos da cultura pop, como os super-heróis.

Trata-se de um processo de hibridização, de bricolagem, de tradução de textos culturais que estabelecem um *continuum* semiótico, numa estrutura em constante reorganização através do tempo, conforme novos sentidos são adicionados a esses produtos, como os super-heróis, seja de forma canônica ou não-oficial. Ou, como Lotman (1996, p. 36, tradução nossa) coloca ao afirmar que “a reserva de textos, códigos e signos distintos que se precipitam da cultura antiga para a cultura nova, mais jovem [...] se deposita na memória cultural da coletividade como um valor autossuficiente”.

Seguindo essa linha, Limor Shifman (2013) destaca que uma das características dos memes da internet é sua ausência de autorialidade. É impossível identificar sua origem porque outra das características fundantes dos memes da internet é sua propensão para a tradução e a replicação. Terrence R. Wandtke (2012) acredita que essa ausência de autorialidade também pode ser aplicada aos super-heróis, porque diferente da tradição escrita da literatura, por exemplo, a tradição oral, associada aos mitos, tende a dar menos ênfase a quem conta a história, e dar mais ênfase à sociedade que compartilha essa história, particularmente enfatizando tradições e pontos de origem pré-existentes.

O anonimato da autorialidade dos memes também apaga sua intencionalidade, de forma que imagens de super-heróis com viés bolsonarista criados pela esquerda podem ser utilizados pela direita e vice-versa, diferentemente, por exemplo, das charges de crítica social que também circulam nos aplicativos e plataformas digitais. Os memes da internet acabam sendo pensados através da experiência e do trabalho coletivo sobre a cultura.

A autoria através da tradução do mundo real em arte também foi um tópico abordado por Lotman (2001). O autor pressupõe que a arte está no domínio da liberdade, porque traz uma visão de mundo através de determinado ponto de vista da realidade, mas ao mesmo tempo essa escolha de o que deve e pode ser representado também traz a sensação de alienação. Dessa forma, o mecanismo dos valores éticos é inserido na arte. O que leva o autor a afirmar que “o ético e o estético são opostos e inseparáveis como dois polos da arte” (LOTMAN, 2009, p. 150, tradução nossa). Essa polaridade ecoa o destino comum das oposições na estrutura da cultura: a busca da destruição da sua antítese. Lotman (2009) afirma que a arte é um meio de se adquirir conhecimento, principalmente transportando o homem a um mundo de liberdade onde podem ser elaborados seus possíveis comportamentos.

No caso dos memes, podemos substituir sua definição pela noção semiótica de “um sistema de signos com a tendência de tomar novos hábitos de tradução” (CANNIZZARO, 2016, p. 576, tradução nossa). Para Lotman (2001, p. 563), a tradução é tida como um processo essencial da comunicação, quando ideias, crenças e valores, enfim, sentidos, são passados da

“linguagem do meu ‘eu’ para a linguagem do seu ‘tu’”. As novas mensagens e os novos textos da cultura surgem através da tradução, em função da individualidade humana, mas também da imprevisibilidade do resultado desse processo. É na tradução que reside a criação segundo Lotman (1990, p. 143, tradução nossa), pois “o ato elementar do pensamento é a tradução”, ao passo que, como declarado antes, “o mecanismo elementar da tradução é o diálogo”.

Aleksei Semenenko (2012) destaca que o sentido não está contido na mensagem, mas é o produto do processo de tradução, movimento este que não se trata da troca de um elemento por outro, mas o estabelecimento de uma relação dialógica entre os elementos do espaço semiótico inteiro: um signo com outro signo, um texto com outro texto e uma cultura com outra cultura.

Hartley (2020) sumariza os cinco estágios da tradução, a partir da concepção de Lotman, como (1) *estranhamento*, que significa perceber os textos como estrangeiros (2) *transformação*, começar a copiar e adaptar esses textos pela tradução (3) *abstração*, remixando-os com tradições culturais locais, cânones e sistemas culturais (4) *produtividade*, chegar, assim, a tipos de textos inteiramente novos que podem começar a ser codificados e (5) *transmissão*, a exportação destes textos para outros sistemas, gradualmente se tornando novos núcleos de uma semiosfera mais ampla.

Nos estágios 2 a 4, uma figura de linguagem muito usada para traduzir textos em diferentes contextos é utilizada: a paródia. Essa figura de linguagem permite tanto a apropriação quanto a subversão dos textos culturais. Lotman (1993) estabeleceu uma definição próxima da paródia como o texto dentro do texto que, embora possa servir para esta figura de linguagem toma também uma outra amplitude de sentidos:

A passagem de um sistema de compreensão do texto a outro, em um limite estrutural qualquer constitui, neste caso, a base da geração de sentido. Tal construção, antes de mais anda, reforça o momento do jogo no texto: desde o ponto de vista de outro modo de codificação, o texto adquire características de uma convencionalidade elevada, e nele destaca o caráter do jogo: o sentido irônico, paródico, teatralizado, etc. (LOTMAN, 1993, p. 101, tradução nossa).

Nessa direção, a definição lotmaniana de jogo, se assemelha às características da semiosfera e também dos memes. “O jogo é uma reprodução única da combinação de fatores regulares e randômicos” (GRISHAKOVA, 2009, p. 181, tradução nossa). A paródia, enquanto jogo, enquanto zoeira, enquanto imprevisibilidade rompe com a individuação e, portanto, com a auralidade. É vista como um desafio à propriedade e à acumulação capitalista, é subversiva porque inverte os polos entre aquilo que é central e periférico no interior da semiosfera. Quem parodia faz uma reificação sobre a criação do outro, avançando sobre seu território semiótico,

para que o parodiador realize sua obra, transforme, ou traduza a peça usada em objeto e material de recriação (HORTA, 2015. p. 125).

Os cinco estágios da tradução semiótica a partir dos memes, bem como o uso da linguagem da paródia, são um ponto essencial para entendermos os processos que são estudados neste trabalho. No próximo capítulo tratarei do fenômeno do bolsonarismo, que foi gestado muito antes da presença massiva de Bolsonaro nas notícias e nas plataformas digitais. Além disso, desenvolvo no capítulo seguinte três figuras super-heróicas que conduzem a retórica deste movimento, os nomes citados no título desta tese: Mitos, Messias e Salvadores da Pátria.

## 5 BOLSONARISMO

*Falhou o golpe mas safou-se o impeachável,  
Machão cagão de atos pusilânimes,  
O que talvez se ache algum herói da Marvel  
Mas que tá mais pra algum bandido de gibis.  
Mas quem dirá que não é mais imaginável  
Erguer de novo das ruínas o país?*

**Hino ao Inominável - Carlos Rennó/Chico Brown e Pedro Luís (2022)**

*Então é assim que as democracias morrem: sob aplausos.*

Padmé Amidala em **Star Wars: Episódio III - A Vingança dos Sith (2005)**

*Não existe bolsonarismo grátis.*

**Gregório Duvivier, Greg News, S06E16 (2022)**

Neste capítulo, delimito o fenômeno do bolsonarismo e descrevo como esse movimento político ou ainda, sistema de mentalidades, se relaciona com a memética e os super-heróis. Na primeira seção, descrevo a gênese do bolsonarismo, através de suas associações com as novas direitas brasileiras, o populismo e o autoritarismo. Em seguida, analiso o bolsonarismo como tendência que, neste momento, está em um nível de estabilidade. Associo sua base e durabilidade ao ressentimento e à vitimização de parte da população brasileira que se sente despida de seus privilégios de outrora por políticas progressistas, com um sentimento de insegurança ampliado pelo empobrecimento e pelo desemprego. A seguir, relaciono atributos penso alguns epítomes comuns aos super-heróis e a Bolsonaro e que dão título a esta tese. mitos, messias e salvadores da pátria, para associá-los ao trinômio “Deus, pátria e família”, conforme a figura abaixo, - lema do bolsonarismo emprestado do integralismo, movimento fascista brasileiro - e à tríade das bancadas do Boi, da Bíblia e da Bala, que servem de base parlamentar ao bolsonarismo no Congresso Nacional.

Nesta pesquisa, considero o bolsonarismo como um movimento político da *far-right* brasileira que flerta com a *alt-right* estadunidense, um movimento de inclinações populistas e autoritárias, com ímpetos fascistas e que tem como um de seus objetivos criar uma cultura (pop) de direita exercendo poder brando (*soft power*). Esse movimento conservador se manifesta em diversos países<sup>33</sup> e ganha força com a crise econômica mundial deflagrada pela eclosão da bolha imobiliária dos Estados Unidos em 2008. No Brasil, essa crise começou a ser sentida em 2013.

---

<sup>33</sup> Além da ascensão de Jair Messias Bolsonaro ao poder executivo do Brasil, essa onda se manifesta em eventos como o Brexit (2020), que decidiu pela retirada do Reino Unido da União Europeia, e pelo fortalecimento ou estabelecimento de políticos com Viktor Orbán (2010), na Hungria; Recep Erdoğan (2014), na Turquia; Vladimir Putin (2012), na Rússia; Andrzej Duda (2015) e o partido Lei e Justiça (*Prawo i Sprawiedliwość*, PiS), na Polônia; Narendra Modi (2014), na Índia; Donald Trump (2017), nos Estados Unidos; Rodrigo Duterte (2016), nas Filipinas; Volodymyr Zelensky (2019), na Ucrânia; Giorgia Meloni (2022) e o novo fascismo, na Itália. Mais recentemente, Javier Milei (2023) se tornou um dos representantes desta onda na Argentina.

Figura 27 - Um dos muitos outdoors encontrados no interior do Brasil, este, em Ji-Paraná (RO), em apoio a Jair Bolsonaro e seu lema “Deus, pátria e família”



FONTE: André Negret/RUL<sup>34</sup>.

Arjun Appadurai (2019, p. 25) sumariza as contradições características desse tipo de movimento ao redor do mundo a partir da

Admissão de que nenhum deles pode de fato controlar a economia de seus países, refém de investidores estrangeiros, acordos globais, finanças transnacionais, mão de obra móvel e capital de modo geral. Todos eles prometem a purificação da cultura nacional como via de poder político global. Todos são simpáticos ao capitalismo neoliberal, cada um com sua própria versão de como fazê-lo funcionar para a Índia, a Turquia, os Estados Unidos e a Rússia. Todos buscam converter poder brando em poder coercitivo. E nenhum deles tem restrições quanto a reprimir minorias e dissidentes, abafar a liberdade de expressão ou usar leis para sufocar oponentes.

De acordo com Tatiana Vargas Maia e Fabrício Pontin (2019, p. 144), no caso brasileiro, trata-se de

Uma reação iniciada por uma elite tradicional, e que captura a imaginação da periferia, que é marcada por forças aparentemente contraditórias que incluem, de um lado reflexos aristocratas e mudanças epiteliais, e de outro um atavismo anti-elitista e anti-política, isso tudo em um Estado definido pela exclusão.

Adotando uma interpretação lotmaniana, esse fenômeno tende a atrair para o centro muitos movimentos periféricos, mas também promove o contrário. O método comunicacional do bolsonarismo trabalha com a inversão de sentidos. O exemplo mais notável está na combinação de discurso antissistêmico e práticas que reforçam formas tradicionais de

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.rul.com.br/noticias/16672b10db.jpg>. Acesso em: 01 mar. 2024.

dominação. Um exemplo é a relação clientelista entre o poder executivo e os grupos que se autoproprietam no poder legislativo, expressa no uso de recursos orçamentários para manter uma base aliada. Assim, confunde a identificação de sentidos com o centro ou a periferia da cultura. Historicamente, o centro semiótico do discurso político é mais ou menos fixado no reforço da estrutura institucional que organiza e mantém o sistema. No bolsonarismo, a posição central do presidente é muitas vezes apresentada como periférica para manipular os sentidos de poder. Ora o presidente era retratado como vítima dos arranjos institucionais, ora retratado como figura de potência e garantidor da ordem. Tal posicionamento desenvolve uma ambiguidade e um esvaziamento dos sentidos, em que Bolsonaro consegue justificar posicionamentos de autoritarismo e de inação.

Jessé Souza (2020, p. 186) explicita jogos retóricos bolsonaristas que fomentam uma visão confrontacional das instituições e de códigos civilizatórios:

Ele coloniza a opressão e o ressentimento popular contra as classes ‘superiores’ em sua luta contra tudo que represente o ‘espírito’: artes, ciência, universidades, cultura, livre pensamento, Como o conhecimento e a cultura foram utilizados muitas vezes como uma “carteirada” contra os mais pobres, a memória dessa humilhação sobrevive no apoio a esse tipo de destruição do patrimônio simbólico do país empreendida por Bolsonaro.

Dessa forma, Bolsonaro e os bolsonaristas extraem o máximo de lucro simbólico e legitimidade possível através de manipulações e distorções. Essa forma de agir se conecta com a trajetória de Jair Bolsonaro, a partir de seu plano de fundo enquanto militar anticomunista e político ligado às milícias do Rio de Janeiro.

Jair Messias Bolsonaro, nasceu na cidade de Glicério, interior do estado de São Paulo, em 21 de março de 1955. A origem do nome “Messias” vem das complicações no parto que sua mãe sofreu, correndo o risco de perder o bebê. Com o filho nascendo saudável, dedicou a Deus o seu nome, que deveria ser Messias Bolsonaro. Porém, na hora de registrar, sabendo que naquele dia um jogador do Palmeiras faria aniversário, o pai do bebê, resolveu homenageá-lo e o nome acabou sendo Jair Messias Bolsonaro (HISTÓRIA em Meia Hora, 2022).

Cresceu durante o período em que a guerrilha contra o regime militar brasileiro estava ativa no Brasil e passou pelo Vale da Ribeira, onde sua família morou em diversas cidades. Este vale foi cenário de uma intensa perseguição ao guerrilheiro comunista Carlos Lamarca, fato que marcou profundamente Bolsonaro. Junto a alguns amigos, forneceu informações aos militares sobre possíveis esconderijos de Lamarca na região onde viviam. Esse envolvimento com os militares resultou no interesse em seguir carreira na corporação (CARVALHO, 2019).

A patente mais alta que Bolsonaro atingiu no Exército Brasileiro foi a de Capitão. Seus superiores o avaliaram como agressivo e excessivamente ambicioso na busca de ganhos materiais. Essa vontade levou Bolsonaro a escrever um artigo para a revista *Veja*, em 3 de setembro de 1986, intitulado “O salário está baixo”, reclamando dos valores dos ordenados dos militares. Na época, a política econômica do Brasil envolvia sucessivos planos para conter a inflação galopante. A carreira militar, que goza de muitos privilégios no Brasil, também se percebia ameaçada tanto pela abertura política quanto pelo arrocho salarial. Dessa forma, Bolsonaro promovia as demandas de sua classe, que desfrutava de muitas vantagens, em um contexto em que muitas outras sofriam maior impacto da crise econômica.

O então capitão do exército voltou a ser destaque na *Veja* quando, no ano seguinte, contou sobre a Operação Beco Sem Saída, planejada por ele e outros associados, que tinha como objetivo explodir bombas em diversos quartéis militares do Rio de Janeiro. Bolsonaro tinha a intenção de chamar atenção para os “baixos” salários dos militares, buscando, caracterizar a classe como vítima do sistema. Em 1988, o planejamento do atentado foi julgado pelo Superior Tribunal Militar (STM) e Bolsonaro acabou absolvido, indo para a reserva no mesmo ano (CARVALHO, 2019).

Também em 1988, Bolsonaro foi eleito vereador pela cidade do Rio de Janeiro, pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Pela mesma representação foi eleito deputado federal em 1990, com base eleitoral na Vila Militar e na região de Resende. Sua plataforma envolvia maior visibilidade para a causa militar. Além do PDC, passou por mais nove partidos durante sua carreira política, e se elegeu presidente pelo Partido Social Liberal (PSL) e encerrou seu mandato como presidente no Partido Liberal (PL), permanecendo sem partido entre 2019 e 2021.

Em 1994 concorreu à reeleição com base em uma plataforma que incluía a melhoria salarial para os militares, o fim da estabilidade dos servidores públicos, a defesa do controle de natalidade e a revisão da área concedida aos índios ianomâmis, a qual considerava absurda [...]. Em 1999, em uma entrevista ao programa Câmera Aberta, na Rede Bandeirantes, o capitão reformado afirmou que o Congresso Nacional deveria ser fechado e que o então presidente, Fernando Henrique Cardoso, deveria ser fuzilado. (ROCHA, 2022, p. 126-127).

Desde então, Jair Bolsonaro se envolveu em diversas polêmicas, inclusive relacionadas àquilo que ele e seus aliados entendem por “ideologia de gênero”. Posicionou-se contra os direitos humanos, com destaque para os direitos relacionados a mulheres, indígenas, quilombolas e a população LGBTQIAPN+. Nessas manifestações, ganhou crescente destaque na mídia, alcançando projeção nacional.

Em meio aos desdobramentos da Operação Lava-Jato, Bolsonaro se tornou candidato à presidência da República pelo PSL, em 2018. Sua campanha se beneficiou com a criminalização do Partido dos Trabalhadores (PT) e a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva, consequências da Lava Jato. A prisão de Lula ajudou na ascensão de Bolsonaro e na adesão de votos à sua campanha, principalmente pelo público masculino, de classes altas e com mais escolaridade. Em sua campanha como candidato à presidência da República, as redes sociais desempenharam um papel integral em sua estratégia. Também foram instrumentais para o sucesso da campanha processos de abuso do poder econômico, coação eleitoral em ambientes de trabalho e religiosos e a proliferação de *fake news*, junto a outros processos desinformativos. Apesar das declarações de membros do poder judiciário sobre sua suposta intolerância a notícias falsas, as campanhas de mentiras contra os adversários dos bolsonaristas nunca foram investigadas.

Jair Bolsonaro se elegeu o 38º presidente do Brasil em 2018 e seu mandato durou de 2019 a 2022. Isso tudo aconteceu num clima político em que as novas direitas se fortalecem, os direitos humanos eram contestados e a retórica da violência tomava conta das discussões.

## 5.1 AS VELHAS E NOVAS DIREITAS, O POPULISMO E O AUTORITARISMO

O uso dos rótulos esquerda e direita para denotar posições políticas opostas remonta à divisão política entre direita e esquerda que se configurou ao longo da Revolução Francesa (1789-1799), em que os sentidos de direcionamento indicavam a posição dos grupos políticos na Assembleia Nacional. Enquanto o clero, a nobreza e os aristocratas sentavam-se à direita, os representantes da burguesia, os republicanos e os liberais se posicionavam à esquerda. A partir dos avanços da Revolução Industrial, ser de esquerda passou a ser sinônimo de luta por igualdade social, enquanto que aqueles, de direita, visavam a conservação da ordem social e da tradição. Durante o século XX, as duas definições políticas teriam vínculos com a atuação histórica dos partidos comunistas (esquerda) e à defesa da propriedade privada e o uso de *think tanks*<sup>35</sup> (direita).

Dentro das gradações do espectro político, utiliza-se o termo *far-right* para descrever a direita radical e a extrema direita, tendo ambas um posicionamento antissistema ou *antiestablishment* (MUDDE, 2019). A diferença básica entre extrema-direita e direita radical

---

<sup>35</sup> “A expressão *think tank* remonta às salas secretas nas quais eram discutidas estratégias de guerra e passou a ser mais utilizada por volta da década de 1960 nos Estados Unidos” (ROCHA, 2022, p.24).

seria que a primeira teria um aspecto mais revolucionário, rejeitando todos os sentidos de ordem democrática, enquanto a segunda teria uma índole reformista, opondo-se à separação de poderes, ao Estado de Direito e aos direitos das minorias.

A partir dos anos 2000, a *far-right* passa a derivar seu poder e influência do uso demagógico das plataformas digitais. Para Rodrigo Nunes (2022, p. 48), “o que a extrema direita oferece é, em resumo, uma política antissistema para pessoas que não acreditam que o sistema possa de fato mudar”. Após a crise econômica de 2008, um novo tipo de direita surgiu nos Estados Unidos: a *alt-right* (abreviação de *alternative right*, ou direita alternativa), cuja proposta era “agrupar intelectuais dissidentes do *mainstream* republicano para destruir o conservadorismo convencional, que, na sua visão, havia sido sequestrado pelos neoconservadores e estes eram muito liberais” (PRADO, 2021, p. 95). Ela se relaciona com a direita radical e é nela que o bolsonarismo se inspira.

A *alt-right* pode ser descrita nos seguintes termos:

Trata-se de uma extrema-direita descomplexada, ativa e propositiva, de grande ativismo público, com frequentes incursões nas ruas, explorando as insuficiências e deficiências dos regimes democráticos, instrumentalizando-os quando convém, desfigurando-os ‘por dentro’ e usando intensamente os mecanismos próprios da revolução digital (AARÃO REIS, 2020, p. 3).

Assim como as direitas permaneceram “envergonhadas” por um bom tempo no Brasil e no mundo, com receio de se auto denominarem dentro deste aspecto político, também a expressão “populismo” não é usada por aqueles governos e movimentos políticos que poderiam ser classificados como tal. Apesar de populismo ser um termo com sentidos pejorativos, é um estilo de política que tem se alastrado com bastante rapidez em diversas democracias durante o século XXI, com destaque para o populismo de direita. Vale destacar que, diferente do que a grande mídia costuma noticiar, o populismo não está vinculado a apenas um espectro político, mas pode exibir contornos tanto de esquerda como de direita.

No populismo, algumas características o conceituam e o estruturam como: (a) o antagonismo entre bem (o povo) e o mal (as elites); (b) a presença de um pensamento escatológico que centraliza uma crise (seja ela de qualquer teor) que ameaça e torna inadequado o sistema político vigente; (c) a solução apontada para essa crise é de ordem “mágica” e emocional e não de ordem prática; (d) no centro do movimento há uma figura carismática, um grande líder, um homem forte; (e) é esteticamente transgressivo, apelando para o grosseiro e o rústico, é irreverente e culturalmente “popular”, onde as intersecções com a cultura pop estariam envolvidas; (f) é uma força capaz de transformar instituições e (g) se volta para o

confronto apelando para a clareza, a franqueza e a uma fala direta e direcionada. (TORMEY, 2019; ZICMAN DE BARROS, LAGO, 2022).

O populismo rejeita a complexidade, ou ainda as áreas de penumbra entre o que é considerado “bem” e “mal”:

É uma política que fala diretamente a nossas emoções, a nossos medos mais profundos e nossas mais profundas esperanças. Como sabem os diretores de cinema, os públicos gostam de uma clareza de intenções. Gostam de mocinhos e bandidos diferenciados de maneira clara e gostam de catárticos finais felizes. o populismo é para a política o que Hollywood é para o cinema. Coloca de lado a monotonia e a rotina em prol do épico espetacular ‘Vamos construir um grande, um belo muro!’ (TORMEY, 2019, p. 41).

Não é de se admirar que a grande ascensão de campanhas populistas no mundo coincide com o sucesso de filmes maniqueístas de super-heróis produzidos por Hollywood, que também apresentam figuras carismáticas resolvendo crises entre o “bem” e o “mal”, que são apresentados sem nuances e cuja resolução do conflito entre essas forças se dá através de poderes sobrenaturais e sobre humanos.

O líder populista irradia um carisma fora do comum, que sobrepuja os demais “inimigos”, inspira os demais como os super-heróis, por isso, aparentemente, dentro da lógica do populismo, o correto seria conduzir o poderoso ao poder. Se o poderoso representa o povo e o poder que merece simula uma ordem natural, esse poder também irradiaria para o povo.

Para Tomás Zicman de Barros e Miguel Lago (2022), o problema desse antagonismo é o do surgimento de um “bode expiatório”, no caso a democracia liberal, com a promessa que, ao eliminar esse obstáculo, uma pacificação poderá ser estabelecida. Nesse caso, as elites são apresentadas como um grupo sem moral, com tendência a se corromper e que deve ser eliminado pelo bem da categoria povo.

Contudo, tanto “povo”, como “elites” são aquilo que Ernesto Laclau (2005) chama de “significantes vazios”, uma vez que existem diversas acepções para estas palavras em diferentes contextos. Como veremos, o significado de quem realmente é o “povo” e a “elite” diverge para antagonistas como Lula e Bolsonaro, por exemplo. As expressões antagonônicas, assim como veremos no binômio culpado e vítima, servem a projetos políticos, em sentidos flutuantes em direção a valores, conceitos, narrativas, pautas e reivindicações que constroem identidades e pertencimentos coletivos.

Simon Tormey (2019) apresenta três teorias para a ascensão do populismo no mundo atual. Todas elas tem a ver com as crises que eclodem os movimentos políticos populistas:

- a) *Teoria do descontentamento econômico*: se concentra no impacto da recessão econômica e da austeridade neoliberal, que se intensificou com as consequências da crise financeira global a partir de 2008;
- b) *Teoria do descontentamento cultural*: diz respeito às questões de ameaças identitárias e de inserção social, representada não só pelos imigrantes, mas também àquelas questões que tratam da inclusão de minorias historicamente desprivilegiadas, como os negros, as mulheres e os *queer*;
- c) *Teoria do descontentamento democrático*: se relaciona com a decadência política, a individualização, o colapso da autoridade e o apelo e impacto das tecnologias digitais, rompendo fronteiras nacionais.

No Brasil, podemos encontrar a convergência destas três teorias, com a última teoria tendo se cristalizado a partir das jornadas de junho de 2013. Diante de tantas crises e fragilidades, o populismo busca um discurso de extinção dos inimigos e de segurança. Assim, é caracterizado, para Zicman de Barros e Lago (2022), no que chamaram de *populismo reacionário*, que encontra em um bode expiatório a razão da angústia popular em e, por essa razão, deve ser dizimado, ação que caberia ao líder deste tipo de populismo. Tal destaque a essa nêmesis popular, como a “ideologia de gênero”, no Brasil, desviaria a atenção das classes populares para ameaças mais prementes e desestabilizantes.

Christian Lynch e Paulo Henrique Casimiro (2022) também fazem uso da denominação populismo reacionário para caracterizar o bolsonarismo. Usam do conceito de “representação encarnação” de Pierre Rosanvallon, que é a criação de um corpo político pelo líder populista, seja ele inclinado a qualquer matiz. Fabrica-se assim, uma “imagem do povo representado como um corpo homogêneo e com uma vontade única, que só pode existir por meio de um único representante que sintetize seus valores” (LYNCH, CASIMIRO, 2022, p. 16).

A noção de corpo político, já estabelecida no capítulo sobre os super-heróis, reaparece aqui como sintetizadora da união entre povo e líder populista e, por conseguinte, da própria expressão da nação no âmago popular.

Em contraponto ao populismo reacionário, os autores desenvolvem o conceito de *populismo emancipador*, que enxerga tais crises como uma oportunidade de questionar as diferenças e as fronteiras entre o eu e o outro, trazendo a inclusão para o centro da discussão. Neste tipo de populismo o antagonismo entre “povo” e “elite” seria análogo ao conflito “ricos” contra “pobres”. Por sua vez, essa oposição no bolsonarismo assume uma forma diferente:

A elite que Bolsonaro se propõe a combater é essencialmente a administrativa, a cívica e a intelectual. Não existe nenhuma oposição às burguesias financeira, industrial, eclesiástica ou agrícola. Bolsonaro defende os empresários como aqueles que geram empregos no país, que fazem o país crescer - os verdadeiros trabalhadores (ZICMAN DE BARROS, LAGO, 2022, p. 103).

Jason Stanley (2019) lembra que, no fascismo, o Estado é o inimigo, por isso é substituído pela noção de nação, onde os indivíduos podem desempenhar sua autossuficiência e que em coletivo, decidem se sacrificar em função da exaltação de uma ordem imaginária.

Ao estudarem regimes de governo em diversas democracias ao redor do mundo, Roger Eatwell e Matthew Goodwin (2020), por sua vez, empregam a denominação “nacional-populismo”. Argumentam que os contornos nacionalistas dessa onda do populismo a aproxima do fascismo. Os paralelos entre os dois fenômenos são apresentados abaixo.

Quadro 4 – Sumário dos temas centrais do populismo e do fascismo

<b>Populismo</b>	<b>Fascismo</b>
Vontade popular	Não Holística (comunidade espiritual que exige total lealdade e devoção a seus interesses)
Pessoas simples e comuns	Novo Homem ( <i>Übermensch</i> )
Elites corruptas e distantes	Terceira via autoritária

Fonte: Adaptado de Eatwell e Goodwin (2020).

Na análise de Eatwell e Goodwin (2020), o único tema central do fascismo que o nacional-populismo não contém é a busca por um novo tipo de homem. Para os autores, os fatores que acarretaram no fenômeno do nacional-populismo estão ancorados em desconfiança, destruição, privação e desalinhamento<sup>36</sup>. A desconfiança advém da percepção de que os políticos e as instituições não prezam pelo bem-estar social como deveriam, e é aguçada em momentos de crise; a destruição tem a ver com a alardeada corrosão dos costumes e das tradições nacionais, bem como dos modos de vida; a privação se relaciona com as consequências econômicas da política neoliberal e a perda de poder aquisitivo e falta de conforto e segurança generalizada que ela provoca; por fim, o desalinhamento trata da falta de conexão das pessoas com as linhas políticas disponíveis, tornando os sistemas políticos, voláteis, fragmentados e imprevisíveis. Juntos, esses fatores resultam em insatisfação e ressentimento e levam a uma mobilização através de campos de sentidos que se resumem entre “nós” e “eles”, ou ainda mais simplificado e tendencioso, nos “bons” contra os “maus”.

A existência de formas recorrentes de fascismo na vida social é abordada por Umberto Eco (1998) através do termo Ur-Fascismo ou “fascismo eterno”. Alguns estudiosos defendem

<sup>36</sup> Em inglês, *Distrust, Destruction, Deprivation, e De-Alignment*.

que a cultura dos super-heróis apresenta elementos de fascismo, sendo o Superman um epítome dessa relação (DE CAMPOS, 2018). No Quadro 5, relaciono as características desse fenômeno segundo o autor à cultura do bolsonarismo e à cultura dos super-heróis, a partir de considerações de autores utilizados neste trabalho.

Quadro 5 – Correlações entre o fascismo eterno de Eco, a cultura do bolsonarismo e a cultura dos super-heróis

<b>Característica do Fascismo Eterno ou Ur-Fascismo</b>	<b>Característica da cultura do bolsonarismo</b>	<b>Característica da cultura dos super-heróis</b>
<i>Culto da tradição</i>	Moralismo	Continuidade narrativa infinita
<i>Recusa da modernidade</i>	Negacionismo	Mobilizações contra mudanças em personagens
<i>Ação pela ação</i>	Militarismo	Gênero de ação e aventura
<i>Desacordo é traição</i>	Maniqueísmo	Maniqueísmo (bem x mal)
<i>Medo da diferença</i>	Racismo, LGBTQIA+fobia, Misoginia	Inimigo externo à cultura
<i>Apelo às classes médias frustradas</i>	Apelo às classes médias frustradas	Identificação com as dificuldades econômicas dos cidadãos médios
<i>Obsessão do complô</i>	Globalismo, Marxismo cultural	Grandes ameaças ao mundo ou ao universo
<i>Inimigos ao mesmo tempo forte e fracos demais</i>	Vitimismo	Supervilões com fraquezas morais, porém de forte intelecto ou poderio
<i>A vida é uma guerra permanente</i>	Armamentismo	Conflito eterno
<i>Desprezo pelos fracos</i>	Desprezo pelas instituições de suporte social	Os fracos são as vítimas que os super-heróis devem proteger
<i>Cada um é educado para se tornar um herói</i>	Ufanismo	A retórica do heroísmo que reside em todos
<i>Machismo</i>	Machismo	A grande maioria dos super-heróis são homens, brancos, poderosos
<i>Oposição aos políticos</i>	Anti Establishment	Políticos, em grande parte, são mostrados como corruptos nas HQs de super-heróis

<i>Novilíngua</i>	Memes e linguagem de internet	Os quadrinhos de super-heróis possuem todo um léxico próprio
-------------------	-------------------------------	--

Fonte: Tabela criada a partir de Eco (2018, p. 44-51).

Outros teóricos consideram que as características principais que os super-heróis passam para seus leitores são a abnegação, a caridade, a defesa dos fracos e oprimidos, a compreensão e a compaixão (REBLIN, 2015), entre outros valores ligados à doutrina cristã e que iriam contra os preceitos do fascismo. O fascismo, e principalmente o nazismo, para Eco (1998), seriam anticristãos.

Há ainda uma outra dimensão na relação entre cristianismo e super-heróis: a visão messiânica, que aproxima os super-heróis do repertório populista. Alguns teóricos apontam que o populismo seria uma espécie de “teologia política” que retrata posições políticas opostas como “bem” e “mal”. Ainda que nem toda forma de populismo siga essa linha, o bolsonarismo recorre a esse discurso, mirando a maioria do seu público que se identifica como cristã. Por exemplo, “no discurso de Bolsonaro, encontramos apelos diretos à ideia messiânica de que um milagre o havia salvado da morte por esfaqueamento para derrotar a esquerda, apresentada como uma força anticristã a ser aniquilada” (ZICMAN DE BARROS, LAGO, 2022, p. 106). Portanto, a representação do bolsonarismo como uma força do “bem” busca reforço, ao mesmo tempo, na apropriação de significantes vinculados a sentidos cristãos e super-heróicos.

A dualidade “bem” e “mal” do populismo e do fascismo, tende a classificar como “nós” a si mesmo e seus superiores e como “eles”, seus inferiores. Uma divisão semelhante ao “povo” e as “elites” do populismo ou dos “culpados” e “vítimas”, e, por conseguinte, “super-heróis/mocinhos” e “super vilões/bandidos”. Ainda,

O autoritarismo atrai pessoas que não conseguem tolerar a complexidade: não há nada intrinsecamente ‘de esquerda’ ou ‘de direita’ nesse instinto. Ele é antipluralista. Suspeita de pessoas com ideias diferentes. É alérgico a debates ferozes. [...] Trata-se de um estado mental, não de um conjunto de ideias (APPLEBAUM, 2020, p. 20).

Tendo em vista que o bolsonarismo, mais que um movimento político, é uma mentalidade, de acordo com teorias de Erich Fromm e Theodor Adorno, Vilma Rosa (2020, p. 13) acrescenta a isso “manifestações de agressividade à oposição, censura às opiniões, controle do pensamento e emprego de métodos agressivos de controle político e social”. Todas essas, são definições que podemos encontrar no governo de Jair Bolsonaro. A autora também diferencia o totalitarismo, como ideologia, do autoritarismo, como mentalidade. Considera que o indivíduo autoritário é submisso àqueles que acredita serem superiores a ele, mas dominador

sobre aqueles que julga inferiores a si. Mario Stoppino (1998, p. 163) descreve as ideologias políticas autoritárias como sistemas de ideias que

Negam de uma maneira mais ou menos decisiva a igualdade dos homens e colocam em destaque o princípio hierárquico, além de propugnarem formas de regimes autoritários e exaltarem amiudadas vezes como virtudes alguns dos componentes da personalidade autoritária.

O célebre estudo de Theodor Adorno e seus colaboradores (2019 *apud* MARTINO; MARQUES, 2022) sobre a personalidade autoritária concluiu que a comunicação do discurso autoritário não era mais eficiente que as demais, mas funcionava por encontrar ressonância em tendências autoritárias latentes nas pessoas. Não haveria, portanto, um convencimento, uma “lavagem cerebral” ou qualquer outra artimanha retórica. Tal discurso, frente a uma pessoa com tendências democráticas e igualitárias, não teria efeito algum. Além disso, a pesquisa revelou que a atitude dessas pessoas em relação à política é a de ignorância e confusão. Recusam-se a conhecer novos pontos de vista, mas se aferram a uma visão de mundo generalizadora e estereotipada sem avaliar suas nuances e estados complexos (MARTINO; MARQUES, 2022).

Adorno e sua equipe (2019 *apud* MARTINO; MARQUES, 2022) também desenvolveram a “Escala F”, que permite entender o potencial de vínculo a ideias autoritárias em um indivíduo. No Quadro 6, a seguir, correlaciono itens característicos da personalidade autoritária com elementos presentes na lógica do bolsonarismo.

Quadro 6 – A “Escala F”, suas características e sua relação com a lógica do bolsonarismo

<b>Item da Escala</b>	<b>Definição</b>	<b>Características</b>	<b>Lógica do bolsonarismo</b>
<b>Convencionalismo</b>	Adesão rígida a valores convencionais	Preocupação em estar ajustado a valores considerados “normais”	Fundamentalismo; Negacionismo; Pensamento conservador; Difusão do pânico moral
<b>Submissão autoritária</b>	Atitude submissa e acrítica às autoridades idealizadas do grupo	Submissão à autoridade, desejo de uma liderança forte, idealização de suas qualidades ou virtudes	Populismo; Messianismo
<b>Agressão autoritária</b>	Tendência a vigiar e condenar, rejeitar	Agressão a pessoas fora de seu grupo,	Preconceito; Racismo;

	e punir quem desafia seus valores	que não compartilham suas ideias, rapidez para condenar outras pessoas.	LGBTQIA+fobia; Pânico moral; Punitivismo
<b>Autointracepção</b>	Oposição ao subjetivo, ao imaginativo, a um espírito compassivo	Rejeição do autoconhecimento, pouco interesse em qualquer coisa que não seja “prático” ou “útil” imediatamente	Ultraliberalismo
<b>Suspeição e estereotipia</b>	A crença em determinantes místicos do destino individual; a disposição a pensar por meio de categorias rígidas	Crença em forças externas que determinam as ações humanas, tendência a pensar em divisões rígidas	Meritocracia; Anti-intelectualismo; Teologia da prosperidade
<b>Poder e “dureza”</b>	Preocupação com a ideia de dominação-submissão, identificação com figuras de poder, exibição de força e da dureza	Exibição constante da força e do poder, busca da proximidade com o poder ou de atributos que mostram isso	Masculinismo; Apologia à ditadura; Militarismo; Culto à personalidade; Armamentismo
<b>Destrutividade e cinismo</b>	Hostilidade generalizada, desprezo pelo ser humano	Agressividade racionalizada, tornar “aceitável”, aos olhos da pessoa, por se inserir em uma visão de mundo	Violações ao meio ambiente; Violações a minorias; Violações de Estado; Necropolítica; Apologia à tortura e à pena de morte; Violência como método de comunicação
<b>Projetividade</b>	A disposição para acreditar que coisas estranhas e perigosas acontecem no mundo, a projeção para fora de impulsos	Tendências a ver nos outros apenas defeitos e problemas, perspectiva de que “forças do mal” estão atuando e devem ser combatidas	<i>Fake News</i> ; Desinformação; Pós-verdade; Discurso da ameaça do globalismo; Teoria da conspiração

	emocionais inconscientes		
<b>Sexo</b>	Preocupação exagerada com “eventos” sexuais	Forte interesse na vida sexual dos outros, sobretudo em relação às condutas consideradas “corretas”	Pânico sexual; Discurso contra a “ideologia de gênero”

Fonte: Itens acrescentados à tabela desenvolvida por Martino e Marques (2022, p. 240-242), conteúdo adaptado de Adorno (2019, p. 135-158).

À diferença de Adorno e seus companheiros (2019 *apud* MARTINO; MARQUES, 2022), Karen Stenner (2010), propõe que a personalidade autoritária não é um traço psicológico estável, mas uma predisposição mental que alguns indivíduos assumem, tornando-se intolerantes quando percebem níveis aumentados de ameaça. A demanda por governos com esse feitiço seria, conseqüentemente, resultante de flutuações nessa dinâmica. Mudanças nas democracias ocidentais na direção de governos autoritários seriam então resultado da construção de maiorias a partir da promoção do sentimento de ameaça.

Um ano antes da eleição de Bolsonaro, em ocasião do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Instituto Datafolha (2017), divulgou a pesquisa ‘Medo da violência e o apoio ao autoritarismo no Brasil - Índice de propensão ao apoio a posições autoritárias’. O estudo identificou fortes inclinações autoritárias entre a população brasileira, acompanhadas de grande inclinação a apoiar comportamentos deste tipo. Numa escala em que zero representa nenhuma propensão a apoiar ações autoritárias e dez, total adesão a esse tipo de posicionamento, a média encontrada para os participantes da pesquisa foi de 8,10. Dessa forma, percebe-se que o endosso ao comportamento autoritário se relaciona à ascensão do bolsonarismo no Brasil.

Na análise de Lilia Moritz Schwarcz (2019), são apontados alguns elementos da formação da sociedade brasileira que condicionam esta forma de encarar a política: a formação do estado baseada na escravidão e no racismo, o mandonismo<sup>37</sup>, o patrimonialismo, a extrema desigualdade entre as classes sociais, preconceitos envolvendo diferenças de gênero e etnia, a violência e a intolerância. Estes elementos se relacionam no ponto em que desenvolvem hierarquias sociais, aliadas a uma fantasia de um passado idílico. Também está ligado ao “toma cá, dá lá”, a troca de favores, que alimenta a corrupção.

<sup>37</sup> O mandonismo é um fenômeno social usado em ciência política, filosofia e sociologia, para definir uma das características do exercício do poder por estruturas oligárquicas e personalizadas, ao longo da História do Brasil e que equivale, na literatura hispânica, ao chamado caciquismo.

O Brasil é um dos países com maior *desigualdade social* do mundo, mas que não se resume apenas à falta de equidade das rendas dos brasileiros, mas também “a desigualdade de oportunidades, a desigualdade racial, a desigualdade regional, a desigualdade de gênero, a desigualdade de geração e a desigualdade social, presente nos diferentes acessos à saúde, à educação, à moradia, ao transporte e ao lazer” (SCHWARCZ, 2019, p. 126).

A *intolerância*, aliada a questões de *gênero e raça*, desenvolvem episódios de *violência* no Brasil, ligados à binaridade entre oprimidos e opressores, em que esses papéis são facilmente dissuadidos e dissociados de seu sentido original. Basta perceber os crimes de feminicídio, relacionados a uma ideia masculinista, os crimes de ódio contra negros e à comunidade queer. A intolerância tem razão em códigos binários que geram um sentimento belicoso contra tudo que não seja relacionado aos gostos, crenças e comunidades de um indivíduo. Tudo isso é replicado também na arena política, como as últimas e polarizadas eleições brasileiras puderam comprovar.

Segundo Schwarcz (2019), a tendência ao autoritarismo que reside na sociedade brasileira, inclina-se a ameaçar a democracia, uma vez que a cada crise sistêmica, o Brasil tende a apelar para figuras autoritárias que possam servir como “pais bondosos”, “gente como a gente”, “salvadores da pátria”, “nobres cavaleiros brancos”, que tragam de volta nossa pátria a seu passado idílico, nos “bons tempos”, em que a vida era um paraíso. A eleição de Jair Messias Bolsonaro pode ser interpretada como uma tentativa de recorrer a uma dessas figuras capazes de guiar o país para além da crise. Nesse caso, a escolha é feita não com base nas competências demonstradas pela liderança proposta, mas pelos sentidos que são mobilizados em torno de sua candidatura.

Em ‘Como morrem as democracias’, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018, p. 33-34) trazem uma tabela para aferir as tendências autoritárias de um político, que seriam quando políticos: “1) rejeitam, em palavras ou ações, as regras democráticas do jogo; 2) negam a legitimidade de oponentes; 3) toleram e encorajam a violência; e 4) dão indicações de disposição para restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia”. Em visita ao Brasil em 2018, Levitski percebeu que dos cinco principais candidatos à presidência da república deste país, quatro deles não traziam nenhuma das características acima, mas um deles reunia todas elas. Esse candidato era Jair Messias Bolsonaro, eleito presidente neste pleito (FUNDAÇÃO FHC, 2018).

Tormey (2019) define que na intersecção do populismo e do autoritarismo existe o que chama de “populismo autoritário”. Em associação com as ideias de Zicman de Barros e Lago (2022), pode-se considerar o bolsonarismo como “populismo reacionário autoritário”.

Matthew MacWilliams (2016) caracteriza um contexto próprio para a ascensão de regimes autoritários em uma sociedade. Tal ideia é baseada em três fatores: (a) crises econômicas; (b) grandes mudanças populacionais; e (c) medo da globalização. No Brasil, esses fatores podem ser percebidos: (a) na deterioração econômica a partir de 2014; (b) no incremento de poder aquisitivo e da participação social de classes econômicas antes apartadas dos circuitos centrais, impulsionada pelas políticas de inclusão dos governos petistas; e (c) no discurso contra o “globalismo” e o “marxismo cultural” importado da *far-right*. Este último posicionamento foi insuflado por Olavo de Carvalho, como destacam Lynch e Casimiro (2022, p. 71):

Olavo compartilhava pelo menos quatro características comuns aos autores da direita radical: a retórica apocalíptica de fim dos tempos (o decadentismo); o receio de elites cosmopolitas (o globalismo); a distinção entre amigos e inimigos (a luta pela vida); e a noção de metapolítica (precedência da luta política pela cultura).

Resta, no entanto, entender como o bolsonarismo se ergueu ancorado na tendência de crescimento das novas direitas brasileiras. Camila Rocha (2022) prefere empregar o termo novas direitas a expressões como direita radical, extrema direita, direita alternativa ou *alt-right*, de modo a abordar coletivamente todo esse espectro. A autora entende que as novas direitas, em ação mais manifesta desde 2011, opõem-se às direitas envergonhadas, que atuam no Brasil desde o final da ditadura militar. Anunciam-se como direita, apoiando-se no conservadorismo pragmático e no neoliberalismo, lutando contra o que afirmam ser uma “hegemonia cultural da esquerda”. Entre as características dessa ala, estariam: a posse de recursos financeiros e organizações; a criação de fortes identidades coletivas; o controle de dinâmicas emocionais elaboradas a partir de confrontos políticos; mudanças nas estruturas das oportunidades políticas; e a habilidade no uso e nas lógicas das plataformas digitais.

Uma das primeiras articulações da nova direita no Brasil foi o Movimento Endireita Brasil (MEB), criado em 2006 por Ricardo Salles, que se tornaria ministro do Meio Ambiente do governo Bolsonaro. Em 2007, após um acidente aéreo com uma aeronave da Tam, surgiu o movimento Cansei, cujo objetivo inicial era protestar contra o “caos aéreo” que teria sido gerado pela má administração do governo petista.

Essas movimentações encontraram eco em espaços online então em crescimento. De acordo com Rocha (2022), a popularização da rede social Orkut no país, entre 2006 e 2010, antes mesmo do estabelecimento do Facebook, contribuiu para que a direita no Brasil perdesse a vergonha. Rocha ressalta que o Orkut era uma rede social extremamente popular no país, sendo que mais de 75% de seus usuários eram brasileiros. Além disso, o acesso à internet no período estava restrito a uma elite que podia pagar pela tecnologia. Assim, o perfil

predominante de usuários do Orkut era de jovens adultos e adolescentes das classes A e B, com alta escolaridade, residentes nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

No Facebook, em 2010, surgia a página Revoltados Online, um dos espaços onde o antipetismo se desenvolveu com mais intensidade nas redes sociais. Em 2011, os ativistas online da direita começaram a migrar do Orkut para o Facebook e a participar de manifestações de rua, principalmente protestando contra a corrupção e portando bandeiras do Brasil e faces pintadas de verde-amarelo, como nas manifestações do Cansei e relembrando os cara-pintadas que protestavam a favor do *impeachment* de Fernando Collor de Mello em 1992.

Essas redes sociais serviram como meio para popularizar as ideias de Olavo de Carvalho. Ainda no fim dos anos 1990, o ideólogo criou o blog *Mídia sem Máscara* (MSM), que Rocha (2022) considera um dos embriões das ideias disseminadas nas novas direitas brasileiras. Seus leitores e admiradores posteriormente se reuniram em comunidades do Orkut formadas por leitores e admiradores da obra de Olavo. Para a autora, Olavo de Carvalho não apenas influenciou ativistas e entusiastas do que viria a ser a nova direita brasileira, como também abriu espaço para outros articulistas e comentaristas com posições políticas semelhantes em veículos de mídia tradicional, como foi o caso de Rodrigo Constantino. Além disso, seus livros criaram um novo filão de livros da nova direita e de editoras que passaram a se identificar com este tipo de conteúdo, como a Record, a É Publicações e a Vide Editorial<sup>38</sup>.

A partir de 2011, Jair Messias Bolsonaro começou a flertar com Olavo de Carvalho e as novas direitas brasileiras. Em similaridade com as ideias olavistas, Bolsonaro destacava em seu discurso a ameaça representada pela ascensão das esquerdas na América Latina. Principalmente, polemizava aquilo que ele e Olavo acreditavam ser uma “ideologia de gênero”, que seria um movimento cultural com o objetivo de desarticular a sociedade ocidental com a promoção do aborto e do casamento de pessoas do mesmo sexo. Segundo os olavistas e bolsonaristas, isso causaria a extinção humana.

Foi nas chamadas “jornadas de junho de 2013” que os movimentos difusos da nova direita brasileira começaram a convergir. As jornadas evidenciaram a inabilidade dos políticos em todas as esferas, municipais, estaduais e federal em responder a questionamentos populares. Com elas, as novas direitas também perceberam que era possível reunir um número expressivo de pessoas para protestar a favor de pautas desligadas aos ideais da esquerda. No ano seguinte,

---

<sup>38</sup> A Editora Record publica os livros de Olavo de Carvalho, tendo estabelecido suas obras nas listas de mais vendidos de não ficção por diversos anos seguidos. A É Publicações investiu em livros clássicos que tratam de ideologias da direita. Já a Vide Editorial trouxe às lojas livros anticomunistas, antifeministas e cristãos.

Bolsonaro começou a ser chamado de “Bolsomito”, sendo pensado não apenas como um ídolo, mas como espécie de super-herói.

O uso das imagens dos super-heróis pelas novas direitas brasileiras tem como marco a campanha de Paulo Batista a deputado estadual por São Paulo, pelo Partido Republicano Progressista (PRP), nas eleições de 2014. O candidato utilizou um vídeo que ficou conhecido como “Raio Privatizador” para difundir suas ideias ultraliberais. No vídeo, Batista aparece como um super-herói que sobrevoava cidades comunistas, por exemplo Havana e Pyongyang, e lança dos olhos o “raio privatizador”, transformando-as em localidades superdesenvolvidas.

Figura 28 – Capturas do vídeo da campanha de Paulo Batista, o candidato a deputado estadual do “raio privatizador”



Fonte: Gazeta do Povo.

O vídeo da campanha, em tom pastelão, emprega uma narração em sotaque paulista carregado e apresenta o nome do candidato decalcado do logotipo do desenho animado *He-Man and The Masters of Universe*<sup>39</sup>, com uma música de fundo inspirada no tema do filme *Superman* de 1978. Também mostra Batista usando seu raio privatizador para dizimar comunistas, apresentados num estilo dos inimigos de Goku, na série *Dragon Ball Z*<sup>40</sup>. Essa utilização de

<sup>39</sup> *He-Man and The Masters of Universe* foi um desenho animado criado em 1983 e exibido no Brasil no Xou da Xuxa, da Rede Globo, nas décadas de 1980 e 1990. A animação contava as aventuras do Príncipe Adam de Eternia que, ao brandir sua Espada do Poder, e gritar “Pelo poderes de Grayskull, eu tenho a força”, se tornava o musculoso e bronzeado He-Man. Por anos, He-Man foi um personagem associado ao universo dos super-heróis, mas não apenas a ele, como ao universo masculino hiperviril.

<sup>40</sup> *Dragon Ball* foi uma série de mangá (1984) e de anime (1996) criada por Akira Toriyama, em 1991, no Japão, com grande sucesso no Brasil e no mundo. A história de *Dragon Ball* (“Esfera do Dragão”) conta a vida de Son Goku, um jovem garoto com cauda de macaco que vive na Montanha Paozu, baseado no clássico romance chinês *Jornada ao Oeste* (西遊記). Teve continuações como *Dragon Ball Z* e *Dragon Ball GT*, que mostram um Goku adolescente e adulto continuando suas lutas. Goku também é considerado, dentro do imaginário social, um super-herói. Foi exibido no Brasil em canais de televisão como Rede Globo, Bandeirantes, Cartoon Network e Canal Brasil, nas décadas de 2000 e 2010. Também se trata de um produto cultural em que a hipermasculinidade é um elemento central.

referências vindas de diversas mídias (animação e filmes) e não diretamente dos quadrinhos de super-heróis, demonstra que, entre o público brasileiro, há uma aproximação entre os sentidos desses diferentes produtos culturais. Outras peças semelhantes já circulavam em pleitos passados utilizando a iconografia dos super-heróis.

Segundo Fábio Ostermann (*apud* ROCHA, 2022, p. 142), um dos idealizadores da campanha de Batista, a motivação desta peça publicitária era romper com as formas de divulgação política da época. Contudo, apesar da campanha apelar para motivos super-heróicos, que estavam em voga no cinema, mas ainda não com tanta ênfase, Paulo Batista não conseguiu se eleger deputado estadual em 2014.

Ainda em 2014, iniciava a Operação Lava-Jato, que desestabilizou a base petista e direcionou mais público para as páginas e movimentos antipetistas. Naquele ano, também começou o primeiro protesto da campanha pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Nele, pela primeira vez, Eduardo Bolsonaro, Olavo de Carvalho, os ultraliberais e a comunidade da página de Facebook Revoltados Online se uniram em um objetivo em comum para a consolidação das novas direitas no Brasil. Foi também nesse ano em que o Movimento Brasil Livre (MBL) se formou a partir de dissidentes da Renovação Liberal (RL).

O bolsonarismo explorou a insatisfação cultivada com os desdobramentos da Operação Lava-Jato para se promover. Nas eleições de 2014, em que integrantes do MBL conquistaram posições no legislativo, Bolsonaro se tornou o deputado mais votado do Rio de Janeiro. Sua *fanpage* no Facebook havia sido criada no ano anterior, de forma a promover sua imagem e angariar apoiadores. As mobilizações das novas direitas tanto nas ruas como no espaço digital ampliaram seu espaço na política brasileira, conduzindo o bolsonarismo ao poder executivo do país.

Em 2018, Bolsonaro se candidatou a presidente pelo Partido Social Liberal (PSL), em uma campanha que se sustentou nas novas direitas e surpreendeu os analistas políticos e jornalistas ao se tornar o segundo candidato mais votado no primeiro turno desse pleito. Esses atores consideravam Bolsonaro carta fora do baralho devido a seu discurso radical.

Camila Rocha (2022) coloca que essa ascensão das novas direitas provocou a formação de um amálgama ideológico inédito no Brasil, o ultraliberalismo-conservador. Tal definição é desenvolvida e discutida em seções posteriores.

## 5.2 O BOLSONARISMO COMO TENDÊNCIA, MEME E MENTALIDADE

O sociólogo Guillaume Erner (2015) define moda como práticas que estão em voga e que interferem no comportamento da sociedade, principalmente naquilo que se refere ao consumo. De acordo com o autor, a concepção ortodoxa de moda na Sociologia é a de “um comportamento adotado de maneira temporária por uma parte substancial de um grupo social quando esse comportamento é percebido como socialmente adequado para a época e situação” (ERNER, 2015, p. 11-12).

Para Lars Svendsen (2010), a moda é um fenômeno relacionado com o modernismo, com o intuito de romper com a tradição e alcançar o “novo”, que afeta a atitude da maioria das pessoas a respeito de si mesmas e dos outros. Georg Simmel (1989) diferencia a moda da vestimenta, já que a primeira afeta todas as áreas culturais e a segunda apenas uma parte, a forma como usamos roupas. Na mesma direção vai Gilles Lipovetsky (1994, p.16) quando afirma que:

A moda é uma forma específica de mudança social, independentemente de qualquer objeto particular; antes de tudo, é um mecanismo social caracterizado por um intervalo de tempo particularmente breve e por mudanças mais ou menos ditadas pelo capricho, que lhe permitem afetar esferas muito diversas da vida coletiva.

Por sua vez, Roland Barthes (1983) pensa a moda como um sistema de significados culturais, enquanto a vestimenta é sua base material. Já a semióloga Lucia Santaella (2023) acredita que a moda é um sintoma da cultura, quando define que um sintoma é um conceito psicanalítico e que através da análise desses sintomas se chega a um diagnóstico. O sintoma seria um acontecimento que dispara um mal-estar. Ela compara esse sentimento ao mal-estar na cultura, cunhado por Freud. Essa sensação ativa a busca de suas causas e consequências, porque é algo que está fadado a se repetir como no mecanismo cultural de um meme. Assim, para Santaella (2023, p. 72):

A moda não é apenas criadora de estéticas que fascinam, nem é reveladora de sintomas da cultura a que pertence, mas ela também realiza a tarefa fundamental de deixar ver, expor valores que a cultura alimenta como sendo dignos de serem cultivados.

Lars Svendsen acrescenta que a moda só se estabelece quando a mudança é buscada pela vontade de mudar, algo que ocorre de maneira relativamente frequente. Existem diversos elementos que aproximam a lógica da moda com a lógica dos memes. Por exemplo, Barthes (1983, p. 273) atesta que “cada nova moda é uma recusa a herdar, uma subversão contra a opressão da moda anterior”. Os memes guardam algo de antigo para poderem adicionar nesta estrutura conteúdos e sentidos de novidade.

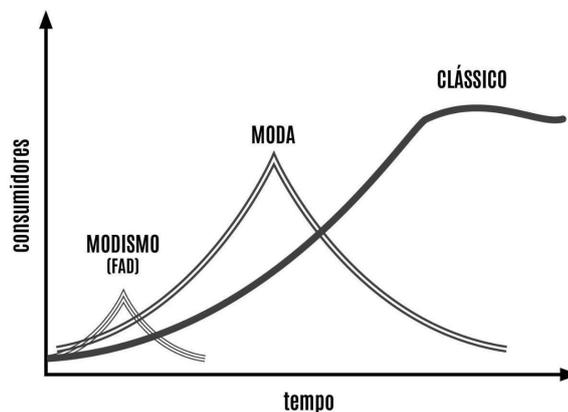
Ainda, “a moda existe numa interação entre lembrança e esquecimento, em que ela continua lembrando seu passado ao reciclá-lo, mas ao mesmo tempo esquece que ele é exatamente aquilo” (SVENDSEN, 2010, p. 28). A dinâmica da moda e dos memes estão relacionadas com a própria dinâmica da cultura, como postulada por Iuri Lotman. E então, como as aspirações de virilidade, que serão estudadas no próximo capítulo, a moda está sempre circulando em um estado de vir a ser. Tal como os memes e a dinâmica da cultura:

A natureza da moda é produzir signos eficazes que pouco depois se tornam signos ineficazes. Seu princípio é criar uma velocidade constantemente crescente, fazer um objeto se tornar supérfluo o mais rapidamente possível de modo a dar lugar a um novo (SVENDSEN, 2010, p. 131).

Dessa forma, a moda trava uma batalha constante para encher de significado o que está sendo gasto com crescente rapidez.

A partir da pesquisa em comportamento do consumidor, Michael Solomon (2002) define uma tendência sociocultural como um tipo de moda com um ciclo de estabilidade de aceitação extremamente longo, representando um processo de classificação de um traço ou produto como um “clássico”. Difere, assim, de outros comportamentos ou valores emergentes nas dinâmicas sociais que se desempenham em ciclos médios de moda ou, ainda, em ciclos muito breves, como modismos [*fads*].

Figura 29 – Gráfico diferenciando modismo, moda e clássico



Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Santos (2017, p. 28).

Malcolm Gladwell (2009) compara as tendências a uma epidemia (ou ainda, o agente infeccioso de uma epidemia). Ele assinala que quando esse tipo de epidemia rompe o equilíbrio social, desencadeia mudanças na sociedade. Portanto, o autor propõe que as tendências podem ser estudadas a partir do “agente infeccioso” que as desencadeia. Essa perspectiva é similar à da memética, que prioriza o entendimento do fenômeno social a partir do meme.

Para Derek Thompson (2018), a produção de *hits* é uma mistura de neofilia, atração pelo novo, com neofobia, repulsa pelo novo. Pode-se estabelecer uma convergência entre a semiótica da cultura e a memética quanto a esse aspecto. A dinâmica entre centro e periferia que rege a cultura está ligada à remixagem entre elementos estabelecidos e novos que propõe a multiplicação de um meme. Para que um produto do entretenimento, ou um conjunto de ideias, políticas ou não, tenha uma chance de se tornar um *hit*, ele precisa ter alguma coisa de revigorante, que pareça romper com os aspectos do *establishment* considerados negativos, mas guardar ainda uma familiaridade que conforte o público alvo. Essa negociação de sentidos perpassa os movimentos da cultura e da memética revisados nos capítulos progressos, elucidando uma dimensão pela qual uma tendência ou um meme são fixados na cultura.

Assim como estudos de mercado e comunicação utilizam a abordagem de tendências para compreender o desempenho de sucessos comerciais, *hits*, como a atual popularidade de produtos vinculados com super-heróis, ela também pode ser empregada para interpretar movimentos políticos e sociais. A ascensão da extrema direita no mundo também se apoia na conjugação das forças opostas e combinadas da neofilia e neofobia. Da mesma forma, o bolsonarismo pode ser analisado como um meme, na acepção original do termo. Afinal, as disputas eleitorais ao redor do globo têm se propagado na arena digital através de um conflito de ideias. Por exemplo, na reeleição de Barack Obama, nos Estados Unidos, alguns estudiosos e jornalistas acabaram batizando o pleito como “a eleição dos memes” (JURGENSON, 2012; JEFFRIES, 2012).

Adrienne Jeffries (2012) salientou que em 2012 a produção de memes durante os debates presidenciais através de GIFs no Twitter/X ou no Tumblr aumentou consideravelmente comparado com eventos semelhantes anteriores. Ela destaca que as gafes dos políticos são um terreno fértil para o florescimento de memes. Os debates presidenciais e as eleições brasileiras de 2010 em diante também foram geradores de memes que são repetidos até hoje. Posso elencar como exemplos a bola de papel que atingiu José Serra em 2010; o meme “Quero” do candidato do Partido Verde, Eduardo Jorge em 2014; a pronúncia carioca do candidato Cabo Daciolo falando “Glória a Deux!” em 2018; e Lula falando “Não quero ficar perto de você!” para Bolsonaro, no debate final de 2022.

Jurgenson (2012) considera que as campanhas políticas não conseguem produzir memes, mas conseguem reagir a eles, reforçando aqueles que são favoráveis a seus candidatos. Acabam injetando alguma autenticidade em um processo exagerado e socialmente desgastado. Dessa forma, para o sociólogo, a “eleição dos memes” apresentou um embate entre as campanhas presidenciais e a grande mídia contra as plataformas digitais, provocando uma

reação catártica em resposta a um sistema político que faz com que o povo se sinta desimportante. O meme, portanto, parece, para aqueles que os utilizam, uma forma de engajamento político mais potente que o voto, ou ainda uma forma mais participativa de fazer parte da cidadania.

Uma das funções essenciais da moda é conferir identidade àqueles que se usam dela, encontrada no espaço entre o individual e o conformista. Por isso, segundo Svendsen, existem dois princípios em ação no sistema da moda: (a) o de *diferenciação*, que se dirige às pessoas da nossa própria classe; e (b) o de *imitação*, que se volta para pessoas da classe acima da nossa (SVENDSEN, 2010). Esses princípios se relacionam com a forma como pensamos politicamente, numa espécie de duelo de forças que querem ao mesmo tempo mostrar que queremos nos afastar de pessoas no mesmo patamar social que o nosso e nos aproximar de um degrau acima na pirâmide social.

Além disso, a transformação de Bolsonaro em um mito, e a popularização do “mitar” tem a ver com o sistema de moda, uma vez que a moda “mitifica”, num processo em que o contingente e o histórico se tornam algo necessário e válido para todos, sem importar quem sejam essas pessoas. Barthes (1983) diz que a moda é tirânica e que seus signos são arbitrários, assim, a moda tem o poder de transformar qualquer signo em um “fato natural”.

Os fatores que permitem caracterizar o bolsonarismo como tendência estão em sua conexão com uma onda conservadora mundial e em sua dimensão de mentalidade, com valores e sentidos que estabelecem uma maneira de pensar. Como outros fenômenos dessa natureza, é difícil demarcar seu ponto inicial, mas pode-se detectar a presença de seus componentes em momentos anteriores à sua identificação ou caracterização. Idelber Avelar (2021, p. 170) afirma que o bolsonarismo não surge com Bolsonaro, mas que vai se gestando “em uma espécie de subterrâneo da sociedade brasileira”. Para o autor, o bolsonarismo “se constituiu a partir de elementos heterogêneos e que veio a expressar algo que se gestava como demanda para uma parcela da população brasileira” (2021, p. 171).

A primeira menção do termo bolsonarismo foi feita por Conrado Hübner Mendes no artigo de opinião “Reféns do bolsonarismo”, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 13 de março de 2014, onde o articulista define tal tendência como um “primitivismo político” (MENDES, 2014). Desde então, o termo bolsonarismo tem sido presença constante na mídia em geral. Essa difusão ganhou fôlego com a propagação da imagem de Bolsonaro, especialmente em programas da televisão aberta como *Pânico na TV* (2003 a 2012, no canal Rede TV) e *CQC - Custe o que Custar* (2008 a 2015) e *Pânico na Band* (2012 a 2017), ambos do canal Bandeirantes TV.

Sua operacionalização no ambiente acadêmico, contudo, é mais recente. Estudos sobre tal fenômeno se multiplicam somente a partir das eleições de 2018, quando o então candidato do PSL conquistou o cargo de Presidente da República do Brasil. Luciana Aliaga constata que “via de regra, os termos bolsonarismo/bolsonarista(s) fazem referência às ações e às manifestações, movimentos, sites e redes sociais que apoiam Jair Bolsonaro ou à seus ministros” (ALIAGA, 2020, p. 62).

A vitória de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018 foi o coroamento da onda conservadora no Brasil e do bolsonarismo, atingindo seu platô. Moura e Corbellini (2019, p. 30) trazem três razões estruturais para este resultado no pleito:

(1) a desmoralização das elites políticas e do conjunto do sistema partidário tradicional provocada pela Lava-Jato (talvez a maior herança da operação sob a perspectiva do eleitor); (2) o aprofundamento da crise na segurança, que adquire o status de maior problema nacional na percepção da opinião pública; (3) o crescimento da importância das redes social, particularmente a disseminação do WhatsApp como nova plataforma de comunicação, que revoluciona a competição eleitoral e o modo de fazer campanha no Brasil. Acima de tudo, essa era a eleição dos eleitores indignados e “empoderados” pelo telefone celular.

Para Jairo Nicolau (2020), a eleição de Bolsonaro em 2018 quebrou os paradigmas das três condições para um presidente ser escolhido no Brasil. Sua vitória não dependeu de altos gastos com campanha política, sem aparecer com muito tempo de mídia no horário político - o que fez com que concentrasse sua atenção nas redes sociais, gratuitas e mais interativas; ele concorria por um micropartido, o PSL (Partido Social Liberal); não tinha respaldo formal de grandes ou médias legendas partidárias.

Ao analisar a mobilização de “ismos” na política brasileira através de casos do Maranhão (“vitorinismo”, “sarneysismo”) e do Rio Grande do Sul (“getulismo”, “trabalhismo”, “brizolismo”), Igor Gastal Grill (2012) constatou que os “ismos” em sua dimensão política servem para estigmatizar ou vincular agentes a “ícones políticos”, seja como forma de filiação (tanto no sentido de herança como no ideológico) ou como forma de desqualificar adversários vinculando-os a “figuras emblemáticas” e práticas rechaçadas. Para Grill, os “ismos” políticos estão relacionados com agentes que se associam com “patrimônios coletivos” ou “linhagens”.

O reconhecimento desses pertencimentos por parte dos demais políticos (ou pares) e dos eleitores associa-se ao fato de que a possibilidade de ocupar posições de poder político está condicionada à posse de recursos (“nomes”, posições nas tramas políticas, cargos, vínculos pessoais e familiares) e de disposições que os permitam utilizar e frutificar esses recursos na competição política (GRILL, 2012, p. 194).

Dessa forma, os “ismos” políticos revelam estratégias de associação ao passado para se vincular ou fazer oposição a uma figura política, estruturado sobre uma visão da política que tem como base a personificação do capital simbólico e a legitimação carismática. Os “ismos” políticos também oferecem uma mixagem de sentidos sobre excelência social, atuação política e legitimidade conforme os recursos disponíveis e interesses presentes (GRILL, 2012). No caso do bolsonarismo, os recursos preferidos são midiáticos, como as redes sociais, os memes e os meios de comunicação de massa tradicionais para desenvolver estratégias que envolvem a criação de narrativas paralelas e o uso de intérpretes para promover critérios concorrentes ao *establishment*. *Influencers* que atuam no YouTube, no Twitter/X e no Facebook são alguns exemplos de organizadores e divulgadores dessas estratégias. Tudo isso molda uma forma específica de agenciamento político:

O bolsonarismo, diferente da personalidade individual de Bolsonaro, pode ser entendido tanto como uma forma de gestão do poder e como um movimento reacionário de massas, incitado pela propagação de *fake news*, que emerge em função de uma crise política, econômica, social e ideológica, cujas origens podem ser identificadas em 2013 (ALIAGA, 2020, p. 71).

Portanto, é preciso destacar que o movimento bolsonarista é definido pela figura de Jair Messias Bolsonaro, mas seus fundamentos como fenômeno social tiveram início e se sustentam para além de sua figura. Ainda que se relacione com outras iterações de uma onda conservadora internacional, como indica Aarão Reis (2018), o bolsonarismo tem suas particularidades. Eatwell e Goodwin (2020) destacam, entre elas, o apoio a políticos de grupos socioeconômicos de renda relativamente alta, a ausência de coalizões mais amplas, e a inexistência de elos significativos entre candidato e partido político.

De acordo com Nunes (2022), o bolsonarismo, enquanto tendência social, deve ser visto não apenas como um movimento único, mas que expressa convergência de tendências em desenvolvimento na sociedade brasileira, que têm a possibilidade de durar muitos anos. Ao mesmo tempo, se configura a partir do aproveitamento tático do contexto político desestabilizado para promover a candidatura de Bolsonaro. Nessa direção, é preciso ressaltar que o eleitor que votou em Bolsonaro não necessariamente aderiu ao movimento do bolsonarismo. Por fim, a forma como essa tendência social se estendeu na história e no contexto brasileiro acaba se combinando com a falta de coerência e estabilidade das forças políticas que dão expressão ao movimento.

Marina Basso Lacerda (2018) aponta que o caráter neoconservador do bolsonarismo se promove com o desgaste da moral no capitalismo, gerando um “moralismo compensatório pela

perda de qualidade de vida a que políticas neoliberais levam” (LACERDA, 2018, p. 189). Por sua vez, Rocha (2018, p.18) considera que o bolsonarismo é um “amálgama inédito entre o ultraliberalismo econômico e a defesa de pautas conservadoras”. A agenda conservadora de Bolsonaro é respaldada a partir da retórica da família, especialmente entre evangélicos conservadores, mas também entre católicos conservadores e conservadores sem religião. A esse respeito, Jairo Nicolau (2020, p. 76) apresenta uma “hipótese da afinidade conservadora”:

(1) os evangélicos, em sua maioria, têm posições conservadoras no campo comportamental; (2) Bolsonaro se tornaria um dos principais defensores dos temas conservadores no debate público; (3) em eleição em que um candidato com posição conservadora nos temas comportamentais é adversário de outro com posições progressistas, os evangélicos votarão no candidato conservador.

Por outro lado, como aponta Esther Solano (2019, p. 320), mesmo com uma agenda retrógrada, o bolsonarismo se apresenta como uma alternativa de futuro para muitos brasileiros, pois:

Ao mesmo tempo em que se constrói com bases em negações políticas, está fazendo com que muitos indivíduos se sintam empoderados politicamente porque não se apresenta como elitista e sim como popular, fazendo apelos contínuos a suas bases e a militância e se dirigindo às massas que foram abandonadas pelo sistema político tradicional.

O sentimento de empoderamento popular através do bolsonarismo está ligado à afirmação de pautas conservadoras apoiadas por uma parte da população que se ressentida da presença de novos padrões de relações sociais, em atitude de neofobia. Ao mesmo tempo, o bolsonarismo apela à neofilia ao se promover como alternativa aos partidos tradicionais. Dessa forma, manipula sentidos para se apresentar como oposto aos fatores que são elencados como responsáveis pela deterioração das condições de vida da população. Essa mixagem promove Bolsonaro como uma figura que representa efetivamente sua base em preferências, gostos, comportamento e visão de mundo.

Camila Rocha, Esther Solano e Jonas Medeiros (2021) exploram a reversão de sentidos como parte da estrutura do bolsonarismo. Ele caracteriza o reforço de posições sociais dominantes como uma ação antissistêmica, especialmente em pautas de gênero e sexualidade e de direitos das crianças e adolescentes. Da mesma forma, preserva sua apresentação antissistema mesmo ocupando o poder central e apesar de sua reprodução e aprofundamento das práticas identificadas à “velha política”. Para além disso, promove uma imagem de “novo”, na linha das novas direitas, enquanto se apoia na glorificação do passado da ditadura militar.

As tendências e os memes são dois elementos que influem na formação das mentalidades e até mesmo do imaginário popular. O nacionalismo, por exemplo, está relacionado com mentalidades, conteúdos que circulam no imaginário e ideologias que cultivam determinados pensamentos e padrões de comportamentos. Os memes, como explicitado no capítulo 4, influenciam o comportamento dos indivíduos, inclusive na sua construção de gênero. Os memes constituem tendências ao desenvolver uma estrutura de linguagem que perdura no tempo, refletindo e modelando uma maneira de se comportar e de se expressar. Também agem sobre as formas de apreender a realidade ao veicular valores, modos de perceber, crer e julgar. O bolsonarismo como tendência é reiterado através da repetição de suas crenças em memes e mentalidades.

O bolsonarismo, com suas teorias conspiratórias e negacionistas, suas crenças ferrenhas, corresponde ao conceito de sistema fechado. Trata-se de um espaço em que informações e conhecimentos são retroalimentados pelas chamadas “bolhas”, com destaque para sua repercussão na internet. Para Peirce (1997, p. 5), “o sentimento de crença é uma indicação mais ou menos segura de se encontrar estabelecido em nossa natureza algum hábito que determinará nossas ações”. Para fazer frente à “irritação da dúvida” conforme postula Peirce, desenvolvemos métodos de vinculação à crença: modo da tenacidade; modo da autoridade; modo do gosto e o modo científico.

No modo da tenacidade, quanto mais reiterado no imaginário popular, nas mídias, no conhecimento que é passado de geração a geração, mais dogmática essa crença se tornará. No bolsonarismo, o papel das mídias sociais, principalmente dos grupos de WhatsApp, representa a vinculação a este modo que, repercute também as teorias da conspiração bolsonaristas. No modo de autoridade, essa crença vem de cima para baixo, e pode ser difundida em diversas instâncias, seja de um pai para um filho, de um patrão para um empregado, de um político para o povo, de um professor para um aluno, de um veículo de comunicação para as massas ou os nichos. O conservadorismo e o tradicionalismo são marcas do bolsonarismo que estão ligados à autoridade. O modo do gosto pode ser, ao mesmo tempo, inócuo e perigoso porque pode ser imbricado nos modos de vida de uma pessoa de maneira gradual e se tornar uma resistência, a repetição de hábitos de forma acrítica e tem a ver com afinidades mais generalizadas, como o gosto estético.

O vitimismo presente no bolsonarismo, que está relacionado ao medo de que um estilo de vida ou determinadas regalias sociais sejam ameaçados, reflete o modo de gosto. Já o modo científico, traz atribuições estabelecidas através da verificação, precisão e da refutação. O bolsonarismo rechaça o modo científico de fixação da crença, uma vez que envolve certezas

verificadas cientificamente. Contudo, o nível de negacionismos e de teorias conspiratórias que envolvem o movimento, como bem estabelecidos no livro *Dicionário dos Negacionismos no Brasil* (SZWACO; RATTON, 2022), que elenca diversos verbetes relacionados com as refutações e dificuldades em lidar com conhecimentos estabelecidos pela ciência por parte de movimentos como o bolsonarismo. A mentalidade bolsonarista traz consigo crenças dogmáticas, apoiadas nas religiões de matriz cristã, têm raízes autoritárias e interferem na manutenção de gostos e privilégios de determinados estratos da população do Brasil.

Os aspectos de reforço da crença desenvolvidos por Peirce, permitem compreender parte da dinâmica da mentalidade bolsonarista. Reverberam questões contextuais como: a) as condições de relações e influências dos modos de circulação da informação na internet sobre a mente humana; b) a remoção de filtros morais e epistêmicos do discurso público como estratégia de autopromoção da extrema direita em escala global; e c) o aumento da desconfiança nas sociedades em função da deterioração das condições de vida (PERINI-SANTOS, 2022). Estruturas de crença são assim mobilizadas com manipulações morais e sentimentais para embasar tendências autoritárias, como observado por Eatwell e Goodwin (2020). Além de destacar desconfiança, destruição, privação e desalinhamento como pontos de apoio do discurso da direita, os autores enfatizam o papel dos sentimentos de nostalgia, vitimismo e ressentimento.

De acordo com Heloísa Starling (2022, p. 98):

A combinação entre nostalgia e política tem uma dimensão utópica que é dirigida ao passado e não se resume ao senso de extravio experimentado em uma vivência individual. É reacionária e explosiva. Os motivos são três - o primeiro é sua transformação em um sentimento de perda em uma história pessoal em um afeto coletivo. O segundo advém das consequências para a vida de uma sociedade quando o sentimento nostálgico passa a ser compartilhado coletivamente: a nostalgia substitui o pensamento crítico por um laço emocional capaz de projetar na imaginação grupal a visão fantasmagórica de uma terra natal em nome da qual se estará disposto a matar ou morrer. E, por fim, o enredo nostálgico é anti-histórico; permanece sempre igual a si mesmo e estabelece um confronto maniqueísta entre bem e mal. A volta para casa está submetida ao cerco do inimigo que conspira sem parar. E os inimigos são todos e qualquer um. [...] Sem oponentes, o enredo se desfaz.

O bolsonarismo é caracterizado por forte apelo à segurança da tradição. A nostalgia e o consumo de produtos relacionados com o passado dos super-heróis também estão agarrados a esse “zeitgeist nostálgico” apontado por Gandini (2020). Ao mesmo tempo, a lembrança da infância e dos bons tempos, seguros e estáveis, também são alavancas de consumo na comunidade *nerd/geek* e é uma das condições que permitiram a irradiação da cultura dos super-

heróis no século XXI. Tanto a nostalgia voltada para o consumo cultural como a nostalgia em sua dimensão política podem ser entendidas como tendências temporariamente estabilizadas.

A associação entre tendência cultural e política na busca por figuras heróicas também embute a construção do conflito social como uma batalha entre facções inimigas que têm como objetivo a aniquilação dos opositores. Os bolsonaristas encaram seu líder como um herói, um messias, um mito e, ainda, um mártir. Esse enquadramento remete a um terceiro papel para além de herói e vilão: vítima.

Os discursos sobre as vítimas são, em geral, articulados ao redor do seu sofrimento, deixando de lado suas ações políticas, de resistência e de sobrevivência. O discurso do zeitgeist nostálgico coloca a vitimização voltada para o sofrimento futuro e para o bloqueio do sofrimento. Portanto, os bolsonaristas e Bolsonaro se retratam como uma espécie distorcida de vítimas, como descreve Daniele Giglioli (2016, p. 6-7):

Ser vítima dá prestígio, exige atenção, promete e promove reconhecimento, ativa um potente gerador de identidade, direito, autoestima. Imuniza contra qualquer crítica, garante inocência para além de qualquer dúvida razoável. [...]. Na vítima, articulam-se ausência e reivindicação, fragilidade e pretensão, desejo de ter e desejo de ser. [...] A vítima é irresponsável, não responde por nada, não deve se justificar: é o sonho de qualquer poder. Ao colocar-se como identidade indiscutível, absoluta, em seu reduzir o ser a uma propriedade que ninguém pode disputar com ela, realiza parodicamente a promessa impossível do individualismo proprietário.

O discurso bolsonarista age neste sentido, de mostrarem-se como uma facção da sociedade que é ameaçada por complôs, conspirações, que sofrem, perdem e são privados de seus direitos ao mesmo tempo que arrebanham privilégios e possibilidades infinitas ao se colocarem no papel de vítimas absolutas. Esse papel retroalimenta o sentimento de insegurança e desconforto, que provocam a vontade nostálgica de voltar aos “bons tempos”. A popularização das narrativas super-heróicas através de mídias de maior alcance que os quadrinhos receberam grande impulso no contexto cultural da “guerra ao terror” após a queda das Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001 em Nova York, condensando o discurso heróico com uma narrativa vitimista.

Dessa forma, nos filmes de super-heróis, “em primeiro lugar, os Estados Unidos tem sido a vítima inocente desses ataques; e em segundo lugar. Apesar de sua traumática vitimização, seus sobreviventes têm sido instantaneamente identificados como heróis transcendentais e míticos” (HASSLER-Forest, 2011, p. 30). Essa mudança no paradigma da narrativa heróica e a confusão entre papéis de heróis e de vítimas tem sido a voga do discurso cultural ao redor do mundo. As plataformas de extrema direita se apoiam nos sentimentos

nostálgicos, que tem reflexo por toda cultura global, não apenas nos produtos relacionados aos super-heróis.

Caroline Eliacheff e Daniel Soulez Larivière (2012) entenderam que a democracia, em seus avanços e natureza compassiva, produziu a sociedade vitimária na qual nos encontramos. Ao esgotarmos as explicações dos ideais históricos, tudo e todos acabaram se encaixando em categorias binárias, de bem e mal, que correspondem à dualidade entre vítima e culpado. Essa inclinação a separar culpados e vítimas se daria universalmente, em todas as esferas da ação humana. Além disso, a vítima atualmente ocuparia um status estelar, de celebridade notória, que também possui o respaldo da legitimidade. Em confusão entre o íntimo e o social, entre o individual e o comunitário, a vítima, nos dias de hoje, se torna uma instituição. Os autores acreditam que se a política da vítima tomar o poder pode se voltar contra toda coletividade.

Essa tendência está associada negacionismos e teorias de conspiração que se popularizam, criando uma disputa por hegemonia de narrativas. O negacionismo é uma forma de lidar com o conhecimento que permite a preservação de uma crença prévia. A negação fornece ao indivíduo um sentimento de proteção da dor, das dificuldades e da complexidade que é entender um mundo diferente daquele ao qual se devota e ao qual sua nostalgia o remete. É um mecanismo de defesa do ego, um dos mais básicos e primordiais deles

Quando tratamos do negacionismo estamos falando de realizações coletivas em que práticas de negação transformam-se em formas completamente diferentes de ver o mundo, indo além da recusa da verdade e produzindo outra verdade, que se pretende superior, busca evitar a publicização dos desejos secretos. suposta e provavelmente inconfessos para a coletividade, pois incapazes de acomodar diferenças, alteridade e respeito ao outro (RATTON, 2022, p. 198).

Os negacionistas invertem o papel de vítima colocando-se no lugar das pessoas que pretendem atacar, aí surgem expressões oriundas dessa forma de pensar como “racismo inverso” e “ideologia de gênero”. O vitimismo

Alimenta identidades rígidas e frequentemente fictícias. Detém-se no passado e hipoteca o futuro. Desencoraja a transformação. Privatiza a história. Confunde liberdade e irresponsabilidade. Exalta a impotência, ou imanta-a de potência usurpada. Entretém-se com a morte enquanto se mostra compadecida com a vida. Encobre a face que subjaz a toda ética universal. Remove, ou melhor, rejeita o conflito; denuncia as contradições. Impede de captar a verdadeira falta, que é um defeito de práxis, de política, de ação comum (GIGLIORI, 2016, p. 92).

O *storytelling* vitimista envolve a principal força-motriz dos movimentos de extrema-direita, que é o ressentimento. O ressentimento é uma emoção que, como explicita seu prefixo “re”, se trata de um sentimento que se repete, que não é esquecido e nem superado. É reativo e

impotente. “O ressentimento pode ser compreendido como uma constelação de afetos e, como tal, é comum vê-lo associado a outros como ódio, inveja, raiva ou ofensa” (LISBÔA, 2022, p. 303).

É por causa do ressentimento que o significado da vítima se reorganiza. Em função da desgraça que sofrem, as vítimas se tornam justos, bem-aventurados, virtuosos, algo bastante comum de acontecer em disputas políticas: os “bons” são os desafortunados e desprivilegiados, enquanto os “maus” são os afortunados e privilegiados, localizados em um mundo exterior e oposto. Para Maria Rita Kehl (2020), o ressentido deseja e está habituado à ordem de um certo estado de coisas, assim se liga ao conservadorismo.

O ressentimento na sociedade brasileira está enraizado em nossa dificuldade em nos reconhecermos como agentes da vida social, sujeitos de nossa história, responsáveis coletivamente pela resolução dos problemas que nos aflige. Suas raízes remontam à tradição paternalista e cordial de mando, que mantém os subordinados em uma relação dependência filial e servil em relação às autoridades políticas ou patronais, na expectativa de ser reconhecidos e premiados o bom comportamento e docilidade de classe (KEHL, 2021, p.14).

A autora explica que para construir um Brasil democrático e republicano faltou não uma figura paterna, mas mecanismos de incorporação de todas as classes sociais à vida republicana, desenvolvendo formas horizontais de cidadania. Kehl (2021, p. 33) afirma que “o ressentimento é o avesso da política”. Na política, os ressentidos seriam aqueles que deixam de lado sua posição como agentes da mudança social e que esperam, de antemão, seus direitos e benesses garantidos.

Heloísa Starling (2022) expõe que o ressentimento é uma combinação emocional entre a desigualdade individualizada e os sentimentos de injustiça. Ele tem capacidade suficiente de unir pessoas de estratos sociais diferentes, mas que estão crenes de que são vítimas do sistema. Desenvolvem um o discurso antipolítico, anti sistema e anti *establishment* que é característico de Bolsonaro. Isso acarreta no aprofundamento do radicalismo, no afloramento da intolerância que nega qualquer debate e na eliminação da possibilidade de igualdade. A citação abaixo resume muito bem como a autoridade da vítima e o ressentimento são usados no discurso bolsonarista:

O discurso de Bolsonaro é direcionado a todo aquele que tem poder, ainda que seja um poder dentro de uma situação subalternizada. É o dono da birosca que tem poder sobre o garçom, o pastor de porta de garagem sobre seu fiel, o marido que deseja submeter sua esposa, o guarda da esquina que tem poder sobre os transeuntes, o motorista que tem poder sobre os pedestres e ciclistas, o cafetão que tem poder sobre a prostituta, entre tantos outros. Bolsonaro assobia para quem tem poder e sua mensagem é clara: não tenha medo de exercê-lo. Não haverá limites para a realização

de qualquer impulso, desde que circunscrito nessa microrrelação. O trabalhador se sentirá autorizado a descontar no corpo de sua esposa toda a opressão vivida na cidade, o garimpeiro, a desmatar sem se preocupar em ser pego, o motorista, a desrespeitar as regras de trânsito impunemente, o homofóbico, a espancar uma pessoa por sua orientação sexual. A senhora de classe média que não deseje pagar hora extra para a empregada doméstica se achará legitimada a fazê-lo. O discurso bolsonarista é feito visando essa fronteira entre o indivíduo e as construções sociais que limitam os seus micropoderes no dia a dia. Para que, em toda interação em que haja desequilíbrio de poder, a pessoa mais fragilizada não possa recorrer a construções sociais — como o direito e as instituições — e a pessoa em situação de vantagem possa gozar do exercício desse poder sem nenhum freio. [...] A suspensão se dá primeiro na ordem do discurso, ao tornar tudo opinião. Em seguida, na destruição de todas as instituições cuja função é proteger os mais vulneráveis da ação dos ‘fortes’ (LAGO, 2022, p. 47).

Bolsonaro é tomado como o catalisador e pára-raios do movimento, seu líder, a pessoa que é empenhada a trazer a redenção para o ressentimento das vítimas. Contudo, nesse processo de redenção, ao contrário de ser talhado herói como ele é vendido por seus seguidores, Bolsonaro também se porta como uma vítima de seus opositores, usando o ódio e o ressentimento numa eterna campanha política, em que a confecção do poder é mais relevante que o exercício do mesmo.

Na forma como a “construção do inimigo” acontece no bolsonarismo, o papel de vítima e os pânicos morais (COHEN, 2011) estabelecem uma conexão. Não por acaso, esses pânicos morais são direcionados a uma parcela da população, cujas ações, comportamentos e identidades são considerados abjetos pela maioria. “Os pânicos morais servem a Bolsonaro não só para desviar a atenção da opinião pública do negacionismo de sua gestão, mas principalmente para manter mobilizada sua base eleitoral, reforçando sua retórica de cruzada moral” (DA COSTA, 2022, p. 241).

O ataque às diferenças e o desencadeamento do pânico moral estão ligados à configuração do eleitorado de Bolsonaro, conforme analisado por Jairo Nicolau (2020). O perfil de gênero desses eleitores mostra uma adesão muito maior entre os homens do que entre as mulheres. O ressentimento dos homens estaria relacionado ao discurso da crise da masculinidade (que será discutido com mais profundidade no próximo capítulo) que predomina em nossa contemporaneidade. Os homens se identificam com Bolsonaro porque durante sua vida parlamentar defendeu os interesses de uma corporação predominantemente masculina, as forças armadas, e seus temas principais (flexibilização da posse de armas, políticas severas de combate ao crime, crítica à política de direitos humanos) são acolhidos pelo público dos homens. Fora isso, durante sua carreira, suas carregadas ações e declarações machistas e misóginas contribuíram para uma rejeição do público feminino. Bolsonaro e seus asseclas, se cercam do discurso da crise da masculinidade para convencer seus adeptos homens, e da

nostalgia, ressentimento e vitimismo na busca da recuperação de uma idílica virilidade perdida pela sociedade.

Considerando o bolsonarismo tendência e mentalidade que se apoia em memes culturais e da internet, entendo que alguns contextos, como os de crise, são campos férteis para que determinados movimentos culturais como este surjam. Esse movimento se apropria de diversas instâncias da sociedade e diversas dimensões semióticas. Como Lotman (2001) postula, a cultura é movimento e está em constante atividade de troca entre suas dualidades semióticas. Dessa forma, uma tendência como o bolsonarismo pode ser superada, se transformar, se estabilizar ou dar lugar a uma nova tendência social.

### 5.3 ELEMENTOS MORAIS DA BASE CULTURAL BRASILEIRA E O BOLSONARISMO

O bolsonarismo não resulta exclusivamente da presença e da atuação de Bolsonaro na política brasileira, mas estabelece seu espaço semiótico e político a partir da ativação, através de sua performance, de elementos morais da cultura brasileira. A sociedade brasileira se constituiu em torno de princípios de autoridade patriarcais em um modo de produção escravista. As diferentes transformações nas estruturas políticas ao longo do século XX não foram suficientes para reverter a fragilidade das instituições frágeis, relacionada à debilidade do espaço público. Nesse cenário, cultivava-se um estilo de comportamento baseado na malandragem, no toma lá dá cá e na Lei de Gerson, referendado por ídolos nacionais, como os jogadores de futebol.

Para Avelar (2021, p. 238), “o bolsonarismo surge como expressão (distorcida e ideologizada, mas expressão), da incapacidade de o sistema político representar satisfatoriamente o antagonismo”. Essa dificuldade em estabelecer uma relação construtiva entre diferentes pólos de sentido acompanha o Brasil desde sua formação, produzindo um país tomado pelas ambiguidades nas formas como os sujeitos percebem e se comportam a partir de suas posições sociais.

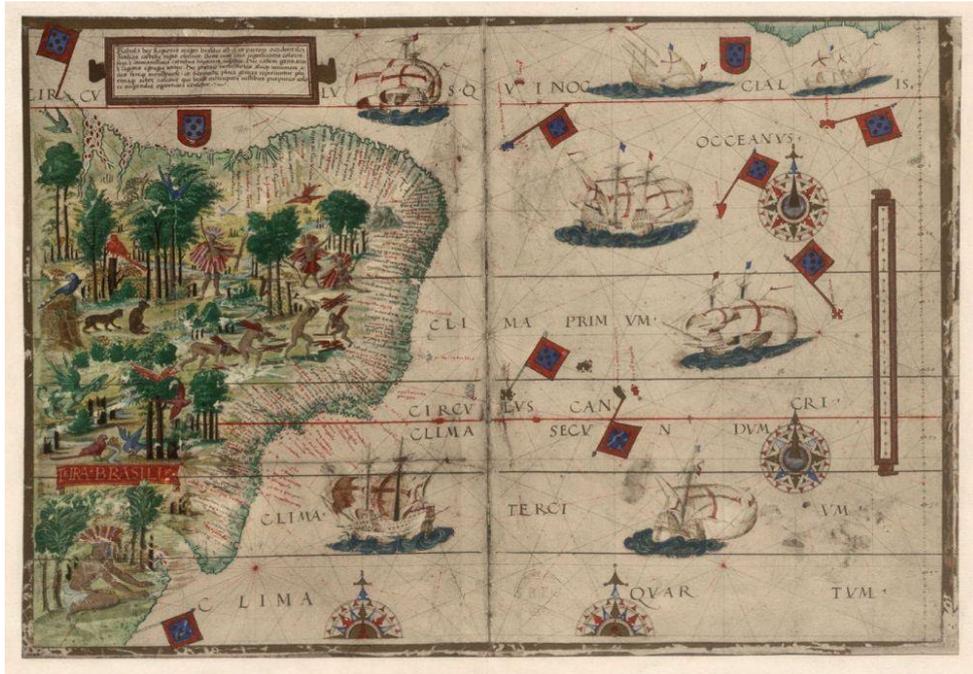
Silviano Santiago (2021, p. 21), entende que a América, como continente colonizado, é marcada “pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenômeno de duplicação se estabelece como única regra válida de civilização”. Essa necessidade de validação através da cópia está presente também na associação entre bolsonarismo e trumpismo. Também ocorre no fenômeno em estudo neste trabalho: os memes de super-heróis. Memes formam mídias baseadas na própria noção de repetição e os super-heróis são produtos particulares e intrínsecos à cultura estadunidense.

A cultura nacional pode ser entendida como o conjunto de esforços imaginários para justificar a formação de um povo e sua existência continuada. Portanto, ela promove a fantasia do cidadão de se empoderar com a identificação coletiva cultivada e oficializada por um Estado-nação que goza de reconhecimento formal interno e externo (BERLANT, 1991). Esse tipo de identificação, que parte da dimensão individual para a coletiva, foi chamado de “corpo icônico” por Lauren Berlant. “O corpo icônico provoca a tradução dos sujeitos no tempo e na história em um plano ou espaço de consciência não marcado, não perfurado por ‘lacunas’ ou ‘saliências’: um corpo inteiro, indivisível embora claramente dividido” (BERLANT, 1991, p. 23-24). O “corpo icônico” apresenta como os sujeitos incorporam os valores nacionais em seu imaginário. Por outro lado, a construção da consciência pátria em geral, com seus elementos culturais característicos, foi batizada de “corpo da pátria” por Demétrio Magnoli (1997).

Para Magnoli (1997), a História e a Geografia são responsáveis por criar e educar o sentimento nacionalista no âmago dessas comunidades. Essa última disciplina, por sua vez, seria responsável por desenvolver o que chamou de “corpo da pátria”. O autor defende que a “invenção do Brasil” se deu no interior do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, onde ocorreu uma “fabricação de tradições” que reconstruíram o período colonial em uma nova perspectiva, da mesma forma que novas narrativas ainda utilizadas atualmente reverberam pela política e pela cultura brasileira.

Uma dessas narrativas é o mito da Ilha-Brasil, uma espécie de destino manifesto brasileiro, uma predestinação geográfica, que sustentou o direito da nação à fronteira natural. Os mapas mais antigos da América do Sul dão conta da existência de uma ilha chamada Hy-Brasil, que iria da foz do Rio Amazonas até o Rio da Prata. Essa “ilha” viria a ser descoberta pelos portugueses que durante a colônia, o império e boa parte dos primeiros períodos republicanos se utilizaram desse mito para desbravar além das fronteiras dos tratados com a Espanha seu direito por se apossar da Ilha-Brasil. Por ser um mito que acontece “antes da História” e talhado pela natureza, os exploradores, bandeirantes, se achavam no direito divino, predestinado de ocupar toda a extensão da ilha mitológica.

Figura 30 – Mapa com o título “Terra Brasilis”, de autoria do cartógrafo português Lopo Homem, auxiliado por Pedro e Jorge Reinel (1519), reforça o mito da Ilha-Brasil



Fonte: BNDigital (2015)<sup>41</sup>.

O mito da Ilha-Brasil cumpre uma dupla função: “na esfera da política de fronteiras, respaldar a manutenção da herança colonial e até mesmo amparar ambições maiores na área platina; na esfera simbólica, fornecer uma identidade territorial, assentada sobre a configuração da natureza” (MAGNOLI, 1997, p. 111). Essa mitologia é somente um exemplo da manutenção da mentalidade colonial e dependente no Brasil, que faz parte de toda orientação simbólica de identidade do povo brasileiro.

Existe uma relação entre centro e periferia, cara para a Semiótica da Cultura, também na Teoria da Dependência. Nesta teoria, os países periféricos, ou subordinados estão atrelados aos países centrais para poderem se desenvolver gradativamente. Para que os países periféricos superem o subdesenvolvimento é preciso romper com a dependência econômica, cultural e inclusive de pensamento dos países colocados centralmente nessa relação. Até mesmo o rompimento com o capitalismo está ligado à ideia de não-dependência (BAPTISTA FILHO, 2009).

Essa dependência herdada do imperialismo e do colonialismo no Brasil, também se dá socioculturalmente, uma vez que seus cidadãos sempre precisam buscar referências exteriores para se manterem inteiros. São sujeitos fraturados identitariamente e, portanto, ressentidos, pois buscam o complemento que lhes foi prometido num projeto unificador da nação e que não conseguem encontrar devido à natureza da moral e das instituições brasileiras. A Teoria da

<sup>41</sup> Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/cart395878.jpg>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Dependência foi cunhada nos anos 1960, mas esse fenômeno, com outras nuances, se mantém até a atualidade, dentro da proposta nomeada como “negacionismo dependente”:

O Brasil de Bolsonaro seria um país dependente, tutelado politicamente por uma potência estrangeira. Um país dominado em posição ideológica confortável, de joelhos aos pés dos mais ricos e mais retrógrados, cumprindo seu destino de nação dependente, atrasada, antidemocrática, ditatorial e militarista (DAUDELIN; D'ARAÚJO, 2022, p. 209).

É possível dizer, dessa forma, que ao agregar valores estadunidenses e misturá-los com suas formas brasileiras, a autoafirmação do cidadão que se utiliza dos memes aqui abordados aplaca a falta de referência brasileira ao aceitar a tutela cultural dos Estados Unidos. Esse processo também denota a insuficiência de um repertório local, a pouca aderência desses indivíduos a ícones brasileiros, ou a incapacidade de estabelecer referências próprias, pela criação ou pelo resgate de signos da cultura nacional.

Para se opor à lógica marginal (nos sentidos semiótico e espacial quanto moral) da sociedade brasileira, nos últimos anos dessa comunidade imaginada viu-se surgir a figura do “cidadão de bem”, um ser virtuoso também pertencente a um coletivo excepcional. Entretanto, a imagem do “cidadão de bem” é mais uma das inversões de sentidos que já vimos presente no bolsonarismo. Os “cidadãos de bem” se utilizam desse racismo abrangente e da mentalidade estruturada de dominação e superioridade, de excepcionalidade, impressa no inconsciente coletivo para se metamorfosear em “defensores da moralidade”. Como aponta Souza (2020, p. 125), o racista em sua versão ampliada passa a se considerar “reserva moral da nação”:

O racismo secular brasileiro, o ódio covarde ao frágil e ao desprotegido, o prazer da humilhação diária, típico das classes privilegiadas de todo escravismo, passam a ser não apenas justificados, mas celebrados como sensibilidade moral, decência, honestidade e inteligência.

Samuel Mânica Radaelli (2022) expõe que não existe um antônimo para a figura do “cidadão de bem”, mas uma categoria que implicaria no “não-cidadão”, aquele que produz a diferença entre aquilo que a normalidade e a normatividade estabelecem. Para o autor, o “cidadão de bem” vive em uma “ilusão de potência e pertencimento a algo transcendente à impotência e à miséria, pela qual vida precárias podem expandir-se e dignificar-se, ou, ao menos ter a sensação disso” (RADAELLI, 2022, p. 25). Nessa direção constroem uma narrativa de força e poder aderindo a líderes e grupos que incitam e praticam violências.

Jessé Souza (2020, p. 30, 31) faz um diagnóstico da relação entre a identidade brasileira e a que ela espelha dos Estados Unidos:

Como a identidade nacional brasileira vai ser construída como um espelho da americana, ela será a imagem negativa de tudo positivo que a outra supostamente possui. Se o americano é percebido como excepcional e melhor que os outros, o brasileiro é percebido como o pior, mais burro, mais preguiçoso e, joia da coroa, mais corrupto de todos. Isso reflete o interesse de uma elite que funciona como mediadora do saque de sua população através da dominação internacional e, para isso, precisa minar a autoestima do próprio povo para melhor manipulá-lo, criminalizá-lo e sabotá-lo.

O mesmo autor propõe uma definição ampla de racismo que acontece no Brasil, mas não somente nele, em que são colocados em contraste os “humanos superiores” e os “humanos inferiores”. Esse contraste é bem evidenciado, como falamos no segundo capítulo nas produções da soberania cultural estadunidense, que vende o seu excepcionalismo em que suas produções hollywoodianas, - incluindo aí especialmente os filmes de super-heróis -, livros, séries, contém narrativas em que os valores e tradições são consumidos desde a infância por seu povo, mas também por aqueles que Souza chama de “novos negros”, os públicos localizados na periferia global, nas eternas colônias, como latino-americanos, africanos e boa parte dos asiáticos.

A inclusão dessas impressões de valores no inconsciente coletivo global resulta numa mentalidade estruturada em que “as ideias deixam de ser apenas ideias e passam a ser também emoções automáticas e pré-reflexivas, frente às quais nenhuma defesa racional é mais possível” (SOUZA, 2020, p. 33). A separação entre humanos superiores e inferiores vai se dar também dentro de nações como o Brasil, quando esse padrão de dominação é tão bem espelhado, que a elite nacional passa a se sentir como estadunidense e adota a mesma visão de mundo.

A lógica do “cidadão de bem”, que segue esse maniqueísmo dos indivíduos “do bem” e “do mal”, está atrelada a adesão a ideias colonialistas, principalmente na relação do povo brasileiro ao consumir produtos vindos de culturas anglófonas como os Estados Unidos, cuja relação fala alto quando analisamos a absorção dos super-heróis pelos brasileiros como algo próprio. Dissertando sobre o complexo de vira-latas do brasileiro, Márcia Tiburi (2021, p. 40) entende que “a colonização, como método, implica imitar o colonizador, o senhor, o dono do poder, o rico para tentar sair da posição humilhada”. Para a autora, ao performar essa imitação, muitos sentem-se no caminho correto para atingir uma posição considerada mais elevada.

Muito mais do que isso, Tiburi (2021) coloca que, se o colonialismo cria o patriotismo dos colonizados, parafraseando Memmi (2021), no Brasil, o complexo de vira-latas configura uma espécie de nacionalismo invertido, que o brasileiro odeia o Brasil e seu povo. Dessa forma, o colonizador pertence ao território e o colonizado é espaço a ser explorado, traçando uma relação direta com a espacialidade em que se baseia a Semiótica da Cultura de Lotman. O

entendimento do autoritarismo não se encontra muito longe dos fundamentos do colonialismo. “A submissão ao líder autoritário implica posicionar-se como um ser inferior, mas, ao mesmo tempo, construir a lógica da inferioridade pela produção de um salvador de um lado e de um inimigo do outro” (TIBURI, 2021, p. 176).

Paulo Arantes (2021) vem propondo que tal intervenção pode ser comparada ao que ele chamou de “a fratura brasileira do mundo”. Com isso o autor quer explicitar um processo de “brasilianização” do mundo, em que lógicas de injustiças sociais dominam e no qual as pessoas precisam recorrer de recursos escusos, gambiarras e malandragens para manterem-se sujeitos atuantes neste esquema. Este processo de tornar o mundo uma extensão do Brasil se reflete, segundo Arantes, na sociedade em rede, na internet e nas redes sociais. Prova disso é a trollagem que circula nestes ambientes, mas principalmente a lógica e o discurso da linguagem dos memes, dentro da dinâmica cultural da zoeira (LUNARDI, BURGESS, 2020) e da carnavalização da política mundial, que elege bufões através de sua influência no espaço digital (DA EMPOLI, 2020).

Esse pensamento encontra eco no que Arantes batizou de “dualidade brasileira” e que entende como a experiência da matriz formadora popular da pátria, uma penumbra em que a intersecção entre as noções de bem/mal, justo/injusto, moral/imoral, lícito/ilícito, conceitos reversíveis e nada estanques, tentam conviver numa pretensa harmonia que foge de qualquer racionalização, mas que ao fim e ao cabo é uma força autodestrutiva.

Como Berlant (1991) e Magnoli (1977) postularam respectivamente sobre o “corpo icônico” e o “corpo da pátria”, esses dois dispositivos são responsáveis pela transformação da noção de nacionalismo. Ambos trabalham que essa identidade nacional transita entre dimensões individuais e coletivas para se fixar no imaginário popular. Contudo, como toda identidade, ela é construída a partir do nosso olhar sobre o olhar do outro sobre nós. Por isso, a forma como o Brasil é visto por outros países também interfere no nosso sentimento nacionalista. Aqui cabe fazer menção à metáfora da brasilianização, sobre a qual Ulrich Beck (2020) afirma que “o Brasil desafia a imaginação sociológica como um laboratório único, no qual nossas certezas se desfazem. A metáfora da brasilianização busca traduzir esse movimento”. Nessa metáfora, o Brasil serviria como base para explicar a precarização do mundo e encarar essa realidade através do uso de subterfúgios estaria associada a uma característica brasileira que vem tomando dimensões globais.

Após a eleição de Bolsonaro, muitas pessoas ficaram surpresas com o resultado do pleito, tendo algumas de suas certezas desafiadas por tudo que Bolsonaro representava e por sua confiança de que a população brasileira nunca o elegeria. Contudo, o fato de o Brasil ser

esse laboratório único, de dualidades estanques e ambiguidades em constante movimento, tornou possível que o projeto de poder de Bolsonaro se tornasse realidade. Contudo, outros fatores também contribuíram para isso, como será explicitado na seção seguinte.

#### 5.4 MITOS, MESSIAS E SALVADORES DA PÁTRIA: O TRINÔMIO “DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA” E AS BANCADAS DO BOI, DA BÍBLIA E DA BALA

O lema “Deus, pátria e família” foi utilizado pelos integralistas, movimento nacionalista brasileiro de inspiração fascista, que teve seu auge durante as décadas de 1930 e 1940 no Brasil através da Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado. Esse lema tem sido usado por Jair Messias Bolsonaro e seus seguidores como síntese dos valores que defendem, como visto na Figura 27. O manifesto da Ação Integralista Brasileira de 7 de outubro de 1932 dizia o seguinte:

Deus dirige os destinos dos povos. [...] O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade. [...] toda superioridade provém de uma só superioridade que existe acima dos homens: a sua comum e sobrenatural finalidade. Esse é um pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes cristãs da nossa História e está no íntimo de todos os corações (MANIFESTO..., 1932, n. p.).

O lema de “Deus, pátria e família” também encontra semelhanças no movimento conservador e católico Tradição, Família e Propriedade, que foi fundado na década de 1960 e tem como nome oficial Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Serviu como base de apoio para o golpe de Estado conduzido pelos militares em 30 de março de 1964 e que iniciou um período ditatorial de vinte anos.

No Brasil atual, persiste o movimento fascista chamado neointegralismo. Ele já flertou com políticos como Levy Fidelix e Hamilton Mourão, maquinou desfiles inspirados nos de Plínio Salgado com direito a camisas verdes, braçadeira de sigma e saudação fascista e também foi responsável pelo atentado à produtora Porta dos Fundos no Natal de 2019. Esse movimento, embora não atue como frente política coesa, contribui para fortalecer sentidos mobilizados pelo bolsonarismo:

O neointegralismo é uma diversidade de grupos, indivíduos, coletividades e interesses. Alguns adotam posturas mais radicais, outros investem em formação política, procurando a criação de uma revolução interior. Entre todos esses neointegralistas existe a concordância com as ideias de Plínio Salgado e de outros intelectuais da Ação Integralista Brasileira, como Gustavo Barroso e Miguel Reale. O lema ‘Deus, pátria e família’ permanece vivo e ainda mais atual. Outro sinal dessa atualidade pode ser notado até mesmo fora dos domínios integralistas. No dia 13 de

novembro de 2019, o partido Aliança pelo Brasil, projeto político da família Bolsonaro, lançava as suas redes sociais. A segunda mensagem publicada no Twitter [hoje X] era: ‘Nossa força é o Brasil! Aliança pelo Brasil. Deus, pátria, família’ (PEREIRA GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020).

Para Pedro Doria (2020), o bolsonarismo difere do fascismo, com o qual o integralismo se relaciona. O movimento fascista do início do século XX é ao mesmo tempo revolucionário e reacionário. Já no bolsonarismo, o autor não encontra elementos de revolução, apenas a destruição e não a construção de um Estado radicalmente novo. Ao comparar as figuras de Plínio Salgado e Jair Bolsonaro, o autor destaca que o primeiro desejava impor uma miríade de regras, enquanto o segundo deseja a ausência de normas. Doria relembra que a democracia liberal ocorre entre a superimposição de regras e sua anulação. O bolsonarismo se aproxima das doutrinas autoritárias da primeira metade do século XX, sobretudo em seu processo memético. Ele retoma um padrão de comunicação que apela para as massas através de um discurso de propaganda com temas nacionalistas e personalistas, mais do que apresentar uma proposta de reconstrução do Estado.

No bolsonarismo, encontram-se alusões ao fascismo no enunciado “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, empregado a partir da campanha eleitoral de 2018, parafraseando o *slogan* “*Deutschland über alles*” (Alemanha acima de tudo), do partido nazista alemão.

O bolsonarismo também empregou a frase dos portões do campo de concentração de Auschwitz, “*arbeit macht frei*”, (“o trabalho liberta”, em alemão), usando-a para incentivar a produção e a economia durante a quarentena do covid-19 em um tuíte da Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) (FELLET, 2020). Já os bolsonaristas de Campos dos Goytacazes (RJ) apropriaram o *slogan* “*Eine Nation, ein Volk, ein Führer*” (“Uma nação, um povo, um líder”), de Adolf Hitler, em outdoor da campanha de Bolsonaro para a presidência do Brasil em 2022, colocado no centro da cidade (ABREU BARBOSA, 2022), conforme visto na figura a seguir.

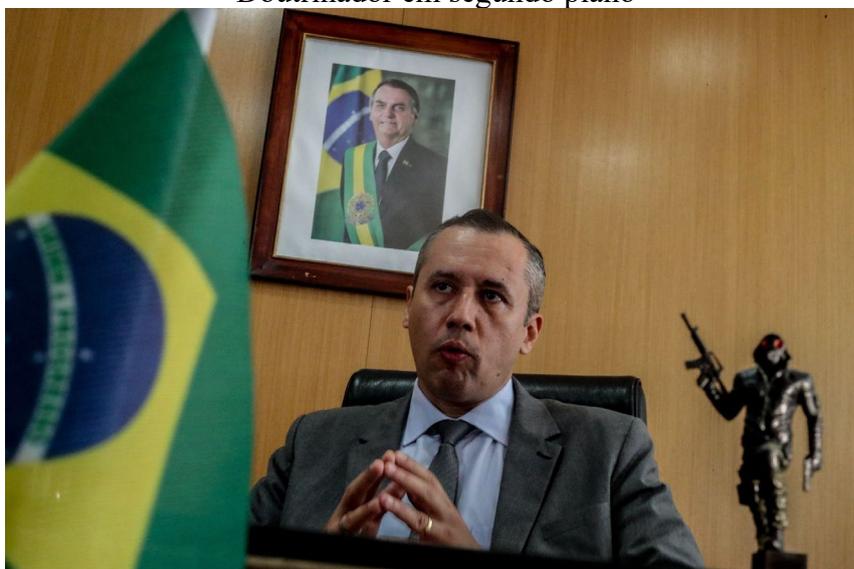
Figura 31 – *Slogan* de Adolf Hitler utilizado em Campos dos Goytacazes em campanha pró-Bolsonaro



Fonte: Folha 1 (2022)<sup>42</sup>.

A coroação de toda essa inspiração na comunicação fascista, e em especial nas formas nazistas, ocorreu no vídeo do Secretário da Cultura, Roberto Alvim, em janeiro de 2020. No vídeo, o secretário não apenas reproduzia partes do discurso de Joseph Goebbels como também mimetizava uma cenografia nazista, com elementos utilizados pelo Ministro da Propaganda do *reich* em peça análoga (ALESSI, 2020). A Figura 32 apresenta um instantâneo desse vídeo.

Figura 32 – A estética nazista de Alvim, com uma estatueta do super-herói brasileiro O Doutrinador em segundo plano



Fonte: Estadão<sup>43</sup>.

A imagética bolsonarista veiculou também símbolos de outras correntes políticas reacionárias. Um exemplo é a incorporação do consumo de leite em *live* de Bolsonaro. O gestual faz alusão à supremacia branca dos Estados Unidos (ROCHA, 2020).

<sup>42</sup> Disponível em: <http://opinioes.folha1.com.br/wp-content/uploads/2022/02/Hitler-e-Bolsonaro-com-mesmo-slogan-768x397.jpg>. Acesso em: 02 mar. 2024.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://cloudfront-us-east-1.images.arcpublishing.com/estado/NHL72D5YLNKR5CKOO3WEDP7RJY.jpg>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 33 – *Frame* da *live* de Bolsonaro bebendo leite ladeado pelo presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, e do secretário de Aquicultura e Pesca, Jorge Seif Júnior



Fonte: Instituto Humanitas Unisinos.

Em todos os casos, o bolsonarismo trabalha com a ideia de time e promove a identificação visual da união de seus partidários como parte de um corpo social unificado com objetivos comuns. A uniformização de uma equipe esportiva também passa por sentidos de militarização, de autoritarismo e de ordem que, por sua vez, estão também associados aos significados dos trajes dos super-heróis, sejam aqueles que atuam em equipes, como os que trabalham de forma independente. A junção de pessoas em grupos que alardeiam a necessidade de ordem e de identificação de quem está “conosco” e quem está “contra nós” através de um uniforme, são características ligadas ao autoritarismo, mas principalmente ao fascismo, como vimos anteriormente neste capítulo. Durante a final da Copa do Mundo de 1938, contra a França, a Itália jogou esta partida vestida com camisas pretas, seguindo ordens de Benito Mussolini. As camisas pretas eram uma referência aos “camisas negras”, milícia que auxiliou o ditador a chegar ao poder na Itália.

Se grupos fascistas italianos vestiam camisas pretas, os nazistas, camisas pardas, e os integralistas, camisas verdes, os bolsonaristas representam a si mesmos como time ao usar as camisas amarelas da seleção brasileira de futebol. Utilizadas desde o começo das manifestações a favor do impeachment de Dilma Rousseff, as camisas da seleção brasileira de futebol evocam uma conjunção de sentidos: patriotismo, ação contra adversários, triunfalismo, tradição. Ela também conduz a aura de idolatria cultivada em torno dos heróis do futebol às lideranças bolsonaristas. A utilização do futebol na estética de Bolsonaro e na lógica bolsonarista também serve para mostrar que Jair Bolsonaro é um “homem do povo”, fazendo parte de suas estratégias aparecer publicamente e em *lives* com diversas camisas de times de futebol de todo o Brasil, inclusive com peças não oficiais e camisetas de time falsificadas.

Roberto DaMatta (2006) explica que as cores de um uniforme de time de futebol fazem com que se transformem em metonímias da nação e da sociedade que representam, fundindo o emblema coletivo com o corpo e a alma dos torcedores e jogadores. Ele também analisa a metáfora usada na expressão “o time usou, mas não vestiu a camisa”, em que o usar estabelecerá um sentido superficial e vestir trouxesse uma ligação física, mais profunda, com a coletividade da qual a camisa é símbolo.

A reiteração dos símbolos pátrios faz parte dessa construção de comunidade por oposição a outro grupo, que é retratado como ameaça ao modo de vida dessa comunidade ou a sua própria existência. Assim como o fascismo deriva seu nome de *fascio*, feixe, união, e o integralismo, da ideia de uma integralidade nacional, o bolsonarismo se propõe como defesa de uma forma pura e tradicional de Brasil. Por isso, os bolsonaristas declaram: “Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha! Só será vermelha se for preciso nosso sangue para mantê-la verde e amarela!” (EXTRA, 2019, n. p.).

Vestidos de amarelo, verde e azul, os manifestantes procuravam incorporar um espírito patriótico, como se suas pautas se identificassem com as necessidades de todos. Eles seriam os “verdadeiros torcedores” da nação, opondo-se àqueles que supostamente a prejudicariam propositalmente – percepção presente nos cartazes que atribuíam ao PT a alcunha de ‘o câncer do Brasil’. Em oposição, estariam os ‘vermelhos’, os ‘comunistas’ e os ‘petralhas’, que deveriam ‘ir para Cuba’ ou ‘para Venezuela’, como indicavam as frases de ordem das manifestações. Junto ao slogan ‘nossa bandeira jamais será vermelha’, essas frases mobilizavam um discurso de ‘nós-brasileiros’ contra ‘eles’, que, por oposição, seriam traidores da pátria, não brasileiros verdadeiros (FRAGA DE OLIVEIRA, 2021, p. 17).

Durante a Copa do Mundo de 2022, realizada após a derrota de Jair Bolsonaro nas urnas, houve divergências sobre a função da camiseta da seleção brasileira sobre o conteúdo que significava. Pessoas alinhadas à esquerda ou contra Bolsonaro deixaram de usar a camisa amarela, optando por versões azuis, brancas e até vermelhas. Por outro lado, mesmo os bolsonaristas, durante a Copa do Mundo de 2022, resolveram que este símbolo não mais os representaria (TEIXEIRA; RODRIGUES, 2022), como indica o texto na Figura 34.

Esses posicionamentos demonstram um abandono do significante. A mudança do contexto político provocou uma desterritorialização de sentidos da camisa da seleção nacional a tal ponto que passou a ser mais interessante reterritorializá-los em outro objeto.

Figura 34 – Orientação que circulava nos grupos digitais bolsonaristas sobre o uso da camiseta da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 2022



Fonte: Metrôpoles.

A vinculação do bolsonarismo ao conjunto semiótico que se aglutina em torno do *slogan* “Deus, pátria e família” não está limitado à sua comunicação visual. Ela se desenvolve antes fundamentada no processo político partidário através de uma dinâmica legislativa já caracterizada pela formação de bancadas que defendem pautas alinhadas aos interesses da base social do bolsonarismo. Essas bancadas têm o intuito de respaldar seus *lobbies*, mais do que os interesses partidários, uma vez que no Brasil, os políticos trocam de partidos frequentemente.

As chamadas bancadas suprapartidárias no Brasil remontam ao período de 1945 a 1964. Com o período do Regime Militar essa prática no Congresso Nacional foi suspensa. Com o advento da redemocratização, política de modernização e novas demandas econômicas, o novo cenário permitiu o ressurgimento dos grupos de interesses no cenário político e, conseqüentemente, as frentes parlamentares começaram a ressurgir a partir de 1986. [...] A regulamentação das bancadas só aconteceu a partir de 2003. Uma das regras para o reconhecimento das frentes parlamentares foi a publicação de sua composição no início de cada legislatura (FELIX *et al.*, 2020, p. 71).

Desde o retorno à democracia, três *lobbies* de grupos de parlamentares conservadores, as bancadas, têm moldado a vida política do país de forma substancial. As mais notáveis são as bancadas do Boi, da Bíblia e da Bala. Richard Lapper (2021, p. 12-13) esmiúça bem a característica de cada uma dessas representações:

A bancada do Boi – mais conhecidos como ruralistas – procurou dar aos poderosos fazendeiros do Brasil mais liberdade para explorar as abundantes terras e águas do

país e produzir mais alimentos. Às vezes criticam os controles ambientais que restringiram suas atividades. Os maiores agricultores do Brasil – em particular o poderoso setor de soja – tornaram-se mais conscientes do meio ambiente nos últimos anos, até porque sabem que credenciais verdes são necessárias para manter sua participação em mercados importantes. Mas há muitos operadores menores nas margens da Amazônia que querem ser livres para derrubar ou queimar a floresta tropical quanto e quando precisarem de terra [...]. A bancada da Bala apresenta políticos que defendiam os valores dos proprietários de armas do Brasil e que, em alguns casos, foram financiados pela indústria de armas do país. Quando o *lobby* surgiu, procurou se opor aos controles de armas introduzidos pelo primeiro governo Lula. Posteriormente, o *lobby* de segurança tornou-se intimamente associado aos interesses das forças policiais brasileiras, que querem ser menos tolhidas na forma como lidam com crimes violentos. Trinta e sete ex-policiais foram eleitos para o Congresso Brasileiro em 2018, mais que o dobro de 2014 e cinco vezes mais que em 2002 [...]. A bancada Bíblia, que está intimamente associada à igreja evangélica em rápido crescimento e financeiramente poderosa, se opôs a movimentos para liberalizar a educação e as relações familiares. O grupo está mais forte do que nunca no atual Congresso. A oposição ao aborto os uniu com a cada vez menor maioria católica do país, mas os evangélicos de ambas as igrejas tradicionais, como batistas e metodistas e pentecostais, se opõem ao casamento gay e à educação de gênero e ficaram particularmente furiosos com a legislação proposta para criminalizar a homofobia.

Nas próximas seções deste capítulo irei tratar dos três pilares do discurso bolsonarista, “Deus, pátria e família” dentro das três características que o unem à retórica dos super-heróis nacionalistas e que servem de título principal deste trabalho: mitos, messias e salvadores da pátria. Também a essa tríade associei as bancadas parlamentares que formam o tripé de influência dentro do governo Bolsonaro, as bancadas do Boi, Bíblia e Bala. Temos assim, a seguinte configuração:

Quadro 7 – Relação entre temas de super-heróis nacionalistas, lemas do bolsonarismo e bancadas de influência no congresso brasileiro

<b>Retórica dos super-heróis nacionalistas</b>	<b>Discurso bolsonarista baseado no integralismo</b>	<b>Bancadas parlamentares de influência no bolsonarismo</b>
Mitos	Família	Bala
Messias	Deus	Bíblia
Salvadores da Pátria	Pátria	Boi

Fonte: Desenvolvido pelo próprio autor.

#### 5.4.1 Mitos

A dimensão retórica do mito nas narrativas nacionalistas de super-heróis se aproxima do espaço semântico ocupado pela família no discurso bolsonarista. Tanto o mito como a referência à família são recursos frequentemente utilizados em diversas sociedades para explicar, justificar e ordenar a existência e o cotidiano na sociedade. O discurso bolsonarista se apoia em representações construídas em torno da ideia de família. Em primeiro lugar, cultiva a

ideia de uma tradicional família brasileira que serve como fundamento da ordem social e, portanto, precisa ser preservada. Em segundo, apresenta Bolsonaro como representante e guardião dessa família patriarcal, fonte de força e garantidor da segurança que dela deriva. Em terceiro, essa família serve de fundamento para a estruturação de um clã: outras famílias se sentem representadas, protegidas e vindicadas pela atuação de Bolsonaro e se agregam politicamente a sua família, encontrando em seu sistema de sentidos os atributos de uma ancestralidade comum.

Jair Messias Bolsonaro funciona, em escala ampliado, como um *pater familias*<sup>44</sup> ou patriarca para a parcela do povo brasileiro que segue suas ideias. A líder do movimento reacionário “300 do Brasil”<sup>45</sup>, Sara Winter, costumava chamar carinhosamente Bolsonaro de “paizinho” (TIXA NOTÍCIAS, 2020). De forma mais ampla, Bolsonaro também é chamado de “capitão”. A partir de sua patente, esse apelido conota um papel de liderança de uma equipe. Essa denominação reúne os conjuntos de sentidos relacionados ao militarismo, como espírito de corpo, àqueles já presentes no sentimento de associação aos clãs.

Um clã funciona num sistema totem e tabu, conforme explicado por Sigmund Freud (2019). É o lugar em que a coesão é estabelecida a partir da figura do pai, do líder do clã. A extrema-direita cultiva a iconografia dos “grandes homens”, políticos capazes de dobrar as estruturas sociais e econômicas às suas vontades. Mito, na acepção original do termo, designa uma narrativa que explica o mundo. No vocabulário bolsonarista, “mito” é um epíteto pelo qual se atribuem características heróicas e fantásticas a Bolsonaro. O “mito”, como narrativa ou encarnação, carrega a autoridade para reger um grupo e, a partir dele, uma comunidade.

Maria Rita Kehl (2021, p. 21) explica que a busca por pais salvadores está incrustada na formação do povo brasileiro e não se funda na história, em antepassados ou símbolos pátrios, mas no ressentimento. Uma espécie de “orfandade simbólica” gerou na sociedade brasileira

---

<sup>44</sup> *Pater familias* era o grau mais elevado de hierarquia familiar na Roma Antiga, sempre numa posição masculina. A tradução do latim significa pai de família. O termo *pater* se refere a um território regido por um patriarca. Ao mesmo tempo, é deste termo que se originou a palavra pátria.

<sup>45</sup> O grupo “300 do Brasil” se definiu como “a primeira milícia organizada de direita do Brasil”. Liderada por Sara Girondini, a Sara Winter, uma dissidente do Femen, grupo “sextremista” ucraniano que emprega a nudez feminina para combater exploração sexual de mulheres, ditadura e religião. Os 300 do Brasil tinham como objetivo o apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro, pedido de saída dos então presidentes da Câmara e do Senado, bem como dos “monstros do STF” e a intervenção militar no governo, chamada por eles de “intervenção do povo”. Os 300 do Brasil se tornaram notórios após criarem celeuma e destruição em Brasília, queimando automóveis e portando faixas reivindicando apoio a um suposto golpe de Estado por parte de Bolsonaro. Seu nome faz referência aos 300 de Esparta, um grupo de soldados que se sacrificou para defender a sua pátria. Sua história foi celebrada em uma HQ de Frank Miller, posteriormente adaptada em um longa-metragem para o cinema, dirigido por Zack Snyder. A estética dessas obras glorifica uma noção de virilidade associada à força física, explorando imagens de homens musculosos *seminus*, armados e em combate.

uma submissão permanente às autoridades de “governantes paternalistas reais, abusados, violentos como o pai da horda primitiva do mito freudiano” (KEHL, 2021, p. 21).

Para Freud (2019, p. 152):

Herói era aquele que, sozinho, tinha matado o pai, que no mito ainda aparece como um monstro totêmico. Da mesma forma que o pai havia sido o primeiro ideal do menino, assim o poeta criava agora o primeiro ideal do eu na forma que pretende substituir o pai.

O bolsonarismo também associa os princípios de nostalgia, tradição, conforto e estabilidade a uma pulsão destrutiva. Na narrativa heróica do bolsonarismo, Bolsonaro é a potência viril que vai livrar os brasileiros do jugo de outra figura paterna, o Estado.

Freud (2019) considera ainda que a civilização substituiu historicamente formas totêmicas de agrupamento por um agrupamento em massas que seguem um líder carismático que as conduz, como um herói. Os heróis das mitologias associadas às religiões antigas foram substituídos por uma dinâmica cultural contemporânea que se estabelece por meio da cultura pop. Os heróis da cultura pop, sejam eles escritores de livros, líderes de bandas de rock, personagens fictícias, astros e estrelas do cinema, são líderes carismáticos que inspiram uma massa, uma legião de fãs, de fanáticos. A conexão entre os grupos de fãs e seus ídolos é carregada da mística típica da relação com o mito.

Os fãs de Bolsonaro, os bolsonaristas, por sua vez, assim como os fanáticos religiosos ou as tribos totêmicas, precisam de um símbolo que os identifiquem, que animem sua crença, de forma que a identificação com um herói da cultura pop ou um político emprestasse a eles um pouco das suas qualidades, como algo mágico. Ao mesmo tempo, seu agrupamento também se organiza através de instituições modernas, como estruturas político-partidárias. Moura e Corbellini (2019, p. 64) atestam esse efeito no eleitorado de Bolsonaro:

As falas de Bolsonaro eram como um “apito de cachorro”. A política tradicional e parte da mídia nada ouviam de consistente. Mas os seus potenciais eleitores, na vida real, escutavam e reagiam com engajamento. A simplicidade, os erros de conjugação e a articulação aparentemente tosca das falas construíam diques de proteção onde mais interessava: nos ouvidos dos eleitores. O elemento autenticidade se impunha.

Ainda, para Kehl (2021, p. 32), “parece que a sociedade brasileira não superou o desejo de servidão (e proteção) que nos faz transformar cada líder político de porta-voz dos anseios e reivindicações emergentes, em novo pai dos pobres”. Esse desejo por um líder salvador se relaciona com as ligações entre totem e tabu que fundam a civilização no pensamento freudiano. O bolsonarismo trata Jair Bolsonaro como seu totem, naquilo que Freud (2013, p. 84) define

como “uma magia contagiosa baseada na associação por contiguidade”, ou seja, a proximidade e comunhão de um grande contingente de adoradores amplia o reforço da crença.

Na magia da associação com o ídolo, o herói se torna influente na psique de seus fanáticos, produzindo um desejo de associação com o ídolo através do consumo. A mediação dessa relação pela mercantilização é bastante comum na cultura pop, em relações de consumos que canalizam a libido. É o caso das energias envolvidas com as coleções de estátuas (ídolos, totens), figurinhas e revistas (animismo), músicas e shows (rituais), convenções (rituais, clãs). Aqui, o consumo se dá pela compra de produtos como ritual de pertencimento. Esse é o caso de legiões de fãs como *potterheads* (fãs de Harry Potter); *trekkers* (fãs de Star Trek); *whovians* (fãs de Doctor Who); *marvetes* (fãs da Marvel Comics); e/ou *decenautas* (fãs da DC Comics). O mesmo tipo de comportamento se tornou comum entre bolsonaristas, ou *bolsomínions*<sup>46</sup>.

Assim como ocorre com os super-heróis, a face de Jair Bolsonaro aparece estampada em diversos produtos, camisetas, toalhas, adesivos, bonecos, canecas, tapetes, chaveiros, *squeezes*, e assim por diante. Ao analisar o comportamento de homens jovens na periferia de Porto Alegre, Pinheiro Machado e Scalco (2018, p. 58) constataram que Jair Bolsonaro se tornou “um fenômeno, um símbolo totêmico de identificação juvenil masculina semelhante ao papel que a Nike ou a Adidas, como exemplos de grife, desempenhavam em tempos de crescimento econômico e apologia governamental ao consumo”. As motociatas de Bolsonaro são exemplos de reuniões rituais de clãs em que os bolsonaristas têm a chance de comungar com seu líder. A celebração maior da energia totêmica de Bolsonaro seria concretizada nas eleições, durante o ritual do voto, seja no líder do clã ou em algum de seus correligionários. Esse ritual tem a capacidade de investir no mito a capacidade de reger toda uma sociedade, da qual os bolsonaristas são apenas uma parte que disputam o poder. Em sua versão, essa disputa é uma luta do “bem contra o mal”.

Analisando o papel das armas de fogo na campanha de Bolsonaro de 2018, entre o seu público eleitor masculino em São Paulo e em Porto Alegre, Kalil, Pinheiro-Machado e Scalco (2022) consideram que as armas são símbolos que materializam esse confronto - da mesma forma que os super-heróis assumem esse papel neste estudo. As autoras definem armas de fogo “tanto como um objeto material que protege ou mata seres vivos, quanto um símbolo imaterial

---

<sup>46</sup> *Bolsomínions* é um neologismo criado nas redes sociais para definir os seguidores de Jair Bolsonaro e do bolsonarismo. Acredita-se que seja uma justaposição do nome de Bolsonaro com minions, que significa asseclas, capachos. O termo minions se tornou popular no Brasil por causa do filme *Meu Malvado Favorito (Despicable Me)*, em que o protagonista, o vilão Gru, possui vários capangas atrapalhados, incapazes de proferir palavras e que são todos amarelos. A semelhança com a indumentária dos bolsonaristas, a camiseta amarela da seleção brasileira de futebol, teria também provocado tal associação.

de distinção social, de hierarquias de gênero e de poder sobre a vida e a morte”. Destacam também as qualidades semióticas das armas que têm base na “consolidação do mito, reificação da identidade, encenação da propaganda e ameaças publicitárias” (KALIL; PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2022, p. 100).

As autoras sublinham que as manifestações públicas a favor da popularização das armas em São Paulo tiveram uma adesão de grande maioria masculina, através da articulação e disseminação de modelos de masculinidade em que armas ajudariam “um homem másculo a defender sua propriedade e sua própria vida, principalmente contra outros homens” (KALIL; PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2022, p. 114). Concluem que as armas de fogo servem como um totem que reafirma a figura masculina que “protege as coisas materiais e imateriais e, em última instância, possui o poder supremo sobre a vida política” (KALIL; PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2022, p. 119).

A bancada da Bala preza pelo *lobby* da segurança nacional interna, os interesses das corporações policiais e envolvidas com a segurança, defende uma política de segurança mais agressiva, e também a liberação do porte de armas.

O *lobby* a favor da liberação irrestrita ao porte de armas de fogo para todos os brasileiros “de bem”, assim como à prática das rondas milicianas em comunidades, com o intuito de resguardar a população de infratores da lei, mesmo que essas organizações informais recebem compensações ilegais para tanto, fazem parte da vertente do bolsonarismo que tem ligações com a bancada da Bala. Da mesma forma, as milícias oferecem votos da comunidade e influência política em troca da promessa de dinheiro e serviços, uma versão contemporânea do “voto de cabresto”.

Em 2018, a bancada da bala dobrou de número de representantes e nas eleições de 2022 viu-se a proliferação de candidatos com epítetos de cargos de segurança como delegados, entre outras patentes militares como comandantes e capitães, pleiteando um lugar no senado ou nos parlamentos estaduais e federal. Esses agentes de segurança radicais foram chamados de “a tropa de choque de Bolsonaro” em um artigo que descreveu que o contingente de policiais que apoiam o bolsonarismo corresponde à metade do efetivo das Forças Armadas Brasileiras (BUENO; DE LIMA, 2020).

Ainda assim, nem todos esses agentes de segurança estão ligados ao esquema de milícias. Segundo Lapper (2021), essas milícias são formadas por antigos militares, policiais e bombeiros e que a família Bolsonaro deve muito de sua ascensão política à sua relação com as milícias do Rio de Janeiro. Inclusive, uma delas que tem o sugestivo nome para este estudo, de

Liga da Justiça, tal qual o principal grupo de super-heróis da DC Comics (PAES MANSO, 2020).

Cid Benjamin (2019) aponta que as milícias se tornaram o braço armado da extrema direita. Discute ainda que em alguns casos, as milícias tomaram o lugar dos traficantes de drogas em algumas comunidades e, quando não o fizeram permitiram que retornassem, cobrando taxas em troca. As milícias paramilitares funcionam, assim, como as máfias tradicionais, forçando um pagamento de dízimo, de imposto, e os obrigando a consumir determinados produtos vindos de suas fontes. Em suma, controlam todos os aspectos da vida de uma comunidade. Nesse sentido, a milícia acaba fornecendo segurança contra ela mesma.

Cria-se, assim, algo que Benjamin denominou como “Estado policial”, e que é um dos cerne da estratégia do bolsonarismo.

É o Estado em que agências de diversas naturezas, notadamente as do sistema de Justiça, passam a funcionar com lógica policial. [...] todos são tratados como suspeitos, até prova em contrário, e os padrões civilizatórios que orientam os comportamentos sociais são substituídos pela brutalidade” (DAMASCENO, 2019, p. 12).

Dessa forma, as milícias somente se estabelecem e sobrevivem neste “Estado policial” porque obtém apoio dos poderes estruturantes da sociedade. “Não existe crime organizado sem a participação de figuras ligadas ao Estado” (BENJAMIN, 2019, p. 54).

As milícias do Rio de Janeiro estão envolvidas com escândalos como os das rachadinhas, envolvendo Fabrício Queiroz, ex-braço-direito de Bolsonaro; no assassinato de Adriano Nóbrega; e envolvidos com o ex-sargento Ronnie Lessa, vizinho de condomínio de Bolsonaro, acusados do assassinato da vereadora negra, bissexual e periférica Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes (PAES MANSO, 2020).

Este último caso provocou enorme comoção nacional e repercussão internacional. Tal efeito resultou em campanhas de ódio na internet desenvolvidas por bolsonaristas principalmente por pessoas ligadas ao deputado federal Daniel Silveira, integrante da bancada da bala. Este parlamentar, ex-policia militar, quebrou a placa da rua Marielle Franco, no Rio de Janeiro, durante a campanha de 2018 e proferiu ameaças ao STF, pelas quais foi preso. Entretanto, logo depois de sua prisão, o então presidente Jair Bolsonaro concedeu um indulto a Silveira com o propósito de perdoar a pena e afastar os efeitos da condenação.

A bancada da bala, para Idelber Avelar (2021) faz parte de um conjunto ainda maior de políticos, ao qual ele batizou de “Partido da Ordem”, que se dividiria entre o “Partido da Polimilícia” - representado por milicianos, policiais, ex-policiais, delegados, advindos

principalmente do Rio de Janeiro que demonstra uma inseparabilidade entre polícia e milícia - e o “Partido da Lava Jato” - formado por procuradores, policiais federais e alguns juízes. Avelar acredita que o bolsonarismo seja uma cria das milícias cariocas, enquanto aqueles ligados à Lava Jato possuem uma ligação mais circunstancial com o movimento, pois Bolsonaro traduziu um projeto que lhes interessava o investimento.

Seguindo as relações estabelecidas no Quadro 7, a retórica dos super-heróis nacionalistas encara seu representante maior como um “mito”, tendo ressonância no discurso bolsonarista através da família. A identificação com esse discurso leva à convergência em um clã, que desenvolve mitos e totens para balizar seus comportamentos. O clã precisa recorrer a rituais que assegurem sua estabilidade interna e sua segurança externa, de acordo com os termos estabelecidos pelo “mito”. A posse e a utilização de armas territorializam sentidos que ordenam o mundo e trazem segurança diante de incertezas, inclusive estabelecendo limites para o uso da violência. As narrativas heróicas, em sua maioria, estão cercadas de apelos à violência na defesa do clã como expressão de virilidade. Nesse enquadramento, conferem-se sentidos de heroísmo àqueles associados ao “mito”.

#### **5.4.2 Messias**

A figura do messias guarda relação com Deus. Trata-se de “alguém que foi designado desde a eternidade pelo próprio Deus para estar em algum lugar específico, separado para uma missão específica - e, portanto, questionar um messias é questionar a vontade de Deus que o enviou” (ALEXANDRE, 2020, p. 28). A palavra messias vem do hebraico e significa ungido. O messianismo envolve em suas características o culto a um líder, a uma personalidade, é também uma tendência que vai no sentido de “atribuir a seres humanos valores sobre-humanos, ou, para usar o jargão evangélico ‘ungidos do Senhor’, intocáveis, inacessíveis, inerrantes” (ALEXANDRE, 2020, p. 27). Inclusive, Bolsonaro foi batizado no Rio Jordão por Malafaia, durante uma viagem a Israel em 2016 (PRADO, 2021). Com isso o político agregou mais condições de se associar às parcelas neopentecostais como um “ungido do Senhor”. A simbologia do ritual reforça a associação com sentidos que circundam as figuras de messias e também super-heróis.

As narrativas das trajetórias de figuras como Maomé, Moisés, Jesus Cristo e dos super-heróis Superman e Capitão América, como descrito no capítulo 2, abarcam representações de sentimentos de opressão que chegam a um ponto de quase-morte e que, ao vencê-la, o personagem se transfigura de vítima em herói redentor do seu povo. Bolsonaro, perseguido por seus opositores, passa por uma experiência de quase-morte no atentado por facada em 6 de

setembro de 2018, às vésperas da eleição que acabou por se eleger Presidente da República do Brasil.

O senador Magno Malta e o pastor Silas Malafaia foram duas figuras políticas que visitaram Bolsonaro no hospital após o atentado e gravaram vídeos orando por sua recuperação, afirmando ainda que sua sobrevivência era um milagre. “Creio que Deus vai te tirar daqui, que há um projeto ‘pra’ nossa nação, que o Brasil é do senhor Jesus, e não vai ser essa cambada que é contra valores de família e bem estar da nação que vai destruir nosso país”, afirmou Malafaia na ocasião (PACHECO, 2018, n; p.). Narrativas como essa, com contornos messiânicos, projetam Jair Bolsonaro como uma figura heroica, redentora e mitológica, ungida para resgatar o povo brasileiro de seu sofrimento. A recuperação do candidato após o atentado foi promovida em círculos religiosos conservadores como um sinal de que a vontade de Deus era de que Bolsonaro vencesse as eleições de 2018.

Jair Bolsonaro também capitalizou seu segundo nome, Messias, transferindo a carga semiótica religiosa para o discurso político. Durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, afirmou diversas vezes: “sou Messias, mas não faço milagres” (BARRETO JR., 2023). Esse tipo de declaração reforça o status ambíguo de herói e vítima como respaldo ao culto de uma figura que faz um esforço sobrenatural para salvar seu povo. Em seus discursos e de seus aliados, a expressão “missão de Deus” foi empregada diversas vezes (ALEXANDRE, 2020). Nos movimentos messiânicos,

O oráculo das tendências tira poder de seu carisma; as faculdades sobrenaturais que lhe são atribuídas o transformam em profeta. À maneira de um padre, ele se entrega à transubstanciação: aquilo que ele consagra se transforma em moda. Aquele que dispõe do carisma se beneficia do dom de operar milagres na vida cotidiana. Essa faculdade lhe permite tirar proveito de um prestígio garantido, de atrair fiéis e discípulos (ERNER, 2015, p. 58-59).

Rubens Casara atribui essas visões de mundo como consequência de uma onda anti-intelectualista que promove categorias como “messianismo” e “peste”:

O messianismo leva à construção de heróis e salvadores da pátria (seres diferenciados, incorruptíveis, bravos e destemidos, mas que não são necessariamente cultos ou inteligentes); a lógica da peste, por sua vez identifica cada um dos problemas brasileiros como um mal indeterminado, em sua extensão, em suas formas em suas causas, mas tangível e mortal, contra o qual só Deus ou pessoas iluminadas podem resolver (CASARA, 2020, p. 89).

Yvana Fachine e Paolo Demuru (2022) chamam a atenção para três estratégias discursivas do messianismo bolsonarista: a escatologia, ou o apelo a visões apocalípticas sobre fim dos tempos, o misticismo e a insistência na mobilização do público através de um

encadeamento de sentidos que geram paixões extremadas. Ainda segundo os autores, a dimensão religiosa, com inspiração místico-cristã, presente nas mídias sociais bolsonaristas diferencia o bolsonarismo de outros movimentos de extrema direita, como os relacionados com Trump, Orbán ou Salvini.

Um dos perigos da conformação messiânica do bolsonarismo está no contágio da atuação do Estado pela “autorização de Deus para odiar” supostamente concedida ao grupo governante. No bolsonarismo, o Messias é quem vai ao encontro das demandas do antipetismo e suas três dimensões (o antipartidarismo, o anti esquerdismo e o anti *establishment*) (SANTOS JR, 2019). O Messias tem a missão de caçar as injustiças perpetradas pelos “bandidos” e promover uma resolução. Trata-se de uma luta “de um lado superior e nobre da humanidade que se dedica à família e à obtenção dos bens por mérito individual e pela via do trabalho” (KALIL; PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2022, p. 118). Dessa forma, o fanatismo religioso é direcionado por agentes investidos com o poder público contra a própria estrutura política institucionalizada.

Ao alimentar as chamas da insatisfação popular, munindo-se de uma mitologia messiânica disseminada no interior de certas igrejas neopentecostais, Bolsonaro capitalizou no espírito de ódio à política. Ele, o político profissional, passa a se tornar o libertador de toda a política (BUGALHO, 2020, p. 156).

A perspectiva de libertação do povo através da destruição das instituições se materializou na invasão de bolsonaristas às sedes dos três poderes em Brasília no dia 8 de janeiro de 2023, quando os prédios do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto foram depredados. Mesmo que essas instituições nacionais tenham sido radicalmente atacadas, física e simbolicamente, o bolsonarismo também se apoia no Estado para que este torne concretas determinadas reivindicações.

Apesar de defender a ausência do Estado na economia e em outros setores da sociedade, o Estado punitivo é reverenciado pelo bolsonarismo, que enxerga na figura do Messias mais um líder punitivo, próprio das liturgias do Antigo Testamento da Bíblia, do que um salvador que decida pela redenção dos pecados dos culpados e pela redenção de todo o povo do Brasil.

A candidatura de Jair Messias Bolsonaro teve grande adesão entre o público evangélico, obteve 70% de seus votos em 2018. Nesse aspecto, sua eleição também se relaciona com o poder representado pela bancada da Bíblia. Políticos ligados às igrejas evangélicas neopentecostais ganharam poder no legislativo brasileiro ao se promover através de plataformas conservadoras em pautas de costumes e família, adquirindo gradualmente mais espaço nas últimas duas décadas.

As igrejas possuem enorme poder financeiro e influência e isso se reflete em seus representantes no Congresso Nacional. Para Lapper (2021), além da pauta dos costumes, outro interesse da bancada da Bíblia é manter e estender as vantagens fiscais concedidas às igrejas pela Constituição de 1988. Para essa bancada, a territorialização semiótica de espaços na mentalidade nacional é importantíssima. A ocupação de assentos no Congresso Nacional por essas bancadas semióticas é uma forma de territorializar os destinos da nação, mesmo que pertençam a partidos e igrejas com diferentes inclinações.

O discurso da proteção da família e, em especial, das crianças, proferido pela bancada da Bíblia, segue o que é chamado pauta de costumes, que vem de uma verve conservadora e moralizante, respaldada pelas comunidades religiosas de matriz cristã. A bancada da Bíblia é especialista em estabelecer e difundir o pânico moral (COHEN, 2011) entre os brasileiros. Episódios como a perseguição à exposição *Queermuseum* e à vinda da filósofa Judith Butler ao Brasil, ambas no ano de 2017 estão entre acontecimentos e pautas que aproximam esses parlamentares da ação e pensamento conservador de Bolsonaro, que teve muito de sua popularidade acentuada com o pânico moral provocado por ele ao elaborar *fake news* como as falácias do “kit gay” e da “mamadeira de piroca”. A bancada da Bíblia busca destruir os espaços onde a garantia de direitos da população *queer* e de igualdade de gênero tendem a florescer. Nas pautas dessa bancada estão: defender o combate a temas como a descriminalização do aborto, o casamento homoafetivo, a adoção de crianças por casais homoafetivos, os direitos das pessoas transexuais, a educação sexual nas escolas, entre outras.

O lema do governo Bolsonaro foi “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, indicam que valores religiosos deveriam se sobrepôr ao funcionamento do Estado. Na prática, o lema significa que quem se encontra em posição de destaque também são as igrejas cristãs, em especial as de orientação neopentecostal. O alinhamento entre essas organizações e o Estado se dá através da atuação da bancada da Bíblia que, ao pautar formas de conduta do bolsonarismo, sacralizadas, também desempenha um *lobby* que mantém os privilégios das igrejas cristãs no Brasil. Bolsonaro, tratado por seus seguidores de forma messiânica, é apresentado também como líder ungido por Deus para livrar o Brasil de ameaças. Essa unção, porém, vem de líderes neopentecostais interessados em moldar a política brasileira conforme seus interesses simbólicos e materiais.

Além disso, em um artigo em que analisa o bolsonarismo, Felipe Lott (2023) faz uma comparação do nacionalismo como uma espécie de religião civil, elencando três elementos essenciais em comum:

(1) a dádiva ou a reciprocidade, (2) o sacrifício e (3) a dívida. A dádiva ou a reciprocidade representa uma relação econômica baseada na moral. Todos os membros de um grupo precisam trocar bens, materiais ou espirituais na mesma proporção, produzindo uma dinâmica de igualdade percebida como dádiva em uma sociedade religiosa. O sacrifício representa uma relação social em que todos os membros do grupo oferecem voluntariamente em um ritual o que oferecem de melhor à coletividade, objetivando com esta ação conservar a paz e a harmonia sociais e proteger o grupo do mal e do caos. Por fim, a dívida representa uma relação em que pessoas iguais, de fato ou em potencial, fazem trocas que produzem uma desigualdade momentânea entre elas. A dívida existe nesse intervalo de desigualdade entre pessoas iguais de fato ou em potencial. Na religião, os membros de um grupo possuem certa igualdade e/ou semelhança com o plano cósmico, contraindo uma dívida com o divino ao nascerem (LOTT, 2023, p. 33).

Utilizando os três elementos em comum entre nacionalismo e religião, o bolsonarismo se usa da “moral cristã” como base para a reciprocidade, como no lema “bandido bom é bandido morto”, por exemplo, ou em outra frase muito repetida pelos evangélicos, “os humilhados serão exaltados”. Essa lógica também envolve o elemento do sacrifício, tendo como exemplo messiânico o atentado a Bolsonaro em Juiz de Fora em 2018. Esse mesmo Messias contraiu uma dívida com o divino quando nasceu, porque foi desenganado pelos médicos e sua mãe deu à luz um menino saudável que nomeou Messias.

Também George Orwell (2022) elenca três elementos essenciais ao nacionalismo, que seriam (a) *a obsessão*: quando nenhum nacionalista pensa, fala ou escreve que não seja sobre a superioridade do poder do seu grupo; (b) *a instabilidade*: para obter resultados que corroborem a superioridade de seu grupo, os nacionalistas estão dispostos a transferir suas lealdades. “O que se mantém constante no nacionalista é o estado mental: o objeto de seus sentimentos é mutável e pode ser imaginário” (ORWELL, 2022, p. 125). O nacionalismo muda seus bodes expiatórios em direção de uma salvação sem mudar a conduta daqueles que aderem a esse movimento; e (c) *a indiferença pela realidade*: em que o negacionismo está presente, pois os nacionalistas não são capazes de enxergar a semelhança entre fatos em comum. “No pensamento nacionalista há fatos que são ao mesmo tempo verídicos e inverídicos, conhecidos e desconhecidos” (ORWELL, 2022, p. 127).

Essa é a reação pela qual na menatildade nacionalista e, por extensão, na mentalidade bolsonarista a fantasia e ficção são tão fáceis de serem misturadas e se adicionam à realidade tão bem. Os super-heróis e os memes se tornam elementos tão palpáveis para serem usados pelo bolsonarismo como qualquer fato jornalístico ou dados científicos, uma vez que o nacionalista se interessa mais pela reputação de figuras relacionadas ao seu grupo, sejam elas da política ou da cultura pop, do que com o que acontece no mundo real.

“O que ele quer sentir que sua unidade está prevalecendo sobre alguma outra unidade, o que é mais fácil desqualificando o adversário do que examinando os fatos para ver se lhe servem de base” (ORWELL, 2022, p. 129).

Ao lado da religião, o militarismo espelha esses mesmos elementos de adoração e de nacionalismo, já que são os mantenedores da lei e da ordem que devem seguir e, por isso deve existir um respeito recíproco. Os militares, na lógica bolsonarista, se sacrificam pelo Brasil, oferecendo suas vidas no exercício da profissão, para nos abster dos males que acometem a nação, inclusive afugentar os comunistas do solo pátrio.

Ao mesmo tempo que os bolsonaristas acreditam na reciprocidade do sacrifício, pagam e cobram sua dívida acampando em frente a quartéis das forças armadas brasileiras, convocando os militares para que tomem o poder do governo federal. Felipe Lott (2023, p. 37) acredita que “ao se sacrificarem, os bolsonaristas estariam lutando para salvar a pátria ameaçada pela corrupção e dissolução comunistas”, e acrescenta que “ao participarem dessa luta, os bolsonaristas estariam pagando a sua dívida com a pátria e, assim, também estariam contribuindo para garantirem as prometidas paz e prosperidade sociais e a prosperidade econômica”.

#### **5.4.3 Salvadores da Pátria**

A expressão “salvador da pátria” foi propagada no vocabulário brasileiro pela Rede Globo para promover uma telenovela. “O Salvador da Pátria” foi exibida em 1989, ano da primeira eleição direta para presidente da República após duas décadas de ditadura militar. Seu autor, Lauro César Muniz, declarou na época, que o programa televisivo era uma parábola sobre liderança. “Quero falar de um Brasil forte, num ano decisivo para a nossa história, quando vai surgir um presidente eleito pelo povo. Como é um ano de esperança, quero falar de um país que acredita [...] na luz no fim do túnel”. Na trama final da novela, um boia-fria analfabeto chamado Sassá Mutema é envolvido em diversos esquemas políticos e criminosos, mas consegue reverter as situações a seu favor, tornando-se popular. Ele acaba chegando à vice-presidência do Brasil e, depois, se torna prefeito. A ideia principal de Muniz era abordar um homem simples na presidência do país. O protagonista é chamado a partir de um apelido para o nome próprio Salvador combinado ao nome de uma fazenda onde nasceu.

Mudanças tiveram que ser feitas no enredo da novela porque muitos associavam a trajetória do protagonista Sassá Mutema com a de Luiz Inácio “Lula” da Silva, candidato das eleições presidenciais daquele ano (LOPES, 2021). Contudo, as eleições daquele ano foram vencidas por Fernando Collor de Mello, opositor de Lula no segundo turno, com a retórica que

o colocava como uma figura messiânica e redentora, o “caçador de marajás”, um homem que iria acabar com os privilégios na vida pública e a corrupção relacionada a eles. Essa vitória foi obtida com um arsenal de marketing muito melhor equipado que o de Lula.

A campanha de Fernando Collor de Mello foi mais hábil em capitalizar politicamente a figura de um “salvador da pátria” presente no imaginário brasileiro. A ideia de um “salvador da pátria” tem raiz no sebastianismo herdado da cultura portuguesa. Esse fenômeno político é batizado a partir da crença no retorno do rei de Portugal, Dom Sebastião, desaparecido durante as Cruzadas, para restaurar uma ordem perdida. Por extensão, designa inconformidade com uma dada situação e a expectativa de salvação da nação com a chegada de uma liderança miraculosa e definitiva.

O messianismo e a escolha de um salvador da pátria que acabaria com os problemas do Brasil são fatores constantes na história republicana do país, como aconteceu durante as eleições de presidentes como Getúlio Vargas (em 1934 e 1950), Jânio Quadros (1960) e Fernando Collor de Mello (1989), e até mesmo Luiz Inácio “Lula” da Silva (em 2002, 2006 e 2022). O ditador português Antonio de Oliveira Salazar era chamado durante o seu governo de “o Salvador da Pátria” (RAIMUNDO, 2017). Essa ideia inclui uma figura paternalista que, por meio da força e da retidão que a tornam superior, resolverá os problemas do país, dentro de um esquema patriarcal. Esse conjunto de ideias se relaciona ao mesmo tempo aos super-heróis, ao papel do chefe de Estado no Brasil e à hegemonia dos Estados Unidos sobre a América Latina.

Se ambos os candidatos do segundo turno das eleições de 1989 podiam ser associados a uma aura sebastianista, o maior sucesso de Collor em relação a Lula esteve associado à capacidade de manipular também outros elementos visuais e culturais para mobilizar o imaginário do povo brasileiro. Segundo Ricardo Alexandre (2020), a eleição de Jair Bolsonaro representou uma ruptura tão profunda no mundo do marketing político quanto Fernando Collor havia feito trinta anos antes, mas em arenas midiáticas diferentes. Collor se apoiou no poder da imagem televisiva, enquanto Bolsonaro e seus filhos manejaram em sua campanha a influência das redes sociais sobre comportamentos políticos. Ambos, Collor e Bolsonaro, insistiram no discurso contra a corrupção endêmica no Brasil, ambos apresentaram ao público uma imagem de um enérgico homem de ação, cuja potência era demonstrada com passeios em *jet-ski* e relações diversas travadas com o esporte, a juventude e a força. Durante a pandemia, essa retórica, com forte componente estético, foi sintetizada em fala de Bolsonaro que declarava ter um físico resistente a doença por seu “histórico de atleta”. Se Jair Bolsonaro, ao estilo de Collor, é mais um de muitos pretensos salvadores da pátria que se apresentam como homens fortes, o

ex-capitão do exército tem uma novidade: “é alguém que não hesita em usar o nome de Deus como fiador desse salvamento” (ALEXANDRE, 2020, p. 219).

No caso de Jair Bolsonaro, outros elementos fizeram com que uma parcela da população brasileira o enxergasse como a panaceia para nossas mazelas. Rosana Pinheiro-Machado (2021) apresenta três desses elementos que, se relacionam com as crises (econômica, democrática e cultural) que Tormey (2019) elenca para a ascensão do populismo em um país. São eles: a perda de poder de consumo causado pelas políticas de austeridade neoliberais; a sensação ininterrupta de desamparo e insegurança social e, por último, mas não menos importante, o discurso de que o gênero masculino vem perdendo espaço de decisão em função da ascensão de protagonismos e resistências feministas e queer.

Com o bolsonarismo, segundo Souza (2020), o Brasil teria importado as fórmulas estabelecidas por Steve Bannon para Donald Trump. No Brasil, a retórica da ameaça existencial à nação foi modelada em torno do inimigo interno: aqueles que discordavam na pauta dos costumes tradicionais e aqueles que ameaçavam a segurança pública. O nacionalismo, no bolsonarismo, se limitou ao constante acionamento de símbolos pátrios sem uma discussão das implicações econômicas e de política externa da defesa da soberania nacional (SOUZA, 2020). Essa repetição de ícones nacionais é aplicada com um mecanismo semelhante na transposição dos super-heróis estadunidenses nos memes bolsonaristas.

Como entendido por Rubens R. R. Casara (2020), esse posicionamento transmitido por Bolsonaro e seus asseclas é um “*fake nationalism*” que tem por objetivo colocar o “Deus mercado” acima de todos no Brasil. Avelar (2021) destaca também a importância do que chama de “Partido do Mercado”, que investiu no bolsonarismo e o afiançou a partir da figura de um único indivíduo: Paulo Guedes, “o avalista que possibilitou a viabilidade do bolsonarismo como alternativa eleitoral. Estritamente falando, foi a única figura, além de Bolsonaro, que teve em suas mãos a escolha de que o bolsonarismo se constituísse” (AVELAR, 2021, p. 253).

Sua política econômica esteve alinhada a princípios neoliberais, como a ideia de austeridade como restrição dos gastos do Estado com bem-estar social, cultivada na sociedade por discursos e atores diversos desde o governo anterior. Nesse sentido, o governo Bolsonaro adotou posição macroeconômica diametralmente distinta de governos latino-americanos nacionalistas do século XX, esvaziando o papel do Estado no impulso ao desenvolvimento e, pelo contrário, colocando a privatização de organizações estatais no centro da agenda.

Outra linha de identidade entre o bolsonarismo e o neoliberalismo é uma visão extremamente individualista de sociedade. Em associação com outros dogmatismos morais, os discursos empreendedoristas e meritocráticos promoveram a crença de que o sucesso e o lucro

dependem somente do esforço individual. Essas lógicas também abrigam inversões de sentido próprias do bolsonarismo. Ao mesmo tempo que pregam a responsabilidade do indivíduo de se tornar o salvador de si mesmo, subordinam essa possibilidade à submissão aos nominados “salvadores da pátria” do momento, que libertariam os cidadãos dos arranjos coletivos e institucionais.

Junto às inversões de sentido, ocorreram contradições. A austeridade e o individualismo não se aplicaram ao setor do agronegócio, que seguiu sendo beneficiado com subsídios e recebeu ainda novos aportes através de emendas de relator. Essa canalização dos recursos da coletividade para um setor econômico privilegiado foi tratada como natural, dada a intimidade entre os interesses da bancada do Boi e o projeto de poder do bolsonarismo. Segundo Avelar (2021), esse bloco foi um membro fundador da coalizão bolsonarista. Bolsonaro já trazia alguns elementos que agradavam seus políticos: seu machismo caipira, seus discursos anti-indígenas e antiambientais, e “uma estética Barretos, de rodeio, que o tornou de fácil adoção por sojicultores do Mato Grosso e de Tocantins, pecuaristas do Mato Grosso do Sul, cafeicultores de Minas Gerais, vinicultores do Rio Grande do Sul e Santa Catarina” (AVELAR, 2021, p. 239).

A bancada do boi, ou bancada ruralista, também é chamada atualmente de Frente Parlamentar Mista da Agropecuária (FPA) e foi criada em 2002. Abriga políticos de diversos espectros políticos que experimentaram um intenso processo de enriquecimento com a compra de terra (BRUNO, 2017). A bancada ruralista surgiu no contexto dos avanços tecnológicos no mundo agrário e do fato que o mundo agrícola e industrial desenvolvia laços cada vez mais próximos e interdependentes. É através da FPA que as elites agrárias negociam seu espaço de poder no Brasil, reproduzindo relações históricas clientelistas e patrimonialistas. A FPA produz a pressão institucional para a defesa dos interesses das elites ruralistas (FELIX *et al.*, 2022).

Segundo Regina Bruno (2017), a bancada ruralista tem como pedra de toque a defesa da propriedade das terras como direito inato e absoluto. Expressa o pensamento conservador, que mantém as elites no poder e afasta das decisões grupos subalternos, ao defender seletivamente a ação do Estado com políticas públicas para favorecer os grandes proprietários de terras, mas pregando a austeridade quando se trata de amparo a trabalhadores, grupos vulneráveis e ao meio ambiente. Avelar (2021) destaca ainda a importância do armamento para os ruralistas, que argumentam necessitar da posse de armas para proteger seu patrimônio.

A bancada do Boi promove um pensamento colonizador sobre o território brasileiro, apresentando a expansão da fronteira agrícola com destruição da natureza como imprescindível para o sustento do país. Sua expressão no contexto bolsonarista inclui a exacerbação de

operações de garimpo ilegal e extração ilegal da madeira, a exploração de recursos naturais em áreas de povos originários, bem como o extermínio dos mesmos. Nessa agenda, uma pauta-chave da bancada do Boi promovida no programa bolsonarista é o Marco Temporal, tese que pretende limitar a demarcação de indígenas a territórios habitados pelos povos originários na data da promulgação da Constituição Federal de 1988. A adoção desse princípio significaria estancar e mesmo retroceder o reconhecimento de terras indígenas e abrir espaço ao extrativismo predatório.

Dentro do programa da bancada do Boi, a noção de territorialização semiótica serve para apoiar uma territorialização física, em que as fronteiras administrativas, jurídicas, morais e ambientais são desafiadas. Essa transgressão dos limites construídos ao longo de décadas para a preservação de biomas, em especial o Pantanal e a Amazônia, e da própria população brasileira, também teve impactos negativos para a economia brasileira. A reversão do quadro de proteção ambiental levou a represálias como suspensão de auxílios de fundos estrangeiros, retrocessos na negociação de acordos comerciais e restrição à compra de artigos brasileiros. Uma vez que a política de governo anulou princípios históricos da atuação internacional do Brasil, como a defesa da preservação da biodiversidade e de políticas ambientais para conter a mudança climática, o “nacionalismo” bolsonarista alinhado aos interesses ruralistas serviu também para fragilizar a posição brasileira no cenário mundial.

Nas três instâncias que analisei nestas seções, Mitos, Messias e Salvadores da Pátria, percebe-se como o bolsonarismo funciona enquanto tendência social e como os elementos culturais e morais da sociedade brasileira estão imbricados com esse movimento. No próximo capítulo falarei sobre o masculinismo e também como as questões de gênero estão envolvidas com o bolsonarismo. No capítulo seguinte, serão apresentadas as dimensões digitais do bolsonarismo e os memes de super-heróis utilizados nesse movimento.

## 6 MASCULINIDADES

*Take your mind back, I don't know when  
 Sometime when it always seemed to be just us and them  
 Girls that wore pink and boys that wore blue  
 Boys that always grew up better men than me and you  
 What's a man now?  
 What's a man mean?  
 Is he rough or is he rugged?  
 Is he cultural and clean?  
 Now it's all change, it's got to change more  
 'Cause we think it's getting better  
 But nobody's really sure  
 And so it goes, go round again  
 But now and then we wonder who the real men are  
 See the nice boys, dancing in pairs  
 Golden earring, golden tan  
 Blow wave in their hair  
 Sure, they're all straight, straight as a line  
 All the gays are macho  
 Can't you see the leather shine?  
 You don't want to sound dumb, don't want to offend  
 So don't call me a faggot  
 Not unless you are a friend  
 Then if you're tall and handsome and strong  
 You can wear the uniform and I could play along  
 And so it goes, go round again  
 But now and then we wonder who the real men are  
 Time to get scared, time to change plan  
 Don't know how to treat a lady  
 Don't know how to be a man  
 Time to admit, what you call defeat  
 'Cause there's women running past you now  
 And you just drag your feet  
 Man makes a gun, man goes to war  
 Man can kill and man can drink  
 And man can take a whore  
 Kill all the blacks, kill all the reds  
 And if there's war between the sexes  
 Then there'll be no people left  
 And so it goes, go round again  
 But now and then we wonder who the real men are*  
**Joe Jackson - Real Men (1982)**<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> Tradução da letra: Conduza a sua mente de volta para não sei quando/Para algum tempo em que parecia sermos apenas nós e eles/Garotas que usavam rosa/ Garotos que usavam azul/Garotos que sempre se tornavam melhores homens do que eu e você / O que é um homem hoje? O que um homem significa? /Ele é bruto ou rude? /Ele é culto e limpo? /Agora tudo está mudado – e precisa mudar ainda mais/Porque a gente acha que está melhorando/Mas ninguém tem mesmo certeza/E assim vai indo, vai e volta/Mas hoje e ontem nós nos perguntamos quem é o homem real/Olhem esses lindos rapazes, dançando em pares/Com brincos dourados, bronzeados dourados e cabelos escovados/É claro que eles são hétero – retos como uma linha/Todos os gays são machos/Você não vê o couro deles reluzindo? /Você não quer soar estúpido, você não quer ofender/Portanto, não me chame de veado, a não ser que você seja um amigo/E se você for alto, e bonito, e forte/Aí você pode colocar um uniforme e eu posso brincar com você/E assim vai indo, vai e volta/Mas hoje e ontem nós nos perguntamos quem é o homem real/Hora de ficar com medo. Hora de mudar os planos/Você não sabe como tratar uma mulher, você não sabe como ser um homem/Hora de admitir o que você chama de derrota/Pois há mulheres te ultrapassando, enquanto você só se arrasta / Homem faz armas –homem vai à guerra /Homem pode matar, e homem pode beber, e homem pode pagar uma prostituta/Matar todos os negros, matar todos os vermelhos/E se houver guerra entre os sexos,

*Bad boys, bad boys whatcha gonna do?  
Whatcha gonna do when they come for you?*  
**Inner Circle - Bad Boys (1993)**

*São sempre os mesmos sonhos  
De quantidade e tamanho  
Garotos perdem tempo pensando  
Em brinquedos e proteção  
Romances de estação, desejo sem paixão  
Qualquer truque contra a emoção*  
**Kid Abelha - Garotos (1985)**

Existem diferentes apontamentos sobre a origem dos estudos de gênero. Alguns consideram o trabalho pioneiro de Simone de Beauvoir, ‘O Segundo Sexo’, em 1949 como um indício de seu começo, embora a filósofa não utilize o termo gênero. Ele teria emergido e começado a circular nos anos 1960. Em 1975, Gayle Rubin publica ‘O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo’, em que descreve o sistema sexo-gênero, definindo gênero como uma distinção socialmente imposta dos sexos, formulação que utiliza para analisar o papel das mulheres no mundo do trabalho capitalista. Porém, é com o trabalho de Joan Scott, em especial o artigo ‘Gênero, uma categoria útil de análise histórica’, publicado em 1986, que o conceito se consolida em sua forma atual. Segundo Scott (2021, p. 67), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

O gênero é um dos dualismos tematizados neste estudo. Além dele, podemos incluir as divisões entre centro e periferia da cultura, a esquerda e a direita política, o novo e o antigo, super-heroísmo e vilania, bem e mal, entre outros. Para Anne Fausto-Sterling (2001, p. 60), esses binarismos são utilizados para entender como o mundo funciona e consistem em “pares de conceitos, objetos ou sistemas de crenças opostos. Em geral usamos os dualismos em alguma forma de argumento hierárquico”.

Os estudos de gênero também podem ser aproximados com outro componente desta tese: a memética. Judith Butler (2021, p. 214) afirma que o gênero é constituído no tempo por meio de “uma repetição estilizada de certos atos”. Eles formam “estruturas de papéis de gênero” e, assim como os memes, operam através de esquemas. Butler (2021, p. 217) considera que nossas noções de gênero são “ficções culturais”, de forma que “os autores dos gêneros entram em um transe de suas próprias ficções, e por meio dele os processos de construção impulsionam

---

então não sobrarão pessoas/E assim vai indo, vai e volta/Mas hoje e ontem nós nos perguntamos quem é o homem real.

a crença de sua necessidade e natureza”. Além disso, as relações de gênero passam por renovações constantes a partir de modelos estabelecidos no passado. Diferentemente do que se passa com a remixagem de memes, entretanto, performances de gênero inesperadas ou improvisações não justificadas não são celebradas, mas severamente punidas.

Para Monique Wittig (2022), o conceito de diferença é a interpretação de um conceito histórico de dominação. A diferença mascara conflitos de interesse, principalmente os ideológicos. Dessa forma, as identidades homem, branco, heterossexual, cis, são apagadas como diferença propositalmente para denotarem uma identidade genérica e hegemônica, enquanto que as identidades onde a diferença é ressaltada - mulher, negra, homossexual e trans - servem para ressaltar o outro, o alijado da normalidade. Portanto, “o masculino não é o masculino, mas o geral” (WITTIG, 2022, p. 98).

Os estudos de gênero geralmente tematizam questões relativas às mulheres, ou, mais recentemente, a pessoas LGBTQIAPN+. O homem, como categoria, ou o masculino, como campo simbólico e experiencial, encontra pouca exploração. Essa falta de discussão sobre o que significa ser um homem branco heterossexual e cis representa uma lacuna no projeto anunciado pela área de estudos de gênero de desvelar e contestar relações de poder marcadas pela dominação masculina. A própria agenda de produção teórica é assim marcada pela maneira como “o masculino” é percebido, geralmente, como algo universal e naturalmente determinado nas sociedades.

Pedro Ambra (2021a, p. 115) define masculinidade como o “conjunto de representações, vivências e discursos que todo homem ocidental teria no que diz respeito a seu sexo, o que é indissociável do ideal de civilização na qual ele se encontra”. Esse conceito se relaciona ao de virilidade, que o autor associa a representações construídas no passado e que remete a uma possibilidade de existência, se referindo a algum homem que possa ter existido.

Jean-Jacques Courtine (2013a) aponta que foi em meados do século XX que masculinidade e virilidade passaram a ter sentidos semelhantes. Na Grécia Antiga, o prefixo *vir* significava macho, pênis, marido ativo, enquanto que *homo* significava homem. Em sua origem *vir* significava um devir, uma condição masculina ideal a ser alcançada e não um dado de natureza. Assim, distingue-se a virilidade da masculinidade. No contexto atual, para ser viril é preciso adquirir tal qualidade, preservá-la e ainda dar provas de sua existência (CORBIN, 2013). Para Flávia Bonfim (2022, p. 204), “fixado na lógica fálica, o ideal viril constitui-se como uma defesa, um rechaço à diferença”.

Pierre Bourdieu (2019) apresenta a virilidade como uma noção relacional, comparativa, construída diante de todos, mas principalmente de outros homens, para outros homens. Ela é

contra a feminilidade, por uma espécie de medo do que o feminino emana. Sua construção se dá, primeiramente e principalmente, dentro do âmbito de cada homem.

Segundo Scott (2021), o princípio de masculinidade está baseado na repressão, no conflito e na oposição ao feminino em favor do masculino. Pelo fato de que as ideias conscientes do que é masculino e do que é feminino não serem fixas, mas construídas em dinâmicas socioculturais, o sujeito está sempre em conflito entre uma aparência de totalidade do que o gênero significa com a imprecisão e a relatividade daquilo que cada categoria significa, tornando-o dependente de uma repressão e uma vigilância das fronteiras das identidades de gênero. Ou, nas palavras de J. J. Bola (2020, p. 23), “é como se ser um homem fosse uma competição para a qual todos os machos estão tentando se classificar”.

Portanto, a virilidade enquanto sinônimo de masculinidade é fonte de frustração por parte dos homens que nunca alcançam esse ideal inatingível. A virilidade é, como aponta Bourdieu (2019), uma carga, de uma maneira tal que o ideal impossível da virilidade esconde uma enorme vulnerabilidade. Dessa forma, buscam encontrar bodes expiatórios para suas desgraças e encontram esses culpados nas mulheres e nas pessoas queer, que não precisam se esforçar para provar que são homens, pois já são marginalizados exatamente por não o serem, dando mais carga aos costumes que enviam para a periferia da cultura e da sociedade aqueles que não fazem parte do pacto pela busca do ideal viril. Tudo isso leva aos homens investirem em todo tipo de jogos de violência, como alguns esportes, mas principalmente aquelas atividades em que é possível deixar visível a manifestação e o teste das qualidades viris.

Bourdieu (2019) também afirma que a força e a violência simbólicas que estão incutidas nas relações de gênero são uma forma de poder que é exercida sobre os corpos de forma direta. Ele explica que, como magia, sem fisicalidade, o engendramento do gênero e a incorporação dessas formas de demonstração atuam profundamente, porém, apenas com uma predisposição que catalisam essas reações. Tais conceitos foram nomeados por Ivan Jablonska (2022) como ordem de gênero, aquilo que lembra cada pessoa de suas obrigações em função do sexo biológico com que nasceu. Quem se exime dessas obrigações corre o risco de ser humilhado e excluído da convivência social.

Além da diferença entre virilidade e masculinidade, Kimmel e Wade (2018) também estabelecem um uso diferente entre os sentidos e ideias de o que faz um Bom Homem e um Homem de Verdade. O Bom Homem é um conceito institucionalizado das maneiras honestas e educadas de como um ser masculino deve se portar, com sacrifício, honra, responsabilidade, generosidade, com a intenção de defender os fracos, prover e proteger. Por outro lado, temos o Homem de Verdade, que é um modelo de masculinidade que está ligado a ações que se opõem

ao feminino, como quando alguém diz “não seja um ‘maricas’, seja um homem de verdade” e outras frases imperativas correlatas. A paradoxalidade entre os conceitos do Bom Homem e do Homem de Verdade se encontra não apenas nas narrativas de super-heróis e no discurso da política, mas em tudo que envolve a performance da masculinidade.

Elizabeth Badinter (1993) acredita que os diferentes métodos para se engendrar um “homem de verdade”, o que chamou de “pedagogias da virilidade”, possuem três pontos em comum: a) a necessidade de ultrapassar um limiar crítico, estar sempre vencendo fronteiras, como a que separa o adulto do infantil e o masculino do feminino; b) a necessidade de provas, não basta se tornar homem é preciso provar-se homem o tempo todo; e c) o papel nulo ou apagado dos pais, quando ocorre a ausência de conversas com os genitores sobre o que significa ser homem na sociedade em que está inserido, a ausência de laços emocionais entre pais e filhos. A autora também expõe que o projeto de masculinização dos meninos passa por uma tríplice negação que envolve provar que esses meninos não são nem uma mulher, nem um bebê e nem um homossexual.

Essa forma de aprender o que é ser homem na sociedade atual está relacionada com a noção de poder que emana da masculinidade. Esta noção de que o poder é algo masculino evoluiu através dos séculos e serve como justificativa para que os homens sejam mais valorizados que as mulheres e que possam dominá-las. Os homens interiorizam esse tipo de pensamento em suas personalidades e passam a experimentar o poder como uma forma de exercer o controle sobre mulheres, crianças e outros homens, lhes garantindo, assim, privilégios e vantagens que os seres colocados abaixo nesta hierarquia não experimentam. (KAUFMAN, 1997, p. 68).

Uma das principais estudiosas das masculinidades, Raewyn Connell (2005) cunhou o termo “masculinidade hegemônica” no intuito de descrever uma noção de comportamentos, estéticas, performatividades, enfim, modos de ser do sexo masculino, que representariam um homem ideal. Connell estabeleceu que por essa “masculinidade hegemônica” ser buscada, mas nunca alcançada, ela não poderia ser encontrada em um mundo prático. Ou ainda:

A masculinidade hegemônica é aquela que domina a ordem do gênero, legitimando o patriarcado no topo dos governos, dos exércitos, das empresas, e subordinando as outras masculinidades. No Ocidente, por exemplo, ela é própria do homem branco, rico, heterossexual entre quarenta e sessenta e cinco anos (JABLONSKA, 2022, p. 83).

Connell e Messerschmidt (2013, n. p.) entendem a masculinidade hegemônica como um princípio normativo. “Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que

todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”. Connell e Messerschmidt demarcam que essas referências são ambíguas e que não representam homens reais, mas sim um conceito, um sentido para o qual o homem almeja se dirigir. Por isso, masculinidade, ao tratar de um mundo físico, não deveria ser estudada no singular, mas como “masculinidades”, no plural, devido às diferentes formas com que essa performatividade de gênero pode se dar. Como aponta Han (2020, p. 25), “o poder está precisamente onde não é posto em evidência” porque “se dá sem ter que apontar ruidosamente para si mesmo”. Masculinidades, assim como a branquitude e a heterossexualidade, geralmente não são estudadas com tanto afinco e propriedade como seus opostos complementares, isso porque essas instâncias atuam de forma silenciosa.

Kimmel (2014a) acredita que as masculinidades variam através de diferentes dimensões, mas que quatro fatores são destaques dessa variação; a) a masculinidade varia através das culturas e geralmente a diferença entre dois tipos de masculinidades em uma cultura é maior do que entre os gêneros na mesma cultura; b) as definições de masculinidade variam consideravelmente em um país com o passar dos anos, o que significa ser homem no Brasil atual é muito diferente dessa identidade no Brasil Colônia; c) as definições de masculinidade mudam no curso de vida de uma pessoa, um homem jovem e solteiro a define de maneira diversa de um homem na terceira idade, casado e avô; e d) numa sociedade em geral muitos modelos de masculinidade coexistem ao mesmo tempo e numa mesma limitação espacial. Essas dimensões desencadeiam a formação de novos tipos de masculinidades. Jacob Johanssen (2022) chama atenção para três tipos de masculinidades que surgiram a partir dos anos 1990, apresentadas no Quadro 8, abaixo.

Quadro 8 – Tipos de masculinidades surgidas a partir dos anos 1990

<b>Tipo de masculinidade</b>	<b>Descrição</b>
Masculinidade reflexiva	Enraizada em discursos de cultura terapêutica e a necessidade de estar em contato com as próprias emoções
Metrossexual	Consumista, enfatiza o condicionamento físico, a maquiagem e as roupas
Masculinidade <i>geek</i>	Senso não hegemônico; o <i>geek</i> ou <i>nerd</i> é socialmente desajeitado, tímido, não se conforma aos padrões de um corpo masculino hegemônico (musculoso, alto, magro), é obcecado por subculturas, <i>fandoms</i> e “infantil” passatempos como jogar videogame ou ler histórias em quadrinhos

Fonte: Johanssen (2022).

Neste estudo, abordo uma masculinidade idealizada, a masculinidade dos super-heróis, instrumentalizada como uma masculinidade de dominação dentro da mídia bolsonarista. O machismo e o masculinismo presentes no bolsonarismo também serão abordados neste capítulo. Este trabalho se volta principalmente ao nível estético, difundido pela digitalização e plataformização da comunicação. Um retrato construído no imaginário social através de inúmeras imagens que discursam corpos ideais em espaços como o Instagram, por exemplo. A maioria desses corpos masculinos são representados, como brancos, jovens, hipermusculosos, definidos, e, sob a óptica que concerne a esta tese, lisos, ou seja, sem pelos corporais.

## 6.1 MASCULINIDADES E DOMINAÇÃO

Segundo Connell (2005), existe uma política de gênero inserida na masculinidade. Mais que reconhecer a diversidade de suas apresentações é preciso reconhecer as relações entre os diferentes tipos de masculinidade e que podem se estabelecer como de aliança, dominação e subordinação, que desenvolvem práticas que incluem, excluem, intimidam, exploram, entre outras ações opressoras.

Jablonska (2022) define que as masculinidades de dominação são dispostas para exercer uma espécie de poder que é a capacidade de se impor enquanto homem. Segundo o autor existem quatro formas de masculinidade de dominação que ele definiu também como as quatro vitórias do masculino. São elas:

- a) *a masculinidade de ostentação*: um homem fanfarrão, mentiroso, acintoso e que se distingue pelos esbanjamentos fora do comum, como a ostentação de carros de luxo, o oferecimento de festas nababescas, ou pela forma com que compra brigas com facilidade, obedecendo à lógica dos duelos medievais em que a honra masculina deve ser preservada e, por isso, é justificável o derramamento de sangue; um exemplo são os *bon vivants* como Chiquinho Scarpa ou o Sheik do Qatar, que possui seus próprios times de futebol;
- b) *a masculinidade do controle*: o homem se controla tanto que acaba a dominar a si mesmo, o homem como senhor de si e de seu próprio destino, como os *self made men* dos anos 1980. O homem que controla a demonstração de emoções e paixões, doma seus apetites e refreia sua violência;
- c) *a masculinidade de sacrifício*: fundamental para o mito heróico, este homem mistura a abnegação com a santidade. Idealizador, se mantém firme e se sacrifica

por si e pelos outros. O homem que desaparece na sua própria masculinidade voluntariamente. Se dispõe a morrer pelo líder ou pela pátria. Mahatma Gandhi e Martin Luther King são exemplos desses homens;

- d) *a masculinidade da ambiguidade*: permite integrar o feminino. Enquanto as mulheres são reduzidas à sua condição sexual, nesse tipo de masculinidade tudo é permitido: suavidade e violência; armas e jóias, lágrimas e severidade. O flerte com o gênero oposto é uma forma de se destacar entre seus concorrentes. Grandes astros do passado como Elvis Presley e Marlon Brando brincavam com essas ambivalências. Atualmente, o jogador David Beckham e o cantor Harry Styles são exemplos de masculinidade de ambiguidade.

Para Jablonska (2022) a masculinidade de dominação se constrói sobre uma tripla violência: contra as mulheres, contra os sub-homens e contra os meninos, de forma que o autor afirma que “o homem no poder é escravo do seu gênero” por nunca ter certeza de sua dominância e estar sempre insatisfeito em meio a uma luta contra aqueles que julga inferiores. Nas palavras de Pierre Bourdieu (2019, p. 30):

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação, ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação de dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente atos de reconhecimento, de submissão.

Os mecanismos da dominação masculina funcionam através de uma cumplicidade entre homens sobre a forma de como um homem de verdade deve se portar. Daniel Welzer-Lang (2001) chama essa adequação dos homens com a convivência entre outros homens e em espaços masculinos de “casa-dos-homens”, baseado em estudos antropológicos da tribo Baruya, de Nova Guiné, onde a iniciação ritual para um menino se tornar homem era a felação de homens mais velhos para, entre outros ensinamentos, aprender como dominar as mulheres. Esse ritual acontece em um espaço onde as mulheres são proibidas de entrar e, através da cumplicidade masculina que se dá entre esses membros da sociedade, esse segredo é escondido delas e dos homens que não pertencem a essa sociedade. Welzer-Lang (2001) define, então, como “casa-dos-homens” outros espaços e rituais de cumplicidade masculina, que desenvolvem a homosociabilidade e que também incluem determinados traços de homossexualidade. Ele inclui nessa categoria espaços como o circuito de esportes coletivos como o futebol, as prisões, os clubes e pátios dos colégios. Além disso, aborda rituais do tipo “competição de macheza”, como quem tem o maior pênis, quem urina mais longe, quem ejacula primeiro, reproduzindo

modelos sexuais e dando forma ao seu desejo heterossexual. “Nesses grupos monossexuados se incorporam gestos, movimentos, reações masculinas, todo o capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem” (WELZER-LANG, 2001, p. 463).

Ao mesmo tempo, Michael Schwalbe (2014) atesta que os homens que lutam para serem reconhecidos como homens por homens mais poderosos são mais controláveis que aqueles que lutam para serem reconhecidos como humanos. A sujeição aos padrões estabelecidos e governados por homens mais velhos implica a cumplicidade com um contrato de gênero. Esse mimetismo embute violências em duas direções. Em primeiro lugar, os homens entram em conflito consigo mesmo, com seus corpos. Em segundo, entram em guerra com os outros homens. A adaptação ao conjunto de operações sociais que definem o “masculino” em uma sociedade também se define por uma busca de vantagem, sendo “ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo” (WELZER-LANG, 2001, p. 464).

Esse modo de interpretar os privilégios masculinos permite compreender as bases do machismo. Podemos definir machismo como “a ideologia da supremacia masculina que legitima a precedência dos homens sobre as mulheres” (FULLER, 1997, p. 149). Se por um lado, o machismo revela dominação e manutenção de privilégios, por outro, está conectado a uma fragilidade social expressa nesse conjunto de ideias. “O macho de hoje tem dúvidas sobre sua capacidade de alimentar e proteger sua família. Seu ‘machismo’ é uma adaptação à opressão, à pobreza e à baixa autoestima” (ANZALDÚA, 2021, p. 329).

Ao lado do machismo, também existe o masculinismo, que se apresenta como movimento antifeminista. Os masculinistas acusam as mulheres, principalmente as feministas, de tentarem subjugar os homens e privá-los de seu status. Os ativistas de grupos masculinistas chamam a atenção da mídia para a privação da masculinidade em um determinado contexto, culpando as feministas e os movimentos queer (HAKALA, 2016).

Os movimentos masculinistas se baseiam na superioridade e supremacia do ser masculino sobre o ser feminino e se apoiam em uma cultura da humilhação. Segundo Márcia Tiburi (2021), a cultura da humilhação é um circuito que elogia o humilhador e ajuda a humilhar as vítimas, fazendo parte deste sistema as culturas do assédio e do estupro inseridas no patriarcado. Um exemplo da cultura da humilhação através do espectro da condição feminina e da violência simbólica foram os adesivos usados em automóveis durante a crise do petróleo e dos combustíveis, em 2015, durante o governo Dilma Rousseff (Figura 35).

Figura 35 – Adesivos relacionados à crise do petróleo e do combustível durante o governo Dilma Rousseff



Fonte: MaisPB<sup>48</sup>.

Flávia Bonfim (2022) aponta que presidentes como Bolsonaro e Donald Trump se elegeram após um longo período de regência de uma presidenta mulher e de um presidente negro, respectivamente. Essa guinada à direita, segundo ela, parece trazer um retorno à dominação masculina branca, ameaçada pelos avanços do feminismo e dos movimentos antirracistas. Repara ainda que esta é uma busca de retorno a uma ordem social antiga que quer manter as condições de dominação sociais do homem sobre a mulher, do branco sobre o negro e da elite sobre o pobre. Homens de classes sociais mais baixas, que são oprimidos pelos mais diversos tipos de violência, se utilizam da masculinidade como uma forma de ganho simbólico sobre mulheres.

As mudanças sociais naquilo que estava estabelecido como a masculinidade vigente fizeram proliferar movimentos masculinistas, primeiro nas ruas, durante os anos 1980 e 1990, depois com a popularização de fóruns na internet, nos anos 2000, alegando que a masculinidade “tradicional” estava ameaçada. Francis Dupuis-Déri (2022) acredita que não exista uma crise da masculinidade em nossa sociedade, mas um discurso de crise masculina que se repete desde a antiguidade seguindo o mesmo padrão. Ele exagera a influência das mulheres; emerge em um contexto em que estão no topo das instituições de poder; mina a legitimidade das mulheres emancipadas ou em busca de emancipação; e promove uma visão de superioridade dos homens em relação às mulheres de acordo com o quadro da masculinidade convencional - supostamente ativa, corajosa, forte, racional e eficaz.

Peggy Orenstein (2020, p. 176) afirma que “o narcisismo do desejo masculino é instilado prematuramente, reforçado pela mídia, pares, pelo silêncio dos pais, e por garotas que foram treinadas a partir de tenra idade a levar as necessidades e desejos dos homens mais

---

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.maispb.com.br/108852/governo-faz-denuncia-ao-mp-de-adesivo-com-ofensa-a-dilma.html>. Acesso em: 02 mar. 2024.

seriamente que as suas”. Essa dimensão de narcisismo associada a gênero também se intersecciona com outras, como as ligadas à categoria de raça. Maria Aparecida da Silva Bento (2022), ao tratar do que tematiza como pacto narcísico da branquitude, indica que a manipulação da memória coletiva é um elemento constitutivo das hierarquizações sociais. No caso da opressão racial no Brasil, esse pacto envolveria a repressão, a expulsão, o silenciamento e a esconder fatos e noções que são impossíveis de serem suportados e recordados pelo coletivo.

Ao aplicar uma perspectiva de semiótica da cultura às proposições da autora, pode-se visualizar o pacto narcísico da branquitude (masculina, rica e heterossexual) como um centro da circulação de sentidos, que projeta um modelo de mundo, sob uma óptica etnocentrista. Dessa forma, a personalidade autoritária proveniente do pacto narcísico e já estudada no capítulo anterior, necessita construir um inimigo que represente “o outro” deste pacto, que é relegado à periferia da cultura e, portanto, da memória coletiva. Para a autora, é esse contexto que possibilita que uma parcela de categorias profissionais privilegiadas pelo Estado proteja seus “iguais” e fortaleça líderes que pregam a violência contra “não-iguais”. Bento também identifica que a masculinidade branca frequentemente aparece em estudos no papel de vítima, colocando-se sob ameaça de outras identidades e provocando respostas violentas.

Um estudo do grupo de pesquisa IMAGES (MOURA *et al.*, 2016) sobre masculinidades e violência urbana no Rio de Janeiro inferiu que a exposição à violência contribui para o desenvolvimento de normas e papéis de gênero mais rígidos. Além disso, descobriu-se que a violência urbana molda e interage com as construções de masculinidades violentas. Também foi percebido que quanto maior o recorte na direção de homens jovens negros que residem em favelas ou em outras áreas urbanas marginalizadas, maior seu envolvimento com a violência, seja produzindo-a ou como vítimas da mesma.

Osmundo Pinho (2004) interpreta que os discursos de crise da masculinidade fazem referência a um determinado tipo de masculinidade, aquela definida acima como masculinidade de dominação. Enquanto isso, os homens associados a masculinidades dissidentes vivem uma crise que não é intermitente e se refere a marcadores sociais como raça, sexualidade e classe. Esse é o caso de homens negros, pobres e homossexuais e suas intersecções, considerados sub-homens. Essa desigualdade social resulta em segregação e em um número expressivo de incidentes de violência física, inclusive de assassinatos. Homens que buscam afirmar sua legitimidade como detentores da masculinidade hegemônica ridicularizam ou destroem outros homens. Os sujeitos das masculinidades de dominação enxergam os corpos das mulheres e dos homens não incluídos em seu contrato de gênero como um território alheio a si, disponível à conquista e à exploração (JABLONSKA, 2022).

Susana Muszkat (2012, p. 30), estabelece que “a violência é uma forma possível, embora deletéria, de resposta, que tem a finalidade de procurar solucionar um conflito por meio da eliminação de uma das partes”. Portanto, mais que reterritorializar identidades, a violência masculina desterritorializa corpos e identidades a ponto de anular seus sentidos anteriores. Nessa direção, a violência é diferente da força. A força tem o objetivo de “impor a organização de uma certa ordem social na qual uma minoria governa”, procurando “realizar uma obediência automática”. A violência, por sua vez, “tende à destruição dessa ordem” e a “romper com essa autoridade” (SOREL, 1992, p. 156, 195).

“A violência faz parte de um sistema de dominação, mas é ao mesmo tempo uma forma de medir sua imperfeição. Uma hierarquia completamente legítima teria menos necessidade de intimidar” (CONNELL, 2018, p. 45). Suzane Kaiser (2022) aponta que diferente do que se pensa, a violência não é uma forma de controle e poder, mas uma expressão da falta de controle e de fraqueza. “Quando a masculinidade é colocada em dúvida não apenas pela esposa de alguém, mas pela sociedade como um todo, o resultado é um aumento da vulnerabilidade e, portanto, um aumento da prontidão para o uso da violência” (KAISER, 2022, p. 83).

De acordo com Michael Kimmel (2014b, p. 809-812):

Os homens constituem 99% de todas as pessoas presas por estupro; 88% dos presos por assassinato; 92% dos presos por roubo; 87% para agressão agravada; 85% de outras agressões; 83% para toda a violência familiar; 82% para conduta desordeira. Os homens são esmagadoramente mais violentos do que as mulheres. [...] A violência tem sido entendida como a melhor maneira de garantir que os outros reconheçam publicamente a masculinidade de alguém. A luta era culturalmente prescrita para meninos, que precisavam demonstrar identidade de gênero. [...] Os homens aprendem que a violência é uma forma aceita de comunicação entre homens e entre mulheres e homens [...] Quase 40 por cento de todas as mulheres que são assassinadas são assassinadas por maridos ou namorados.

Os homens exercem violência contra as mulheres na maioria das vezes para que demonstrem domínio sobre sua parceira. Técnicas de ameaças e intimidações também são utilizadas nesse processo. Aqueles que recorrem a esses termos sentem-se completamente justificados, como se através do uso da violência exercessem um direito de soberania e autorizados por ideias de supremacia.

Em 2019 foi desenvolvido o relatório ‘O Silêncio dos Homens’, material produzido ao lado do documentário homônimo, desenvolvido pelo Instituto PdH e o grupo Papo de Homem, que ouviu mais de 40 mil pessoas sobre masculinidade, de diferentes partes do Brasil. Este material trouxe dados sobre a real crise que afeta o ser masculino. Os homens brasileiros vivem, em média, sete anos a menos que as mulheres, principalmente por procurar menos atendimento

médico; e se suicidam quatro vezes mais que as mulheres. São 95% da população prisional do país e 83% das mortes por homicídios e acidentes têm os homens como vítimas. Mais de 30% dos homens confessou sofrer de disfunção erétil ou de ejaculação precoce, e 17% disseram ser dependentes do álcool.

A violência contra o outro e a autodestrutividade parecem ser constitutivas daquilo que se entende por masculinidades contemporâneas e está ligada tanto às dissidentes como às de dominação. O machismo e, também, o masculinismo representam formas de policiamento das performances de gênero dos homens. Também entre grupos de amigos ou de pessoas com interesses em comum a violência pode ser uma forma de afirmar a masculinidade.

A perda do masculino, dentro dessa delimitação, significa tornar-se feminino e este é o maior medo dos machistas e masculinistas. Pierre Bourdieu (2019) explica que, sob o ponto de vista que liga a sexualidade ao poder, a pior humilhação para um homem, consiste em ser transformado em mulher. Um bom exemplo que o autor expõe é que os homens geralmente se mostram insatisfeitos com partes de seus corpos que julgam “pequenos demais”, já as mulheres preocupam-se com regiões corpóreas que parecem “grandes demais”. Assim, a repressão à homossexualidade masculina se torna também uma repressão e uma aversão à feminilidade e àquilo que é do domínio do feminino.

Dessa maneira, podemos entender que se a virilidade é atingida pela violência e seus significantes, essa busca pela masculinidade se torna uma busca por uma dinâmica de territorialização de sentidos. Podemos perceber que esta operação se relaciona com os sistemas modelizantes da cultura, que produzem e legitimam os estereótipos masculinos e femininos, dentro das relações espaço-temporais binárias da cultura (ROSÁRIO, 2023).

## 6.2 CULTURA VISUAL E A IMAGEM MASCULINA DO SUPER-HERÓI

Pesquisas indicam que comportamentos masculinos violentos são reforçados pela influência da mídia. Por exemplo, Erica Scharrer (2001) encontrou uma relação entre exposição a programas de televisão violentos e tendências e atitudes agressivas e hostis em homens. A autora constatou que a resposta a imagens de violência estava associada à identificação dos indivíduos com sentidos de hipermasculinidade.

A hipermasculinidade, em primeiro lugar, está relacionada com uma hipérbole, uma ênfase exagerada em sentidos atribuídos ao masculino, daí o prefixo *hiper*. Ao mesmo tempo está relacionada à ultravigilância da masculinidade, desenvolvida, principalmente entre homens e em espaços no estilo “casa-dos-homens”. Ao analisar as fraternidades universitárias das

Filipinas, Gutierrez (2019, p. 245) definiu a hipermasculinidade como “uma adesão exagerada ao script ideológico machista” que faz com que alguns homens “vejam a violência como algo viril e o perigo como algo excitante”. Ele inclui também como características da hipermasculinidade a depreciação das mulheres como um elemento da socialização dos homens, o que resulta em um espaço restrito de negociação para as performances de gênero. Essa hipermasculinidade, então, também reflete na forma como o corpo é apresentado: quanto mais músculos grandes e definidos, mais viril e, portanto, mais hipermasculino será o homem.

Em ‘*Work that body*’, Jamie Hakim (2020) discorre sobre as mudanças na exibição dos corpos masculinos através de mídias digitais. Tendo como ponto inicial a crise financeira de 2008, a digitalização propiciou “uma proliferação não apenas de representações sexualizadas de corpos masculinos, mas também de novas formas de modos sexualizados de incorporação masculina” (HAKIM, 2020, p. 14). Estas representações e incorporações destas representações são consequências da forma intensificada de capitalismo neoliberal que passou a vigorar a partir de 2008. Como resultado, os homens também passam a sexualizar seus corpos para criar uma espécie de capital digital nas redes sociais. Essas imagens muitas vezes incluem sentidos de masculinidades estereotipadas: corpos tonificados, em forma e musculosos. Hakim (2020) entende o vazamento e circulação de nus masculinos de celebridades através de plataformas de mídia social e o aumento de imagens erotizadas em plataformas como o Instagram por jovens cis-hetero e gays como parte do fenômeno da capitalização do corpo em geral e em específico do corpo masculino, que se torna mercadoria nas redes sociais.

Hakim (2020) propõe um novo termo para dar conta da naturalização desses aspectos: *spornsexual*, neologismo formado pela junção das palavras *sport*, *porn* e *sexual*, partícula que denota uma performance de sexo e gênero. A ideia de *sport* indica corpos atléticos, musculosos e definidos. Já a de *porn* se refere à exibição desses corpos em aplicativos como o Instagram, com o intuito de explorar capital sexual através de engajamento promovendo lucro financeiro. Esses homens expõem seus corpos até o limite permitido por plataformas como Instagram e redirecionam seu público para sites de venda de conteúdo pornográfico como o OnlyFans. Essa exploração do próprio corpo também gera outras possibilidades de lucro em outras manobras publicitárias e promocionais não necessariamente ligadas à indústria da pornografia.

Roger Horrocks (1995) aponta que a cultura masculina traz uma acumulação enorme de material homoerótico, em que eu incluiria os super-heróis. O autor levanta a possibilidade dessa ocorrência devido ao fato de que o patriarcado demanda uma ligação intensa homosocial masculina. Isso explicaria porque certas áreas culturais como o esporte, por exemplo, são ao

mesmo tempo homofóbicas e homoeróticas, uma vez que patriarcado junta os homens, mas também não concorda com trocas sexuais entre homens.

Na apresentação da nova edição de ‘O Mito da Beleza’, Naomi Wolf (2021) constata que, desde a publicação da primeira edição da obra em 1991, a ditadura da beleza se expandiu dos corpos femininos para os masculinos. Ela acredita que a subcultura gay foi a grande responsável por essa mudança, já que nessa subcultura os corpos dos homens gays precisam ser padronizados a partir de determinados tipos de beleza para possuírem capital sexual, da mesma forma que os corpos das mulheres. A autora adiciona que:

Como os homens têm um condicionamento ainda maior para se isolarem de seu corpo, e para competir em níveis de excesso desumano, seria concebível que a versão masculina [do mito da beleza] possa prejudicar os homens ainda mais do que a versão feminina prejudicou as mulheres (WOLF, 2021, p. 414).

Mirian Goldenberg (2011) compreende que o corpo, como capital, é um dos mais valiosos bens para a classe média urbana no Brasil, que percebe o corpo como veículo de ascensão social a ser mobilizado nos mercados de trabalho, nupcial e erótico. O esforço de produzir e manter o corpo perfeito tem a ver com a construção e reprodução de padrões hegemônicos. Ao aderirem a eles, os indivíduos pretendem ser invejados, copiados, desejados e admirados pelos demais. Essa imitação faz parte da cultura brasileira, que não reproduz apenas comportamentos, mas também produz corpos, consciente ou inconscientemente, e também o capital social relacionado a eles.

A cultura gay brasileira nomeia homens com corpos musculosos, cultivados em academia, como “padrões”. Esse tipo físico é semelhante ao veiculado nos filmes de super-heróis. A estética do “padrão” reúne, além disso, outros elementos de identificação com o “masculino ideal”, todos eles indicadores de posição social: juventude, branquitude, classe média e alta, vaidade expressa no consumo de grifes, circulação em espaços de sociabilidade da moda - “tudo isso sempre *devidamente registrado* no Instagram com milhares de seguidores” (FPG, 2019, grifo nosso). No caso dos homens gays, essa tipificação inclui ainda o fato de não demonstrarem traços de feminilidade.

Para Túlio Custódio (2021), a estética do “padrão” masculino se organiza de maneira binária, opositora e hierarquizada, de acordo com a masculinidade hegemônica. Para o autor, esse tipo de homem expressa uma masculinidade unidimensional, tanto na fisicalidade do corpo, como em seu conceito. Essa construção se dá com a ajuda dos símbolos e imagens veiculados pela mídia, que colocam essa masculinidade como superior e oposta ao feminino. Assim, o padrão se articula a partir de sentidos repetidos e encadeados em narrativas ubíquas.

Michael Schwalbe (2014) explica que a narrativa é a ferramenta humana mais eficaz na construção de personalidades. Em aproximação aos sentidos de masculinidade veiculados no universo dos super-heróis, pode-se averiguar que elementos são reiterados nas narrativas da cultura pop como próprios do masculino.

Quase meio século atrás, Joan Mellen (1977) já apontava que os estúdios de Hollywood exploravam o fato de que os homens comuns não podiam viver os modelos de masculinidade que seus filmes ofereciam. Ela entendia que a idealização de modelos de masculinidades hollywoodianas pelo público em geral causava um mal-estar permanente aos homens. Depois da experiência dos filmes, eles precisavam voltar ao mundo real sentindo-se menos adequados, inferiores àquilo que as narrativas apresentavam. Isso gerava um sentimento inconfesso de emasculação.

A sensação de inadequação ao mundo prático e real levaria os homens a guardarem seus problemas para si, o que também se reflete no silêncio dos heróis masculinos nos filmes estadunidenses. Mellen (1977) situa a origem dessa tradição no romance *The Virginian*, de 1903 e de Owen Winston, fundador do gênero *western*. A obra também influenciou a gênese dos super-heróis. *The Virginian* foi adaptado para o cinema em 1929 e popularizou o arquétipo do homem comum que, desde a posição de *outsider*, pode se tornar um salvador da comunidade, uma figura transcendente. (LAWRENCE; JEWETT, 2002).

Mellen (1977) também explica que a origem do herói silencioso está no código da fronteira, de acordo com o qual os *cowboys* não deveriam ter curiosidade nem sobre o passado um do outro e nem fazer perguntas frívolas. Esse herói era medido através de sua capacidade de suportar as durezas da vida silenciosamente, e seu conforto não vinha das confissões ou do diálogo, mas da autoconfiança, da força interior e do orgulho pela realização bem-feita das tarefas. O valor do protagonista estava em, com sua potência, produzir efeitos no mundo comum no presente imediato.

Assim como no *western*, nos filmes de super-heróis, os homens estão incessantemente caçando uns aos outros, procurando uns aos outros. Eles são apresentados como objetos de carga erótica que se estabelece entre ícones de masculinidade. Porém, a atração entre esses personagens se converte em violência de um homem contra o outro. O arrebatamento que os corpos masculinos causam uns aos outros, seja entre personagens, seja entre conteúdo audiovisual e espectador, acaba sublimando a pulsão sexual em pulsão de morte (HORROCKS, 1995).

Horrocks (1994) expõe que o Superman é a imagem da fantasia compensatória para o homem que se sente inadequado. Em adição a essa pressuposição Martin Lund (2016, p. 157)

acredita que na palavra Superman, o prefixo “super” pode ser lido como um modificador de “man”, indicando uma “masculinidade espetacular, até mesmo agressiva, hipertrofiada que é única para ele na medida em que a torna explícita”.

Os produtos relacionados à cultura dos super-heróis também retomam elementos herdados dos duelos da idade média. De acordo com Ellett (2004), os duelos elaboravam o masculino como um espetáculo de poder, romantizando a violência ritual como elemento completamente masculino. O sentido da violência ritual envolvida nestas disputas ressalta os sentidos de rivalidade e desafio, mas se vinculava ainda a outro elemento que também estrutura o universo dos super-heróis: a honra. Nesses rituais, disputavam-se símbolos de status ou honra para os homens, que podiam ser mantidos, conquistados ou perdidos

O conceito de honra leva em consideração questões de consciência moral e de reputação ou precedência. No caso dos super-heróis, envolve a defesa da virtude, principalmente daquela faculdade que, em tese, fundaria uma sociedade. A honra seria a ligação entre o passado e o presente de uma cultura ou de um grupo, como a família. Ela tem um componente masculino, porque seria herdada do pai e defendida pelos homens. Abrange preceitos como a pureza, a proximidade com o sagrado e a exigência de uma retidão de caráter. Governa, portanto, o comportamento de alguns super-heróis como o Superman e o Capitão América. A honra media as dualidades do mundo como bem e mal, natureza e cultura, feminino e masculino, sagrado e profano, passado e presente. Ela é mobilizada como referência para delimitar quem pode participar de determinados círculos sociais e quais são as posições dos indivíduos em uma hierarquia (RHODEN, 2006).

Uma lógica de honra está presente no patriotismo, segundo a qual se luta e morre em defesa da pátria. Esse sentido é apropriado no militarismo e no nacionalismo. O soldado, assim como o super-herói, deve ser devotado e abnegado (OLIVEIRA, 2004).

Há, certamente, um mundo de diferenças entre o homem inglês *clean-cut*, o *all-American boy* e o membro ideal da SS. Contudo, todos compartilhavam essencialmente o mesmo estereótipo masculino com suas virtudes, força e apelo estético, fosse ele contido, não violento e até mesmo compassivo, ou intransigente, pronto para a batalha por quaisquer meios. [...] demonstraram as incríveis possibilidades inerentes à masculinidade moderna quando era reduzida a suas funções afins à guerra (MOSSE, 1998, p. 180, tradução nossa).

Friedrich Weltzien (2005) ressalta que o epônimo do Superman, “Homem de Aço”, é traduzido para o russo como “Stalin”, cognome do presidente da União Soviética nascido como Josef Djugashvili. Da mesma forma, Adolf Hitler desejava que os homens alemães fossem

“duros como o aço Krupp<sup>49</sup>”. Também os uniformes dos super-heróis, sublinha o autor, derivam das armaduras romanas. Eles também podem representar a “armadura masculina”, termo que estudiosos como Jeffrey A. Brown (2020) usam para referir a forma do homem se comportar ao esconder emoções e sentimentos para proteger sua masculinidade. Mário Queiroz (2019) destaca que os uniformes estão relacionados também à potência sexual ao se associarem a ideias de autoridade e força, uma vez que são vestidos por soldados, policiais e guardas de prisão. Essa relação da roupa padronizada com a manutenção da ordem também reflete a estrutura e a hierarquia da sociedade e serve como símbolo de uma nação, classe ou instituição coesa.

Dan Hassler-Forest (2012) traz à tona que a história de origem do Superman se relaciona com a restauração de estruturas patriarcais, como o messianismo, o nacionalismo e os valores familiares, por exemplo, e até mesmo a determinados valores neoliberais, um modelo de trama de origem que foi larga e rapidamente copiado em diversas produções. O Superman também foi um símbolo da restauração da masculinidade perdida no período da Grande Depressão nos Estados Unidos, se tornando um estereótipo da verdadeira masculinidade. Um ideal que se tornou tão preciso e poderoso porque seus ideais apelavam para as sensações. Mosse acredita que o processo de formação de estereótipos da masculinidade concedeu a cada homem todos os atributos do grupo ao qual pertence, de forma que todos os homens deveriam estar de acordo com uma masculinidade ideal. Foi através do fator compensatório e de identificação que o Superman trouxe para a masculinidade hegemônica estadunidense do entre-guerras, projetando seu poderio e influenciando os homens dos Estados Unidos também durante a Segunda Guerra Mundial. Portanto, o Superman serve à cultura estadunidense como um projeto de nação.

O nacionalismo “absorvia e sancionava os costumes e a moral da classe média e desempenhou um papel crucial na difusão da respeitabilidade para todas as classes da população, por mais que essas classes se odiassem e desprezassem umas às outras” (MOSSE, 1985, p. 9). Ademais, “a masculinidade era invocada para salvaguardar a ordem existente contra os perigos da modernidade. [...] Além disso, a masculinidade simbolizava a vitalidade espiritual e material da nação” (MOSSE, 1985, p. 23).

O cultivo de uma corporalidade masculina exemplar esteve presente na cultura visual dos regimes totalitários do início do século XX. Uma das manifestações do gênero na cultura visual do fascismo diz respeito a monumentos e estátuas, em que “os corpos dos homens em toda sua nudez bem esculpida tornaram-se símbolos fascistas; mulheres [...] mantinham seus

---

<sup>49</sup> A empresa Krupp AG, atualmente ThyssenKrupp AG, é uma das principais indústrias alemãs. Produz aço, armas, munições e equipamentos e foi uma das grandes apoiadoras do nazismo.

corpos pelo menos parcialmente cobertos” (MOSSE, 1998, p. 161). Os corpos esculturais, monumentais, estão relacionados ao projeto de nação do nazismo, como na ilustração abaixo que ironiza a forma como Hitler moldava as massas em um projeto de virilidade. Esta, a seguir, ironiza essa estética:

Figura 36 – Oskar Garvens, “*The Sculptor of Germany*”, 1933. Caricatura política que mostra Hitler como o escultor de uma Alemanha unificada e singular



Fonte: Kladderadatsch Magazine, Oskar Garvens (1933)<sup>50</sup>.

O discurso de pureza da raça se manifestava em uma retórica que não se restringia às artes visuais. Ele avançava para o controle dos corpos dos homens, para que fossem saudáveis, capazes e dispostos a servir à pátria. O Estado, assim, estaria modelando sua população para que fossem heróis, dentro de uma uniformidade ideal.

A educação física faz parte de um processo de construção de nação, em que não se cultiva apenas a forma física, mas uma maneira de se portar em sociedade. Conforme exposto no segundo capítulo, o treinamento do corpo dos indivíduos se relaciona com a preparação do “corpo político” de uma nação. A prática e o envolvimento com os esportes, não apenas dão um sentido de grupo para os cidadãos, como insuflam neles pertencimento àquele país, através das competições esportivas realizadas contra outras unidades nacionais. As competições em

<sup>50</sup> Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/O-Garvens-The-Sculptor-of-Germany-1933-A-political-cartoon-which-shows-Hitler-as-the\\_fig2\\_349923453](https://www.researchgate.net/figure/O-Garvens-The-Sculptor-of-Germany-1933-A-political-cartoon-which-shows-Hitler-as-the_fig2_349923453). Acesso em: 03 mar. 2024. Acesso em: 03 mar. 2024.

grupo e a preparação do corpo também se relacionam com aspectos militares e bélicos de defesa de um Estado. O nacionalismo no futebol, como falado no capítulo anterior, também está relacionado com o fascismo, como o caso das camisas pretas da Itália na Copa do Mundo de 1938, mesmo ano em que o Superman foi criado.

O uso do futebol em um programa patriótico e de projeto de unificação nacional também ocorreu no Brasil a partir da Era Vargas e também durante o período da ditadura militar, relacionado principalmente com o sentido de pertencimento durante a Copa do Mundo de futebol. A junção do futebol com elementos nacionalistas brasileiros, principalmente durante essas ditaduras, era uma forma de legitimar esse sistema de governo. Ao mesmo tempo, durante a Copa do Mundo e as Olimpíadas, também são revelados contornos de unidade entre nacionalismo e futebol. “O futebol, ou pelo menos torcer por uma equipe de futebol é uma ‘aula de nacionalismo’ que no caso do Brasil, além de substancializar-se na torcida pela seleção nacional, evoca características raciais para a sua auto-identificação etnocêntrica e essencializada” (DE SOUZA, 1996, p. 44-45). As torcidas organizadas de clubes de futebol se expressam como micro-nações, como “nação alvinegra”, “nação corintiana”, “nação rubro-negra”, entre outros. O princípio da divisão em times e a noção de que somente os verdadeiros torcedores são capazes de se doar para o sucesso da equipe reverberaram no fato de que a camiseta da seleção brasileira de futebol se tornou um dos grandes símbolos do bolsonarismo,

Dentro do universo do futebol, a homosociabilidade e a “casa-dos-homens” também se expressam. O futebol é um ritual de virilidade, em que duas comunidades disputam como penetrar com a bola a goleira, em busca do gol, que seria o símbolo da satisfação sexual, espetáculo compartilhado pelos torcedores. Para Umberto Eco (1984), o futebol é uma atividade lúdica que ensina o homem a manter seu lugar, da mesma forma que a brincadeira de casinha funciona para as meninas. O futebol promove, no Brasil, uma identificação lúdica masculina: “ao definir o futebol como um esporte que exige ‘resistência viril’, os brasileiros transformaram-no num teste de masculinidade. Os meninos que não demonstram talento ou gosto pelo jogo fracassam no teste” (LEVER, 1983, p. 135).

Além disso, dentro do universo do futebol, desenvolvem-se duelos modernos, que muitas vezes resultam em violência, porque qualquer afronta ao time, ou afronta física se torna um desafio à honra dessas comunidades. “É comum os torcedores enaltecer sua imagem de masculinidade, em detrimento de uma suposta falta de virilidade, passividade e feminilização dos adversários, principalmente nas suas manifestações coletivas, como nos xingamentos” (DE SOUZA, 1996, p. 52).

Esse comportamento ilustra como, para se impor, a masculinidade ideal precisa de contratipos, que são definidos tanto em oposição ao estereótipo dominante quanto devem ser estigmatizados como dissidentes. Ao mesmo tempo, em conformidade com os pressupostos da Semiótica da Cultura, o autor discute que os estereótipos “podem ser erodidos na mesma velocidade em que a própria sociedade os produz ou parece tolerar um afrouxamento daqueles costumes e morais, virtudes até então consideradas vitais para a sua coesão” (MOSSE, 1998, p. 14).

A reprodução da moral e dos costumes através do gênero se relaciona com a ansiedade sexual, ligada à quantidade de relações sexuais que um homem desenvolve durante a vida ou ainda o quanto demora para iniciar sua vida sexual. Esse fator é elencado por Jason Stanley (2019) como um dos dez principais elementos do fascismo. Esse espectro político explora a tensão do papel do homem como provedor da família, que é posta em xeque por crises econômicas. Assim, a comunicação fascista amplia o medo do outro sexualizando-o. O outro, geralmente desviante da norma sexual e de gênero, ameaça economicamente as bases do fascismo: a nação e a família patriarcal. A justificativa do fascismo para atacar os queer é uma suposta ameaça potencial de agressão sexual. Esse posicionamento defensivo está articulado com um senso de prerrogativa sobre a sexualidade alheia derivada do desempenho dominante do gênero:

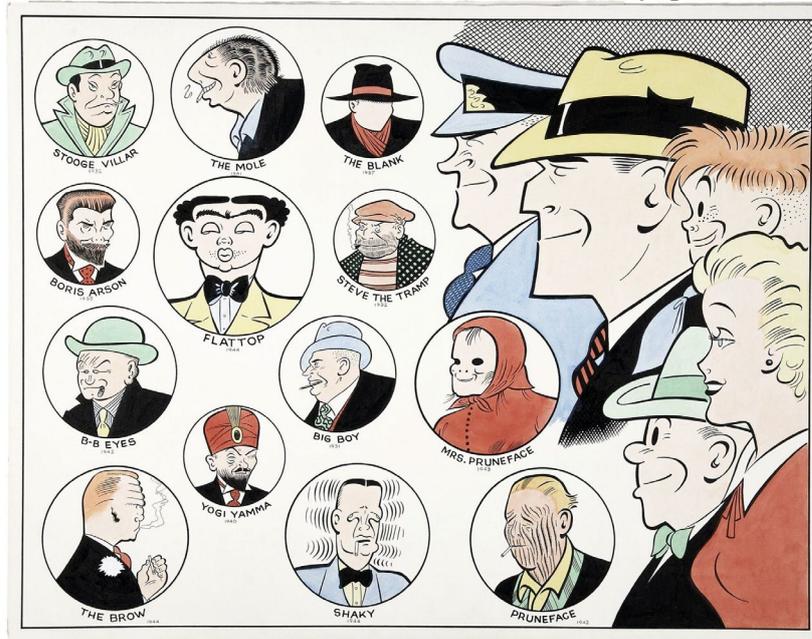
O fascismo não apenas promete identidade coletiva, pertencimento e força corporal, mas também um senso de direito e liberdade de responsabilidade e um domínio total sobre o outro. Tais temas são particularmente atraentes para aqueles que se sentem castrados, enfraquecidos e à beira da desintegração, como alguns homens fazem hoje especificamente em relação à sexualidade e às mulheres (JOHANSSEN, 2022, p. 3).

Por sua vez, Norma Fuller (1997) afirma que expressões extraordinárias de virilidade, consideradas exageradas, também são questionadas no âmbito dos temores e fantasmas da masculinidade, que tem receio de ser desmascarada como uma falha. Dessa forma, mesmo super-heróis hipervirais, como Wolverine, que possui forte apelo homoerótico e líderes políticos definidos como *strongmen*, como o próprio Bolsonaro, quando repete que é imbrochável, têm sua virilidade questionada a partir de pressupostos machistas.

Além do aspecto comportamental e da designação de grupos de opositores, “a masculinidade moderna acabou se definindo através de um ideal de beleza viril que simbolizava virtude” (MOSSE, 1998, p. 5). Os padrões contemporâneos de beleza viril foram cunhados através dos conceitos de harmonia e movimentos comedidos vindos da cultura greco-romana. A beleza está presente nos super-heróis, que costumam ser belos e em forma e os supervilões, feios e deformados. Essas são características dos quadrinhos herdadas principalmente das tiras

de aventura do detetive Dick Tracy, criado em 1931 por Chester Gould, conforme podemos ver na Figura 37. Dessa forma, a feiura simboliza o outro, com uma estrutura que diverge em todos os detalhes do ideal da beleza. Entre as figuras dos outsiders, dos contratipos masculinos que deviam ser “evitados” e eram sinônimo de feiura estavam os negros, os velhos, os judeus e os homossexuais.

Figura 37 - Rostos deformados dos vilões de Dick Tracy, por Chester Gould



Imaged by Heritage Auctions, HA.com

Fonte: Heritage Auctions<sup>51</sup>.

Raewyn Connell (2005) sublinha que se acredita que a “verdadeira masculinidade” deriva dos corpos masculinos. Nessa direção, Hassler-Forest (2012) traz à baila que a famosa frase do Superman, “Olha, lá no céu...”, coloca em evidência que a visibilidade dos corpos é um fator importante para a grande maioria das narrativas de super-heróis. Essa visibilidade é o que tira o super-herói da normalidade e o destaca da multidão comum. A transformação da visibilidade do super-herói de alguém comum na multidão em um ser poderoso envolve uma mudança voluntária, que seria a troca das roupas humanas por um traje especial, como no caso do Batman, ou uma transformação corporal do protagonista, por exemplo, o Hulk. O autor ressalta que apesar de todas essas mudanças, as identidades dos super-heróis se mantêm fixada em formas de apresentação da masculinidade heterossexual branca.

Figura 38 – Evolução do traço e do visual do Superman

<sup>51</sup> Disponível em: <https://legendary-digital-network-assets.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2022/02/12182526/Dick-Tracy-Villains.jpg>. Acesso em: 06 mar. 2024.



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Scott Bukatman (2003, p. 59) argumenta que os quadrinhos de super-heróis “apresentam narrativas corporais, fantasias corporais, que incorporam engrandecimento (encarnado) e ansiedade, maestria e trauma”, oferecendo “um mapeamento corpóreo, em vez de cognitivo, do sujeito em um sistema cultural”. Dessa forma, o corpo do super-herói se torna um território de sentidos, em dois ambientes que funcionam em oposição e complementaridade: a apresentação de sua identidade civil, que denota um corpo marcado secretamente - aqui assumindo uma dimensão também queer, de enrustimento e passibilidade - e a identidade heróica, identificável, e, portanto, demarcada através de seus símbolos. São a máscara, o uniforme e o logotipo do super-herói, geralmente impressos sobre seu peito que levam o super-herói a ganhar uma territorialidade semiótica através de sua representação simbólica. Essas marcas de sentido garantem a passagem do corpo do super-herói para o campo do simbólico. Na figura 38, acima, podemos perceber como o símbolo do peito do Superman evoluiu e o acompanhou por décadas até os dias atuais.

Contudo, o uniforme dos super-heróis está intrinsecamente atrelado às formas de seu corpo, ou mais apropriadamente, sua construção da musculatura. É esse corpo trabalhado que substitui o trabalho per se na definição da masculinidade que anteriormente era definida através das suas ocupações ou renda, esses últimos papéis agora compartilhados com as mulheres.

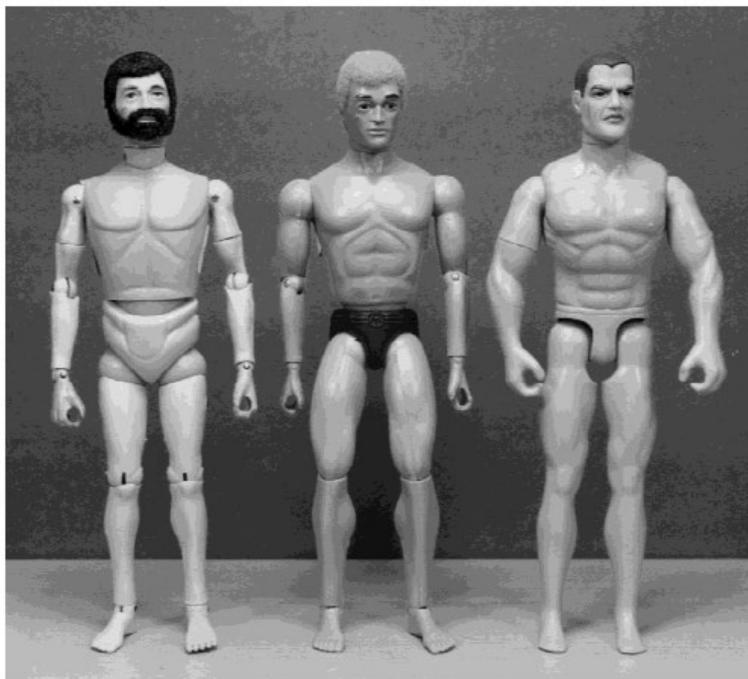
A preocupação com a definição dos corpos dos homens gerou aquilo que Roberto Olivadra (2014) e outros estudiosos definiram como “complexo de Adônis”. Nesta patologia psíquica, existe uma obsessão por tornar o próprio corpo cada vez maior e mais musculoso, ou seja, mais definido, refletindo as aspirações difundidas pela cultura (pop) contemporânea. A

partir disso, “os homens podem sentir maior pressão para ter um bom corpo como forma de competir com outros homens pela atenção de homens e mulheres. Muscularidade significa muitos traços hipermasculinos, como força, virilidade sexual, agressividade e domínio” (OLIVADRA, 2014, p. 9). Essa demonstração visual da virilidade se reflete nos corpos dos super-heróis.

Enquanto os super-heróis dos quadrinhos sempre ostentam corpos musculosos e bem definidos, suas dimensões físicas se expandiram consideravelmente ao longo dos anos, fornecendo assim uma contraparte masculina ao ideal irrealista do corpo feminino comercializado para meninas por meio da Barbie e outras bonecas. Dada a proliferação de tais imagens na cultura popular, a maioria dos meninos hoje cresce medindo-se em relação a ideais de corpo que raramente são alcançáveis sem drogas (FORTH, 2004, p. 95).

A pressão cultural que resulta no complexo de Adônis pode ser verificada nos super-heróis e nos *action figures* comercializados para meninos, que pode ser observado na Figura 39, a seguir.

Figura 39 – Evolução do corpo do G. I. Joe. Da esquerda para a direita, respectivamente, modelos de 1964, 1975 e 1994



Fonte:: Do You Even Lift, Bro?<sup>52</sup>.

O *bodybuilding*, ou o fisiculturismo, tornou a muscularidade sinônimo de masculinidade, principalmente por causa da atuação dos anúncios do curso de Charles Atletas (DENNIS, 2014). Jean-Jacques Courtine (2013a, p. 556) descreve o modelo cultural de virilidade apoiado na exibição dos músculos, do *bodybuilder*, como um processo que envolve uma “inflação contínua do corpo” e como uma “excrescência muscular extrema de uma masculinidade de aparências”. De forma que “o corpo masculino musculoso com um torso em forma de V é um ideal cultural distintamente ocidental, que é rastreável à antiga valorização grega da muscularidade como evidência de agência viril e força de vontade” (FORTH, 2004, p. 93). Existem vantagens para homens que exibem um corpo grande e com músculos bem torneados. “O potencial para a musculatura nos homens é visto como um dado biológico, e também é o meio de dominar tanto as mulheres quanto outros homens que estão competindo pelos despojos da terra”. Os músculos são tratados como naturais, pois são de origem biológica, já nascemos com eles. De forma que “a ‘naturalidade’ dos músculos legitima o poder e a dominação masculina” (DYER, 2002, p. 152).

Já Roger Horrocks (1995) explicita que determinados produtos da cultura pop como o *western*, os filmes de horror e algumas músicas pop são uma forma de atuação em que o homem

<sup>52</sup> Disponível em: <https://doyouevenliftbroblog.files.wordpress.com/2014/05/screen-shot-2014-05-01-at-6-34-14-pm.png>. Acesso em: 09 mar. 2024.

se esconde da sociedade, um “refúgio da heterossexualidade”. Além disso, nessas produções, as mulheres:

Desempenham um papel mínimo, estando presentes apenas para assegurar ao público a heterossexualidade do herói. A mensagem desses filmes era que não havia lugar para as mulheres no mundo dos homens – um mundo definido pelo perigo e pela violência (GATES, 2014, p. 114).

Considero que isso também pode ser dito sobre os produtos culturais associados aos super-heróis. Horrocks (1995, p. 173), sugere que o machismo não é uma simples tirania do macho, mas “uma forma de refúgio homoerótico das mulheres, e da heterossexualidade. O machismo é profundamente narcisístico, e em atividades como o *bodybuilding*, o corpo masculino se torna um refúgio do lar” (HORROCKS, 1995, p. 173).

O bolsonarismo tem associação com o *bodybuilding*, uma vez que muitos memes retratando Jair Bolsonaro em um corpo hipermusculoso foram desenvolvidos quando o mesmo decidiu, em agosto de 2022, zerar os impostos de suplementos alimentares como o Whey Protein e a creatinina. O ex-presidente foi criticado porque enquanto isso o Brasil atravessava uma crise aguda de casos de fome (PODER360, 2022). Mais recentemente, em dezembro de 2023, Renato Cariani, *influencer* de *fitness* e *bodybuilder*, apoiador de Bolsonaro, foi investigado pela Polícia Federal pelo desvio de produtos químicos para a produção de *crack* (HOLANDA, 2023).

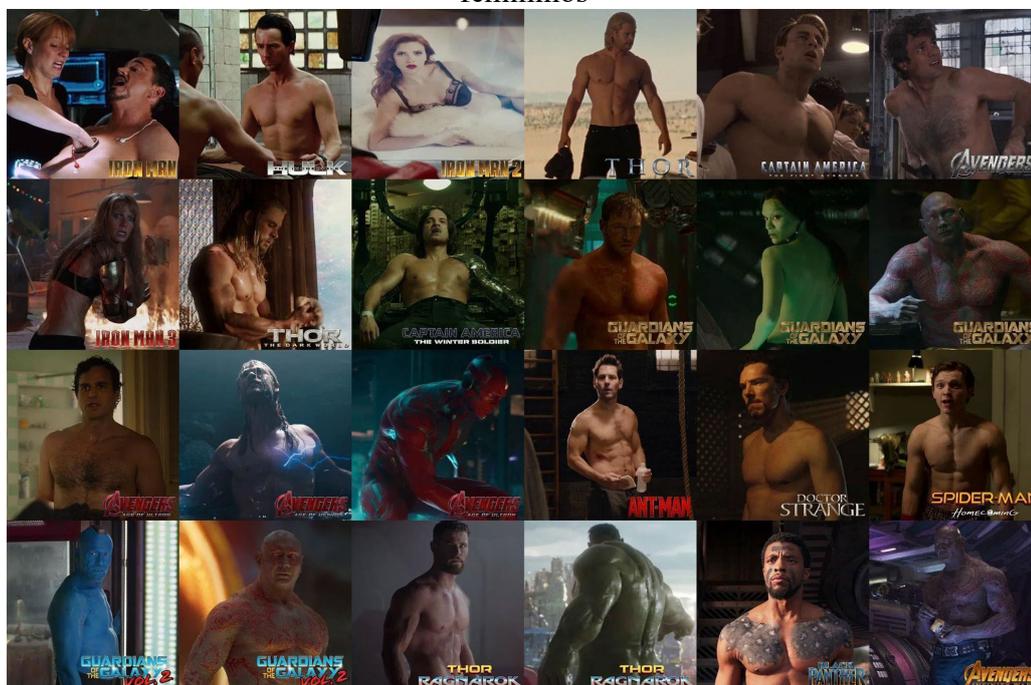
Ao analisar as edições da revista *Men’s Health Portugal*, Felipe Viero Kolinski Machado (2017) destaca um artigo que é intitulado ‘Treine como um super-herói’, veiculado em agosto de 2015. O artigo abre da seguinte forma: “Os abdominais do Batman, os bíceps do Super-Homem, os glúteos do Capitão América, a agilidade do Homem-Aranha, a força destruidora do Hulk e a velocidade do Flash. Quer se aproximar dos poderes deles?”. (MEN’S..., 2015, p. 54). Podemos perceber nesse discurso como a virilidade é uma aspiração de poder concretizada através do trabalho dos músculos que, como diz o texto, aproxima os homens dos super-homens.

Cabe uma nota de que o texto chama atenção para os glúteos do Capitão América. Graças a uma cena de treinamento em um de seus filmes, estrelados por Chris Evans, os glúteos do Capitão América ganharam na internet o apelido de “*American ass*”, ou “o traseiro da América”, em relação ao formato arredondado e definido de sua bunda. O apelido, inclusive, foi incorporado à narrativa dos filmes da Marvel. Mais do que isso, essa atenção ao traseiro de um super-herói leva a sentidos homoeróticos aos músculos dos super-heróis nos seus filmes. Inclusive, na internet ficou estabelecido que todo filme de super-heróis traz uma “cena sem

camisa obrigatória”, que ajuda a destacar as qualidades da boa forma, do poder e da objetificação que os músculos masculinos costumam trazer para esses personagens.

Portanto, Kolinski Machado (2011) define o corpo, em especial os músculos, como uma mídia que comunica nossa relação com os outros. “Os braços fortes e os músculos abdominais definidos antecipam que aquele sujeito que os ostenta possui determinadas práticas que o colocam em um lugar que é de poder” (KOLINSKI MACHADO, 2017, p. 77). O autor também acrescenta que os músculos são um espaço de atenção dos olhares e denotam esforço e dedicação.

Figura 40 – “Cenas sem camisa obrigórias” dos filmes do *Marvel Studios*, incluindo corpos femininos



Fonte: Marvel Shirtless Universe/Reddit<sup>53</sup>.

O corpo avantajado do homem, com todas as linhas musculares aparecendo tornam o “apenas” homem em Super-Homem, preenchendo as fantasias de transformação apresentadas nas histórias em quadrinhos e produções audiovisuais dos super-heróis. Mas outro elemento colabora para ampliar a potência dessas fantasias de transformação masculina: os uniformes dos super-heróis, também aludidos como trajes.

O prefixo ‘super’ não vem de habilidades sobrenaturais, mas da divisão, através do uniforme, do natural e do extraordinário em personas privadas e públicas. O uniforme é tão inseparável de nossa noção de super-herói que, em alguns casos, o uniforme se torna o herói (como no caso do Homem de Ferro, em que o traje fornece poderes ao super-herói) ou carrega consigo a

<sup>53</sup> Disponível em: ([https://www.reddit.com/r/marvelstudios/comments/bq4b6l/marvel\\_shirtless\\_universe/](https://www.reddit.com/r/marvelstudios/comments/bq4b6l/marvel_shirtless_universe/)). Acesso em: 03 mar. 2024.

identidade do super-herói (como no caso do ajudante de Batman, Robin, cujo título é passado, junto com o figurino, para as gerações mais novas) (BROWNIE, GRAYDON, 2016, p. 3).

Friedrich Weltzien (2005, p. 229), afirma que “a masculinidade [é] uma farsa” ao se referir às transformações dos super-heróis e à forma como a troca de roupas dos mesmos constroem sua masculinidade. Barbara Brownie e Danny Graydon (2006, p. 15) assumem que os trajes super-heróicos ajudam na construção de gênero:

Apresentar o Superman como meramente “masculino” não faria justiça à sua natureza extraordinária. Em vez disso, o Superman deve construir uma visão de hipermasculinidade superior. O físico tonificado do Super-Homem, conforme enfatizado pelo traje, denota superioridade física até mesmo para seu próprio alter ego. Por comparação direta com Clark Kent, Superman constrói a masculinidade não em contraste com a feminilidade, mas com a masculinidade inferior de outros homens, incluindo a versão alternativa de si mesmo (BROWNIE, GRAYDON, 2016, p. 15).

Os dois teóricos também comparam o traje dos super-heróis com pinturas de guerra, uma vez que as cores de seu uniforme são inscritas em seu corpo através de um tecido muito fino, quase como se o personagem estivesse nu. Apesar de aparentar nudez, contudo, “a fantasia geralmente faz o super-herói parecer maior – fisicamente dominante. Se for masculino, o traje enfatiza ou acentua seus músculos e, portanto, sua masculinidade. Acrescenta volume, aumenta a altura e reforça o poder físico do super-herói” (BROWNIE, GRAYDON, 2016, p. 31). Na figura a seguir, percebe-se como os músculos do Capitão América se tornaram mais salientes e colados ao uniforme conforme as décadas avançam:

Figura 41 – Evolução do traço e do visual do Capitão América



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Já Esther De Dauw (2021, p. 60), entende que através da divisa (*chevron*) - o símbolo no peito do super-herói - sua masculinidade enquanto hipermasculina, estadunidense, branca, saudável - o personagem se torna um *commodity*, se torna vendável, mantido ao longo do tempo e exportado para grandes audiências. Esta seria “uma masculinidade ideal que se ajusta com papéis de gênero hegemônicos e heteronormativos, que perpetuam o *status quo*”. Isso é comprovado por Jeffrey A. Brown quando relaciona a percepção popular de que todo filme da Marvel contém uma “cena gratuita sem camisa” com a importância e convencionalidade de sempre exibir a musculatura dos atores nessas produções (BROWN, 2020).

A musculatura visível dos super-heróis é tão crucial que os atores que interpretam os cruzados de capa na atual onda de filmes de ação ao vivo são frequentemente obrigados a passar por reformas corporais extremas para se aproximar da forma musculosa do herói. Hugh Jackman, Chris Evans e Chris Hemsworth tiveram que acumular uma quantidade formidável de massa muscular para interpretar Wolverine, Capitão América e Thor, respectivamente, enquanto Chris Pratt teve que trocar dezoito quilos de gordura por músculos magros para interpretar Peter Quill, também conhecido como Senhor das Estrelas, em *Guardiões da Galáxia* (2014) (BROWN, 2020, p. 249).

Aaron Taylor (2007) aponta que um dos grandes tabus corporais do universo dos super-heróis é a presença/ausência do pênis nesses personagens, que nega aos super-heróis uma sexualidade autônoma e poderosa. Isso tornaria o super-heróis um homem castrado, cuja emasculação e sexualização reduziria o personagem ao estado de objetificação de muitas figuras femininas. Além disso, Taylor (2007) salienta que o pênis do super-herói não precisa ser desenhado, uma vez que o olhar do leitor é atraído para a região genital devido às sungas coloridas que os super-heróis vestem sobre as calças do uniforme.

Ainda sobre o pênis e os super-heróis, João Silvério Trevisan (2022) chama atenção para a semelhança entre os *codpieces* da Idade Moderna com essa mesma proteção genital presente em personagens como Darth Vader e os Stormtroopers, de *Star Wars*, nos personagens de *Laranja Mecânica*, dirigido por Stanley Kubrick e nos super-heróis, principalmente no Batman e Robin dos filmes do diretor Joel Schumacher. Os *codpieces* eram “uma bolsinha em geral acolchoada e colorida que se amarrava à altura da braguilha, sobre a calça ou calção, de modo a sugerir um pênis em ereção permanente” (TREVISAN, 2022, p. 73). Os exemplos podem ser verificados na figura abaixo:

Figura 42 – O *codpiece* na Idade Moderna e na cultura pop: *Star Wars*, *Laranja Mecânica*, *Batman & Robin* e no supervilão *Codpiece*, da Patrulha do Destino



Fonte: Montagem feita pelo autor.

O falo é uma expressão da psicanálise que se liga com o poder simbólico exercido por aqueles que possuem pênis. Muitas narrativas de super-herói trazem o jogo de esconder ou revelar o pênis, seja literal ou figurativamente. Essa estratégia se relaciona com a falocracia e o falocentrismo, ou seja, movimentos que colocam o falo em evidência. O primeiro termo se refere ao governo a partir do poder do falo e o segundo, da centralização do conhecimento por aqueles relacionados com o falo. Dessa forma, a visualidade do pênis quase inexistente na cultura em geral, mas especialmente na cultura pop e mais ainda em produções relativas aos super-heróis.

A disjunção de sentidos entre falo e pênis demonstra um sentido dual intrínseco ao gênero super-heróis, em que um mesmo indivíduo precisa manter à parte seus lados cotidiano (feminino) e heróico (masculino) (BROWN, 2020). Essas identidades precisam se manter em mundos separados para preservar as relações e sentidos que lhes dão coerência.

O elemento do uniforme funciona como uma membrana fronteira entre as espacialidades semióticas dos super-heróis em sua semiosfera e que permite ou regula as trocas entre esses conjuntos de sentidos. Essas identidades não são capazes de suportar o desarranjo

que ocorreria se algum elemento atravessasse a membrana de segredo que separa as duas realidades. Por exemplo, quando um vilão descobre a identidade secreta de um super-herói e ameaça seus entes queridos, tensiona o equilíbrio entre esses dois pólos.

A centralidade e a perifericidade estudadas na semiótica da cultura podem ser visualizadas no esquema desenvolvido por Jeffrey A. Brown (2020, p. 252) que demonstra algumas das principais dualidades presentes nas tramas super-heróicas.

Figura 43 – As relações de dualidade nas narrativas de super-heróis

<b>SUPER-HERÓI</b>		<b>IDENTIDADE SECRETA</b>
Falo	<b>U</b>	Pênis
Super-humano	<b>N</b>	Humano
Poderes	<b>I</b>	Sem Poderes
Forte	<b>F</b>	Fraco
Velado	<b>O</b>	Exposto
Visível	<b>R</b>	Invisível
Mascarado	<b>M</b>	Desmascarado
Público	<b>E</b>	Privado

Fonte: Desenvolvido pelo autor com base em Brown (2020, p. 252).

A reiteração desta oposição entre estes dois pólos em diferentes ocasiões também desenvolve a cultura dos super-heróis, constrói seus *plots* e estabiliza e reforça estruturas que, como Eco (2000, p. 251) já estipulou, devem “imobilizar-se numa fixidez emblemática que a torne facilmente reconhecível”.

As divisões de sentidos sobre as masculinidades também está presente na dupla identidade que os heróis apresentam. As masculinidades dos personagens em suas vidas cotidianas são desempenhadas de maneira “feminilizada” e frágil, enquanto sua atuação como um alter-ego heróico é viril. Outra conjugação de formas tipificadas de ser homem presente em várias obras da cultura é a parceria entre um homem jovem, idealista e “ainda puro”, quase feminino, e outro homem, mais velho, entendido nos meandros da virilidade, cheio de defeitos, mas apreciador dos prazeres da vida. “As aventuras de Tintim” trazem Tintin e o Capitão Haddock e *Star Wars* apresenta Luke Skywalker e Han Solo (JABLONSKA, 2022). Já no

universo dos super-heróis, temos Jimmy Olsen e o Superman, Bucky e o Capitão América, assim como Robin e Batman, o exemplo maior de dupla formada entre o super-herói mentor e seu *sidekick*. Esses companheirismos remontam às relações entre *eromenos* e *erastes*<sup>54</sup> da Grécia Antiga, sem o componente sexual, mas com o elemento da iniciação nas demandas masculinas e de uma situação de subserviência do discípulo para com seu mestre.

Lawrence e Jewett (2002) entendem que os desenvolvimentos de fantasias sobre o presidente de uma nação ser uma espécie de super-herói violento é um fenômeno do final do século XX. Filmes de Hollywood como ‘Força Aérea Um’, de 1997, e *Independence Day*, de 1996, são exemplos de narrativas que colocam o presidente de uma nação, no caso, os Estados Unidos, como um tipo de super-herói. Esse tipo de produção cinematográfica faz com que jovens votantes sejam encorajados a pensar o mundo de uma forma mais simples, que demanda um líder com instintos viscerais, com fisicalidade, sem levar em consideração que um cargo executivo demanda muito mais complexidade.

Figuras super-heróicas nunca são eleitas para cargos públicos, nunca se submetem às restrições da lei ou da constituição e nunca contribuem para as discussões, o que é um dos princípios da democracia. O comportamento dos heróis masculinos é tipicamente fascista, a despeito de todos os clamores para salvar a democracia. Ainda, apesar da desolação desta paisagem democraticamente empobrecida, podemos perceber traços recorrentes desse tipo de apelo no domínio do entretenimento popular (LAWRENCE; JEWETT, 2002, p. 351).

Nos produtos advindos da cultura dos super-heróis, as imagens e os sentidos se tornam referências de poder. Elas inspiram a construção de um corpo exemplar e hipermasculinos pelos homens do mundo real. A cultura visual dos super-heróis instruiu os homens sobre como uma primeira relação a ser construída na produção de suas masculinidades, sujeitando seu corpo a critérios de virilidade nas dimensões exploradas por Bukatman (2003), Mosse (1998), Olivadra (2004), Courtine (2013b), Forth (2004), Dyer (2002), Horrocks (1995), Kolinski Machado (2017). Assim, as masculinidades “são vividas na carne, mas modeladas na imaginação” (DAWSON, 1994, p. 1). Os produtos culturais de super-heróis servem como instrumentos dessa modelagem e, nesse processo, mediam a transmissão intergeracional de valores nucleares à construção das identidades masculinas dentro de sociedades mantidas sob estruturas patriarcais.

### 6.3 MASCULINIDADES NA INTERNET

---

<sup>54</sup> Na Grécia Antiga, o relacionamento homoerótico entre um homem mais velho (*erastes*) e um jovem (*eromenos*) era considerado, segundo as leis da sociedade helênica, uma prática pedagógica. Esse tipo de relação tinha o objetivo de transferir conhecimentos de ordem filosófica, política, militar e até mesmo sexual (ANDRADE, 2018).

Com a popularização da internet e das plataformas digitais, temores relacionados à ansiedade sexual são discutidos online. Esses sentimentos de deslocamento da identidade masculina produziram fenômenos da internet como os relacionados no quadro abaixo. Todas essas subculturas digitais masculinistas trazem homens que se sentem despidos de seus privilégios e, portanto, de seus “direitos” como homens. Essas dinâmicas trazem ideias e ideais semelhantes com as do fascismo: a força, o pertencimento a uma coletividade, sentido de direito e liberdade e um domínio total sobre os demais.

Quadro 9 - Autodesignações geradas dentro da machosfera

Termos	Definição
<i>Incels</i>	Abreviação de <i>involuntary celibatarians</i> , ou celibatários involuntários, homens que não praticam ou nunca praticaram relações sexuais e que acusam o feminismo e o “sistema” de serem a causa dessa condição. Os incels são associados também à cultura <i>nerd/geek</i>
<i>Redpillers</i>	No vocabulário masculinista, são homens que se opõem ao “sistema que favorece as mulheres”, por terem alcançado um conhecimento privilegiado sobre isso. Definem-se por oposição aos <i>bluepillers</i> , como denominam homens que continuariam vivendo em ilusão e, portanto, seriam usados pelas mulheres (SARMENTO, 2021). A alusão às pílulas vermelha e azul vem do filme Matrix, de 1999, das irmãs Wachowski, em que o protagonista Neo precisa escolher se prefere se manter em um mundo criado (azul) na Matrix ou na realidade (vermelha)
<i>Blackpillers</i>	Homens que concordam com <i>redpillers</i> quanto à existência de um sistema que os desfavorece, mas acham que já não podem mudar nada no “sistema”, assumindo uma postura mais niilista (SARMENTO, 2021). As pílulas pretas não existem na mitologia do filme Matrix, mas representam uma radicalidade do significado das pílulas vermelhas, levando seus seguidores a consequências como o suicídio
Pais Pela Justiça ( <i>Fathers for Justice</i> )	Organização inglesa que luta pelos direitos dos pais e faz protestos e ações com seus integrantes geralmente vestidos de super-heróis. Esses atos geralmente incluem escalar prédios públicos, pontes e monumentos
<i>Men Going Their Own Way</i> (MGTOW)	Em tradução livre, <i>MGTOW</i> ( <i>Men Going Their Own Way</i> ) significa Homens Seguindo Seu Próprio Caminho. Seus membros se utilizam da homofobia para convencer os demais de sua heterossexualidade, praticam o assédio online e reúnem-se em um espaço não-permitido para mulheres. Diferente dos outros grupos da machosfera, os MGTOWs rejeitam qualquer tipo de relacionamento romântico ou sexual com mulheres. Também não mantém relacionamentos com homens. Definem-se como celibatários voluntários, diferente dos <i>incels</i> , que desejam relacionamentos românticos e sexuais

<i>Pick-Up Artists</i> (PUA)	Em tradução livre, <i>PUA (Pick-up Artists)</i> poderia ser traduzido como Mestres da Pegação, homens considerados machos alfa, os gurus da conquista e da masculinidade, que ensinam aos machos beta como atrair mulheres através de suas dinâmicas e retóricas
<i>NoFappers</i>	Homens que procuram se abster de pornografia e masturbação porque acreditam que isso lhes permitirá preservar a testosterona e alcançar maior poder sexual e iluminação (SUGIURA, 2021, p. 58).
<i>TradCons</i>	Abreviação em inglês de conservador tradicional. Pessoas dentro deste grupo advogam em nome de valores tradicionais, como moralidade familiar e papéis de gênero (SUGIURA, 2021, p. 57).
<i>Coaches</i> de masculinidade	Autodenominados e autoformados guias da masculinidade, que têm a missão de ensinar aos machos beta, tornarem-se machos alfa, fazendo um apelo a uma atitude masculina reativa e à retomada de uma sociedade centrada nos homens. Dão dicas de sedução, segurança e estilo de vida e tem milhares de seguidores

Fonte: Elaborado pelo autor.

Todos esses termos são autodesignações, usados como forma de autoidentificação e definição grupal. Essa movimentação masculinista se iniciou como uma resposta aos movimentos de direitos das mulheres realizados a partir dos anos 1960 e 1970 e que começaram a se consolidar com os ativistas dos direitos dos homens (*MRAs - Men's Rights Activists*) nos anos 1980. Contudo, esse movimento masculinista nunca foi tão forte e chamou atenção da mídia e de possíveis seguidores do que nos tempos da plataformização digital. Hoje, inclusive, muitos homens, em busca de afirmação da sua virilidade, recorrem a instrutores de masculinidade, os *coaches*. Uma das correntes de sentido utilizada por *coaches* da masculinidade é a filosofia *redpill*:

O *redpill* representa uma contracultura que desafia as normas sociais vigentes, com foco na atração física e no sucesso sexual. Para os PUAs, o *redpill* representa o jogo necessário para os homens melhorarem sua confiança e se tornarem sexualmente atraentes para as mulheres. Para os MRAs, a pílula vermelha é o entendimento de que a sociedade é ginocêntrica, discriminando os homens em vez das mulheres. O *redpill* também é entendido em termos políticos, particularmente em comunidades de *alt-right*, relacionadas a auto-identificados reacionários/conservadores de direita (SUGIURA, 2021, p. 38).

Abordar a performance das masculinidades na Internet demanda levar em conta como os *nerds*, *geeks* e outras identidades ligadas à tecnologia e à cultura pop desempenham gênero. Destaco que os *nerds* e *geeks* são um grupo predominantemente masculino e que os primeiros usuários e entusiastas da internet também foram homens, já que essa tecnologia foi criada para fins militares e, depois, se disseminou entre adeptos e aficionados por tecnologia, os *geeks*. A

relação dos *nerds*, fãs ardorosos de elementos da cultura pop, com a internet, vem de que nesse espaço, tradicionalmente, era possível encontrar informações e trocas que os meios de comunicação de massa não dispunham, uma vez que seus objetos de adoração pertenciam a um nicho durante o período em que a internet começou a se popularizar. Além disso, a masculinidade dos *geeks* e *nerds* na internet se desenvolvem em jogos online e fóruns que discutem elementos da cultura pop em games, filmes, séries e histórias em quadrinhos, como por exemplo, o Reddit.

Lisa Sugiura (2012, p. 133) explica que “a masculinidade *geek* é visível nas ações de homens que salientam sua cultura digital e conhecimento específico único, criando e sustentando grupos online que prosperam em fontes centradas no homem e que são inacessíveis a públicos mais amplos”. O próprio Bolsonaro é rotulado de *nerd* por seu filho 03, Eduardo Bolsonaro (2022, p. 33) no livro ‘Jair Bolsonaro: o fenômeno ignorado’, com o intuito de mostrar que ele é um homem dedicado e afeito à busca de conhecimento.

Mídias como os videogames e os quadrinhos, em especial os quadrinhos de super-heróis, são atrelados a expectativas de papéis de gênero bem definidas, com os homens, como detentores do poder, e as mulheres, como subjugadas ou que necessitam de auxílio. Nesse sentido, essas mídias perpetuam a noção de que as mulheres são inferiores aos homens, nutrindo e validando valores masculinistas. Ainda que muito dos papéis dos homens e das mulheres na narrativa dessas mídias tenha mudado consideravelmente, os quadrinhos de super-heróis permanecem no imaginário e em alguns dispositivos narrativos que a “donzela em perigo” deve ser salva pelo herói.

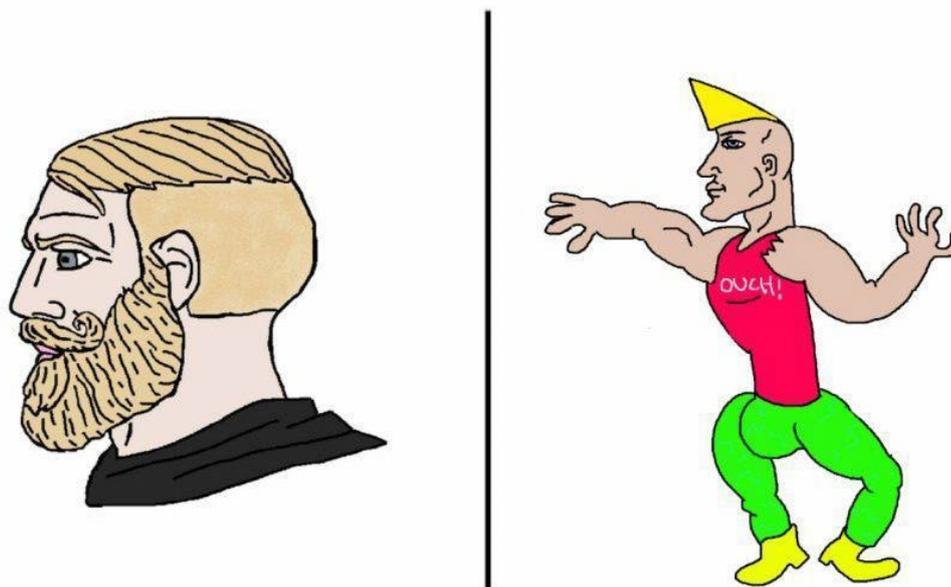
Eleonor Amaranth Lockhart (2015) defende que a masculinidade *nerd/geek* é principalmente definida pelas opressões que esse indivíduo sofre. O sentimento de isolamento e de diferenciação social faz uma ligação entre os profundos interesses intelectuais e as partes negativas da identidade *nerd/geek* como a falta de popularidade social, romântica e sexual desses indivíduos. Lockhart (2015) estabelece a cultura *nerd/geek* como uma experiência de alienação do masculino em uma subcultura que é imensamente vista como masculina. Ela também acredita que a masculinidade *nerd/geek* é uma forma de resistência às formas de masculinidades dominantes e configura uma “contramasculinidade”.

Por sua vez, os *incels* se apresentam como um movimento contracultural e são reconhecidos como uma subcultura. Sua comunidade se desenvolveu online a partir de meados dos anos 2000 e se difundiu na década seguinte. Seus membros costumam ver a si mesmos como machos zeta, que seria um termo que remete à classificação mais baixa de masculinidade, em oposição aos machos alfa. Uma pesquisa realizada no site ‘incels.co’ concluiu que por volta

de metade de seus membros se consideram brancos e se expressam a partir da língua inglesa (SUGIURA, 2021), que são marcadores de privilégio social no Brasil. Os *incels*, ao adotarem a filosofia *blackpill*, podem ser chamados também de *blackpillers*. Para lidar com sentimento de frustração e rejeição, os participantes da machosfera projetam fantasias de transformação, como aquelas que acontecem nas narrativas de super-heróis, com o desejo “de transcendência e movimento além de seus próprios corpos, de adquirir um novo corpo e se tornar uma nova pessoa” (JOHANSSSEN, 2022, p. 44).

Dentro da machosfera *incel*, a masculinidade de referência é representada no arquétipo do Chad, homem que conquista todas as mulheres, sejam elas Stacies (mulheres voluptuosas e desinteressadas) ou Beckies (mulheres de aparência mediana e interessadas no universo *nerd/geek*). O Chad é uma mescla de astro de cinema com ator pornô, com força, músculos, beleza e habilidade física que são ao mesmo tempo admiradas e desprezadas pelos *incels*. Ele também é um macho alfa retratado como homem branco (JOHANSSSEN, 2022). Duas formas de retratar o Chad podem ser vistos na figura a seguir.

Figura 44 – Duas ilustrações de memes que representam a imagem do Chad.



Fonte: Seletronic<sup>55</sup>.

Se a identificação projetiva do *incel* com o Chad pode ser comparada com a feita com a do homem comum com os super-heróis, é interessante notar que as letras que formam essa palavra são parecidas com o acrônimo CHAP que significa uma pessoa cissexual,

<sup>55</sup> Disponível em: <https://seletronic.com.br/o-que-e-chad/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

heterossexual, asexual e perissexual<sup>56</sup>, ou seja, pessoas com o tipo de sexualidade dominante e normatizada na sociedade. Na língua inglesa, a palavra *chap* tem como significado menino, amigo ou companheiro. Chad é uma gíria que, no Reino Unido, designa um homem jovem de classe proletária e rústico, enquanto em Chicago descreve de forma depreciativa um jovem solteiro entre vinte e trinta anos de idade. Todas elas se referem a indivíduos do sexo masculino.

Existem ainda outros circuitos em ambientes digitais que proliferam discursos misóginos e de supremacia masculina. O conjunto desses espaços foi chamado em língua inglesa de *manosphere*, termo que se compõe das palavras *man* (homem) e *sphere* (esfera), de maneira semelhante à composição do neologismo blogosfera. O termo foi popularizado a partir do lançamento do livro *'The manosphere: a new hope for masculinity'*, de Ian Ironwood (2013)<sup>57</sup>. Em língua portuguesa, o vocábulo assume as formas manosfera e machosfera. Aqui, como já escrito em outros contextos da tese, opto pelo uso de machosfera.

A machosfera pode ser definida como um “agrupamento solto de perfis de mídia social, fóruns e sites que consistem em diversas comunidades masculinas, muitas das quais são explicitamente antifeministas e misóginas” (JOHANSEN, 2022, p. 24). Assim, a machosfera pode ser pensada como um sistema de sentidos fechado, uma semiosfera que realiza poucas trocas com outras. Por outro lado, pode-se perceber que existem movimentos entre o centro (machos alfa) e a periferia (machos beta) desse sistema, já que os machos alfas dependem dos betas para sustentarem seus discursos e o mesmo pode ser dito dos betas, que se inspiram nos dominantes. A circulação de sentidos se dá através de discursos que estabelecem e replicam conteúdos misóginos dentro e fora desse sistema. Assim, “a misoginia perdura porque é colaborativa, preservada por meio de estruturas incorporadas de apoio social que os indivíduos defendem ativamente, especialmente aqueles que detêm capital político, legal ou cultural para efetuar mudanças, mas optam por não fazê-las” (SUGIURA, 2021, p. 158).

Jacob Johansen (2022) define que as práticas da machosfera se baseiam no uso de dados, números e informações que são acumulados e vigiados. Esses dados servem tanto para justificar seus argumentos como para atacar seus “inimigos”. A visão de mundo das diferentes comunidades da machosfera são consolidadas através do uso de artigos, vídeos, memes, fotos

---

<sup>56</sup> Cissexual: que nasceu com os órgãos sexuais que designam seu gênero; heterossexual: que se relaciona sexualmente com pessoas do sexo oposto; asexual: que não é assexual, que se relaciona sexualmente regularmente com atração por alguém; perissexual: ou endossexo, é um antônimo de intersexual.

<sup>57</sup> Na obra, o empresário do marketing e fotógrafo pornográfico Ian Ironwood argumenta que a masculinidade deve ser revalorizada, em oposição aos papéis atribuídos aos homens pela retórica feminista. Ironwood define o livro como a pílula vermelha (*red pill*) que fará os homens acordarem para outra realidade, e os conchama a se unirem em comunidades online para discutirem a sua condição em um mundo dominado por referências do feminismo.

e postagens que circulam incessantemente. Esses recursos também servem para que as ideias e ideais saiam da machosfera e se concretizem dentro das campanhas políticas da *alt-right*. Nesse caminho, “tanto a política quanto a machosfera promovem uma fantasia na qual o Outro foi excluído e mundos virtuais organizados são criados” (JOHANSEN, 2022, p. 21).

No Brasil, um dos marcos das estabilizações de sentidos advindos da machosfera foi a criação da comunidade do Orkut *Homens Sanctos* em 2005, como registra a professora da Universidade Federal do Ceará Lola Aronovich (2022). Naquele espaço virtual, os usuários não se referiam a si mesmos como celibatários, mas como puros, e utilizavam termos emprestados dos MRAs estadunidenses como “mangina”, homens com vagina, para se referirem a homens considerados frouxos, e “feminazi” para feministas em geral, além de se identificarem com a filosofia *redpill*. Lola Aronovich (2022) havia publicado em seu blog, ‘Escreva, Lola, Escreva’, denúncias sobre os abusos registrados no *chan*<sup>58</sup> brasileiro Dogolachan, criado em 2013. Em 2014, passou a ser ameaçada pelo criador do canal, Marcelo Valle Silveira Mello. Marcelo teve apoio de figuras como Olavo de Carvalho e Roger Moreira, ex-integrante da banda *Ultraje a Rigor*. As frequentes ameaças à vida e integridade da professora, além de diversos casos de calúnia e difamação, resultaram na Operação Bravata, da Polícia Federal, que encarcerou Marcelo (ARONOVICH, 2022).

Em um artigo para a *Vice*, Marie Declercq (2021) relata que as sementes do movimento incel no Brasil foram lançadas na seção “Vale Tudo” do fórum *UOL Jogos*, espaço criado em 2001 e desativado em 2018. Em 2010, boa parte dos frequentadores do fórum seguia Olavo de Carvalho. Segundo a autora, foram espaços como esse e *chans* brasileiros que criaram a imagem de Bolsonaro como “mito” e o apelidaram de “Bolsomito”. Ela também estipula que, entre os jovens *gamers*, os apoiadores de Bolsonaro se encontram sobretudo entre aqueles de classes mais baixas e identificados como *incels*. Sua vitória nas eleições de 2018 foi ao encontro do discurso misógino difundido pelos *incels* na machosfera brasileira, que veem na zoeira e no niilismo uma forma de se expressarem.

A machosfera entrou no radar da imprensa brasileira pela primeira vez a partir dos casos de massacres em escolas brasileiras provocados por *incels*. Gracila Villaça e Carlos D’Andréa (2022, p. 431-432) enumeram três casos em que a misoginia online esteve associada a casos extremos de violência no Brasil.

---

<sup>58</sup> *Chan*: corruptela de *channels*, *image boards*, ou locais de compartilhamento de imagens, espécie de fóruns *online* e anônimos, cujo espaço mais popular e que originou os demais é o ‘4chan’. Neles, existem sub canais temáticos onde os usuários postam imagens, comentários e links relacionados com as discussões propostas dentro de um catálogo de subtemas. Nos *chans*, os memes são a principal linguagem utilizada.

O massacre do Realengo, no Rio de Janeiro, ocorreu em abril de 2011 quando 12 pessoas morreram na Escola Municipal Tasso de Silveira em um tiroteio planejado e executado pelo frequentador do fórum *Homens Sanctos*, Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos. Das 12 pessoas assassinadas, 10 eram meninas. [...] O segundo ato terrorista com ligações ao ódio cultivado online ocorreu em 2019 na Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, São Paulo, e deixou dez mortos e 11 feridos. Os assassinos, que se mataram em seguida, Guilherme Tauci Monteiro (17 anos) e Luiz Henrique de Castro (25 anos), participavam do fórum Dogolachan, um dos maiores fóruns *chan* da *alt-right* brasileira. [...] Em fevereiro de 2021, o assassinato da jogadora profissional de *e-sports* Ingrid Bueno, de 19 anos, por Guilherme Costa, de 18 anos, que está preso, também guarda relações com um *chan* misógino. Antes de ser preso, ele escreveu um e-mail para a Professora Doutora Dolores Aronovich, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Ceará, em que sublinhou seu ódio por mulheres.

Leonardo Sakamoto (2022) também associou aos *chans* brasileiros atentados em duas escolas em Aracruz, no Espírito Santo, que deixaram três mortos e onze feridos em 2022. O autor também comenta que os frequentadores desses espaços online, em sua maioria *incels*, incluem autores desses crimes em uma espécie de “hall da fama” que comemora os massacres e toma os assassinos como exemplos. Por fim, Sakamoto (2022) vincula a proliferação desses massacres com a naturalização do ódio e do porte de armas incentivados pela vitória de Jair Bolsonaro nas eleições.

Segundo o ‘Anuário Brasileiro de Segurança Pública’ (2023), um em cada três ataques violentos a escolas brasileiras aconteceu no ano de 2023. No Rio de Janeiro, no ano de 2021, das 4.331 escolas fluminenses, 560 registraram tiroteios ou episódios de bala perdida, oito vezes mais perigosas que escolas de outros estados (LOPES, 2023). A figura abaixo demonstra quantas mortes ocorreram em cada episódio de atentados contra escolas no Brasil até 18 de abril de 2023.

Figura 45 – Infográfico demonstrando o número de mortes por ataques em escolas no Brasil



Fonte: Poder360 (2023)<sup>59</sup>.

A segunda vez em que a machosfera foi abordada pela grande mídia brasileira foi em março de 2023 a partir do caso das ameaças online realizadas pelo “coach de masculinidade” Thiago Schulz à atriz Livia La Gatto, após ela divulgar uma paródia no Instagram sem citar o nome de Schulz. A *influencer* Bruna Volpi também foi ameaçada pelo *coach* (YAMAGUTI, 2023). O caso teve tanta repercussão que ganhou uma reportagem no Fantástico (FANTÁSTICO, 2023) em que transeuntes analisavam as frases misóginas de Schulz divulgadas nas plataformas digitais, para depois introduzir o tema da machosfera, dos gurus da masculinidade e do ocorrido em questão.

Uma terceira ocasião que chamou a atenção da imprensa brasileira para a atuação dos *coaches* de masculinidade, em específico os PUAs, foi uma festa realizada em uma mansão de São Paulo. Descobriu-se que a festa era um espaço para que alunos destes *coaches* pusessem em prática seus ensinamentos, usando as mulheres convidadas para o evento como cobaias de abordagens de conquista, sem informá-las do que estava acontecendo. Ao menos duas delas, ao saberem dessas circunstâncias, fizeram denúncias à polícia. O curso era ministrado por dois *coaches* estadunidenses que cobravam entre 12 e 50 mil dólares e passava por países como

<sup>59</sup> Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2023/04/ataques-escolas-brasil-18-abr-2023.png>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Costa Rica, Filipinas e Tailândia, além do Brasil. As abordagens eram filmadas e utilizadas como publicidade para o curso de conquista (DIAS, 2023).

Um estudo do *Center for Countering Digital Hate* (CCDH) revelou que o Brasil está entre os dez países com o maior número de participantes do principal fórum de *incels* do mundo, cujo nome não foi revelado pela pesquisa. Nesse espaço digital, o termo estupro (*rape*) é citado a cada meia hora (MEDIA TALKS, 2022). Vale mencionar que neste fórum, a língua principal é o inglês, fator que demonstra a necessidade de domínio desta língua, associada a um nível mais alto no estrato social brasileiro. Além do Dogolachan, citado acima como exemplo de *chan* brasileiro, Lima-Santos e Dos Santos (2022) chamam atenção para os termos depreciativos usados para se referir às mulheres em *chans* brasileiros como o 1500chan e o Favelachan, denotando a extrema misoginia desses espaços na internet: “depósito de porra” e “merdalher”.

Acadêmicos da Uniniversity of Western Australia descobriram em suas pesquisas que os *incels* estão ligados mundialmente às mortes de pelo menos 50 pessoas e deixaram feridas pelo menos mais 58 delas desde 2014, uma estatística que pode ser comparada numericamente às vítimas do extremismo islâmico no mesmo período (TOMKINSON; HARPER; ATWELL, 2020). Nos *chans*, é comum aparecerem avisos de suicídio de seus usuários.

A este anúncio costuma seguir-se uma mensagem, quase um coro: “leve a escória junto”. Em outras palavras, vá a uma palestra feminista, a uma marcha das vadias, a uma parada do orgulho gay, a algum protesto do *Black Lives Matter*, mate o maior número possível de participantes, e depois se mate, ou seja, morto pela polícia (há um termo em inglês para isso, divulgado em *chans* americanos: *suicide by cop*), e torne-se um herói entre os *channers* (ARONOVICH, 2022, p. 7).

O suicídio parece ser um ponto em comum entre os *incels* brasileiros e outros ao redor do mundo. Esse ato também está relacionado a masculinidade, conforme aponta investigação realizada por Maria Jesus Rosado Millan e colaboradores (2014). Entre as relações encontradas, os pesquisadores destacam a dificuldade em lidar com as emoções, através da vergonha em assumir uma fraqueza ou ainda a percepção de falha no papel de provedor.

Outro estudo, realizado no departamento de enfermagem da Universidade Federal do Maranhão (D’EÇA JR. *et al.*, 2019), demonstrou que no Brasil, de 1996 a 2015, embora as mulheres tenham tentado cometer suicídio mais vezes, os homens têm êxito mais frequentemente. A taxa de suicídio por parte dos homens é quase quatro vezes maior que nas mulheres. Entre as motivações, os pesquisadores incluem questões ligadas ao desempenho da masculinidade como a competitividade, impulsividade e o acesso facilitado a armas de fogo. Também perceberam que os homens, ao serem exigidos a cumprir papéis patriarcais,

encontram-se mais desamparados que as mulheres, que buscam apoio na religiosidade e na saúde mental, bem como reconhecem precocemente os fatores de risco do suicídio.

Em 28 de agosto de 2021, Jair Bolsonaro declarou o seguinte: “Eu tenho três alternativas para o meu futuro. Estar preso, ser morto ou a vitória. Podem ter certeza, a primeira alternativa, preso, não existe”. (ESTADO..., 2021). Este tipo de declaração sinaliza como o flerte com a morte é um elemento presente em uma lógica e nos discursos masculinistas, que surge como uma alternativa para a falha de desempenho, pois é preferível deixar de existir que enfrentar as consequências e a vergonha da derrota. Ao mesmo tempo, os discursos que limitam as possibilidades de existência honrosa dos homens à manifestação constante e extrema da potência viril também reduzem as alternativas de ação à violência contra o outro ou contra si mesmo.

#### 6.4 MASCULINISMO E MACHISMO NO BOLSONARISMO

Ivan Jablonska (2022) explica que o Estado é patriarcal desde suas origens, composto por elites masculinas que gerenciam diversos tipos de territórios (inclusive os culturais e simbólicos) através do exercício da soberania, através da administração e guerra. Outros fenômenos também contribuíram para a dominação masculina atual ao longo da história, como o capitalismo mercantil e o imperialismo colonial.

Para Joan Scott (2021, p. 74) “o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado”, promovendo a exclusão das mulheres de modo que a alta política se torna também um operador de gênero. Na mesma direção, Mark E. Kann (2014) critica a forma como a democracia vem sendo executada: ainda que esse princípio de governo pelo povo exija igualdade entre os gêneros, os homens detêm maior poder e regularmente desvalorizam as mulheres e o que é da ordem do feminino, desenvolvendo hierarquização entre homens e mulheres e entre homens e homens.

No Brasil, o poder está visivelmente concentrado entre homens: “são 85% do Congresso, cerca de 90% do Executivo, mais de 80% dos ministros do STF, além de ocuparem mais de 60% dos cargos de chefia nas empresas e 90% das cadeiras nos comitês executivos das grandes corporações” (INSTITUTO PDH, 2019). Em 2024, Flávio Dino assumiu o lugar de Rosa Weber no Supremo Tribunal Federal, diminuindo ainda mais a presença feminina na corte suprema do Brasil.

Durante as eleições de 2018 no Brasil, um dos grupos demográficos com maior adesão a Jair Messias Bolsonaro foram os homens, de acordo com dados levantados por Nicolau

(2020). Dentro do segmento masculino, a adesão foi maior entre homens de alta escolaridade em relação aos homens de baixa escolaridade e entre aqueles que viviam em ambientes urbanos em relação aos residentes de áreas rurais. No Brasil atual, o poder se concentra em grande parte nas áreas urbanas e nas mãos de pessoas com maior escolaridade.

Cas Mudde (2019) se refere à *far-right* como “o partido dos homens” e entende que esse tipo de direita política tem a ver com gênero. Analisando discursos políticos, William Heitmeyer (2018) percebeu que populistas da extrema direita são mais que quatro vezes mais sexistas do que aqueles que não são populistas da extrema direita. Seu ódio se torna ainda maior quando os alvos são refugiados, muçulmanos e homossexuais.

Políticos de “direita e fascistas, como os da *alt-right*, são dualistas e dividem os gêneros no domínio da produção (homens) e no domínio da reprodução (mulheres)” (JOHANSEN, 2022, p. 81). Penny (2022, p. 238) complementa que:

O antifeminismo não é periférico à *alt-right*: embasa toda sua crítica ao mundo moderno. Seus princípios básicos são que o mundo está em perigo e só poderá ser salvo por homens fortes preparados para praticar a violência; que o feminismo está destruindo a civilização ao comprometer o papel natural das mulheres, que é ter filhos, servir e ser submissas aos homens.

Kaiser (2022) define a onda autoritária mundial como uma forma de masculinidade politizada. Não é coincidência que a misoginia faça parte dessa reação. Para a autora, o neoliberalismo deixou alguns homens subordinados ao mercado em condições semelhantes às aquelas conhecidas historicamente pelas mulheres. Logo, muitos homens se sentiram emasculados ao serem colocados em uma situação de submissão não condizente a condição masculina. Sentiram-se perdendo o controle que sempre tiveram e precisaram buscar uma masculinidade dominante perdida, uma vez que se tornaram (como) mulheres.

Susanne Kaiser (2022) acredita que três pares de movimentos políticos e sociais convergiram e se conectaram: os *incels* e masculinistas; a direita extremista e a direita populista; e religiosos linha-dura e fundamentalistas. Todos os três querem fazer ajustes no patriarcado, são misóginos e sexistas e querem manter os privilégios dos homens ao subordinar as mulheres. Para todos esses três grupos, o feminismo é o inimigo em comum e, segundo a autora, é isso que os mantém juntos.

Nicolau (2020) recupera um estudo de Arzheimer (2018) sobre os eleitores dos partidos de extrema direita na Europa. Essa pesquisa demonstra uma maior propensão de escolha por parte da população masculina dos países analisados de realizar seu voto em partidos de extrema direita. Entre alguns dos possíveis motivos para este tipo de escolha estão o cultivo da imagem

hipermasculina dos líderes destes partidos, que afasta o eleitorado feminino; a tendência das mulheres em votar em partidos de centro-esquerda; e o fato de que mulheres conservadoras costumam se ofender com radicalismo da extrema-direita e apostem naqueles de centro-direita.

Bridget Sauer (2020) explica que extremistas políticos são especializados em utilizar emoções como raiva e agressividade para cooptar novos seguidores seguindo códigos de virilidade. Esse tipo de estratégia serve para aliviar o homem comum das ruas e restaurar sua confiança em si mesmo, ao mirar-se no líder carismático e fantasiar em se tornar como ele um dia. Tudo isso estabelece uma relação com o mecanismo psíquico que gerou a identificação de muitos estadunidenses com o Superman durante a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial.

No livro de Onyx Lorenzoni (2023), *Do baixo clero ao planalto*, o político da bancada da bala e articulador do governo e da candidatura de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil, faz uma análise deste processo. Nele, o autor compara a aclamação do público ao ex-presidente àquela recebida por “um ator de Hollywood ou uma estrela do futebol” (LORENZONI, 2023, p. 39), dois modelos de masculinidade hegemônica da cultura de massa. Ele também compara Jair Bolsonaro ao protagonista da ficção *Tropa de Elite*, afirmando que Bolsonaro seria o líder pelo qual os brasileiros esperavam, “o Capitão Nascimento de seus sonhos” (LORENZONI, 2023, p. 67). O político ignora todas as conotações negativas do personagem de ‘Tropa de Elite’, um capitão de um esquadrão especial perturbado mentalmente, para promover a imagem que o Capitão Nascimento assumiu no imaginário social brasileiro: um homem durão, autoritário e exemplo ilibado de uma masculinidade ideal brasileira.

Essa condição também é vendida no livro de Eduardo Bolsonaro, que emprega termos como “herói abnegado” e “indômito” (BOLSONARO; MENDES, 2022, p. 38) para se referir ao pai. Repete que “a adversidade forjou Jair Bolsonaro” (BOLSONARO; MENDES, 2022, p. 67) e ressalta que a sua trajetória esteve marcada pela “antifragilidade” (BOLSONARO; MENDES, 2022, p. 70). Contudo, Eduardo Bolsonaro vai além e se dedica a comparar o caminho de seu pai com o percurso da jornada do herói, desenvolvida por Joseph Campbell (1998) em ‘O herói de mil faces’. Eduardo dá ênfase ao fato de seu pai ter saído do “mundo comum” e “retornado com o elixir” da “barriga da baleia”<sup>60</sup> (BOLSONARO; MENDES, 2022) após ter sofrido uma tentativa de assassinato, reafirmando sempre que Bolsonaro estava no cumprimento de uma missão. Compara também a união de cumplicidade masculina entre seus

---

<sup>60</sup> “Mundo comum”, “retorno com o elixir” e “na barriga da baleia” são algumas fases da Jornada do Herói definidas por Joseph Campbell (1998) em *O herói de mil faces*. Eduardo Bolsonaro (2022) faz uso delas em sua narrativa para destacar os feitos heróicos de seu pai.

filhos e seus aliados de primeira hora com a Sociedade do Anel, grupo de benfeitores da Terra Média, da trilogia de livros ‘O Senhor dos Anéis’, criados por J. R. R. Tolkien (2019) em 1954.

A retórica da masculinidade também está presente em diversas figuras públicas relacionadas com o bolsonarismo, assumindo configurações diferentes conforme a conjuntura e a pessoa envolvidas. Essa temática inclui alguns sentidos de masculinidades que se cruzam e se confundem, mas que se apoiam principalmente em sua manifestação visual.

O homem que posou mais vezes para a revista *G Magazine*, voltada ao público homossexual masculino, foi o ex-modelo, ex-ator pornográfico e político Alexandre Frota. Frota coaduna todas as dimensões semióticas que foram propostas neste trabalho: é masculinista, foi bolsonarista e encarnava uma paródia de Robin no programa humorístico *A Praça é Nossa*. Por muitos anos, Alexandre Frota se valeu de seu capital sexual alicerçado em sua presença na cultura de massa brasileira para se promover. No quadro humorístico em que encarnava Robin, o “menino-prestígio” ao lado de Tuca Graça, como Batman, os dois encarnaram um casal gay super-heroico<sup>61</sup>. Entretanto, existia uma inversão na relação que geralmente é estabelecida no imaginário popular entre Batman e Robin: a de bofe/bicha. Frota encarnava um Robin bofe, que trazia valores mais masculinos e ativos da relação, enquanto o Batman bicha de Graça emprestava ao personagem elementos do afeminado e da passividade. Essa dualidade era o direcionamento do humor do quadro. Enquanto Batman se desfaz em trejeitos, Robin tem crises de ciúmes por causa de seu namorado. A atração durou de 2011 a 2015, quando a Warner Bros., detentora dos direitos dos super-heróis, proibiu o quadro. De 2015 a 2017, os personagens mudaram para Gato e Super-Joaninha. Em 2011, em seguida à estreia do quadro no programa humorístico, foi lançado o média-metragem ‘Uma Dupla Quase Dinâmica’ (Figura 46), uma extensão dos *sketches* de ‘A Praça é Nossa’.

---

<sup>61</sup> O quadro começou como um esquete da peça teatral ‘Amores de Verão’, de 1993. Eri Johnson fazia o Batman.

Figura 46 – Pôster do média-metragem ‘Uma Dupla Quase Dinâmica’, de 2011, estrelado e dirigido por Alexandre Frota



Fonte: IMDB<sup>62</sup>.

Curiosamente, depois da exibição do especial humorístico de Batman e Robin pelo SBT, um grupo de fãs do Batman, liderados pelo publicitário Lincoln Nery, promoveu uma petição pública online para que o quadro fosse retirado do ar, justificando que “tanto os fãs como os homossexuais” não estavam de acordo com o tipo de humor e a caracterização dos personagens que o SBT veiculava (NETO, 2012). O autor da petição construiu as categorias “fãs” e “homossexuais” como se fossem estanques e não pudessem se relacionar entre si, ignorando a existência de fãs homossexuais do Batman. A construção do discurso de Nery remete a um imaginário de masculinidades em que se demarca uma fronteira entre cultura de super-heróis e homossexualidade.

Lincoln Nery é criador do super-herói brasileiro Jou Ventania. Durante a campanha de Bolsonaro à presidência em 2018, o autor desenvolveu uma arte em que Ventania posava ao lado do ex-presidente do Brasil.

<sup>62</sup> Disponível em: [https://m.media-amazon.com/images/M/MV5BMzE2NmQxZjMtNDNlNi00MDk3LTlkZTMtNGRINTE5MWFjYWExXkEyXkFqcGdeQXVyNjQ0OTk1ODg@.\\_V1\\_.jpg](https://m.media-amazon.com/images/M/MV5BMzE2NmQxZjMtNDNlNi00MDk3LTlkZTMtNGRINTE5MWFjYWExXkEyXkFqcGdeQXVyNjQ0OTk1ODg@._V1_.jpg). Acesso em: 04 mar. 2024.

Figura 47 – O super-herói brasileiro Jou Ventania apoiando Bolsonaro, em arte de Lincoln Nery



Fonte: Twitter/X<sup>63</sup>.

A relação de Alexandre Frota com Jair Bolsonaro não se limitou a apoio na campanha eleitoral. Bolsonaro chegou a prometer a Frota o cargo de Ministro da Cultura na campanha presidencial de 2018. No mesmo pleito, Frota foi eleito deputado federal por São Paulo no mesmo partido de Jair Bolsonaro, o PSL. Em 2019, Frota promoveu uma homenagem na Câmara dos Deputados a Carlos Alberto de Nóbrega, que representa “a cara” do humorístico ‘A Praça é Nossa’. A homenagem contou com a presença surpresa de Jair Bolsonaro.

Depois de romper com Bolsonaro devido a disputas por influência no PSL, Frota foi expulso do partido. Posteriormente foi convidado a integrar o PSDB, partido que liderou a oposição a Dilma Rousseff e desempenhou papel articulador na campanha por seu *impeachment*, um movimento marcado pela misoginia. Alexandre Frota também é bastante lembrado por ter feito apologia ao estupro em 2015 no programa ‘Agora é Tarde’ ao comentar um episódio de sua vida (BOLDRINI, 2015).

Outro ícone do governo Bolsonaro foi o ator Mário Frias, que assumiu a Secretaria de Cultura em 2020. Uma foto sensual sua, com o traseiro à mostra, foi utilizada pelo jornal Folha de S. Paulo com a manchete “o novo homem de Bolsonaro”. Tal utilização gerou reações na

<sup>63</sup> Disponível em: <https://threadreaderapp.com/thread/1108341121854394368.html>. Acesso em: 04 mar. 2024.

internet, acusando o veículo de homofobia, comprovando que mesmo veículos não alinhados com Bolsonaro se utilizam do recurso de desmerecer a masculinidade para disseminar sentidos políticos negativos (BENÍCIO, 2020). Além disso, por destacar o traseiro do ator, a foto denota passividade, ou seja, outro fator que, na masculinidade latina, é algo desaprovado e desonroso. Portanto, a Folha se utilizou de uma manipulação de sentidos, tentando passar a Frias a imagem de homossexual, como forma de ofender e humilhar o político e ator, incorrendo em homofobia.

Figura 48 - Capa da Ilustrada, da Folha de S. Paulo, trazendo Mário Frias seminua



Fonte: Jornal da Cidade Online<sup>64</sup>.

Paulo Kogos é um *YouTuber* que foi candidato a deputado estadual pelo PTB nas eleições de 2022. Ele se identifica como anarcocapitalista e foi diversas vezes fotografado vestido de cavaleiro templário nas ruas de São Paulo. A figura do cavaleiro templário é outro modelo de masculinidade bastante admirado pelos bolsonaristas, não apenas em fantasias, mas em memes de internet<sup>65</sup>. Em entrevista, Kogos declarou que os templários tinham por princípio “a defesa da fé, dos fracos, dos pobres, da justiça e do bem”, e que saía às ruas caracterizado como um soldado para “defender comerciantes que não conseguem enfrentar o governo e suas imposições ditatoriais de quarentena” (SAMPAIO, 2020).

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/21278/indecente-folha-publica-foto-seminua-e-chama-mario-frias-de-homem-do-presidente>. Acesso em: 04 mar. 2024.

<sup>65</sup> Nesta pesquisa foram encontrados oito memes de internet relacionando figuras do bolsonarismo com imagens de cavaleiros templários. Representam a dimensão messiânica do bolsonarismo e também com a iluminação que pessoas como Olavo de Carvalho e Enéas Carneiro projetam sobre os bolsonaristas.

Figura 49 - Paulo Kogos vestido de templário em protesto em São Paulo



Fonte: Facebook<sup>66</sup>.

Thais Monique Costa Moura (2023) cita a Lux Brasil e o Brasil Paralelo como exemplos de *think tanks* que usam a figura do cavaleiro templário, associado a sentidos monarquistas, para disseminar as ideias do bolsonarismo. A autora destaca ainda que as figuras dos templários trazem sentidos impregnados de “masculinidade, virilidade, branquitude e cristandade” (MOURA, 2023, p. 111).

O professor de história medieval Paulo Pachá chama atenção para o discurso dos grupos masculinistas na internet sobre a necessidade de se realizarem novas Cruzadas para salvar o Ocidente do islamismo e daquilo que chamam de marxismo cultural. Esses movimentos possuem uma visão parcial e idealizada da Idade Média. Nessa visão, as Cruzadas seriam um conflito religioso majoritariamente masculino entre Ocidente e Oriente. “Para eles, na Idade Média os homens eram viris, eram efetivamente masculinos, poderosos, podiam defender a sociedade. E as mulheres eram, entre muitas outras ‘mulheres de verdade’, mulheres que eram submissas aos homens, que estavam preocupadas em cuidar da família” (PACHÁ *apud* RUDNITZKI; OLIVEIRA, 2019).

A misoginia faz parte do repertório de Jair Bolsonaro e seus aliados, que performam um masculinismo inspirado na *alt-right* estadunidense. Giuseppina Scotto di Carlo (2020) elencou

<sup>66</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/saoblackoficial/photos/a.2419358198320894/2778910122365698/?type=3>. Acesso em: 05 mar. 2024.

sete estratégias presentes no discurso de Donald Trump que demonstram uma hierarquia machocêntrica e que buscam estimular atitudes negativas e violentas em relação às mulheres:

1. As mulheres são fracas, carentes de força e habilidade, incompetentes e “mentalmente instáveis”;
2. As mulheres são seres dependentes;
3. As mulheres devem ser julgadas com base em sua aparência e não em sua inteligência ou personalidade;
4. As mulheres são mentirosas, desonestas e piores que os homens;
5. As mulheres são animais nojentos;
6. As mulheres não passam de posses;
7. As mulheres podem ser descritas com termos vulgares.

A misoginia presente na necessidade de dominação das mulheres faz parte do discurso de Bolsonaro. No início de sua carreira política como deputado, declarou no plenário diversas vezes que as mulheres não deveriam receber salários que se equiparavam aos de homens, além de militar pela precariedade dos direitos das mulheres e dos direitos humanos em geral (BARRETO JR., 2023).

Um elemento típico do masculinismo político da extrema direita em todo o mundo que expressa a misoginia desses representantes públicos é o *entitlement*, que poderia ser traduzido aproximadamente em português para “titulação de direitos”. Nesse contexto, significa o privilégio dos homens em estarem em posições de autoridade, principalmente relacionado à legitimidade. Tal definição decorre da associação da ordem masculina com força, racionalidade, resistência, ordem e outras virtudes dignas de orientar o que é público, enquanto o feminino é considerado típico das demandas íntimas e da subjetividade. O *entitlement* pode ser acentuado dependendo de intersecções com classe, raça, origem, atuação profissional, nível de escolaridade e outros marcadores sociais da diferença e da hierarquia (PASSOS; DE FIORI; PORTELLA, 2022).

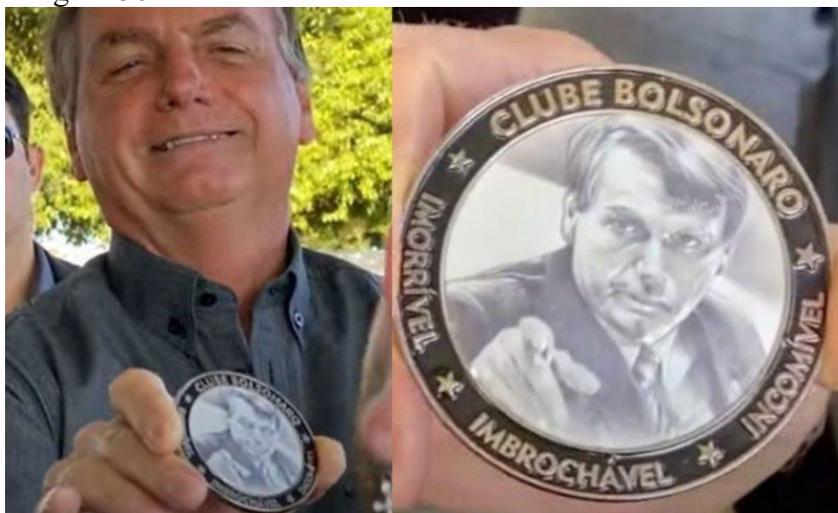
O *entitlement* faz parte do negacionismo ao ser exercido como um privilégio viril de definir o que é válido, verídico ou legítimo, apoiado “em um positivismo ingênuo e um processo de dissonância cognitiva” (PASSOS; DE FIORI; PORTELLA, 2022, p. 178). O bolsonarismo atua nesse sentido ao julgar quais experiências e conhecimentos podem ou devem ser considerados porque são demandados e respaldados por uma autoridade, via de regra conectada à virilidade.

O historiador argentino Federico Finchelstein destaca que esse tipo de discurso masculinista faz parte de uma performance política que une governantes como Bolsonaro,

Trump, Duterte, Berlusconi e Menem: “eles consideram que as mulheres têm um papel secundário e que os homens, por suas alegadas proezas sexuais, devem ser os líderes das nações” (FINCHELSTEIN *apud* CARRANÇA, 2022). Finchelstein define esse estilo retórico como “machopopulismo”, “um entendimento da sociedade baseado na supremacia masculina, num senso particularmente reacionário de virilidade e na distinção entre gêneros” (FINCHELSTEIN *apud* CARRANÇA, 2022). Um dos padrões que o compõem é a celebração discursiva do próprio pênis e da potência sexual.

No discurso dos 200 anos da Independência do Brasil, proferido por Bolsonaro em 7 de setembro de 2022, o ex-presidente puxou um coro, após elogiar a ex-primeira-dama, Michelle Bolsonaro: “Imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável”. Esse mantra apresenta a característica falocêntrica do discurso da extrema direita. Segundo Ricardo Senra (2022), a palavra “imbrochável”, foi reiterada pelo presidente desde 2018, em pelo menos seis outras ocasiões. Em uma delas, exibiu uma medalha do Clube Bolsonaro, que trazia um trio de palavras com sentidos masculinistas que Bolsonaro usa para definir a si mesmo: “imorrível, incomível e imbrochável”.

Figura 50 – Jair Bolsonaro exhibe medalha do Clube Bolsonaro



Fonte: Amazonas1<sup>67</sup>.

A trinca de autodefinições de Bolsonaro carrega acepções da invulnerabilidade dos super-heróis e de sua força capaz de feitos sobre-humanos presentes na retórica masculinista do bolsonarismo. Bolsonaro se apresenta como um super-herói, personagem definido como uma

---

<sup>67</sup> Disponível em: <https://amazonas1.com.br/wp-content/uploads/2021/08/medalha-bolsonaro-e1630435350785.jpg>. Acesso em: 05 mar. 2024.

força da natureza em perpétuo movimento, em constante tensão e pronto para ação. Todas as três características descrevem performances físicas sobre-humanas de macheza.

As três autodefinições de Bolsonaro se relacionam com sentidos de exercício da masculinidade dominante: militarismo (imorrível); homofobia (incomível); e misoginia (imbrochável). Elas lidam com ansiedades e medos relacionados à performance da virilidade. O militarismo se relaciona com a morte, no sentido do papel patriarcal de bastião do sustento daqueles que dependem dele e também tem afinidade com sentidos de nacionalismo. A homofobia, o medo da homossexualidade, está ligada com a necessidade de rejeitar aquilo que foge da normatividade. Por fim, a misoginia lida com a ansiedade da castração, a perda do poder fálico ligado àquilo que é da ordem do feminino. Por isso, a misoginia neste caso está ligada à performance sexual masculina, que permite ao homem penetrar e dominar as mulheres, ou ainda, estuprá-las.

A retórica de Bolsonaro trabalha com o pressuposto de que todas as mulheres podem ser violentadas de acordo com a vontade masculina. Esse princípio foi expresso quando, em discussão com a deputada Maria do Rosário em 2003 e, novamente, em 2014, disse que ela “não merecia ser estuprada”, justificando depois que não o faria por ela ser “muito feia”. O episódio aconteceu pela segunda vez após a deputada ter feito um discurso criticando a ditadura militar brasileira, o que resultou em um bate-boca entre Bolsonaro e Rosário na tribuna do plenário (CALGARO, 2014). Com esta retórica, Bolsonaro faz apologia ao estupro e categoriza mulheres em uma hierarquia de valor segundo o interesse que despertam em um homem agressor. Isto posto, temos mais duas tríades a serem adicionadas ao nosso quadro que estabelece relações entre os temas estudados nesta pesquisa:

Quadro 10 – Relação entre as autodefinições de Bolsonaro e os elementos do masculinismo

<b>Autodefinições de Jair Messias Bolsonaro</b>	<b>Elementos do masculinismo</b>	<b>Tipos de masculinidades dominantes</b>	<b>Representações da masculinidade segundo Kimmel (2017)</b>
Imorrível	Militarismo	Sacrifício/ Santificada	Homem no poder
Incomível	Homofobia	Controle	Homem com poder
Imbrochável	Misoginia	Ostentação	Homem no poder

Fonte: Desenvolvido pelo próprio autor.

O militarismo, que representa a “imorribilidade” de Bolsonaro, foi epitomizado por ele através do gesto da “arminha”, que representa ao mesmo tempo o falo e o poder latente

bolsonarista, exercido e repetido principalmente durante sua primeira campanha à presidência, em 2018. A “arminha”, dura e tesa, também denota a “imbrochabilidade”, pois esse artefato está pronto para disparar a qualquer momento, tal como é a configuração da sexualidade masculina brasileira, voraz, conforme exposto anteriormente. Essa voracidade foi respaldada pelo governo ao praticar uma política favorável ao armamento de todo cidadão brasileiro.

A resignificação da ditadura militar desenvolvida no bolsonarismo que passa a imagem daquele contexto como uma “era de ouro” em que existia mais segurança e disciplina, se opondo ao período seguinte da política brasileira, que é associada por esse grupo à insegurança e à devassidão. Muitos brasileiros não apoiam nem condenam uma intervenção militar, para eles os militares possuem legitimidade para restabelecer os valores tradicionais do passado. Isso decorre da romantização do militarismo e da ditadura, quando os “cidadãos de bem” eram protegidos pelo Estado armado (ROCHA; SOLANO; MEDEIROS, 2021).

Durante o governo Bolsonaro, vários projetos de leis e decretos facilitaram o acesso do brasileiro a armas de fogo. Pedro Ambra destaca que a retórica das armas durante o governo Bolsonaro é vendida como uma promessa de restituição do sentido da virilidade perdida. Ele também joga luz sobre o fato do público-alvo dessas decisões ser, em sua grande maioria, homens.

Homens violentos, homens amedrontados, homens frágeis, homens curiosos e homens que ostentam terão, agora, no fetiche da bala, uma ilusão da solução de seus problemas, reais e imaginados. Esse é o que pode ser chamado de ‘apelo semântico’ da medida (AMBRA, 2021, p. 86).

A preocupação principal dos bolsonaristas, portanto, não é a falta de segurança na dimensão da integridade física, mas da honra viril. Na dimensão simbólica, os bolsonaristas devem lutar, com armas e militarização, contra ameaças que podem desestabilizar os valores tradicionais da família brasileira e, principalmente, o seu alicerce: o patriarca, que é seu provedor.

Sócrates Nolasco (1993) estabelece que as relações entre os homens se fundamentam em buscas de elementos em comum com o modelo masculino hegemônico. Dessa forma, a busca de líderes como figuras-modelo acaba ocorrendo em dinâmicas de grupos em instituições militares, religiosas, empresariais e políticas. Isso porque:

1) as relações de poder nestas instituições servem a práticas que mantém vivas as necessidades de um pequeno grupo à revelia das necessidades individuais de todos os demais; 2) o cotidiano destas instituições é marcado pela especulação sobre o nível de adesão de cada um dos indivíduos aos credos proferidos por elas; 3) estabelecem formas de premiação e castigo para aqueles que se revelam submetidos e em oposição,

respectivamente às práticas vigentes; 4) seus mecanismo procuram fazer com que o próprio indivíduo incorpore e queira a submissão, face à ambição e do desejo de prestígio, e também interiorize o que o oprime e o pressiona a distanciar-se de si (NOLASCO, 1993, p. 59-60).

A lógica militarista é tão importante para o bolsonarismo pois cria uma rede de homens que se submetem a um líder em busca da afirmação de sua masculinidade. Esse tipo de discurso serve também para ambientes online como a machosfera.

A preocupação extrema com a morte, com a penetração anal e com a possibilidade de falhar em sua performance sexual masculina de Bolsonaro é projetada em seus filhos, aos quais o ex-presidente dispensa uma vigilância como extensão de sua masculinidade. Declarou que “prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí” (BOLSONARO *apud* TREVISAN, 2021, p. 276). A preferência da morte à desonra por associação à feminilização é uma das características de algumas masculinidades brasileiras, conforme a caracterização dos tipos do cabra-macho e do gaúcho.

A homofobia típica do bolsonarismo se expressa em acontecimentos de pânico moral fomentados através de *fake news* como o kit gay e a mamadeira de piroca. Durante o período de quarentena durante a pandemia de Covid-19, Bolsonaro também estabeleceu uma retórica baseada em sentimentos homofóbicos. Alardeou que o Brasil havia se tornado “um país de maricas” (BOLSONARO *apud* TREVISAN, 2021, p. 274), ao protestar contra aqueles que estavam com medo de sair de casa e que estariam fazendo um desserviço ao progresso econômico da nação. Ao evitar usar máscara, afirmou que tal proteção era “coisa de viado” (BOLSONARO *apud* TREVISAN, 2021, p. 274).

Durante os momentos mais agudos da pandemia, um grande contingente de homens imitou o presidente, chegando a zombar dos outros que portavam máscara, e até mesmo, reagindo com violência quando obrigados pela lei ao uso público desses aparatos sabidamente protetivos (TREVISAN, 2021, p. 274).

Os ataques homofóbicos de Jair Bolsonaro no Congresso Nacional tiveram como um dos seus principais alvos o deputado estadual Jean Wyllys, gay assumido, que despontou para a popularidade depois de ganhar a quinta edição do reality show Big Brother Brasil. Para Suelen Homrich Motta (2023), as rixas entre Bolsonaro e Wyllys fazem parte da espetacularização da política, em que os dois lados usam de sensacionalismo para fazer marketing político e empreender uma campanha eleitoral permanente. Através das polêmicas envolvendo questões de sexualidade envoltas por homofobia, Bolsonaro conseguiu capitalizar politicamente seus votos e a conquistar seguidores pregando o ódio a pessoas queer. As altercações com Wyllys serviram como uma forma de seduzir um público homofóbico.

Outra relação que pode ser estabelecida entre as autodenominações de Bolsonaro é a alcunha de “Johnny Bravo”, personagem de desenho animado que é extremamente narcisista. Quando se nomeou assim, Bolsonaro ignorou essa qualidade do personagem. Contudo, ele revela outra camada de elementos masculinistas, a enorme atenção consigo mesmo.

Trevisan (2021, p. 119) considera que Bolsonaro provocou uma “inflação fática em política” no Brasil, mesclando “moralismo, distorcionismo ético, insensibilidade, autoritarismo beligerante, preconceitos, irracionalidade e negacionismo”, que o desenharam como mentor de uma “ideologia falocrática”. O corolário dessa falocracia seria o gesto da “arminha” com as duas mãos, característico das campanhas políticas de Bolsonaro. Parte desse autoritarismo falocêntrico, as canetadas do ex-presidente também significam a posse do falo, com a qual toma suas decisões. “Porque a minha caneta funciona. [...] Não tenho medo de usar a caneta. Ela vai ser usada para o bem do Brasil” (BOLSONARO *apud* TREVISAN, 2021, p. 121), reiterou Bolsonaro quando ameaçava dispensar o então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, em abril de 2020.

Outras ocasiões denotam a obsessão de Jair Bolsonaro com o pênis. A preocupação com o câncer de pênis pareceu mobilizar mais o ex-presidente do que as mortes pela Covid-19, o que expõe a sua paranoia com a castração masculina. Nos primeiros meses de seu governo, em visita a Manaus, cumprimentou um estrangeiro de feições orientais usando a frase “tudo pequenininho aí?”, em referência ao imaginário de que asiáticos teriam pênis menores que a média mundial (TREVISAN, 2021).

Esses episódios exemplificam o comportamento grosseiro de Bolsonaro. Ele considerava essa postura motivo de orgulho, porque ressalta suas qualidades como homem viril porque “é machão, é firme, é duro” (BOLSONARO *apud* GHIRALDELLI, 2019, p. 49). Perry Garfinkel (1988) explica que a grosseria e o uso de palavras pelos homens parece ser um ritual que os revelaria enquanto machos, ao manipular a linguagem. Esse tipo de comportamento equivaleria a Tarzan bater no peito e emitir seu grito primal. Não por acaso, os *coaches* de masculinidade utilizam a técnica do grito primal para “resgatar a virilidade perdida”. Isso se relaciona com o fato de que “muitas vezes pode-se perceber qual é o homem que está se sentindo um pouco inseguro de sua masculinidade pela frequência com que emprega os palavras em sua linguagem” (GARFINKEL, 1988, p. 183). Para o autor, xingar seria um hábito arraigado masculino que substituiria o choro como uma forma de catarse emocional.

Ao pesquisar a cultura dos *drag kings*, Judith/Jack Halberstam (1998) percebeu que os homens, inclusive os homossexuais, estão envoltos em uma “ansiedade de performance”, uma neurose ligado ao medo de revelar o caráter teatral da masculinidade, uma vez que todas essas

manifestações de “macheza” são performances que buscam cultivar pertencimento à unidade masculina: xingar, ser grosseiro, fazer piadas e usar expressões de baixo calão, desprezar as mulheres, gabar-se de suas proezas, arrotar, gritar, assobiar. Esses artifícios performáticos serviriam para posicionar o sujeito masculino como superior às mulheres e aos demais homens. Portanto, para Halberstam (1998), apontar essa teatralidade, esse agir para causar efeito nos outros, romperia o modelo binário e antagônico sobre o qual tem se construído as identidades de gênero, bem como os papéis de gênero e as orientações sexuais.

Como pudemos perceber ao longo dos capítulos desenvolvidos até aqui, o homoerotismo permeia as representações culturais do bolsonarismo e diversas dimensões: desde o corpo nu e vestido dos super-heróis; passando pelos elementos homosociais, esportivos e futebolísticos (e o “histórico de atleta” de Bolsonaro), ou ainda militares; a necessidade de preencher um vazio de sentidos com elementos fálicos e bélicos; bem como a associação do bolsonarismo como homens que exploram o capital sexual, como é o caso de Alexandre Frota.

Manifestações públicas de Bolsonaro também revelam a obsessão anal do ex-presidente, como contraponto a sua necessidade fálica, mas aliada ao homoerotismo, quando zomba de seus adversários. Por exemplo, quando indicou um cartaz a favor dos direitos homossexuais em que se lia “queimar rosca todo dia”. Em 2017, no Twitter, Bolsonaro retrucou o jornalista Glenn Greenwald perguntando “*Do you burn the donut?*”. Tal colocação denota que a homossexualidade do jornalista anularia sua legitimidade em uma disputa de sentidos.

De forma semelhante, durante uma viagem ao Maranhão, ao beber o tradicional Guaraná Jesus, feito no estado, e de coloração rosa, Bolsonaro proferiu: “O guaraná cor de rosa do Maranhão, aí. Agora virei boiola igual maranhense, é isso?” (BOLSONARO *apud* TREVISAN, 2021, p. 122). A introdução corpórea (penetração) de um elemento associado ao feminino (a cor rosa) é vista como uma ameaça à masculinidade frágil de Bolsonaro, que sente a necessidade de sublimar o perigo do comprometimento de sua virilidade com o uso do deboche.

Javier Saez e Sejo Carrascosa (2022) chamam atenção para a forma paradoxal com que a masculinidade se constrói, se por um lado evita a penetração a todo custo, por outro, tem uma curiosa permissão de penetrar o que quer que seja, incluindo o ânus de outros homens. Portanto, Bolsonaro é incomível, mas ao mesmo tempo é o comedor, mesmo que nessa relação de poder e dominação estejam em seu caminho o orifício anal de outros homens. Os autores afirmam que o homem penetrado é comparado com uma mulher, rebaixado a um nível inferior, tal é o machismo e a homofobia dessas ações. Desenvolve-se aí um paralelismo em que virilidade = impenetrabilidade = honra, levando a outro nível da tríade machista bolsonarista que se

sustenta na violência e na morte. Por isso ser homem é sinônimo de ser impenetrável e, portanto, incomível. Nesta toada, os autores chegam à seguinte conclusão:

O cu é fundamental na constituição do atual sistema de sexo-gênero e é quem organiza e define as diferentes sexualidades. É o ser passivo ou ativo que determina a identidade sexual, não a genitalidade. [...] E um homem penetrado já não é um homem, é uma mulher. Uma mulher não penetrável é masculina, e o sistema machista a sanciona e persegue por não se submeter ao esquema que se aplica às biomulheres (penetráveis) (SAEZ; CARRASCOSA, 2022, p. 156).

O bolsonarismo, enquanto um movimento masculinista se apresenta dentro do formato da Casa dos Homens, estabelecido por Welzer-Lang. Este é um espaço antiestrutural, da mesma forma que o bolsonarismo apregoa que funciona, um sistema semelhante ao das plataformas digitais. Além disso, a casa dos homens e o bolsonarismo são ao mesmo tempo niveladores e hierarquizantes. Nivelador, no sentido em que o bolsonarismo é um movimento em que todos podem tudo, e não respeitam a nada; hierarquizante porque neste sistema existe também o respeito a figuras do bolsonarismo, como o Capitão e seus asseclas mais próximos, como seus filhos ou seus ex-ministros. A casa dos homens e o bolsonarismo também geram sentimentos bélicos e competitivos, e recompensam aqueles que estão em posições de poder mais altas. A agressividade, nesses campos, também é percebida como um aspecto positivo nessas culturas. (RAMOS, 2023).

Um bom exemplo de como a casa dos homens funciona no bolsonarismo é a distribuição da mesma medalha do Clube Bolsonaro mostrada anteriormente para “homens merecedores” da premiação. Em dezembro de 2023, Bolsonaro não só entregou a medalha para o jogador Neymar, seu contumaz apoiador, como para Roberto Katsuda, um dos principais revendedores de retroescavadeiras para garimpos no Pará e em Roraima. Segundo reportagem da Carta Capital, foram confeccionadas 150 unidades da medalha (BRASIL..., 2022). Aqueles reverenciados com a medalha do Clube Bolsonaro são simbolicamente tomados como os dignos de gerir a casa dos homens do bolsonarismo.

A memética do masculinismo na sociedade contemporânea se dá ciclicamente em nível global e historicamente. A sobreposição de pautas masculinistas vem tornando o ambiente online uma caixa de ressonância e um amplificador de performances neuróticas e episódios de violência ligadas ao gênero masculino, como é o caso dos *incels*, dos *redpills*, e de outros integrantes e entusiastas da machosfera. Tal visão lida com a necessidade de aniquilar e desprezar tudo que é da ordem do feminino, ou da homossexualidade, mesmo que esse desejo pelo fálico e masculino em excesso traga sua carga homoerótica como contradição.

Figura 51: Montagens de Bolsonaro sendo penetrado por uma bomba de gasolina



Fonte: Montagem do autor a partir de imagens colhidas na internet.

A retórica masculinista cultivada pelo bolsonarismo e por outros movimentos ligados à *alt-right* acaba tendo seus efeitos recaindo sobre as pessoas que cooptam com essas ideias e também com seus líderes. Como um rebote do machismo estabelecido pelo antipetismo no caso do aumento da gasolina no governo Dilma Rousseff, começaram a surgir na internet memes que simulavam adesivos de Bolsonaro em posições sexuais (anal e oral) simulando uma penetração do corpo de Jair Bolsonaro por uma bomba de gasolina (figura anterior). Este tipo de produção e circulação prova que o machismo e a homofobia estão incrustados em nossa sociedade, indiferentemente do espectro político.

Jair de Sousa Ramos (2023) chama atenção para os apelidos “cornoservadores” e “frouxonaro” usados tanto pela oposição a Bolsonaro feita pela esquerda, como pelos críticos do ex-presidente que se identificam com a *alt-right*. Além disso, após as derrotas de Bolsonaro para Alexandre de Moraes, este último foi apelidado de “Alechad”. Ao analisar o discurso masculino presente na política, Ramos (2023, p. 10) chega à conclusão que “os homens são os protagonistas da política; a política, ela mesma, é resultado de lutas de dominação entre homens; e o resultado das lutas é tanto o produto quanto permite mensurar a virilidade dos homens envolvidos”. O pesquisador também entende que se a política é tomada como uma guerra, suas metáforas são apresentadas como afirmação da masculinidade através da submissão de homens a outros homens.

Antes de encerrar este capítulo, preciso chamar a atenção para uma ocorrência que tem se apresentado a respeito das escolhas eleitorais do brasileiro. As movimentações na semiosfera entre sentidos centrais e periféricos permitem a dinâmica da cultura, o processo de trocas duais permitem que a cultura persista. Contudo, as eleições de 2022 no Brasil trouxeram um fenômeno novo sobre a forma como os brasileiros escolhem seus representantes: a *calcificação*.

A partir de estudos de Sides, Tausanovitch e Vavreck (2022), os jornalistas Felipe Nunes e Thomas Traumann (2023) entenderam que os brasileiros estão sofrendo um processo de calcificação, ou seja o endurecimento e rigidez em suas opiniões eleitorais em um cenário polarizado. Isso induz a menos chances de as pessoas mudarem seus votos até as eleições devido a suas certezas, e nem mesmo eventos radicais poderão mudá-las.

Nunes e Traumann também perceberam que essa calcificação envolve também os sentidos que as pessoas associam com marcas de produtos e empresas, como foi o caso dos chocolates Bis e KitKat (CAPANEMA, 2023), e com celebridades e artistas, que são boicotados e cancelados nas plataformas digitais devido a seus posicionamentos (ou até mesmo não posicionamentos) sobre política. Isso gera uma *polarização afetiva*, termo criado por Shanto Iyengar e seus colaboradores (2019), para mostrar como os afetos, ou seja, uma motivação emocional e não racional, trabalha as identidades dos indivíduos a partir de suas escolhas políticas.

O estudo demonstrou que o cenário da polarização afetiva se completa com o comportamento mais agressivo nas redes sociais, a expectativa de pronta resposta a tudo que é postado, o narcisismo crescente e o desejo de ser identificado pelas causas que o eleitor considera justas, quase todas pautadas pelas máquinas digitais dos atores políticos (NUNES; TRAUMANN, 2023, p. 135).

Essa polarização afetiva sempre presente no universo dos super-heróis, porque os fãs aguerridos das editoras Marvel e DC Comics sempre alimentaram uma história de rivalidades (TUCKER, 2018). Porém, essa arena afetiva dos super-heróis nunca foi tão belicosa nos assuntos do mundo real, fora daquilo que compete às páginas de quadrinhos e das telas de audiovisuais. Ela apenas acontece, afetando a realidade, quando os super-heróis passam a ser utilizados como forma de propaganda e contrapropaganda política em uma forma de comunicação extraoficial, a exemplo dos memes, como foi analisado aqui. Com a calcificação das identidades através da polarização afetiva, o maniqueísmo das narrativas de super-heróis nunca esteve tão próximo de se concretizar, ao menos nos raciocínios emocionados e radicalizados daqueles que produzem memes como os aqui analisados.

Trevisan (2021, p. 287) argumenta que a História aponta como resultado de movimentos como o trumpismo e o bolsonarismo, baseados numa retórica masculinista, um previsível beco sem saída. Isso porque lidam com expectativas de masculinidade e ideais de virilidade que são cada vez mais elevados e sobrepostos, causando, em termos semióticos, um superaquecimento do sistema. Com o não-cumprimento dessas demandas no cotidiano, depreende-se um negacionismo da realidade que gera uma psicose coletiva.

Esses movimentos vão sofrendo, então, um esvaziamento de sentido e de apoiadores. Após a derrota nas eleições de 2022, Bolsonaro fugiu para os Estados Unidos com receio de ser aprisionado. Ao mesmo tempo que os bolsonaristas, acampados em quartéis, representando os “verdadeiros patriotas” e heróis, tentaram desferir um golpe de Estado no Brasil em 8 de janeiro de 2023. Este golpe, relacionado ao poderio militar das Forças Armadas e ao discurso heróico de salvar o país, fracassou. Seus executores e planejadores foram condenados e presos, mostrando não o heroísmo altruísta, mas uma covardia derrotada.

Em 1º de novembro de 2023, o Tribunal Superior Eleitoral declarou Jair Bolsonaro inelegível pela segunda vez, sem poder disputar eleições até 2030. A decisão foi tomada em razão do abuso do poder político durante os atos em comemoração à Independência do Brasil. Esse veredito se junta à declaração de inelegibilidade de Bolsonaro e Braga Netto em 30 de junho de 2023, também em decorrência de abuso de poder e uso indevido dos meios de comunicação, ao disseminar mentiras e desinformação (VIVAS, 2023).

Os atos públicos relacionados com o bolsonarismo em 15 novembro de 2023 mostraram-se muito menores do que quando o movimento estava em seu auge, com 100 pessoas reunidas no vão livre do MASP, em São Paulo (ALVES, 2023). O dia 8 de janeiro de 2024 marcou o aniversário do golpe bolsonarista à democracia. Os atos em favor da democracia tiveram apoio de grande parte da classe política, com exceção dos governadores bolsonaristas e do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira.

Por mais que Jair Bolsonaro tenha sido condenado pelo TSE como duplamente inelegível e perdido capital político, ainda servirá como um cabo eleitoral bastante significativo para as eleições municipais de outubro de 2024. Por outro lado, as investigações da ABIN Paralela vêm revelando mais e mais interferência da família Bolsonaro na liberdade dos cidadãos brasileiros.

Enquanto isso, em entrevista para um canal de YouTube de Portugal, Jair Bolsonaro afirma que sob Lula, o Brasil vive uma ditadura em que todos temem usar o celular (UOL, 2024). Mesmo assim, em agosto de 2022, Bolsonaro repetiu o lema de Antonio Salazar, ditador português, em frente ao coração preservado de D. Pedro I: “Deus, pátria e família” (AMATO, 2022).

Ainda existem sinais da articulação deste discurso com outros cenários de vitória da extrema direita no mundo, como a eleição de Javier Milei na Argentina e a ascensão de outros movimentos da *alt-right* nas Américas e na Europa, principalmente se Donald Trump vencer as próximas eleições nos Estados Unidos. As forças centrípetas do bolsonarismo estão longe de serem apaziguadas e de perderem sua importância, contudo, muitos fatos estão sendo

investigados sobre o mandato de Jair Bolsonaro na presidência e muito ainda está para ser descoberto acerca de suas práticas enquanto esteve no governo do Brasil. No capítulo a seguir, parto para a explicação da proposta metodológica, dos objetos de análise, e das formas quantitativas e qualitativas de pesquisa que providenciarão a materialidade para as teorias apresentadas até então.

## 7 METODOLOGIA E ANÁLISE

*Viver é afinar  
um instrumento  
de dentro pra fora  
de fora pra dentro  
a toda a hora  
a todo momento  
de dentro pra fora  
de fora pra dentro*

**Leila Pinheiro - Serra do Luar / Música Incidental: Coração Tranquilo (1991)**

Neste capítulo, detalho a metodologia utilizada nesta pesquisa para interpretar os sentidos de masculinidades promovidos pelas imagens de super-heróis utilizadas pelo bolsonarismo. Emprego uma abordagem transdisciplinar a partir da memética e da semiótica da cultura. A abordagem memética enfatiza os aspectos de adesão e remixabilidade típicos dos memes, enquanto a semiótica da cultura examina movimentos dos sentidos através das semiosferas e dos diversos níveis de diferentes semiosferas. Os memes escolhidos para este estudo são imagens que justapõem sentidos de super-heroísmo, bolsonarismo e masculinismo. Em minha análise, abordarei nestes três núcleos de sentido, encaixados como na metáfora lotmaniana das semiosferas tal bonecas russas.

Ao analisar um meme, pode ser difícil precisar sua autoria, sua data de criação e seu local de origem, como visto no capítulo sobre a memética. Mesmo utilizando um mecanismo de busca reversa por imagens, como o *TinEye*<sup>68</sup>, nem sempre os resultados são precisos. Isso acontece porque muitas dessas imagens são compartilhadas *a priori* em mensagens privadas em aplicativos próprios para tais fins como *WhatsApp*, *Messenger* e *Telegram*, e depois passam a circular mais ostensivamente na rede mundial de computadores, seja através de plataformas sociais ou de sites de diversas procedências e tipos de conteúdo.

Os procedimentos de coleta das imagens analisadas nesta pesquisa são detalhados na seção 7.2. As figuras selecionadas mostram políticos e outras figuras públicas relacionados ao bolsonarismo combinados com corpos ou atributos visuais de super-heróis. O foco deste trabalho são conteúdos visuais relacionados com o bolsonarismo e com masculinidades, que são analisados em maior profundidade. Além deles, registrei a presença de memes de super-heróis relacionados a políticos que não se alinham ao bolsonarismo. Esses artefatos digitais

---

<sup>68</sup> *TinEye* é um mecanismo de busca de imagens reversas desenvolvido e oferecido pela Idée, Inc., uma empresa sediada em Toronto, no Canadá. É o primeiro mecanismo de pesquisa de imagens na *web* a usar a tecnologia de identificação de imagens em vez de palavras-chave, metadados ou marcas d'água. As imagens podem ser subidas no site ou seu link pode ser incluído no mecanismo de busca. O endereço eletrônico do mecanismo é <https://tineye.com/>. Acesso em: 08 jun. 2022.

foram incluídos no corpus para análise quantitativa de modo a permitir uma descrição mais completa do cenário de apropriação da imagética super-heróica na política, e da proporção ocupada pelo bolsonarismo nesse circuito.

Assim, o *corpus* da pesquisa é formado por 400 imagens com diferentes montagens relacionando elementos do super-heroísmo com os da política brasileira. É preciso definir que, dentro do escopo desta pesquisa, associações de super-heróis com sentidos antipetistas e anticomunistas nas redes sociais começaram ainda durante as repercussões do escândalo do mensalão em 2005<sup>69</sup>. Portanto, sementes do bolsonarismo já estavam sendo preparadas em uma época em que Bolsonaro exercia seu quarto mandato como deputado federal pelo Rio de Janeiro, mesmo com sua ausência no centro dessas articulações.

O universo desta pesquisa inclui memes colhidos na internet que tragam políticos de grande projeção no contexto brasileiro, relacionados, de alguma forma, com personagens ou situações que denotem hipermasculinidade, principalmente figuras super-heróicas. A amostra manteve o foco na relação entre esses conteúdos e políticos bolsonaristas, ainda que memes com indivíduos de outras orientações político-partidárias tenham sido agregados numa primeira fase para traçar um panorama mais amplo do fenômeno semiótico.

Utilizei, primeiramente, uma análise de conteúdo quantitativa para caracterizar a amostra em termos de: personagens (fictícios e da política nacional); sentidos de exercício de masculinidades de dominação; caracterização da inclinação heroica do bolsonarismo; presença ou ausência de textos; repetição de estruturas; tom do conteúdo dos memes; e acontecimentos aos quais os memes se referem.

Na sequência, conduzi a análise qualitativa de memes que representam tendências ou casos especiais dentro da amostra. Esse procedimento dá conta das territorialidades semióticas, conceitos que estipulei na próxima seção deste capítulo. Durante a qualificação, foram definidas outras fases de análises, contudo, dado o número de memes colhidos e de espaço e tempo destinados para a confecção desta tese, optei por trabalhar na parte quantitativa dos memes e em uma análise semiótica da cultura destas movimentações na semiosfera.

Priorizei na análise qualitativa os memes que apresentam figuras do bolsonarismo, para decifrar as territorialidades semióticas envolvidas na produção e circulação dos memes encontrados.

---

<sup>69</sup> Essas imagens, portanto, podem ter circulado em diferentes plataformas digitais que foram populares no Brasil nas últimas duas décadas, como: MSN Messenger (1999), Orkut (2004), Facebook (2004), Twitter/X (2006), Tumblr (2007), WhatsApp (2009), Instagram (2010) e Telegram (2013). Além disso, esses conteúdos puderam ser encontrados em blogs hospedados por sites como Blogspot e Wordpress.

Utilizei como critérios de seleção personagens do bolsonarismo, categorizados como Bolsonaro ao lado de outra figura ou como protagonista, aliados do ex-presidente, excetuando-se as equipes de super-heróis chegando a um total de 239 memes para analisar com o uso de um protocolo das territorialidades semióticas, apresentado na seção 7.1, a seguir.

## 7.1 TERRITORIALIDADES SEMIÓTICAS

A noção de territorialidades semióticas emerge através de pesquisas no Laboratório de Investigação do Cibercontecimento (LIC), a partir de apropriações do conceito de semiosfera, de Iuri Lotman (1996) para se pensar situações concretas no ambiente das plataformas e redes digitais (HENN; FLÔRES, 2020; GONZATTI, 2022). A intenção desta seção é o de ampliar o conceito e suas possibilidades, bem como apresentar uma proposta metodológica para esta tese.

Os territórios culturais são habitados por significados culturais que conferem uma identidade e um pertencimento àqueles que os acionam. A cultura, segundo Lotman (1990) é um trabalho da memória, até mesmo se confundindo com ela. Essa memória constitui-se num âmbito coletivo, que aciona sentidos tanto de identidade, como de pertencimento. Sendo assim, poderíamos falar de territórios da memória, ao mesmo tempo que tratamos dos territórios da cultura, abarcando nestas duas expressões dimensões espaço-temporais do sentido. Questões de identidade e pertencimento envolvem também dinâmicas de poder e de disputas de sentidos de culturas, memórias e identidades coletivas, como por exemplo aquelas que tangem às nacionalidades, aos gêneros, às classes, às faixas etárias e outros marcadores sociais.

Conforme Lotman (1996), uma das características definidoras da semiosfera é seu caráter delimitador, acionado a partir de um esforço homogeneizador e semioses presentes em seu espaço, operação marcada por tensões. Nessa direção, percebemos a territorialidade de certos sentidos que pertencem ao centro ou à periferia, ou de elementos que pertençam ou não à uma cultura ou a uma dada semiosfera. As fronteiras, no entanto, geram fluxos de permeabilidade e traduzibilidade, na medida em que a cultura, nessa perspectiva, não é homogênea, mas sim um intercâmbio constante de sentidos.

Acima de tudo no que tange à territorialização, Lotman (1996) acredita que o modelo estrutural do espaço conduz todas as atividades humanas, desde as classificações entre “próprio” e “alheio”, incluindo aquilo que é “culto” ou “inculto (caótico)”. Essa divisão territorial de sentidos, ganha eco quando Lotman afirma que “o espaço da cultura pode ser definido como espaço de uma certa memória comum, ou seja, um espaço dentro de cujos limites alguns textos comuns podem ser conservados e atualizados” (Lotman, 1996, p. 109).

Em um texto de prefácio para a última obra de Iuri Lotman, Mikhail Lotman (2021) define a semiótica e, mais especificamente a Semiótica da Cultura como uma ferramenta capaz de investigar a intencionalidade e os regimes da verdade de um texto, uma vez que todas as fontes deformam a realidade, mas essa definição não quer dizer que elas não possam definir a realidade. A memória, elemento essencial para este tipo de análise semiótica, é a responsável pela ausência de neutralidade e a presença da intencionalidade desses textos. Portanto, todos os textos são transformadores semióticos ativos. A realidade de um texto deve, portanto, ser extraída através de uma análise semiótica, que faz parte do trabalho de um estudioso de humanidades imbuído da tarefa de decifrar e reconstruir os textos culturais por ele analisados.

Entender o pertencimento de um sentido, ou seja, o território em que ele atua, é parte do processo de análise semiótica. Em um trabalho semiótico marcado por dicotomias como as partes centrais e periféricas da semiosfera, mapear esse território e os movimentos que os sentidos desenvolvem neles parece ser um movimento natural para aqueles que se apropriam da Semiótica da Cultura como ferramenta de análise. Para atingir esse objetivo, buscou-se conceitos e aportes da Geografia sobre suas definições e dinâmicas envolvendo territorialização e territorialidade para desenvolver esta metodologia. Segundo Demétrio Magnoli (1997), uma “metafísica do território”, que era marcada pelos sentidos atribuídos a esse espaço pelos seus habitantes e também por habitantes de outros territórios, foi desenvolvida graças ao trabalho ideológico dos geógrafos. A história nacional e a identidade nacional também seriam consequências da produção de sentidos sobre o território. Portanto, a Geografia também é uma operação semiótica que traz a linguagem para os espaços habitados pelo ser humano e que transforma o espaço em lugar ao lhe atribuir sentidos.

A definição de territórios está ligada ao estabelecimento de relações de poder porque “é o espaço dominado, portanto submetido, que tenta modificar e apropriar a imaginação” (LEFEBVRE, 1986, p. 49).

O espaço é para nós a expressão das nossas possibilidades coletivas: simboliza o poder do homem, é ao mesmo tempo o signo e o instrumento de uma capacidade infinita. O espaço, reenvia-nos, a cada instante, a imagem do poder, do poder nu, portanto formal e vazio, também (LEDRUT, 1990, p. 113).

Já o filósofo Byung-Chul Han (2017) entende que as relações entre poder e espaço são intrínsecas a ponto de nossa percepção de uma figura poderosa ser aquela que mais ganha ou possui espaços, sejam eles conceituais ou visuais. Não obstante, as pessoas mais famosas, mais influentes e, por isso, poderosas, são aquelas que conquistam mais espaço na mídia. Elas não são especialistas em conquistar e reformar territórios, mas em conquistar atenção, desenvolver

sentidos e informações que carregam a semiosfera. Han explica que espaços de poder são espaços de linguagem, e completa dizendo que “quem quiser destruir um espaço de poder, tem de desnudá-lo e privá-lo principalmente de sua linguagem” (HAN, 2017, p. 149).

Essa é uma estratégia desenvolvida pela extrema direita ao privar seus adversários da linguagem das plataformas digitais e dos memes, aqui estudados. Contudo, mais que conquistar o espaço de poder, a extrema direita faz essa tomada de espaço de forma violenta. Han (2017, p. 149) diferencia poder e violência estabelecendo que “o poder institui a medida, a violência é sem medida. Assim, violento é tudo que ultrapassa a medida instituída”. A violência da extrema direita se manifesta como uma violência sistêmica, que hipercomunica, que extrapola seus próprios espaços. “Ela se manifesta como exagero e desproporção, como excesso, exuberância e exaustão, como superprodução, superacumulação, supercomunicação e superinformação. E em virtude de sua positividade não é percebida como violência” (HAN, 2017, p. 169). Dentro da semiosfera essa superprodução de sentidos e superacumulação de informações supera quece os sistemas, que se tornam convolutos. Isso acontece em um sistema fechado, como o de uma política centralizadora e estanque como aquela promovida pelo bolsonarismo.

Lotman (2001) já havia estipulado as explosões na semiosfera como geradoras de novos paradigmas, e Rosário e Aguiar (2014), desenvolveram o conceito de implosão midiática. Neste último, acontece uma explosão controlada de sentidos, que podem gerar irregularidades e novos direcionamentos, dentro de um plano estipulado previamente. Diferente das explosões semióticas, nesta última é possível não apenas prever e controlar a implosão semiótica, como a mesma pode ser anunciada e alardeada. Han estabelece a diferença entre a violência explosiva e a violência implosiva:

Essa violência implosiva distingue-se da violência explosiva, que se expande como a violência da guerra clássica e vai conquistando novos espaços. A violência explosiva exerce pressão para fora; na violência implosiva, por falta de um fora, a pressão é exercida para dentro. No interior, ela gera tensões e rejeições destrutivas que provocam a implosão do sistema (HAN, 2017, p. 246).

As políticas de extrema direita que miram mais em um inimigo interno, vítima de seus ressentimentos, pretendem ser antissistemáticas. De fato, tais táticas e estratégias de poder desestabilizam o sistema, rompem as medidas estabelecidas e geram um tipo de violência que, quanto mais praticada, mais alardeada, mais sentimento e simulação de poder confere a quem a executa.

Portanto, entender as dinâmicas de poder que projetam e originam os movimentos que os elementos da cultura fazem do centro à periferia e vice-versa, estabilizando ou

desestabilizando territórios de sentido, é uma percepção que se faz necessária para o estudo da cultura a partir da perspectiva de Lotman. Ao compreender quais ferramentas são usadas para fixar ou expurgar de sentido um território cultural podemos esclarecer táticas de poder e de evolução cultural, bem como elucidar como o poder influencia na cultura e como a cultura mobiliza o poder.

Portanto, a formação de territórios semióticos envolve também o desenvolvimento de relações de poder que vão formar elementos culturais que modelizam o sujeito e o coletivo através de mecanismos mnemônicos. Essas relações de poder têm origem no desejo, que produz uma intencionalidade e, portanto, instabilidades, assimetrias e imprevisibilidades no sistema cultural e nas relações entre elementos centrais e periféricos da esfera semiótica.

Tal como na cultura, na geografia um território é definido a partir de relações de poder. É a partir destas relações que os contornos e as organizações de um território se estabelecerão, serão elas que definirão os territórios e as territorialidades. “O território [...] é a cena do poder e o lugar de todas as relações” (RAFFESTIN, 1993, p. 58). Marcelo Lopes de Souza (2021) entende o território como uma projeção espacial de uma relação de poder e, mais do que isso, como uma relação social diretamente espacializada.

A tradução é outro dos conceitos fundamentais da Semiótica da Cultura de Iuri Lotman, que corrobora seus estudos sobre o poder que emana do centro da semiosfera e as trocas semióticas que este desenvolve com sua periferia. No caso das territorialidades semióticas, a tradução é a ação que colocará as semioses em movimento e em produção, desenvolvendo assim deslocamentos território-semióticos, que ajudarão a entender a prática da nossa análise. É na tradução que reside a criação segundo Lotman (1990, p. 143), pois “o ato elementar do pensamento é a tradução”, ao passo que, como declarado antes, “o mecanismo elementar da tradução é o diálogo”. Dessa forma, o desenvolvimento de novos territórios, bem como seu abandono e seu retorno a eles, são formas de traduções intersemióticas.

Dentro das territorialidades semióticas os estágios da tradução, estabelecidos por Hartley (2020) e citados na página 83, acionam e definem os movimentos território-semióticos principalmente sob a óptica de Jean Gottman e Claude Raffestin. Este último autor também trabalha com o conceito do que denomina *processo TDR*, uma sigla para o processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, em consonância com Deleuze e Guattari (2010). Nessa direção, Guattari e Rolnik (1983, p. 323) entendem que “o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir”. Adicionam que a humanidade está engajada em diversos processos contínuos de desterritorialização. Poderíamos dizer que a globalização, a digitalização e a plataformização

fazem parte desse processo, ao mesmo tempo em que outro movimento se sucede, a reterritorialização, que parte da recomposição de um espaço desterritorializado. Para Guattari e Rolnik, o capitalismo é um bom exemplo de reterritorialização porque tenta absorver, “recapturar” e controlar todos os espaços sem dono ou que deixaram de exercer poder ou influência sobre a sociedade em seu benefício.

Conforme Homi K. Bhabha (1998, p. 19), “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, [...] é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”. Ao que tange à semiótica, poderíamos dizer que a fronteira é o ponto onde algo começa a fazer sentido. As fronteiras culturais são permeáveis, por mais que a atitude dominante em sua abordagem seja a de classificar objetos culturais em categorias excludentes. A partir de Frederick Jackson Turner, a fronteira pode ser entendida sob duas perspectivas: “como uma divisão política e administrativa propriamente dita (*border*), e a outra, como a ideia de conquista e expansão (*frontier*), que se apresenta em movimento, ou seja, existe um espaço a ser explorado” (LEITE; BALLER, 2019, p. 316).

A tese da fronteira de Turner, é também uma história de origem: é na fronteira que os europeus se tornam estadunidenses. Portanto é na fronteira que os sentidos são criados e/ou se transformam. Contudo, para que estabeleçamos a ideia de um território é preciso que esse espaço seja delimitado e rodeado por limites, que dentro da concepção atual e dos conceitos semióticos lotmanianos são definidos pelo nome de fronteiras. As fronteiras são uma noção semiótica, porque

Na medida em que o dispositivo simbólico não pode “funcionar” sem a noção de descontínuo, sem a noção de um limite, na medida igualmente em que toda organização espacial requer a descontinuidade, requer uso e jogo dos limites, propomos considerar a delimitação como um elemento fundamental na constituição e representação dos sistemas espaciais das sociedades (PAUL-LÉVY; SEGAUD, 1983, p. 35).

A fronteira se tornou “um sinal quando o Estado moderno atingiu um controle territorial ‘absoluto’ e tornou unívoca a mensagem fronteira = limite. Para aí chegar, foi preciso que se realizasse toda uma série de condições específicas, dentre as quais a linearização da fronteira seja a mais importante” (RAFFESTIN, 1993, p. 166). Para Magnoli (1997) a noção francesa de fronteiras naturais foi colonizada pela ideologia alemã de espaço vital, que justificava as conquistas e expansões territoriais.

Para dar corpo à potência do pensamento lotmaniano para fundamentar o conceito de territorialidade semiótica, é necessário o cotejamento com perspectivas oriundas da geografia. Tal como se pode pensar no âmbito da cultura, na geografia um território é definido a partir de

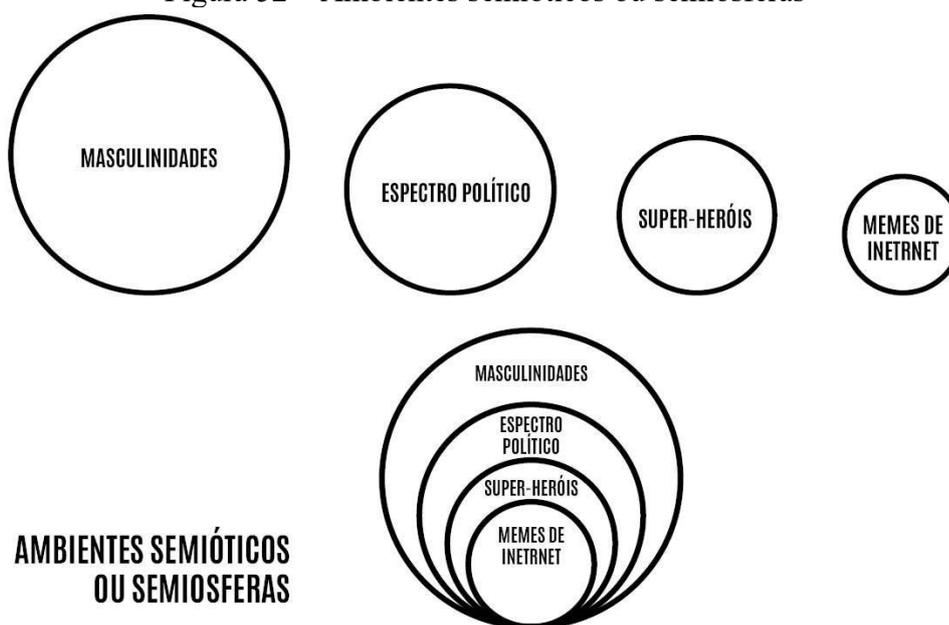
relações de poder. É a partir destas relações que os contornos e as organizações de um território se estabelecerão, serão elas que definirão os territórios e as territorialidades. (RAFFESTIN, 1993). Já a territorialidade, especificamente, efetua-se através de relações sociais, identidade espacial, pelo senso de exclusividade e pela compartimentação da interação do ser humano no espaço, em desencadeamento relacional e multidimensional (SAQUET, 2020). Além disso, “o território é uma construção coletiva e multidimensional, com múltiplas territorialidades (poderes, comportamentos, ações)” (SAQUET, 2020, p. 125).

Em convergência à espacialidade dos sentidos, Jean Gottman (2005) assume que os territórios possuem diferentes significados durante sua história, de acordo com a sociedade e a política. Ele também reconhece a existência de centros e periferias, de desigualdades e centralidades, principalmente na contemporaneidade, quando as redes de circulação e comunicação facilitam mudanças políticas e econômicas. Existiria, atualmente, uma tendência para que estruturas mais abertas e flexíveis de territórios tomem protagonismo em decorrência da mundialização do capital.

Claude Raffestin (1993) chama atenção para a produção de território, que em muito pode interessar ao campo da semiótica. Ao produzir um território, se produzem também sentidos de poder que asseguram o controle das pessoas e das coisas, tendo implicações econômicas, políticas, sociais e, obviamente, culturais. Nessa perspectiva, a territorialidade é compreendida como relacional e dinâmica, variando no tempo e no espaço com um caráter ligado aos mundos do real, das sensações e da representação.

Antes de definirmos os territórios, entretanto, precisamos voltar um nível e entender que ambientes, ou seja, que semiosferas, estamos abordando. Conforme Marcelo Lopes de Souza (2021), ambiente seria a dimensão do espaço geográfico que remete às “esferas” da vida na terra, mais que uma camada que nos reveste, também é aquilo que nos faz e que nós fazemos. Neste método de análise, escolhemos arbitrariamente o ambiente semiótico que desejamos estudar, cuja combinação de ambientes fará parte do universo desta pesquisa. Poderiam ser ambientes político-partidários, ideológicos, de sexo e gênero, de mídias, de plataformas digitais, de gêneros de música, do cinema ou da literatura, entre os mais diversos universos culturais. Esta metodologia também pode ser utilizada para pensar como identidades são produzidas e desconstruídas. Em seguida, passamos para a identificação dos territórios presentes nesses ambientes, que desenvolvem suas fronteiras conceituais e de sentido. Souza (2021, p. 38) frisa que “o ambiente nos sugere a conexão entre ideias de espaço e natureza, ao passo que o território nos guia para o domínio das relações de espaço e poder”.

Figura 52 – Ambientes semióticos ou semiosferas



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A prática territorial é baseada em um mecanismo imaginativo que primariamente identifica relações binárias de pertencimento e não-pertencimento, entre estabelecidos e *outsiders*, que remontam às relações entre centro e periferia das semiosferas de Lotman. O *reconhecimento de um território* como de posse, ou seja, o respeito pelo poder daquele ou daquilo que o possui também é uma das definições de prática territorial. Esse reconhecimento dá origem a movimentos de hegemonia, controle e resistência. Por último, mas não menos importante, a *expressão da territorialidade*, ou seja, a comunicação dos sentidos relacionados a esse território, bem como sua nomeação oficial ou informal por determinados segmentos da sociedade também faz parte das práticas aplicadas na emergência de um território. É dentro da prática territorial que as territorialidades semióticas se relacionam com as leis judiciais.

A análise da cultura por meio de noções geográficas pode ser enriquecida com o uso dos conceitos de Guntram Herb (2004) de *diferenciação territorial* e de *vínculo territorial*. A *diferenciação territorial* se refere ao processo em que uma entidade territorial limitada é produzida através da exclusão de um território e das pessoas relacionadas com ele. Por sua vez, o *vínculo territorial* diz respeito às localidades dentro das fronteiras e dos processos que fazem emergir conexões emocionais entre as pessoas que fazem parte delas em relação ao seu território. Todos esses conceitos e os conceitos originários da geografia utilizados neste artigo devem ser pensados além de suas noções geográficas para um nível cultural de análise.

Figura 53 – Quadro inóptico da Análise de Territorialidades Semióticas

## ETAPAS DA ANÁLISE DAS TERRITORIALIDADES SEMIÓTICAS UTILIZADAS NESTA TESE

1. Escolha arbitrária de um ambiente

2. Classificação do processo territorial:

DIFERENCIAÇÃO TERRITORIAL

VÍNCULO TERRITORIAL

3. Descrição das práticas territoriais:

RELAÇÕES CENTRO-PERIFERIA

RECONHECIMENTO TERRITORIAL

EXPRESSION DA TERRITORIALIDADE

4. Definição do processo TDR:

DESTERRITORIALIZAÇÃO

RETERRITORIALIZAÇÃO

TERRITORIALIZAÇÃO

5. Localização no tempo dos processos de tradução cultural:

a) ESTRANHAMENTO

b) TRANSFORMAÇÃO

c) ABSTRAÇÃO

d) PRODUTIVIDADE

e) TRANSMISSÃO

Fonte: Elaborado pelo autor.

O acionamento de uma metodologia que leve em conta as territorialidades semióticas pode auxiliar na descoberta ou na revelação das dinâmicas de poder que envolvem a camada de sentido das sociedades humanas, a semiosfera. Identificar tais movimentos não contribui apenas para desvendar o funcionamento da cultura, mas do próprio arranjo social e das mecânicas que fundamentam nossa produção de memória e, por conseguinte, de sentidos.

### 7.2 CARACTERIZAÇÃO DOS MEMES COLHIDOS

Desde o segundo semestre de 2020 venho colhendo na internet através de buscas pelos termos “super-herói + bolsonaro” no Google, no Twitter e no Facebook memes que representem de alguma forma as temáticas observadas nesta pesquisa. Também foram importantes os memes encontrados em espaços específicos da internet como o perfil do X, antigo Twitter, @brunalab<sup>70</sup>, as fanpages do Facebook Cirão Carioca<sup>71</sup> e João Amoêdo Zueiro<sup>72</sup>, e o site Ifunny<sup>73</sup>. As buscas sempre foram realizadas através de navegação anônima. A coleta de memes

<sup>70</sup> Conta do X/Twitter do professor de Ecologia Tropical e Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida, Emilio M. Bruna, que elencou em um fio diversos memes relacionando super-heróis e Bolsonaro.

<sup>71</sup> Fanpage dedicada a divulgação de memes relacionados ao político Ciro Gomes, que foi candidato à presidência da República nos pleitos de 1998, 2002, 2018 e 2022.

<sup>72</sup> Fanpage dedicada à divulgação de memes da candidatura de João Amoêdo à presidência em 2018. A página foi desativada em 2023.

<sup>73</sup> Site criado no Chipre que agrega memes de diversas procedências e conteúdos em forma de imagens, vídeos e GIFs animados. Sua versão mobile também permite a criação de memes.

foi encerrada em primeiro de abril de 2023. Não foram utilizados softwares específicos de pesquisa de redes sociais, apenas mecanismos de busca reversa de imagens. O inventário completo dos memes levantados nesta pesquisa é apresentado como Apêndice A<sup>74</sup>. Ele apresenta todas as categorizações estabelecidas para cada meme colhido neste trabalho.

Para fins comparativos procurei entender quais eram os vinte super-heróis mais procurados em mecanismos de busca do Brasil. O resultado segundo a ferramenta gratuita de palavras-chave do *Wordstream*, um serviço de melhoria de SEO<sup>75</sup>, foi o que pode ser conferido na figura anterior.

---

<sup>74</sup> Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1jbq3GQAOTu769kLGVTGnxKXrU6qMGTQBICr12BmevU0/edit?usp=sharing>. Acesso em: 10 mar. 2024.

<sup>75</sup>SEO (*Search Engine Optimization*), em português, otimização de mecanismos de busca, é um conjunto de técnicas usadas para alcançar posicionamento privilegiado de sites em mecanismos de busca como o Google e outros buscadores, gerando tráfego orgânico.

Figura 54 – Super-heróis mais procurados em mecanismos de busca na internet no Brasil



Fonte: Wordstream Free Keyword Tool<sup>76</sup>.

A definição de super-heróis dentro desta seleção se amplia, carregando esses sentidos para outros personagens da cultura pop e até mesmo para muitas exibições de hipermasculinidade. Acabaram sendo incluídos personagens como James Bond, Indiana Jones, Luke Skywalker, Darth Vader, Johnny Bravo, Rambo e Exterminador do Futuro, entre outros, que também denotam virilidade exacerbada. Susan Jeffords (1994) e Douglas Kellner (2001) justificam a ascensão de personagens hipervirais a partir da Era Reagan nos Estados Unidos como uma resposta da “paranoia branca masculina” a movimentos como o feminismo. Os sentimentos em torno de frustração com a erosão da ordem patriarcal alimentaram um ciclo de fantasias masculinas de compensação. Os filmes que representavam o apogeu dessas fantasias elencavam atores como Bruce Willis, Arnold Schwarzenegger e Sylvester Stallone, que protagonizaram os filmes *Duro de Matar*; *Exterminador do Futuro* e *Conan, o Bárbaro*; e *Rocky* e *Rambo*, respectivamente.

Grande parte desses personagens paralelos, como alguns super-heróis, representa a paranoia masculina tão presente nos discursos da *alt-right* e do bolsonarismo, em que “o outro”, seja ele alienígena, comunista, governo ou sociedade estrangeira, inteligência artificial constitui o inimigo em um conflito que denota mensagens que buscam “remasculinizar” seu público.

<sup>76</sup> Disponível em: <https://www.wordstream.com/keywords>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Dentro dessa lógica, “a única maneira como os Rockys e Rambos podem obter reconhecimento e auto-afirmação é o exibicionismo violento e agressivo” (KELLNER, 2001, p. 90).

Acerca dessas figuras, Kellner (2001, p. 93) destaca ainda que:

O foco em seus bíceps luzidios, no seu corpo escultural e no físico poderoso apresenta-o como um símbolo sexual masculino, como um emblema da virilidade, que provoca a admiração das mulheres pela força masculina e talvez uma fascinação homoerótica pelo guerreiro masculino. As tomadas de cena em *travelling* e a câmera lenta codificam Rambo como uma força da natureza, que percorre a selva sem esforço, enquanto a música triunfante codifica seus feitos como super-heróicos. Sua regeneração como super-herói é apresentada em tomadas nas quais ele se projeta magicamente para fora da água, purificado e potente, dignificado para vingar e triunfar.

Essa descrição de Rambo poderia muito bem funcionar para todos os personagens que foram usados nos memes desta pesquisa. Não por acaso, Rambo está entre os personagens mais associados ao bolsonarismo. Esses personagens pertencem a uma janela de tempo de popularidade que corresponde aos anos 1980 e 1990. Ela se relaciona com o período da infância e da adolescência dos três primeiros filhos de Jair Bolsonaro, Flávio, Carlos e Eduardo. Esse uso da nostalgia, e da glorificação de décadas passadas, trazem uma personificação dos “bons tempos” e estão relacionadas ao ressentimento destacado no capítulo sobre o bolsonarismo. Também denota a permanência de personagens ligados a uma época em que a cultura de massa era dominante no mundo, em que o neoliberalismo estava em franca ascensão e da transformação dessas figuras em referências utilizadas pela cultura pop.

Na seara das estratégias utilizadas nas composições dos memes, a justaposição de imagens, dando o rosto de políticos a personagens super-heróicos, é o tipo de ferramenta memética mais utilizada. Embora tenham memes que repetem sua fórmula narrativa, como aqueles relacionados aos Power Rangers ou ao Capitão Planeta, a maioria deles se utiliza da remixabilidade para unir elementos antigos (imagens super-heróicas) com elementos novos (rostos de políticos). Também, em alguns casos, se estabelecem dentro de um contexto específico (um acontecimento que dispare os sentidos e a compreensão daquele meme).

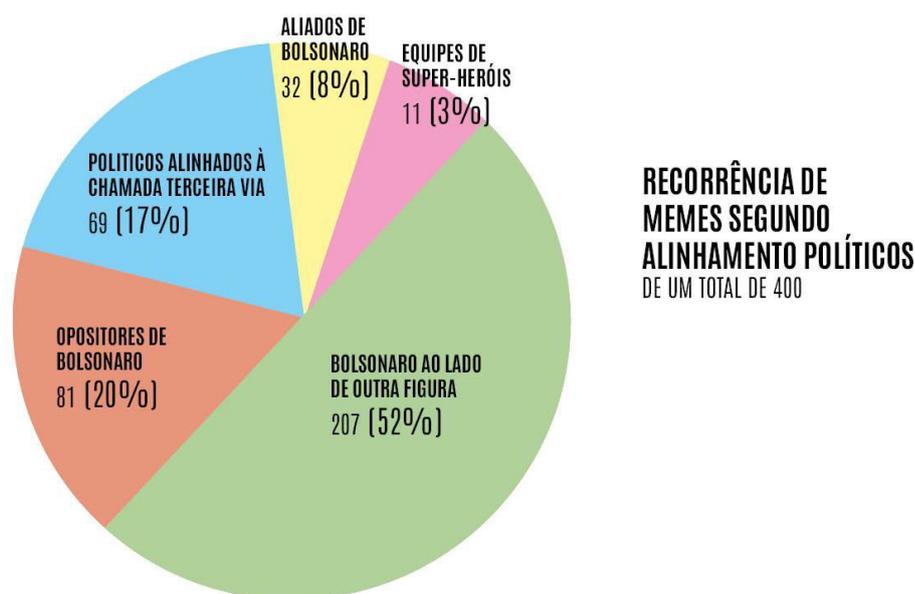
Outro aspecto que foi percebido ao catalogar os personagens associados com políticos foi que não somente a extrema direita cria essa associação, ela está presente também quando relacionada a políticos de esquerda, como Lula, ou da chamada terceira via, como Ciro Gomes e João Amoêdo. Esses políticos tomam emprestado sentidos de potência e vitória, bem como de força masculina, qualidades necessárias aos homens fortes da política segundo o senso comum.

É frequente a figuração do ex-juiz e ex-ministro da Justiça e Segurança Pública do governo Bolsonaro, Sérgio Moro, como super-herói em variados espaços da internet, apesar de que sua atuação na campanha política e no governo Bolsonaro tenha sido oblíqua. Incensado por setores da população e pela mídia em geral como grande responsável pela campanha da Operação Lava-Jato, a princípio, Sergio Moro não estava ligado ao bolsonarismo. Tornou-se parte do governo de Jair Messias Bolsonaro a partir da posse presidencial em janeiro de 2019 e desligou-se de seu cargo em abril de 2020. Também foram incluídas no *corpus* imagens super-heróicas de Luciano Hang, o empresário dono das lojas Havan, associado com o bolsonarismo e conhecido nas plataformas digitais como “veio da Havan”.

### 7.2.1 Análise estrutural dos memes

Inicialmente, categorizei os memes encontrados nos seguintes grupos, conforme os políticos presentes: 1) Bolsonaro como protagonista ou acompanhado de outra figura pública; 2) adversários de Bolsonaro; 3) políticos da “terceira via”; 4) aliados de Bolsonaro em protagonismo; e 5) políticos brasileiros em equipes de super-heróis, sejam eles Bolsonaro e aliados ou opositores. A proporção de cada um desses grupos é representada na Figura 55, a seguir.

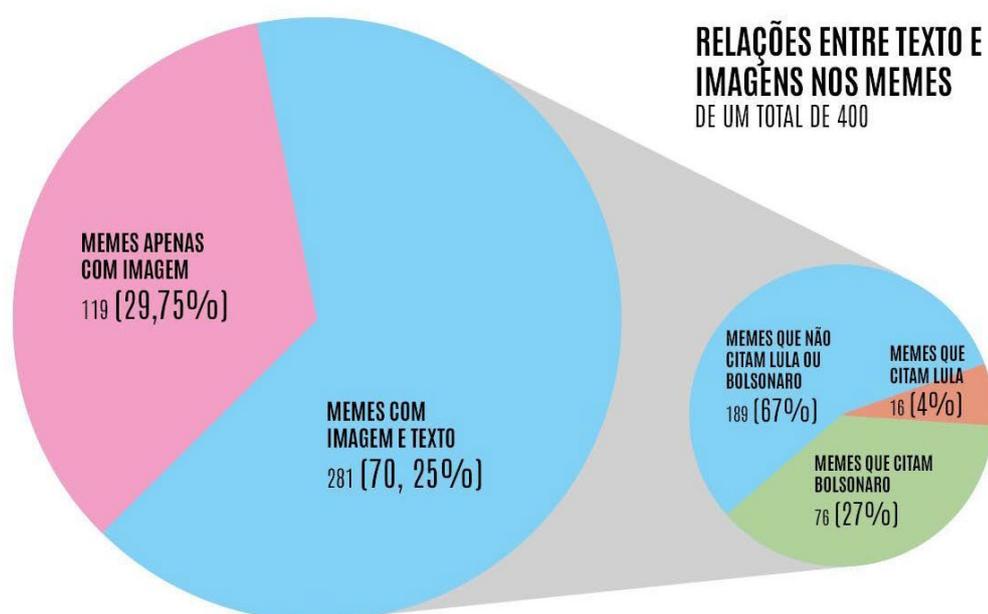
Figura 55 – Recorrência de memes segundo alinhamento político



Fonte: Gráfico desenvolvido pelo autor.

Conforme o gráfico acima, pode-se perceber que a grande maioria (52%) dos memes com figuras super-heróicas apresenta Bolsonaro ao lado de outra pessoa ou personagem. Se formos levar em conta toda a amostra que traz políticos ligados ao bolsonarismo, teríamos um total de 60% dos memes colhidos, ou seja, 239 deles. Isso demonstra que a utilização de memes políticos com sentidos super-heróicos se intensificou com a presença de Bolsonaro como candidato de projeção nacional, apesar de não ser possível definir os autores ou as datas em que estas imagens foram criadas e postadas.

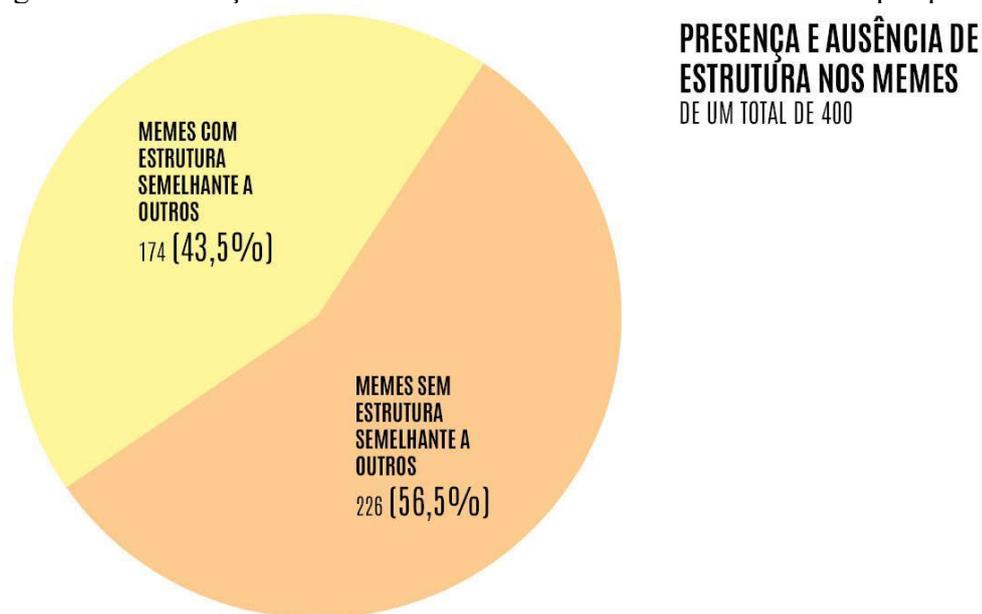
Figura 56 – Relação entre texto e imagens nos memes do universo de pesquisa



Fonte: Gráfico desenvolvido pelo autor.

O gráfico acima demonstra que a grande maioria dos memes deste universo trazem imagens e textos (281 deles, totalizando 70,25%), enquanto que apenas 29,75% deles, ou 119 memes são compostos apenas de imagens. Dentro da amostragem de memes que utilizam textos e imagens, grande parte não cita nem Lula e nem Bolsonaro, mas quando o fazem, é Bolsonaro que é mais citado (27%), quase sete vezes mais que Lula (4%). Nenhum meme apresenta um texto que cita nominalmente Bolsonaro e Lula ao mesmo tempo.

Figura 57 – Presença e ausência de estrutura nos memes do universo pesquisado



Fonte: Gráfico desenvolvido pelo autor.

Quando estabeleço uma ausência de estrutura recorrente, quero deixar clara a diferença entre memes que repetem determinadas fórmulas de apresentação, portanto com estrutura, para aqueles que não seguem definições pré-determinadas ou semelhantes a outro meme já conhecido. Uma das características fundamentais dos memes de internet é trazer alguma semelhança entre estruturas já desenvolvidas, gerando assim, identificação e humor. Contudo, percebe-se que os memes deste universo de pesquisa, em parte maior (56,5%) não se ligam a outros memes, enquanto que uma parte menor (43,5%) mantém a semelhança com imagens de internet prévias. Tal achado de pesquisa denota que a associação e justaposição de imagens de políticos com figuras super-heróicas já é um jogo em si mesmo, constituindo um meme, porque mesmo nas imagens que mantêm recorrência de fórmulas, essa associação também continua repercutindo.

Figura 58 – Exemplo de repetição de estrutura com mudança apenas do personagem



Fonte: Acervo do autor.

Figura 59 – Outro exemplo de repetição de padrões e estrutura nos memes encontrados. Estes, utilizados diretamente por Carlos Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2022



Fonte: Acervo do autor.

## 7.2.2 Análise de conteúdo dos memes

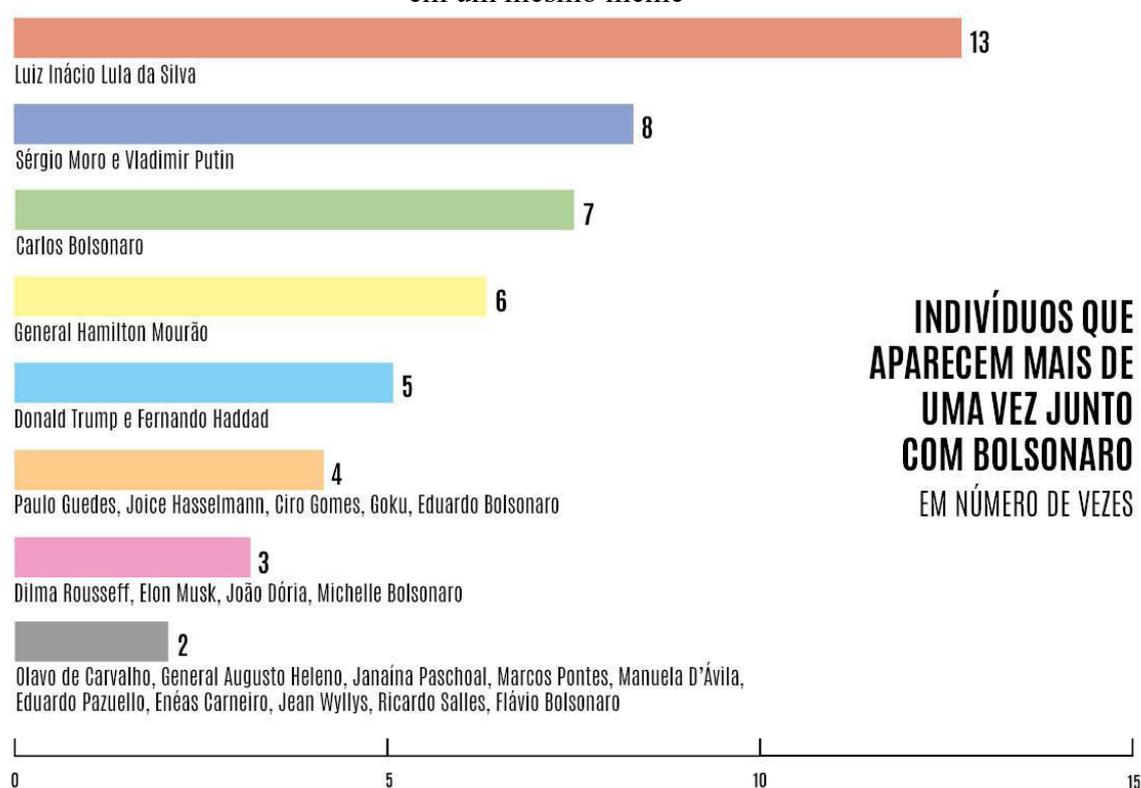
Nesta parte do capítulo, dou ênfase ao procedimento de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) para dar conta da parte qualitativa desta pesquisa, também recorrendo a categorias e à quantificação desses memes. A imagem abaixo demonstra quais são as 15 pessoas públicas que mais aparecem nos 400 memes do inventário. Jair Bolsonaro desponta com 225 memes, seguido por Lula, com 50 imagens e o ex-juiz Sérgio Moro, com 32 aparições. Vale destacar que representantes da Terceira Via ocupam um espaço grande nesse elenco: Alexandre de Moraes, Joaquim Barbosa, Ciro Gomes, João Doria, João Amoêdo e Michel Temer são pessoas públicas que aparecem em um número expressivo de memes. Também chama atenção que a única personalidade internacional que está presente é o presidente da Rússia, Vladimir Putin. A única mulher a constar entre as 15 figuras públicas mais representadas é a ex-presidenta Dilma Rousseff, com 14 memes. Os próprios personagens ficcionais servindo como coadjuvantes de memes também têm destaque. Por fim, temos Luciano Hang, o “veio da Havan” como a única figura pública que não está diretamente ligada à política como um dos 15 mais retratados nos memes.

Figura 60 – Pessoas públicas que mais aparecem nos memes



Por sua vez, a ilustração a seguir explicita quais são as figuras, políticas ou não, que mais aparecem junto com Bolsonaro em memes deste universo de pesquisa. Luiz Inácio Lula da Silva é a pessoa que mais compartilha a presença com Bolsonaro nos memes, sempre em situação de oposição, seja em memes que beneficiam Bolsonaro ou que lhe fazem críticas. Em seguida, os aliados que mais aparecem ao lado de Bolsonaro são Sérgio Moro e Vladimir Putin, ambos com grande associação com figuras super-heróicas e de hipermasculinidade. Mesmo que atualmente, Moro não se perceba mais como aliado de Bolsonaro, seu lastro de associação com o ex-presidente na internet é notório.

Figura 61 – Reincidência de indivíduos que aparecem mais de uma vez junto com Bolsonaro em um mesmo meme



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Aliados mais próximos a Jair Bolsonaro, como seu filho Carlos Bolsonaro e o ex-vice-presidente General Hamilton Mourão, são os próximos da lista, mas mesmo assim, trazem um valor numérico que se aproxima da metade daqueles compartilhados com Lula. Donald Trump que, assim como Putin, também se utiliza de memes hipermasculinos, aparece em quinto lugar junto com o opositor político Fernando Haddad. Outras pessoas ou personagens que aparecem também em memes com Bolsonaro em mais de uma apresentação são Paulo Guedes, Joice Hasselmann, Ciro Gomes, o personagem fictício dos animês e mangás Dragon Ball, Goku, Eduardo Bolsonaro, Dilma Rousseff, Elon Musk, João Dória, Michelle Bolsonaro, General

Augusto Heleno, Janaína Paschoal, Marcos Pontes, Manuela D'Ávila, Eduardo Pazuello, Enéas Carneiro, Jean Wyllys, Ricardo Salles e Flávio Bolsonaro.

Em comparação com o esquema anterior, na Figura 61, esta ilustração revela uma nuance interessante: o ex-vice-presidente General Hamilton Mourão está em destaque no último, mas não aparece no primeiro. Isso revela a força de atração de Bolsonaro sobre algumas figuras que, talvez, por outros motivos, não sustentam o protagonismo em um meme próprio. No caso de Goku, personagem da série de animês e mangás *Dragon Ball*, o supersayajin é personificado como um ser real quando acompanha Bolsonaro em diversos memes, como demonstrado na figura abaixo. Goku é um dos personagens fictícios citados na Figura 62.

A justaposição da imagem de Bolsonaro com a de Goku é arbitrária. Goku é descendente da raça superpoderosa dos saiyajins e é destinado a se tornar um grande guerreiro, um supersayajin. Fora a conexão que os bolsonaristas querem fazer entre poder e força com Goku e Bolsonaro, nada há em comum entre eles. Estão desconectados de qualquer outra relação política ou de nacionalidade. Estabelece uma ligação entre uma figura de desenhos animados com uma da realidade que a princípio pode demonstrar um estranhamento, mas esta linha de comunicação está interessada em ganhar a simpatia do público que se identifica com as produções estreladas por Goku.

Figura 62 - Goku encontra Bolsonaro



Fonte: Acervo do autor.

Também, personagens políticos que não estão mais vivos são utilizados em memes bolsonaristas evocando os sentidos que poderiam provocar, como o sentimento antissistema de Enéas Carneiro, antigo líder do Partido da Renovação Nacional (Prona), como uma bênção a Bolsonaro que representaria o real seguidor de suas ideias e propostas, conforme pode ser verificado na figura abaixo. Eneas está situado em uma imagem em que Bolsonaro é retratado

como um cavaleiro templário carregando uma bandeira do Império brasileiro. Nenhuma dessas referências se relacionam com Enéas, que também é retratado como um Papa, o ordenante mentor do movimento das Cruzadas medievais. Contudo, o impacto que este meme quer causar é um chamado à luta e à cruzada moral.

Já o falecido mentor do bolsonarismo, Olavo de Carvalho, assume um papel semelhante nos memes em que figura, visto também na Figura 63. Olavo é representado como Zordon, personagem de *Power Rangers*, uma franquia nipo-estadunidense de entretenimento<sup>77</sup>. Zordon é o mentor e líder desses *rangers* e também é a fonte do poder que eles compartilham. Zordon e seus poderes estão em outra dimensão. Dentro da mensagem do meme, Olavo empoderava seus seguidores mesmo estando em outro país ou, atualmente, em outro plano de existência. Nesse sentido, a relação com Olavo de Carvalho é patente, uma vez que muitos o consideram a gênese do bolsonarismo, o mentor e guru do movimento. Os filhos de Bolsonaro, principalmente Carlos e Eduardo, foram muito influenciados por ele. Carlos Bolsonaro comenta no meme “agora el(x)s infartam” debochando da linguagem inclusiva e se referindo aos inimigos do bolsonarismo, pessoas que prezam pela diversidade. Nos dois casos procura-se estabelecer uma tradição e uma linha ideológica ao qual o bolsonarismo se filia, reivindicando uma ancestralidade para esse movimento.

Uma das partes importantes desta análise de conteúdo é entender que imagens e símbolos estão presentes nestes memes e que sentidos podem ser associados a eles através delas. O gráfico abaixo explicita essa recorrência. Percebe-se que a bandeira do Brasil é o elemento que mais se repete nos memes, não apenas por estar associada ao bolsonarismo, mas também por representar a nação como um todo. Além disso, a guerra cultural de sentidos relacionados à bandeira do Brasil, que foram sequestrados pelo bolsonarismo, também é uma razão de a bandeira do nosso país se repetir tanto em diversas apresentações de memes. Outro elemento bastante recorrente nos memes são as armas, sejam elas de fogo ou brancas. Denotam a competição, a guerra e a virilidade, já que simbolizam a perfuração e a penetração pelo pênis, além de seu formato de seta e fállico. Também as armas estão associadas ao sistema bélico-militar, algo caro ao bolsonarismo, e também à destruição do inimigo, um dos direcionamentos da política da extrema direita.

Figura 63 – Dois mentores do bolsonarismo: Enéas Carneiro e Olavo de Carvalho.

---

<sup>77</sup> A franquia *Power Rangers* começou em 1993 e em 2024 está em sua vigésima oitava temporada. Ela se utiliza de personagens humanos que se transformam, “morfam”, em *rangers*, ou seja, soldados. Eles lutam contra ameaças alienígenas que envolvem monstros gigantes contra os quais combatem com robôs gigantes, os *zords*, que unidos formam o *MegaZord*.

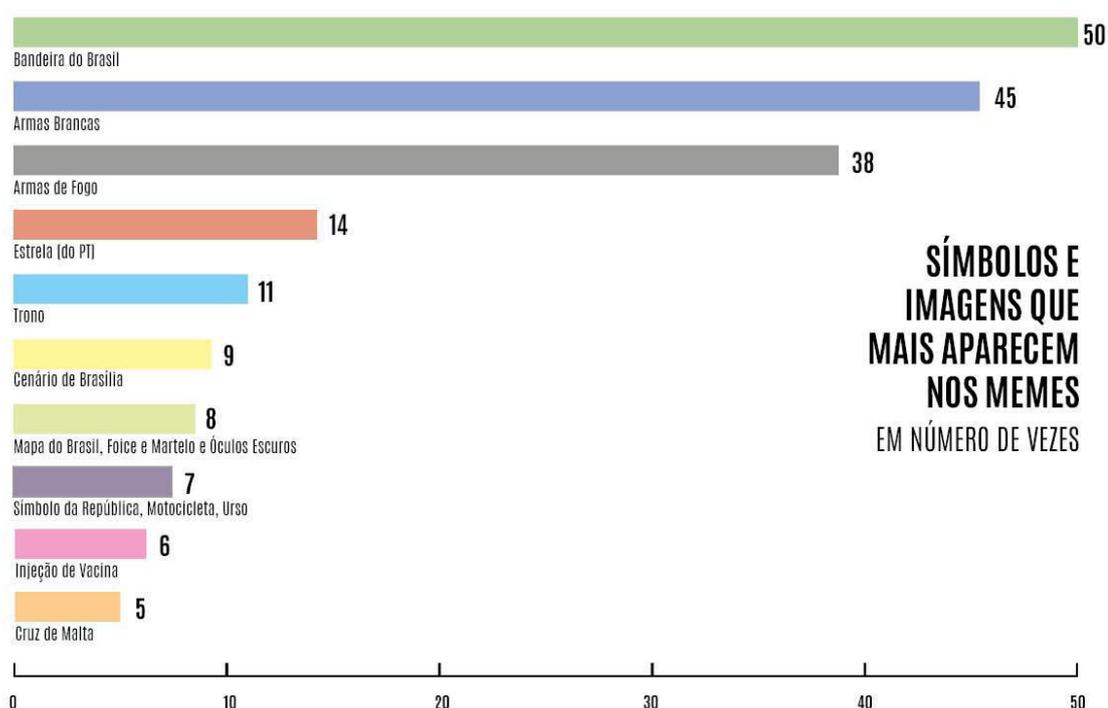


Fonte: Acervo do autor.

Além dessas imagens, surgem com menos intensidade elementos como a estrela do PT, para demarcar aliados e opositores; o trono, associado tanto ao poder quanto a teores monárquicos, já que manifestantes pró-monarquia flertam com o bolsonarismo; o cenário de Brasília e o mapa do Brasil, tem efeito de contextualização, assim como poderia funcionar a bandeira do nosso país, se não tivesse um sentido adicional, que é o ufanismo e fanatismo nacionalista do bolsonarismo; a foice e o martelo também servem como demarcação territorial, separando o que é “nosso” do que é “deles”; os óculos escuros são um símbolo de “coolness”, de status, populares na internet através do meme *Deal With It* (lide com isso, em português), que significa que a pessoa deve aceitar a situação e que não há nada mais que possa ser feito para modificá-la, como a eleição de Bolsonaro em 2018, por exemplo.

Chamam atenção outros símbolos e imagens que aparecem nos memes do universo de pesquisa como a motocicleta e o urso, ligados a sentidos de masculinidade, e a cruz de Malta, que está associada ao cristianismo e às cruzadas. No contexto do bolsonarismo, seus associados acreditam estar em uma cruzada para livrar o Brasil dos inimigos infiéis do movimento.

Figura 64 – Recorrência de símbolos e imagens nos memes do universo de pesquisa



**SÍMBOLOS E  
IMAGENS QUE  
MAIS APARECEM  
NOS MEMES  
EM NÚMERO DE VEZES**

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A Figura 65 a seguir indica os personagens que mais aparecem nos memes do inventário num total. O Superman, o primeiro super-herói e o personagem que concentra em si o significado de um super-herói, é a primeira figura que mais aparece em memes com esse direcionamento. Ele também sintetiza significados como resistência, força e poderes sobrehumanos. Contudo chama atenção que memes com sentidos de hipermasculinidade, como proezas heróicas, músculos aparentes, armas gigantes, entre outros sem necessariamente estarem ligados a figuras super-heroicas aparecem em segundo lugar. Essa presença pode significar que o grande valor dos super-heróis quando associados a políticos se encontra mesmo em sua aparência hipermasculina e não em seus valores como a moral ou a justiça, por exemplo. Prova disso é a presença de personagens à margem da lei e de ética e moral difusa nessa lista, como Coringa, Xerxes, Thanos e Capitão Pátria.

Outra característica do Superman, que é compartilhada com o Capitão América, o terceiro colocado da contagem, é o ultranacionalismo e, apesar do Capitão América ser um símbolo dos Estados Unidos, ele é manipulado digitalmente para se aproximar de outras nações através da troca de cores e símbolos pátrios. Quando usado pelo bolsonarismo, por exemplo, ele assume as cores verde e amarelo e perde a estrela de seu peito, porque poderia ser associada com o PT ou o comunismo.

Figura 65 – Os principais personagens utilizados nos memes em geral

## OS 10 PRINCIPAIS PERSONAGENS RELACIONADOS NOS MEMES EM GERAL



Fonte: Imagem desenvolvida pelo autor.

Super-heróis como o Batman e o Homem de Ferro, podem, em um primeiro olhar, ser a demonstração de como o homem sem poderes sobrehumanos tem potencial para feitos heróicos. Contudo, os dois são, em sua identidade secreta, os homens mais ricos de seu universo de histórias e usam o poder do capital para se equiparar em potência com super-heróis que detenham capacidades sobrenaturais. Devido a sua capa preta, o Batman foi bastante associado aos ministros do Supremo Tribunal Federal, como aconteceu com Joaquim Barbosa, durante o julgamento do Mensalão Petista. Já o Homem de Ferro é mais associado a políticos da Terceira Via, como João Amoêdo e João Dória, não por acaso, ambos são políticos abastados.

Apesar de figurarem entre os super-heróis mais procurados em mecanismos de busca, Homem-Aranha e Batman foram pouco usados nos memes do Bolsonarismo. Isso deve acontecer porque ambos usam máscaras, que fazem parte essencial de seus trajes super-heróicos e, portanto, de reconhecimento desses personagens. Caso um rosto de um aliado de Bolsonaro fosse atrelado a seus corpos, perderia-se elementos intrinsecamente ligados a estes personagens. Formulo a hipótese de que, dessa forma, preferiu-se associar essas figuras públicas a heróis como o Superman e ao Capitão Américas pelos sentidos nacionalistas e de hombridade que produzem.

Figura 66 – Bolsonaro retratado como Rambo e Exterminador do Futuro em memes



Fonte: Acervo do autor.

Como trazido anteriormente, personagens que não se encaixam em uma definição prévia de super-heróis também foram usados em memes políticos. É o caso do Exterminador do Futuro, Rambo, James Bond, Goku, Xerxes e o protagonista do filme *Eu Sou a Lenda*, que aparecem entre as dez primeiras colocações de personagens mais utilizados nos memes. Essa presença tem a ver com o significado de hipermasculinidade ligado a esses personagens, que se aproxima dos super-heróis, mas também tem a ver com aquilo que na memória coletiva e, portanto, na cultura, é pensado contemporaneamente como super-heróis, como explicado na primeira seção deste capítulo.

Por fim, vale acrescentar que a Mulher-Maravilha, a super-heroína mais famosa do mundo, aparece na sétima colocação. Ela é frequentemente associada às figuras femininas do bolsonarismo, como Michelle Bolsonaro, Joice Hasselmann e Janáína Paschoal, por exemplo. A Figura 67, a seguir, apresenta memes em que essas três mulheres são representadas como Mulher-Maravilha. O uniforme da Mulher-Maravilha, assim como o do Capitão América, está associado com a bandeira dos Estados Unidos, tornando-a outro personagem de fácil identificação patriótica, sujeito à manipulação de suas cores e símbolos para sobrepôr a imagética brasileira à estadunidense. No caso do último meme da Figura 67, o rosto de Hasselmann foi aplicado sobre a figura da Mulher-Maravilha e as cores da super-heroína foram alteradas para corresponder às da bandeira nacional. O mesmo procedimento foi utilizado nas combinações de Moro com o Superman e Bolsonaro com o Capitão América. Michelle Bolsonaro também foi comparada com a Capitã Marvel, personagem que foi alvo de diversas

críticas machistas durante o lançamento de seus filmes. Também, Laura Bolsonaro foi comparada com a super-heroína X-23<sup>78</sup>.

Figura 67 – Michelle Bolsonaro, Joice Hasselmann e Janaina Paschoal retratadas como Mulher-Maravilha em memes



Fonte: Montagem feita a partir do inventário do autor.

Por outro lado, figuras femininas de oposição a Bolsonaro, como Dilma Rousseff e Manuela D'Ávila, não aparecem retratadas como Mulher-Maravilha, mas muitas vezes como personagens masculinos também, como é o caso da Dilma Motoqueira, comparada com o Motoqueiro Fantasma.

Desenvolvi um outro recorte sobre os principais personagens que são utilizados por personalidades relacionadas ao bolsonarismo (Figura 68). Neste enfoque, o Superman perde seu posto de primeiro lugar para imagens com sentidos de hipermasculinidade e também para o Capitão América. O uso mais frequente do Capitão América nesse caso tem a ver com a associação a sentidos ultranacionalistas, que podem ser encontrados com mais força no Sentinela da Liberdade do que no Homem de Aço. Contudo, como figuras de proa, Superman e Capitão América, ainda são os dois super-heróis mais usados pelo e no bolsonarismo, devido a seu teor nacionalista e sua relação com o poder físico. Percebe-se também que os personagens interpretados pelos atores fisiculturistas Arnold Schwarzenegger e Sylvester Stallone também se destacam nesta lista, uma vez que os sentidos hipermasculinos os acompanham.

Figura 68 – Os principais personagens ligados a figuras bolsonaristas

<sup>78</sup> X-23 é uma personagem da *Marvel Comics*, criada primeiramente no desenho animado *X-Men Evolution*, e depois inserida nos quadrinhos. Ela é a clone de Wolverine, considerada como sua filha, cujo nome real é Laura Kinney, nome que compartilha com a filha de Jair Bolsonaro.

## OS 10 PRINCIPAIS PERSONAGENS RELACIONADOS A FIGURAS DO BOLSONARISMO



Fonte: Imagem desenvolvida pelo autor.

Na figura 69, a seguir, desenvolvo um recorte mais específico, mirando em Jair Bolsonaro, revela que os cinco primeiros colocados deste placar não mudam se comparado à figura anterior, seja porque Jair Bolsonaro é a grande figura deste movimento, mas também porque as intenções e sentidos relacionados não se modificam. O que pode ser percebido é a ausência da Mulher-Maravilha, que empresta sentido às mulheres do bolsonarismo, a ausência de Thor e a presença de Johnny Bravo nesta enumeração. A presença deste último personagem se deve a uma ocasião em que Jair Bolsonaro se referiu a si mesmo como Johnny Bravo, levando em consideração apenas seus atributos físicos e deixando de lado a personalidade narcísica da criação dos desenhos animados do canal de televisão à cabo *Cartoon Network*. Tal confusão rendeu alguns memes com as duas figuras justapostas.

Figura 69 – Os principais personagens associados a Jair Bolsonaro

**OS 10 PRINCIPAIS PERSONAGENS ASSOCIADOS A JAIR BOLSONARO**

Fonte: Imagem desenvolvida pelo autor.

É possível analisar flutuações de sentidos tomando como base os dois principais super-heróis patrióticos da *Marvel* e DC Comics, Capitão América e Superman, discutidos anteriormente no Capítulo 2. É importante perceber que em memes em que Bolsonaro aparece como Superman ou como Capitão América, muitas vezes a cor vermelha, presente na bandeira dos Estados Unidos, mas também associada ao comunismo e ao PT, é substituída por verde e/ou amarelo. Ocorrem ainda outras alterações, como se pode verificar na Figura 70, a seguir. Um “B” de Bolsonaro e de Brasil na testa do Capitão América, onde tradicionalmente temos um “A”, de América. O escudo do personagem, outro emblema relacionado com a bandeira estadunidense é trocado por um que lembre a bandeira do Brasil ou que contenha o brasão da República, ou ainda das Forças Armadas. O Superman Bolsonaro também tem seu símbolo do peito, o “S”, trocado, por algo que remeta ao Brasil ou à luta contra o comunismo. Estabelecem-se, assim, diferentes relações de territorialidades semióticas. Se por um lado o Capitão América serve mais para fixar um território, ostentando nacionalismo e poder, emanando sentido para fora do país, por outro, o Superman serve mais para delimitar um território, marcando sua diferença e sua luta contra comunistas, petistas, contra a grande mídia tradicional e a corrupção política, reverberando seus sentidos para dentro do país.

Figura 70 – Memes com Bolsonaro como Capitão América e Superman



Fonte: Montagem a partir do acervo do autor.

Nas ilustrações a seguir, a análise de conteúdo diz respeito aos tipos de masculinidade de dominação que estão relacionadas aos memes do universo de pesquisa. Além dos quatro tipos trazidos no capítulo de masculinidades (ostentação, controle, ambiguidade e sacrifício) foram adicionados homofobia/misoginia, complicidade masculina e a marcação “outros tipos”, além de uma divisão em que não se aplicam nenhum destes conceitos. Como visto anteriormente, os super-heróis e seus congêneres estão ligados a um tipo de masculinidade bastante visual, então a sua dominação acaba se dando através da ostentação do seu poderio e da sua forma atlética. Assim, os níveis mais altos alcançados nesta seara foram os da masculinidade de dominação através da ostentação, uma vertente também relacionada a uma aceção fálica das masculinidades.

Figura 71 – Exemplos de memes classificados em categorias de masculinidades

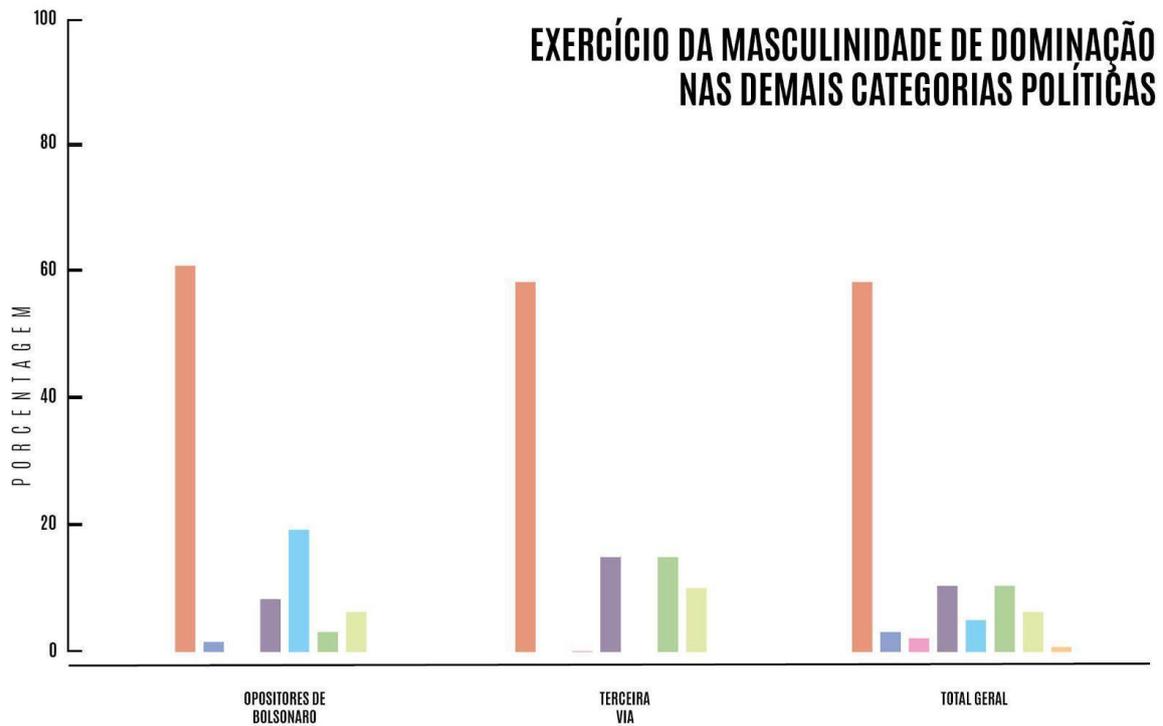
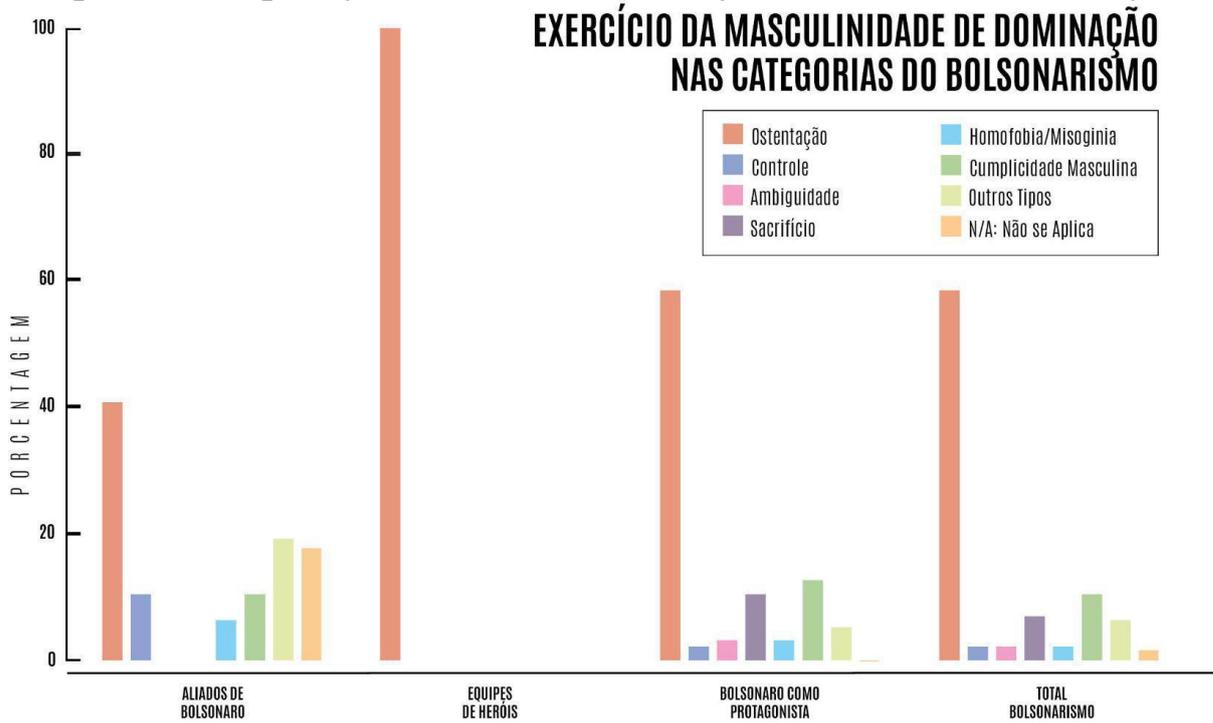
**EXEMPLOS DE MEMES CLASSIFICADOS EM CATEGORIAS DE MASCULINIDADES**

	<b>OSTENTIAÇÃO</b>		<b>CONTROLE</b>
	<b>AMBIGUIDADE</b>		<b>SACRIFÍCIO</b>
	<b>HOMOFOBIA/MISOGINIA</b>		<b>CUMPLICIDADE MASCULINA</b>
	<b>OUTRO TIPO</b>		<b>NÃO SE APLICA</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A cumplicidade masculina aparece em destaque junto com a masculinidade de dominação através do controle nos memes relacionados aos aliados de Bolsonaro. Esse achado reforça a percepção discutida no capítulo sobre masculinidades, de que o bolsonarismo segue o modelo da Casa dos Homens, de Welzer-Lang (2001). O bolsonarismo é um local de trocas de poder e de influências de uma irmandade/sociedade de cúmplices masculinos, organizado de forma hegemônica e hierárquica.

Figura 72 – Categorização dos memes conforme o tipo de masculinidade de dominação



Fonte: Elaborada pelo autor.

Já nos oponentes de Bolsonaro, temos como segundo destaque a presença de elementos de homofobia/misoginia direcionada aos protagonistas destas imagens. O uso da homofobia/misoginia como forma de inferiorizar seus adversários é uma prática recorrente da política, indiferente do posicionamento político. Essa tática é manifestada não somente no

Brasil, mas também por outros políticos da extrema direita mundial. Donald Trump é uma dessas figuras políticas que frequentemente recorre a essa retórica.

Figura 73 – Memes hiperbólicos da série Make Brasil Great Again



Fonte: Montagem feita pelo autor a partir de acervo.

A série de memes acima com o timbre “Bolsonaro Make Brasil Great Again” se relaciona com outras produções meméticas da extrema direita mundial para a internet, principalmente com aquelas protagonizadas por Donald Trump. O slogan da campanha de Trump foi “Make America Great Again (MAGA)”, e pode-se perceber que os memes de Bolsonaro foram decalcados nos de Trump.

Ao analisarem produções semelhantes protagonizadas por Trump, Lamerichs e seus colaboradores (2018) entenderam que este tipo de meme glorifica o político de uma forma exagerada e quase cômica, mirando um grupo de homens interessados em falar sobre política e assuntos morais na internet dentro de um script de masculinidades. Isso é visível também na Figura 73 que apresenta os personagens políticos sobre tanques de guerra. Estes memes também cumprem a lógica da zoeira apresentada anteriormente. Segundo os pesquisadores, essas imagens seguem uma tendência de normalizar os discursos hipermasculinos de Trump. Outro político que está associado com a tática do exagero da masculinidade em memes é Vladimir Putin em imagens que evocam militarismo e imperialismo acima de tudo. “Tanto Trump como Putin são retratados como corpos masculinos de elite e glorificados em imagens da Internet. O tema do imperialismo assume uma posição de destaque nos memes que retratam Putin e Trump” (LAMERICHS *et al.*, 2018).

No caso de Jair Bolsonaro, contudo, a posição em que se encontra em relação ao cenário mundial é subserviente a estas duas antigas grandes potências mundiais e aos seus líderes de extrema direita, Trump e Putin. Isso fica claro também nos memes. Bolsonaro aparece em uma sequência de memes prestando continência aos símbolos dos Estados Unidos, incluindo aí, super-heróis, como demonstrado na figura 74. Percebe-se que nesta sequência de memes é acionada a cultura da zoeira, uma vez que os super-heróis utilizados nos memes são uma versão “subdesenvolvida”, relacionada com a América Latina. No primeiro caso, temos integrantes da Carreta Furacão<sup>79</sup>, e no segundo os super-heróis Chapolin Colorado e Tio Sam, da série mexicana. Apenas as criaturas calcadas nos Estados Unidos são dignas de reverência por parte de Bolsonaro, enquanto que as de origem brasileira e mexicana não devem ser levadas em conta.

Figura 74 – Série de memes com Bolsonaro prestando continência a símbolos estadunidenses



Fonte: Montagem do autor a partir do acervo.

<sup>79</sup> Carreta Furacão é um "trenzinho da alegria" que se tornou largamente conhecido no Brasil. Criado em Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, seus integrantes personificam figuras populares dos quadrinhos e da TV. O nome do grupo é baseado em uma música do Fofão, apresentador infantil muito popular nos anos 1980 no Brasil.

### 7.2.3 Análise da temporalidade dos memes

Esta seção traz uma análise com abordagem relacionada às datas e acontecimentos que produziram reações na internet e fora dela como também produziram memes que foram compartilhados a esse respeito.

Figura 75 – Relação entre número de memes relacionados com acontecimentos por ano



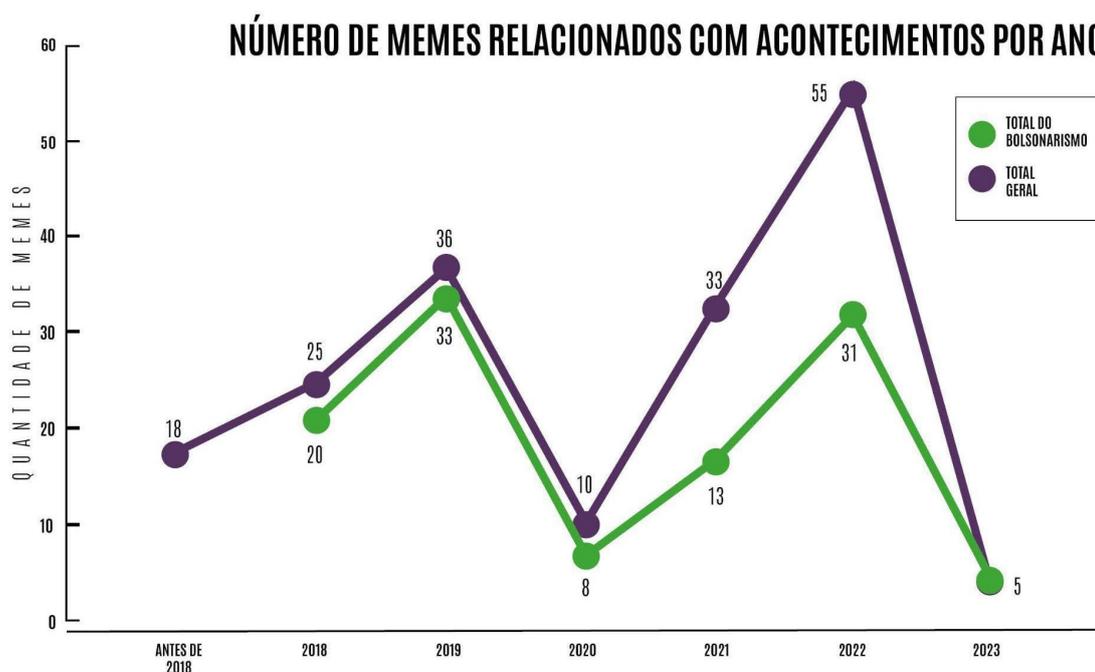
Fonte: Elaborado pelo autor.

Por acontecimento, dentro desta análise, entendo como mobilizações do público através de memes que podem ser mapeadas temporalmente, tendo se dado na internet ou fora dela. O esquema acima demonstra que dos 400 memes do inventário, 222 deles (55,5%), a maioria, não se relaciona com nenhum acontecimento específico. Enquanto isso, dos 178 memes (44,5%) que estão relacionados com acontecimentos, 55 desses (30,9 %) surgem em decorrência de campanhas políticas ou julgamentos, como o julgamento do mensalão ou outras atividades envolvendo o Supremo Tribunal Federal (STF).

Foram computados 78 acontecimentos diferentes e 32 deles estão relacionados diretamente com o bolsonarismo e não se originaram nas plataformas digitais (elencados no Quadro 11, abaixo). Por outro lado, 25 acontecimentos de um total de 78 surgiram na internet e, desses 25, 18 foram em plataformas digitais. Somente um desses acontecimentos foi gerado por Lula, todos outros nascidos em formato digital foram produzidos por bolsonaristas. Isso denota uma certa dificuldade da esquerda política brasileira em produzir comoção sobre seus

conteúdos relacionados com super-heróis. Dos 25 acontecimentos que surgiram na internet, 15 deles foram noticiados por portais de informação. Por sua vez, dos 18 acontecimentos originados exclusivamente nas plataformas digitais, como *tweets*, por exemplo, apenas 5 deles foram divulgados por portais de informação.

Figura 76 – Relação entre número de memes relacionados com acontecimentos por ano



Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode-se perceber pela figura acima que os memes em geral e aqueles relacionados com o bolsonarismo cresciam *pari passu* antes de uma queda abrupta em 2020, ano em que a pandemia de Covid-19 foi deflagrada no Brasil. A partir de 2021 há um deslocamento da produção de memes em geral com os de bolsonaristas, ainda que exista um crescimento em ambas as categorias. Isso denota como o bolsonarismo saiu derrotado após a pandemia ao tentarem se apresentar como super-heróis. Frente a uma ameaça biológica como o vírus, as efígies dos super-heróis nada puderam fazer para a imagem pública e os sentidos que eram produzidos sobre o bolsonarismo.

Como visto no capítulo 2, a política e a mídia se utilizam não só do pânico moral, como da euforia moral e cria não apenas demônios, como heróis populares. Essa noção de antagonismos é percebida na Figura 76 em que os memes de super-heróis do bolsonarismo começam a apresentar uma quantidade menor nos anos de 2021 e 2022 após o início da pandemia de Covid-19. Com a interpretação da população brasileira que o governo Bolsonaro

não tinha nada de heroico em suas ações no combate aos efeitos do vírus, sua percepção como heróis também encolheu, refletida na criação de memes.

Ao mesmo tempo, após o início da pandemia de Covid-19, os filmes de super-heróis tiveram sua popularidade suprimida, uma vez que alguns lançamentos dessas películas deixaram de ser feitos nos cinemas e sim em plataformas de *streaming*. Isso ajudou a fazer com que o interesse por essas produções diminuísse e, no retorno dessas películas aos cinemas em 2022, as bilheterias também diminuíram consideravelmente.

Quadro 11 – Datas de acontecimentos relacionados com o bolsonarismo que geraram memes e que se dera fora da Internet e os personagens associados

<b>Data</b>	<b>Acontecimento</b>	<b>Personagem relacionado</b>
Abril de 2018	Em ocasião da hashtag #robosdobolsonaro em abril de 2018 depois de uma denúncia da Veja	RoboCop
30 de julho de 2018	Em 30 de julho de 2018, Jair Bolsonaro participou do programa de TV Roda Viva, desafiando jornalistas	Exterminador do Futuro
6 de setembro de 2018	Atentado sofrido por Bolsonaro em Juiz de Fora	Kratos (God of War), Wolverine, Vegeta (Dragon Ball), Thor, Loki
Eleições de 2018	-	Exterminador do Futuro
31 de outubro de 2019	Anúncio dos Super Ministérios	Nick Fury (Vingadores)
1 de janeiro de 2019	Posse de Bolsonaro como Presidente da República	Ciclope, Homem-Aranha
21 de janeiro de 2019	Mourão assume a presidência pela primeira vez	Game of Thrones (Richard Stark)
25 de janeiro de 2019	Desembarque de Bolsonaro no Fórum Econômico de Davos	James Bond
9 de maio de 2019	O jornal inglês The Guardian apelida Bolsonaro de Exterminador do Futuro por causa da devastação ambiental no país	Exterminador do Futuro
2 de julho de 2019	Tráfico de cocaína no avião da comitiva de Bolsonaro	Pablo Escobar (Narcos)

6 de agosto de 2019	Bolsonaro se irrita com jornalistas e se compara com Johnny Bravo	Johnny Bravo
21 de agosto de 2019	Promessas de privatizações de 17 estatais por Paulo Guedes	Superman
7 setembro de 2019	Filha de Bolsonaro é comparada com X-23 após aparecer nas comemorações da independência	X-23
23 de outubro de 2019	Visita de Bolsonaro ao Japão	Raiden (Mortal Kombat)
24 de abril de 2020	Saída de Moro do Governo Bolsonaro	Mortal Kombat
8 de agosto de 2020	Brasil atinge 100 mil mortes pela Covid-19	Exterminador do Futuro
2 de outubro de 2020	Bolsonaro retratado como petista após escolha do novo Ministro do STF	Eu Sou a Lenda
5 de outubro de 2020	Caio Coppola jornalista ex-bolsonarista critica Bolsonaro por 6 minutos na CNN Brasil	Rambo
27 de janeiro de 2021	Escândalo de superfaturamento de compras do governo Bolsonaro, incluindo chicletes	Top Gun
Maio de 2021	A insistência de Bolsonaro com a Cloroquina	Arlequina
7 de julho de 2021	Circula uma imagem falsa de Schwarzenegger usando uma camiseta com a efigie de Bolsonaro estampada	Exterminador do Futuro
20 de julho de 2021	Apelido de “Capitão Cultura” dado por Mário Frias, noticiado pelo O Globo	Capitão América
26 de julho de 2021	Bolsonaro dá mais poderes para o Centrão	Homem-Aranha
21 de setembro de 2021	Nuvem de poeira invade cidades do sudeste do país como consequências das queimadas na Amazônia e Pantanal	Aunt Entity (Mad Max)
15 de fevereiro de 2022	Visita de Bolsonaro à Rússia	Imagens de Hipermasculinidade, Pacificador (Esquadrão Suicida)
20 de maio de 2022	Encontro de Bolsonaro com Elon Musk no Brasil	Capitão América, Homem de Ferro, Ranger Vermelho,

		Ranger Verde
13 de junho de 2022	Estoura o Bolsolão do MEC, em que o Ministro Milton Ribeiro, que Bolsonaro colocaria cabeça no fogo, foi incriminado	Motoqueiro Fantasma
20 de agosto de 2022	Bolsonaro reduz imposto no whey protein e creatina	Imagens de Hipermasculinidade
Agosto de 2022	Bolsonaro é apelidado de “tchutchuca do Centrão”	Darth Vader
Campanha das Eleições de 2022	-	Rambo, Thanos, Hulk, Superman, Capitão América, Imagens de Hipermasculinidade
28 de outubro de 2022	Último debate do segundo turno das eleições	Wolverine
14 de março de 2023	Inaugurando obra rodoviária em São Paulo, Tarcísio de Freitas martela símbolo da estrada com força extrema	Thor, Chapolin Colorado

Fonte: Elaborado pelo autor.

No cômputo geral não foram levados em conta os memes que se utilizaram da montagem feita pela revista IstoÉ, de 13 de novembro de 2020, do personagem que ficou conhecido como “Bolsoringa”, amálgama de Bolsonaro com o personagem do filme *Coringa*, de 2019. Optou-se por excluir essas iterações por ser um material ubíquo na internet e de difícil separação do que são memes novos daquilo que são apenas reproduções, sem remixagens. Também foi excluído por dar destaque a um supervilão e não a um super-herói. O personagem, criado por seus opositores, depois foi apropriado e subvertido em favor dos bolsonaristas, enquanto também gerava memes pelo público adversário (GIMENEZ, 2020). O caso “Bolsoringa” renderia uma análise mais profunda e poderia desenvolver futuros artigos.

Entre os acontecimentos que geraram mais memes relacionados com super-heróis, dentro do recorte do bolsonarismo, estão a visita de Bolsonaro à Rússia (9 memes); a campanha nas plataformas digitais com santinhos em 2022 (6 memes); Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo, martelando o símbolo de uma obra rodoviária e o jornal *The Guardian* apelidando Bolsonaro de Exterminador do Futuro (5 memes). A grande parte desses memes, com exceção daqueles relacionados com os santinhos da campanha de 2022, tem como plano de fundo o uso da força e de uma masculinidade de dominação. Apenas os memes relacionados à campanha de 2022 repetem uma estrutura prévia. Trago como exemplo os nove memes gerados com a visita

de Bolsonaro à Rússia, repetindo a retórica visual da masculinidade do líder forte, emprestada de outros governantes autoritários como Vladimir Putin e Donald Trump.

Figura 77 – Memes referentes à visita de Bolsonaro à Rússia em 2022



Fonte: Montagem do autor a partir do acervo de pesquisa.

### 7.3 DEFINIÇÕES DE TERRITÓRIOS E ANÁLISES DAS TERRITORIALIDADES SEMIÓTICAS DAS MASCULINIDADES DOS SUPER=HERÓIS DO BOLSONARISMO

Para iniciar esta parte da análise, é preciso estabelecer os territórios semióticos que estas imagens pretendem evocar, ou ainda, se estabelecer. Em discurso proferido no dia 27 de março de 2022, em evento do seu partido na época, o Partido Liberal (PL), Bolsonaro explicitou os territórios semióticos que seu sistema de ideias e crenças quer atingir: “o nosso inimigo não é externo, é interno. Não é luta de esquerda e direita, é uma luta do bem contra o mal. E nós vamos vencer esta luta pois estarei sempre na frente de vocês” (HOLLANDA; MARQUES, 2022).

Entendo que, ao se associar ao super-heroísmo, o bolsonarismo se mostra como pertencente ao território do bem e do herói. Entretanto, por muitas vezes Bolsonaro estabelece a si mesmo como um anti-herói, que vem para romper o sistema estabelecido, como um *outsider*, um *cowboy* desafiador, desbravador e alargador das fronteiras, através de sua virilidade e resistência. Enquanto a primeira associação o aproxima do Superman e do Capitão América, a segunda o compara com o Exterminador do Futuro e Rambo, assumindo o paradoxo do “Bom Homem” e do “Homem de Verdade”, de Kimmel (2018).

Ao mesmo tempo, Bolsonaro pensa em si como uma direita alternativa, uma *alt-right*, ao confessar que não se trata de uma luta entre esquerda e direita, de disputas partidárias, mas

algo maior que essas fronteiras, mais relacionado com o cotidiano das pessoas. Bolsonaro se diz um político antipolítico, um governante antissistema, anticomunista e antipetista, tendo essas características se transformado em plataforma de sua campanha política à presidência, com mais evidência no pleito de 2018. Durante seu mandato, foi contra a Constituição Brasileira em diversas ações e ameaçou contrariar as decisões do Supremo Tribunal Federal (STF). Além disso, acredita que, como boa parte do seu eleitorado se compõe de indivíduos que se declaram cristãos, pode tomar o cristianismo como território seu, citando em diversas oportunidades frases bíblicas. Também a expressão “cidadão de bem” em oposição a “vagabundos” e “bandidos” ficou popular em sua ascensão, mostrando a dualidade que orienta suas crenças e ideias, similar ao maniqueísmo fundamental das histórias de super-heróis.

Nas imagens de associação entre super-heróis e bolsonarismo, fica ainda mais evidente que esse é um espaço do masculino em detrimento do feminino. Tanto a política como o universo dos super-heróis possuem essa tradição, associando sentidos de confiança e estabilidade. Apela para uma masculinidade dominante, típica do domínio patriarcal, que controla e vigia os indivíduos subordinados, que acabam correspondendo à população brasileira em geral. Essa postura propõe, em particular, a condenação dos comportamentos que corresponderiam às masculinidades desviantes e ao feminino não submisso. Tudo isso encontra reflexo na ideia de “Casa dos Homens”, de Welzer-Lang (2001).

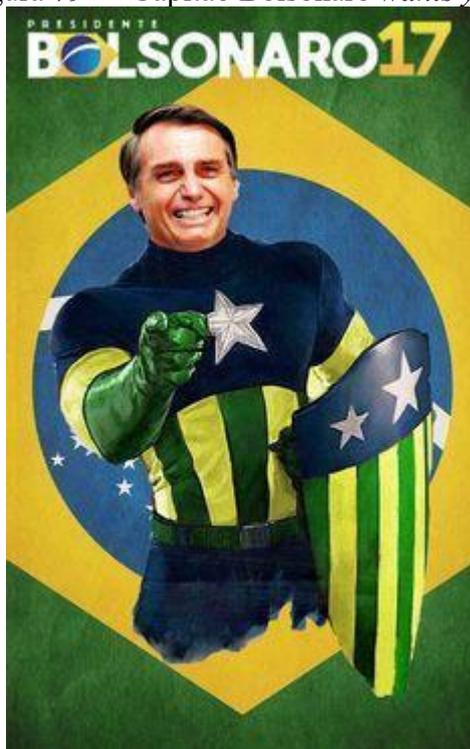
A única instância em que o bolsonarismo se porta como dominado é a geopolítica, principalmente pela docilidade com que se relaciona com Estados Unidos, Israel e, mais recentemente, Rússia. Por vezes, o bolsonarismo flerta com o monarquismo, como figura de ordem, ascendência e nobreza, encarnado na figura de Dom Luiz Phillipe de Orleans e Bragança, deputado bolsonarista e pretense herdeiro da monarquia brasileira, também já retratado como super-herói. Na seara étnica, percebe-se que o bolsonarismo insiste na branquitude de seus heróis, com exceção do vice-presidente Hamilton Mourão, de feições indígenas. A heterossexualidade proposta pelas imagens bolsonaristas de super-heróis é revelada em figuras que juntam Jair Bolsonaro representado com Superman e Michele Bolsonaro, sua cônjuge, como Mulher-Maravilha.

Em seguida, analisarei as principais semiosferas, ou ambientes de análise, que este trabalho envolve: a dos super-heróis e a das masculinidades que interagem na disputa política e nos territórios do bolsonarismo. Apresento primeiramente a esquematização das semiosferas e alguns espaços ocupados por determinados sentidos, estabelecidos em tais eixos devido a sua proximidade e relação com outros sentidos presentes, em grande parte estudados ou mencionados nesta tese. Para desenvolver essas territorialidades foi importante pensar também



geralmente direcionada para a veiculação de sentidos de força, liderança, retidão moral, firmeza, entre outros significados relacionados à masculinidade dominante e à virilidade. Já o Capitão América se relaciona a todos esses motivos, e ainda àqueles que envolvem o patriotismo, o ufanismo e o nacionalismo. Para identificar cada figura, atribuí a elas um título, que é registrado na legenda entre aspas.

Figura 79 – “Capitão Bolsonaro *wants you*”



Fonte: *Google Images*.

Em termos descritivos, o que chama atenção na imagem de imediato é o logotipo da campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018. Associado aos elementos imagéticos que remetem ao cartaz do Tio Sam, visto anteriormente, cria um sentido de convocatória para os possíveis eleitores do então candidato.

Em contraste com a Figura 80, a seguir, pode-se perceber um *remix* de diversas camadas: o cartaz do Tio Sam usado pelo Capitão América e este, pelo Capitão Bolsonaro, com a troca do sentido de nacionalidade através do uso das cores da bandeira nacional brasileira no lugar da dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, os sentidos bélicos são acionados, uma vez que se trata de um personagem que possui a mesma patente militar de Jair Bolsonaro, capitão. O escudo acaba remetendo à bandeira Provisória da República Brasileira, de 1889, calcada no pendão dos Estados Unidos e representativa de um projeto oligárquico de sociedade. O rosto com um sorriso canastrão do ator Chris Evans, intérprete de Steve Rogers no cinema, é substituído por um rosto amigável, quase uma gargalhada de Bolsonaro.

Figura 80 – “*Captain America wants you*”



Fonte: *Google Images*.

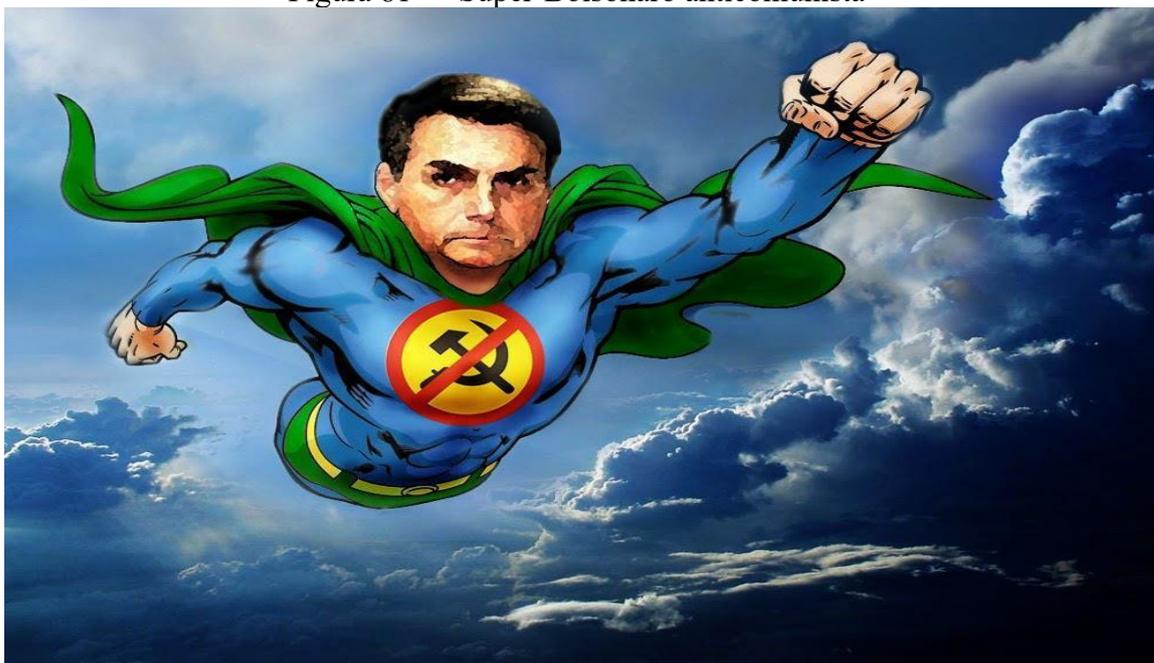
O meme ocupa um espaço de representação como um cartaz de campanha política ou um santinho, porém elaborado extraoficialmente na campanha por entusiastas do então candidato. Pensando no contexto das eleições, ele serve para evangelizar - usando um termo da memética - o público eleitor, espalhando a palavra e a necessidade de apoio à campanha do então candidato Jair Bolsonaro. A peça tem ainda a função de gerar coesão no grupo de apoio ao fazer convergir representações do candidato e de sua campanha em um imaginário que, sem conteúdo suficiente, adquire significados pela emulação de projetos e símbolos externos.

A mimetização de elementos estadunidenses também associa à peça sentidos ligados ao espectro masculino com que este país costuma se representar: estabilidade, força, imperialismo, expansão de fronteiras, belicismo. Vale colocar que essas semioses vão ajudar na replicação desta mídia em espaços que buscam apoio ou apoiam a campanha de Bolsonaro, como as plataformas digitais do *WhatsApp*, *Telegram*, *Facebook*, *Twitter* (agora X), entre outras. Desta forma, a peça parece assumir que o Brasil pode se tornar tão bom quanto os Estados Unidos se estiver sob o controle de Bolsonaro, mas isso só será concretizado se você, fruidor do meme, não apenas aceitar essa chamada como também compartilhar ela com outras pessoas. Isso será possível com a união do militarismo, do nacionalismo e da associação desse nacionalismo com a subserviência ao poderio estadunidense, do qual a peça empresta sentido.

Dando continuidade a ideários sobre o poder, o meme leva a pensar o homem branco, heterossexual, poderoso, de idade avançada, alinhado com o capitalismo e os ideais estadunidenses como aquele digno de confiança e de engajamento. A análise dessas ideias e crenças expõe fundamentos do desejo de manutenção do poder nas mãos de pessoas com esses atributos, reforçada pela indústria cultural e pela cultura pop, bem como pela representação majoritária dos super-heróis na mídia. Além disso, apresenta indícios de planos de cooptação de grupos sociais que se submetem a ideias de superioridade e de verticalidade do poder. Esta peça se coaduna com uma versão de mundo em que existe uma guerra entre nós e eles e que, para vencê-la, é preciso estar do lado certo; no caso, o defendido na imagem com todos os seus indissociáveis elementos.

Por sua vez, na imagem abaixo, vemos outro meme retratando Jair Bolsonaro, desta vez decalcado sobre uma imagem desenhada do Superman. Como exposto anteriormente, assim como em outros memes, a cor vermelha foi substituída por outras. “Nossa bandeira jamais será vermelha!” é um jargão comum em diversas manifestações bolsonaristas. Além disso, o símbolo do “S” do Superman, que, em suas narrativas, significa “esperança” em kryptoniano, é substituído por um símbolo de proibido gravado sobre a insígnia do socialismo, a foice e o martelo cruzados, significando o poder do proletariado pela associação entre trabalhadores rurais e urbanos. É somente nesse símbolo que o vermelho é utilizado, para ressaltar o perigo e a proibição ao poder do proletariado. Inadvertidamente, a imagem memética passa a ideia de que o poder deve, então, se concentrar nas elites e não no povo, uma vez que a foice e o martelo dos trabalhadores (socialistas ou não) está reprimida com a proibição. Nessa imagem, o rosto de Bolsonaro está sério, quase enraivecido, outra forma de mostrar a determinação de um homem com uma missão, embalado na roupagem do Superman e do sistema de crenças dos Estados Unidos, que, não por acaso, sempre se colocou como uma nação anticomunista.

Figura 81 – “Super-Bolsonaro anticomunista”



Fonte: *Google Images*.

Essa é uma das imagens de super-heróis associados ao bolsonarismo mais replicadas na internet. Foi, inclusive, utilizada em festas de aniversário (ver Figura 82, a seguir) de crianças e adultos. Essa utilização revela a dimensão lúdica relacionada ao bolsonarismo, uma dimensão que transita entre a zoeira brasileira, a carnavalização bakhtiniana e elementos da formação política brasileira como o personalismo idólatra e salvacionista ligado ao mandonismo. Trata-se de apropriações de sistemas distintos e, de certo modo, divergentes, que convergem para um sentido único, centrípeto.

O símbolo anticomunista pode ser um dos indícios mais fortes encontrados nessa análise, uma vez que demarca as fronteiras de forma explícita. Estabelece um terreno semiótico onde pessoas alinhadas com o comunismo ou o socialismo não são permitidas e, caso tentem se inserir, serão punidas através da força de vigilância representada pelos super-heróis.

Figura 82 – Festa de aniversário temática de Super-Bolsonaro



Fonte: *Google Images*.

Em ambos os memes, percebe-se a aplicação do rosto sobre um corpo que não lhe corresponde. Tanto o rosto quanto o corpo são formas que permitem a individualização do ser humano criando fronteiras entre o próprio e o alheio. Ao atribuir ao rosto de Bolsonaro o corpo dos super-heróis, são-lhe incorporadas suas características, numa via de mão dupla por onde se transmitem sentidos. Os uniformes dos super-heróis, colados aos corpos, servem como denotação de transparência e de que esses personagens nada têm a esconder da audiência. Revelam músculos definidos e superdesenvolvidos que são símbolos hipermasculinos de força, controle e vigilância, atributos que o público da mensagem acredita que lhe sejam extensíveis.

Percebe-se também os sentidos evocados pelos super-heróis promovem uma vinculação territorial a uma retórica visual hipermasculina que pretende transmitir a ideia de força do que atributos comportamentais, morais dos super-heróis. Este sentido hipermasculino de poder chega a ser utilizado, inclusive, através de supervilões. É o caso de Thanos, antagonista dos Vingadores associado ao bolsonarismo pelos próprios bolsonaristas. Com um corpo supermusculoso, ele é representado ainda usando a Manopla do Infinito, item que lhe confere os poderes de um deus, que utiliza para eliminar metade dos habitantes do universo. Aqui há uma referência implícita ao desejo dos bolsonaristas de eliminarem seus adversários, portanto, metade da população do país. A “mão de ferro” da arma de Thanos está ligada ao símbolo de revólver feito com as mãos pelos bolsonaristas e com a vontade de Bolsonaro de “fuzilar a petralhada”, explicitada por ele em Rio Branco, no Acre, em 2018 (BONIN, 2022).

Entende-se a partir dessa percepção que o uso mais presente da imagética dos super-heróis pelo bolsonarismo não são aqueles que estão no centro ou na periferia de uma semiosfera que apresenta super-heróis através de seu heroísmo ou atos morais, mas através da sua demonstração de poder. Esse poder aparece não através de suas realizações e contribuições para a sociedade, mas da força bruta. Poucos dos super-heróis que constam no mapa da semiosfera desse ambiente se relacionam com poderes mentais ou capacidades e feitos mais gradativos. São poderes manifestados em seus corpos ou a partir de seus corpos e que refletem o tamanho de seus músculos ou capacidade de violência e destruição. No caso do Capitão América esse poder é projetado no Estado, na nação e na capacidade de mobilização dessa união.

Podemos utilizar o caso do meme com Thanos para exemplificar a des-reterritorialização de sentidos pela qual o bolsonarismo se apropria de personagens. Primeiro, há o *estranhamento* que percebe que Thanos é um vilão, mas a transformação começa a ocorrer quando o inimigo dos Vingadores começa a aparecer frequentemente nas plataformas digitais. Em seguida ocorre a *transformação*, o vilão é remixado em outros personagens da cultura pop e usado como meme. Então há a *abstração*: o personagem estadunidense ganha contornos locais ou regionais, surge um Thanos brasileiro, com camiseta da seleção brasileira de futebol e com o “Canarinho Pistola”, mascote do time. Passa a haver uma *produtividade* de memes com Thanos sendo utilizado pelo bolsonarismo como algo vanguardista e que se relaciona com o público jovem e, portanto, passível de ser assimilado e utilizado para comunicar os sentidos de poder desejados. Por último, Jair Bolsonaro ou Carlos Bolsonaro retratados como Thanos passam a uma *transmissão* de sentidos em que não são mais apenas memes, mas parte da cultura em outros formatos, como charges, programas de televisão e outras manifestações midiáticas. Entre os estágios 2 e 4 podemos notar a ferramenta da paródia em ação. A figura 83 explicita esses estágios através do exemplo de Thanos, mas também traz outro exemplo, dessa vez com o Super-Bolsonaro usado na festa infantil que mobilizou esta tese.

Este é o processo da tradução dos sentidos na semiosfera estipulado por Hartley (2020) e pressuposto por Iuri Lotman. Quando a campanha presidencial de Bolsonaro de 2022 utiliza a montagem de Jair Bolsonaro como Thanos em seus santinhos eletrônicos, ela está incorrendo em um processo de reificação da territorialidade de sentidos do personagem relacionada a esse espectro político. Ao mover os sentidos relacionados com Thanos, o bolsonarismo se apossa dele, o absorve como um território que faz parte das suas associações. Assim, ao pensarmos em Thanos, estaremos possivelmente relacionando-o com as figuras do bolsonarismo. Isso ocorre de maneira ainda mais sutil e menos ruidosa com outros personagens elencados na semiosfera dos super-heróis.

Figura 83 – Processo de tradução de sentidos na semiosfera



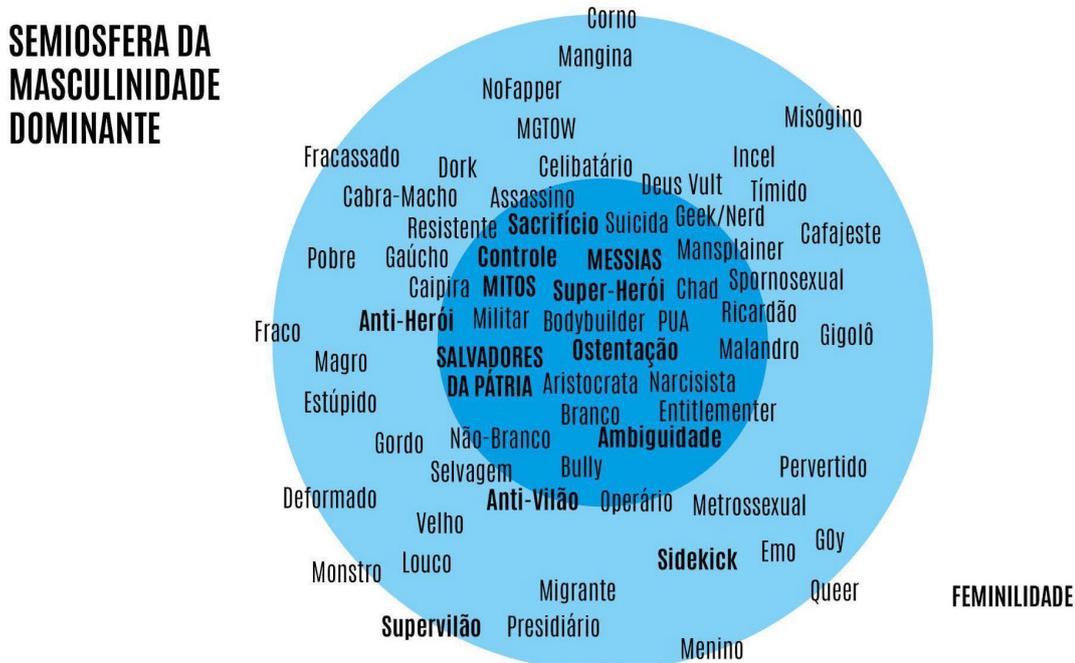
Fonte: Elaborado pelo autor.

Na figura 84, apresento um esquema gráfico da semiosfera das masculinidades dominantes, em que quanto mais ao centro da esfera, mais poder é emanado daquele conceito/sentido. Entre as diversas denominações de tipos de masculinidades existentes e elencadas neste esquema, estabeleci em negrito a localização de alguns dos principais conceitos de masculinidades relacionados com este trabalho. Em uma primeira camada temos os tipos de masculinidade de dominação: ostentação, ambiguidade, controle e sacrifício. Em seguida, temos os tipos de personagens masculinos de uma narrativa de super-heróis: super-herói, anti-herói, super-vilão, anti-vilão e os sidekicks, os parceiros-mirins dos super-heróis. Por fim, as territorialidades dos três tipos de super-heróis do bolsonarismo: Mitos, Messias e Salvadores da Pátria.

Os processos territoriais que se estabelecem nesta semiosfera buscam fazer uma diferenciação territorial através das lógicas estabelecidas pelo paradoxo do “bom homem” e do “homem de verdade” de Kimmel (2018). O esquema da semiosfera demonstra sentidos conflitantes de que tipo de homens devem possuir mais poder e, portanto, se estabelecer ao centro da semiosfera em comparação àqueles que são culturalmente destituídos de influência e das decisões da sociedade patriarcal, dadas suas condições, e que vão se aproximando mais da

periferia. Essas bordas são marcadas pela vulnerabilidade e, portanto, papéis culturalmente ligados ou relegados ao feminino, à homossexualidade ou à infância.

Figura 84 – Semiosfera das masculinidades



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa lógica, as masculinidades de sacrifício se conectam aos tipos de masculinidades como os celibatários (voluntários ou involuntários) e os suicidas, mas também ao rebelde/resistente e aos super-heróis do tipo Messias do bolsonarismo. Os super-heróis se encontram numa territorialidade das masculinidades a meio caminho do sacrifício e da ostentação. Já na área de influência dos sentidos da masculinidade de ostentação podemos encontrar os *bodybuilders*, o *sponosexual*, o *mansplainer*, o Chad, o Ricardão, o PUA, o malandro, o aristocrata e o narcisista. Em um território localizado entre os sentidos de uma masculinidade de controle e de ostentação, estão os super-heróis do bolsonarismo Mitos (mais próximo dos militares) e os Salvadores da Pátria, ambos também muito próximos dos sentidos que anti-heróis como Justiceiro, Wolverine, Hulk e Pacificador possam evocar.

As masculinidades que o bolsonarismo busca aludir se encontram no centro da semiosfera do que significa tanto ser um “Bom Homem” como um “Homem de Verdade” para a sociedade brasileira contemporânea, ainda que, quanto mais se afastem do centro, menos se percebam como tal. Os memes de super-heróis usados pelo bolsonarismo têm uma função de expressar e demarcar a territorialidade dos modelos e papéis masculinos que são aceitos neste ambiente e que são significados atrelados à expressão de poder. Também é uma forma de

mostrar ao público destes memes que o território do “Homem de Verdade” é reclamado e, portanto, assumido como inerente ao bolsonarismo.

Contudo, a separação entre as territorialidades semióticas de quais sentidos do bolsonarismo estão ligados à masculinidade é muito mais complexa do que parece. Os sentidos do “Homem de Verdade” também são reclamados pela esquerda política, que costuma reclamar para si com mais propriedade as acepções ligadas ao “Bom Homem”.

Figura 85 – Homofobia expressa em memes contra Renan Bolsonaro e Alexandre de Moraes



Fonte: Montagem feita a partir do acervo da pesquisa.

A paradoxalidade do uso de sentidos homofóbicos com o intuito de desestabilizar a imagem masculina de uma figura pública, pode ser percebida com estratégias que são acionadas tanto pela direita como pela esquerda política. Na figura acima apresento duas situações em que memes com intenções de provocar desonra foram empregados para interferir na opinião pública sobre a masculinidade de figuras como Jair Renan Bolsonaro e Alexandre de Moraes, respectivamente. Jair Renan, aludido pelo pai como alguém que já havia namorado “metade do condomínio”<sup>80</sup> (GERALDO, 2020), aparece em fotos vestido de Mulher-Maravilha durante o carnaval. Alexandre de Moraes é retratado como Xerxes, o ambíguo regente dos Persas no filme *300*, baseado em uma história em quadrinhos de Frank Miller e interpretado nos cinemas pelo brasileiro Rodrigo Santoro.

Ao encarar a dualidade entre esquerda e direita brasileiras, percebo que ao mesmo tempo em que o bolsonarismo promove uma desterritorialização de sentidos relacionados à direita, como o alinhamento com o sistema e a política, há uma disputa entre direita e esquerda por

<sup>80</sup> Na ocasião, Bolsonaro tentava minimizar a relação de seu filho, Jair Renan, com a filha de Ronnie Lessa, policial aposentado que morava no mesmo condomínio que a família Bolsonaro e foi apontado como assassino de Marielle Franco.

sentidos associados à masculinidade dominante e suas significações de potência. Essa disputa de virilidade entre esquerda e direita pode ser verificada em outro meme, - que no caso não envolve super-heróis -, conforme apresentado na figura a seguir.

Figura 86 – Masculinidade em combate: Lula *versus* Bolsonaro



Fonte: *Google Images*.

Na figura anterior, os partidários de Lula acionam os mesmos sentidos masculinistas esposados pelo bolsonarismo, explicitamente aqueles associados ao falo como símbolo de poder. Este meme acaba demonstrando que a masculinidade se afirma através de sinais que denotam potência fálica uma vez que a foto de Lula indica maior volume genital que a roupa de mergulho de Bolsonaro, que, ademais, sugere uma forma de vulva. A força também está associada ao muscular, no caso da decodificação dos contornos de coxas grandes e torneadas do petista em comparação às pernas finas de Bolsonaro. Inclui-se aí também a ambiguidade dos termos tripé macroeconômico contra rachadinha. O tripé macroeconômico, considerado a base da política econômica, envolve metas cambiais, fiscais e de inflação.

Evoca-se, ao mesmo tempo, o bom desempenho do governo Lula na gestão da economia e a incapacidade de Bolsonaro de se manifestar sobre planejamento econômico quando questionado durante a campanha. Por outro lado, a expressão tripé faz referência a um pênis de grandes proporções, reforçada pela presença do prefixo macro na palavra seguinte. De outra parte, a expressão rachadinha nomeia uma prática de extorsão associada ao círculo de

Bolsonaro, pela qual parte do salário dos subordinados é arrecadada pelos políticos que os empregam. Nesse caso, faz referência também a “racha”, expressão utilizada no pajubá para se referir a mulheres e que também é utilizado como sinônimo para vagina. Em ambas as acepções, o termo tem conotação derogatória, e seu uso no meme sinaliza uma associação entre feminilidade e inferioridade.

Essa disputa de poder fálico associado ao poder político se estende a diversas instâncias da relação entre super-heróis e memes. A sequência de produções meméticas originadas da contenda entre o senador Marcos do Val e o então Ministro da Defesa, hoje Ministro do Supremo Tribunal Federal, Flávio Dino, pode trazer outro exemplo dessa associação, dessa vez envolvendo super-heróis.

Em 11 de abril de 2023, do Val publicou em suas redes sociais uma imagem em que mostrava a si mesmo, vestindo um uniforme da SWAT<sup>81</sup>, colocando-se em uma posição de dominação sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva amarrado e imobilizado. Tal imagem e outros memes, incluindo um em que abre seu casaco para revelar o logo da SWAT, imitando uma pose clássica do Superman, levaram o senador a ser associado com esse tipo de forças especiais. Em 9 de maio de 2023, após Marcos do Val postar continuamente conteúdos contra Dino, o primeiro contestou a ausência do então Ministro da Defesa no Palácio do Planalto em 8 de janeiro de 2023 - data dos ataques às sedes dos três poderes em Brasília. Ao que Dino rebateu dizendo:

Não precisa o senhor ir para porta do Ministério da Justiça fazer vídeo de internet porque se o senhor é da SWAT, eu sou dos Vingadores. Vocês conhecem? Capitão América, Homem-Aranha... Então, é assim que a gente faz o debate democrático e é assim que a verdade sempre vence (PODER360, 2023, n. p.).

Essa citação gerou diversos memes que retratam Dino como um dos integrantes da equipe de super-heróis da Marvel, os Vingadores.

Figura 87 – O senador Marcos do Val submetendo Lula e o então ministro Flávio Dino retratado como parte dos Vingadores

---

<sup>81</sup> SWAT é uma sigla em inglês para *Special Weapons and Tactics* que em português significa Armas e Táticas Especiais e está relacionada a forças de elite destinadas ao controle do crime em grandes cidades, equipados com armas de última geração e especializados em diversas estratégias para diversas situações, sejam elas de risco ou não.



Fonte: Montagem do autor a partir do acervo de pesquisa.

No entanto, a disputa de sentidos ligados às equipes de manutenção da justiça ganhou outra dimensão, intensificando a ligação entre super-heróis, poder, controle e masculinidades. Em 1º de junho de 2023, em resposta a um internauta, Marcos do Val postou uma foto que comparava o volume das sungas que ele e Flávio Dino vestiam. A imagem, que virou meme, continha a legenda: “cada um usa a arma que tem”, conforme a figura abaixo. Na mesma postagem, do Val completou: “Li alguns falando da minha altura! Vou mostrar para vocês quem é mais alto e que tem a melhor arma” (METRÓPOLES, 2023). Horas mais tarde, o senador apagou a postagem, mas a imagem já estava circulando na internet. Contudo, internautas retribuíram o ataque de do Val chamando-o de “manja rola”, ou seja, propondo que o senador estivesse interessado no pênis de Flávio Dino.

Levar a disputa política até os sentidos genitais e fâlicos, como se nota, não é uma tática exclusiva da esquerda ou da direita, mas uma forma de demarcar território e posições de poder. Assim, a masculinidade pode ser manejada por agendas da esquerda e da direita, num constante processo de práticas de desterritorialização e reterritorialização. As duas inclinações políticas apostam em sentidos de masculinidade dominante e virilidade para angariar seguidores, engajamento e, por conseguinte, votos e apoio político. A criação de memes relacionados a táticas como estas reflete uma sociedade cindida entre hegemonias de gênero e que se baseia em hierarquias de masculinidades.

Figura 88 – Marcos do Val compara volume de sunga com Flavio Dino no Twitter/X



Fonte: Metrôpoles (2023).

A lealdade ao “bem” ou ao “mal” trata de territórios com acepções flutuantes, e não estanques, como pode parecer à primeira vista. Se personagens tomados universalmente como supervilões, como Thanos, são capazes de serem absorvidos pelo bolsonarismo como figuras heróicas, é importante observar a manipulação das fronteiras conceituais de dualismos, oposições e de valores que estão sendo empregadas. Ao mesmo tempo, também são voláteis os sentidos de masculinidade utilizados. Seja como for, todas essas fronteiras estão sempre sendo vigiadas, com a intenção da manutenção de lógicas de poder daqueles no topo dessa cadeia hegemônica.

Dessa forma, a partir dos pressupostos da semiótica da cultura de Iuri Lotman, as territorialidades semióticas de diversos níveis das semiosferas (ou ambientes semióticos) aqui analisadas têm, em sua maioria, uma localização nuclear, central. É o caso da masculinidade dominante, da branquitude, do cristianismo, do super-heroísmo, da heterossexualidade. Alguns desses sentidos se localizam em fronteiras entre o central e o periférico, com vistas a atingir o núcleo da semiosfera, como os posicionamentos que se descrevem como anti, que não são necessariamente um pertencimento periférico, mas de movimento centrífugo, que se distancia do centro. Antipolítica, antissistema, antipetismo, anticomunismo e, por fim, anti-heroísmo, característico da direita alternativa que visa explorar os limites, em todas as direções, do

neoliberalismo. Apenas se encontra em um lugar definitivamente periférico a mentalidade colonial a respeito das potências econômicas, subserviente principalmente aos Estados Unidos.

Enquanto, as territorialidades semióticas estabelecidas no centro e na periferia da semiosfera estabelecem um vínculo territorial definido, os posicionamentos anti, em movimento centrífugo, buscam uma diferenciação territorial dos aspectos que se opõem, ainda que não se vinculem a um território definido. Esses movimentos correspondem a uma prática recorrente na política brasileira de testar os limites do que é permitido dizer ou fazer, desafiando as instituições a reagir a distorções de sentidos ou a se acomodar a antivalores.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Asked you a question  
But I didn't need you to reply  
Is it gettin' heavy?  
But then I realized  
Is it gettin' heavy?  
Well, I thought it was already as heavy as can be  
Is it overwhelming  
To use a crane to crush a fly?  
It's a good time for Superman  
To lift the sun into the sky  
'Cause it's gettin' heavy  
Well, I thought it was already as heavy as can be  
Tell everybody  
Waitin' for Superman  
That they should try to hold on  
The best they can  
He hasn't dropped them  
Forgot them  
Or anything  
It's just too heavy for Superman to lift  
Flaming Lips - Waiting for a Superman (1999)<sup>82</sup>*

Os anos Bolsonaro mostraram ao povo brasileiro que, assim como na música do Flaming Lips, não adianta esperar por um Super-Homem. As coisas foram difíceis, mais difíceis do que poderiam ser, como diz a letra. O país foi destruído através dos desmandos de seu presidente e as pessoas adoeceram e faleceram devido ao descaso das autoridades. E até para um Super-Homem os desafios de enfrentar um momento como aquele eram esmagadores e opressivos. Eram demais para dar conta. Contudo, sobrevivemos para contar nossas histórias.

Apesar de “imorrível, incomível e imbrochável”, em inúmeras situações o governo Bolsonaro se viu impotente diante dos desafios que se impunham à sua frente. Se a política envolve coragem e valentia, como promulgam os bolsonaristas, diversas vezes vimos Bolsonaro se acovardar e recrudescer frente a desastres naturais, uma pandemia mundial, a recessão econômica, a decisões políticas que desagradaram a população em geral e em particular seus aliados. Ele também teve dificuldades em cerzir alianças que pudessem aprovar as pautas bolsonaristas durante seu governo. Mais do que isso, o promulgado lema da “ordem e progresso” que o projeto bolsonarista pretendia restabelecer, seguindo sua lógica do passado supostamente glorioso do regime militar, falhou. Poucos governos como o de Jair Bolsonaro

---

<sup>82</sup> Tradução da letra: Fiz uma pergunta/Eu não precisava que você respondesse/Está ficando difícil?/E depois percebi/Está ficando difícil/Bem, eu pensei que já estava tão difícil quanto poderia ser/É esmagador/Usar uma bola de demolição para matar uma mosca?/É um bom momento para um Super-Homem/Trazer o sol para o céu/Porque está ficando difícil/Bem, eu pensei que já estava tão difícil quanto poderia ser/Diga a todos/Esperando pelo Super-Homem/Que eles deveriam tentar/Aguentar o quanto puderem/Ele não as abandonou, os esqueceu ou qualquer coisa/É apenas muito difícil para o Super homem dar conta.

fizeram o Brasil ser destruído, desordenado e retroceder, em diversas pastas e ministérios. Bolsonaro foi bom mesmo em mandar e em propalar sua masculinidade aos quatro ventos.

Essa masculinidade de ostentação foi devidamente retratada nos memes que apresentavam Bolsonaro e seus aliados como super-heróis. Mas essa imagem, na realidade, se viu desgastada com a incompetência daquele governo em gerir o país. Como vimos na ilustração apresentada na Figura 76, depois da pandemia do Covid-19, os memes trazendo bolsonaristas como super-heróis tiveram uma queda comparados com outros espectros políticos. Também os filmes de super-heróis deixaram de desempenhar tão bem nas bilheterias mundiais, levando os estúdios a repensar e adiar produções.

Mais recentemente, variadas investigações jurídicas e da Polícia Federal direcionaram suas atenções para a família Bolsonaro e, mais especialmente, Jair Bolsonaro. A principal delas, a operação Tempus Veritas (A hora da verdade), que tem como objetivo encontrar os mandantes, financiadores e executores do golpe fracassado de 8 de janeiro de 2023, tem estreitado os caminhos na direção do ex-presidente. Em função disso, foi convocado um ato-pró Bolsonaro no dia 25 de fevereiro de 2024. Este ato, como muitos outros, produziu diversos memes, como a “patriota vitruviana”, que girava em um brinquedo de realidade virtual gritando o lema “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”; três senhoras bolsonaristas que insistiam que Israel era um país cristão; e manifestantes bolsonaristas cantando e dançando ao som de “Pra não dizer que não falei de flores”, música de Geraldo Vandré, símbolo da luta contra a ditadura (BATISTA DE OLIVEIRA, 2024).

Em meio a isso, diversas bandeiras de Israel com um pentagrama no lugar da Estrela de Davi, eram vendidas na Avenida Paulista e eram empunhadas pelos manifestantes. Um destes manifestantes era um desafio semiótico: um Tio Sam com cores do Brasil e dos Estados Unidos, além da onipresente bandeira de Israel com pentagrama, como se pode ver na ilustração a seguir.

Figura 89 – Tio Sam brasileiro e israelita



Fonte: Reddit<sup>83</sup>.

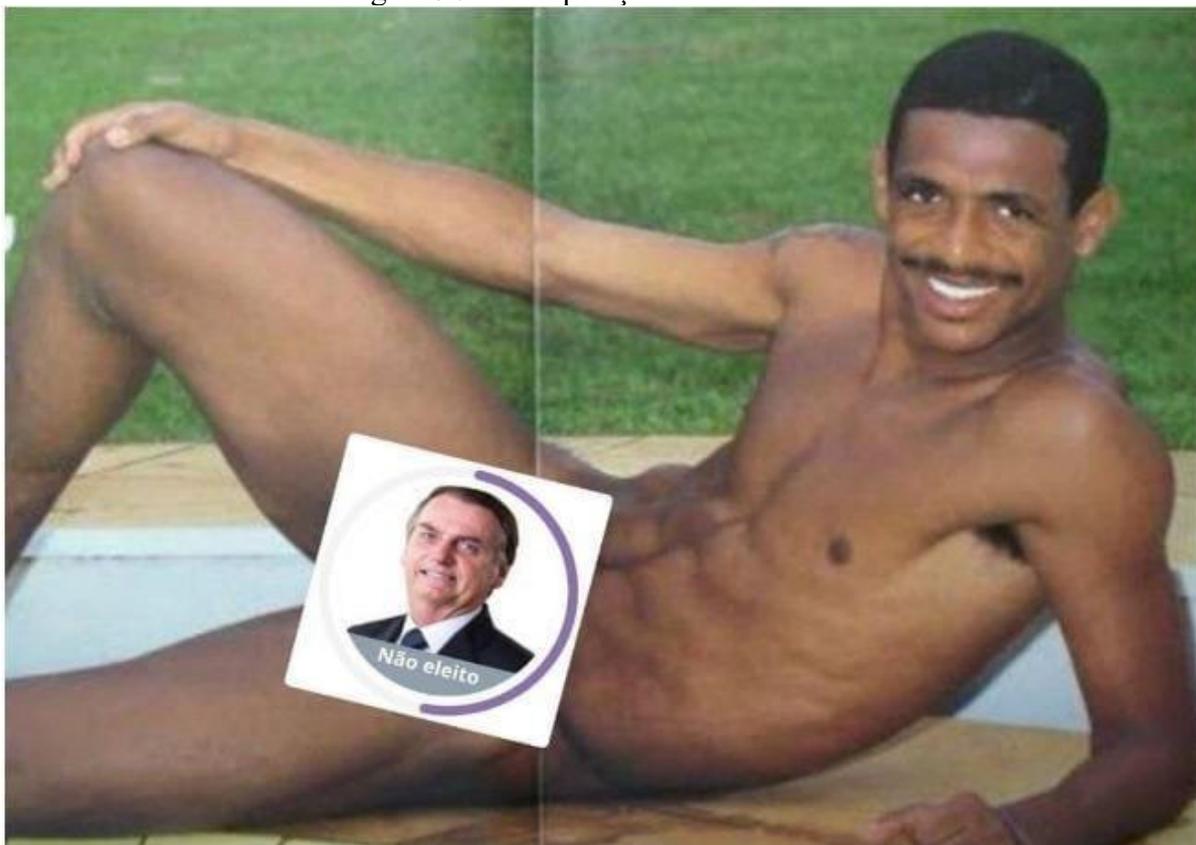
Durante a manifestação podia-se ver um outdoor com a imagem do jogador de futebol e comentarista esportivo Vampeta nu e a inscrição “cease fire” justaposta digitalmente sobre seu genital ereto. O movimento foi iniciado no X/Twitter contra o massacre palestino pelo estado de Israel. O outdoor se encontrava na Avenida Paulista próximo ao prédio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Bolsonaro também foi tema de memes relacionados a um “Vampetaço”. O retrato do “imbrochável” no gráfico que revela que o mesmo havia perdido as eleições de 2022 para Lula cobria o pênis de Vampeta. O uso da imagem, ver Figura 90, considerada um ultraje por algumas pessoas, foi uma forma de protesto não apenas em favor dos palestinos, como também contra Bolsonaro, já que este se define como um aliado de Israel (CAPANEMA, 2024).

Sobrepôr uma imagem do rosto de Bolsonaro a uma fotografia erótica de um homem nu com seu genital ereto carrega ao mesmo tempo a subversão do queer e uma carga de homofobia. O ensaio de Vampeta foi desenvolvido voltado ao público de uma revista gay, e por mais que o modelo da sessão de fotografia tenha fama de feio, busca-se inferiorizar Bolsonaro ao associá-lo com uma das mais famosas e polêmicas produções da *G Magazine*. Mostra, mais uma vez, que mesmo quando se quer ridicularizar uma figura pública é preciso apelar para sua sexualidade e a outras questões de gênero e, além disso, de estética e performances de masculinidade.

<sup>83</sup> Disponível em:

[https://www.reddit.com/r/saopaulo/comments/1azzyh5/av\\_paulista\\_hoje\\_2502\\_manifestantes\\_pr%C3%B3bolsonaro](https://www.reddit.com/r/saopaulo/comments/1azzyh5/av_paulista_hoje_2502_manifestantes_pr%C3%B3bolsonaro). Acesso em: 10 mar. 2024.

Figura 90 – Vampetaço contra Bolsonaro



Fonte: Reddit<sup>84</sup>.

Ainda dentro do objetivo desta tese, o movimento pró-Bolsonaro de 25 de fevereiro rendeu outro personagem que “fez sucesso com as crianças” (METRÓPOLES, 2024). É o caso de um Homem-Aranha verde e amarelo que circulou na Avenida Paulista (ver Figura 91). Ele se utiliza de uma lógica semelhante à verificada nos memes do Capitão América e do Superman, onde o vermelho é suprimido e também relacionado com o raciocínio do Tio Sam demonstrado acima. O Homem-Aranha verde e amarelo participa de um “Multiverso da Loucura”, onde super-heróis apoiam governantes como Jair Bolsonaro. Não demorou muito para que surgisse no Instagram um desenho feito por Rafael Ogusuku parodiando o Homem-Aranha patriota da Paulista. Ao observar o uso de super-heróis de forma tão desconectada com seu sentido ético, seja no Aranha patriótico ou no Tio Sam multipatriótico encontramos os “significantes vazios”, que caracterizam o populism, conforme Ernesto Laclau (2005) pressupôs.

Como se sabe, super-heróis são necessários em tempos belicosos, de dificuldade, mas quem dá conta dos desastres da realidade sempre são os humanos comuns. Isso ficou claro após a Segunda Guerra Mundial. Durante a guerra, nos Estados Unidos, centenas de super-heróis

<sup>84</sup> Disponível em: [https://www.reddit.com/r/brasil/comments/lazqja4/vampeta%C3%A7o\\_na\\_avenida\\_paulista](https://www.reddit.com/r/brasil/comments/lazqja4/vampeta%C3%A7o_na_avenida_paulista). Acesso em: 10 mar. 2024.

ganharam vida, principalmente com propósitos patrióticos e como forma de defender fronteiras terrestres e conceituais. Mas com o fim do conflito, vencido por pessoas normais e alquebradas, as incríveis proezas de seres sobrenaturais não faziam sentido. Talvez estejamos vivendo um momento semelhante após a pandemia de Covid-19. Afinal, ela foi dominada graças aos esforços humanos dos profissionais da saúde que lutaram nos fronts dessa batalha.

Figura 91 – Homem-Aranha patriótico da Paulista e desenho de Rafael Ogusuku



Fonte: Reddit<sup>85</sup>, Twitter/X<sup>86</sup> e Instagram<sup>87</sup>.

A viralidade dos memes também ganha um significado diferente, menos benéfico, menos vantajoso, depois de atravessarmos um período de provações provocadas por uma carga viral mutante capaz de se infiltrar nos corpos mais saudáveis. Há quatro anos, quando começava este estudo, enxergava a memética como algo que poderia facilitar trâmites comunicacionais. Hoje, minha visão é mais crítica, e não acredito que “memes egoístas” ou governantes egoístas possam dar conta do desafio da hipercomunicação que se impõe para o futuro. Precisamos descobrir formas de comunicar que comecem a questionar mais o que está imposto, um papel das esquerdas políticas, uma vez que as direitas e principalmente a extrema direita se apropriam daquilo que está pronto e embalado para consumo imediato.

As respostas à questão norteadora desta tese estão relacionadas com o alcance dos objetivos específicos do trabalho. O propósito de desenvolver um exame sobre memes que usam das figuras dos super-heróis para representar os sentidos do bolsonarismo foi cumprido ao

<sup>85</sup> Disponível em:

[https://www.reddit.com/r/saopaulo/comments/lazzh5y/av\\_paulista\\_hoje\\_2502\\_manifestantes\\_pr%C3%B3bolsonaro](https://www.reddit.com/r/saopaulo/comments/lazzh5y/av_paulista_hoje_2502_manifestantes_pr%C3%B3bolsonaro). Acesso em: 10 mar. 2024.

<sup>86</sup> Disponível em: <https://twitter.com/Metropole/status/1761868841062569>. Acesso em: 10 mar. 2024.

<sup>87</sup> Disponível em: <https://instagram.com/p/C30sKhQusIx/>. Acesso em: 10 mar. 2024..

analisar quantitativamente 400 memes políticos envolvendo super-heróis. Posteriormente, foi completado ao traçar uma análise qualitativa utilizando a metodologia das territorialidades semióticas desenvolvida e aprofundada nesta tese.

Para situar como os sentidos de super-heróis são apropriados pelo bolsonarismo no estabelecimento de territórios semióticos, além da proposta metodológica aqui descrita, também foi possível entender como os mecanismos de tradução da cultura funcionam a partir de seus níveis estipulados por Hartley (2020): estranhamento, transformação, abstração, produtividade e transmissão. Passamos a compreender como o bolsonarismo se vincula a sentidos de nacionalismo e de masculinidades projetados nos super-heróis ao lançar mão da compreensão que os super-heróis, assim como outros produtos da cultura pop, são personagens flutuantes, e que a eles podem ser atribuídos sentidos diversos. Ao mesmo tempo, enquanto mitos, e com a propriedade essencial de serem apropriados, os super-heróis se conectam com seu público através dos processos que Lawrence e Jewett (2002) definiram como seletividade mítica, mensagem mítica e convite à emulação ou convite Werther.

Também, durante a produção desta tese, foi possível avaliar como as masculinidades são representadas e produzidas dentro do espectro de sentidos gerados pelos super-heróis nacionalistas. Além de os super-heróis dos memes aqui analisados serem entendidos muito mais através de sua retórica visual, hipermasculina e hipermusculosa em detrimento de seu comportamento altruísta e benevolente, essas características se aproximam muito mais daquilo que Kimmel (2018) definiu como “Homem de Verdade” do que com o que pressupôs como o “Bom Homem”. Esses sentidos de masculinidade, dominadora e ostentatória, também se relacionam com a Casa dos Homens, de Welzer-Lang (2001), em que os sentidos da real masculinidade pensada nesses espaços são reificados e incentivados, e além disso, são testados e postos em competição. Portanto, uma personalidade masculina baseada no “homem de verdade”, opressor, dominador e ostentador, abre espaço para comportamentos e discursos homofóbicos, machistas e misóginos, originados no interior da Casa dos Homens.

Além de tudo que foi exposto, para entender como, a partir de memes, o bolsonarismo se apropria de imagens de super-heróis com sentidos de masculinismo para estabelecer seus territórios semióticos é preciso falar sobre as teorias iniciadas por Stanley Cohen (2011) e ampliadas por Flinders e Woods (2015). A extrema direita, a alt-right, e em especial o bolsonarismo são especialistas, com a ajuda da mídia configurada pelas plataformas digitais, em espalhar o pânico moral. O bolsonarismo usou da retórica do kit gay, da “mamadeira de piroca” para se estabelecer. Nas eleições de 2022, incorreu a acusações de satanismo, fechamento de igrejas, incentivo ao aborto e legalização do incesto por parte da candidatura de

Lula (NUNES; TRAUMANN, 2023). Dessa forma, o bolsonarismo produz uma demonização de seus opositores.

Paralelo a isso, o bolsonarismo também é eficiente em criar heróis populares através de um processo contrário. Esta tese explicou e demonstrou como os memes são uma ferramenta capaz de conferir ao bolsonarismo as qualidades poderosas dos super-heróis, ingressando num processo de deificação não apenas dessas criaturas fictícias, mas dos personagens-chave deste movimento político e social. Aos bolsonaristas não são somente emprestadas as qualidades de poder, mas a sua capacidade de difusão na cultura. Super-heróis e políticos passam a ser os guardiões das fronteiras morais da sociedade, filtrando o que suas narrativas dão conta do que deve ser considerado “do bem”, ou bom e o que deve ser pensado como prejudicial e maléfico.

Com o uso de memes e das plataformas digitais essa operação de entranhamento de sentidos e de popularização desses heróis se torna intensificado. Nesse processo, são desenvolvidos novos modelos de masculinidade de dominação no âmbito digital, como aqueles relacionados com a machosfera e com o nicho nerd/geek. Todos esses elementos passam, então, a ocupar um lugar central na dinâmica da cultura. A sensação de poder causada pela euforia moral, o lado contrário do pânico moral, causada pela vitória de Jair Bolsonaro nas urnas em 2018 reforçou esses sentidos ainda mais.

Articulado a isso, existe a confusão sobre o papel de vítima, que impulsiona o ressentimento, sensação que é grande dinamizadora do bolsonarismo e de outros movimentos políticos relacionados à *alt-right*. A “vítima” acaba tomando o lugar do herói, como pudemos ver no que aconteceu no trágico dia 8 de janeiro de 2023. Insuflados por um discurso de poder, de dominação e de ostentação, os bolsonaristas que atacaram e depredaram a sede dos Três Poderes em Brasília demonstraram o lado explícito das consequências dessa retórica. O prisma menos visível tem a ver com as agressões sofridas todos os dias por pessoas que são inferiorizadas por essa mentalidade reacionária, como as mulheres, as pessoas queer e outras minorias. Esses dois lados da mesma moeda se relacionam com as violências explosivas e implosivas estipuladas por Han (2014).

Nessa direção, as pessoas que deveriam ser definidas como vítimas, as verdadeiras minorias, são tornadas “vilãs” nessas narrativas de ressentimento. Concomitante a isso, aqueles que sempre estiveram na centralidade da sociedade passam a se vitimizar, invertendo a engrenagem e gerando ainda mais violência. Acaba sendo produzida uma lógica competitiva que estabelece uma guerra cultural cujo resultado irá definir qual segmento social que mais sofre. A disputa pelo mérito, mesmo do mérito de sofrer, é uma consequência do

estabelecimento do raciocínio neoliberal no mundo contemporâneo, adensado por diversas crises econômicas, democráticas e liberais, e também da doutrina cristã.

Parte dessa confusão entre o papel de vítima, de herói e de vilão vem das próprias narrativas dos super-heróis que usam em suas dinâmicas o papel periférico do homem comum e o papel central de suas identidades secretas superpoderosas como algo sobreposto, ambivalente. Os super-heróis estabelecem uma promessa de aproximação a partir do homem comum, longe do poder, com o local de onde o poder deriva e se articula. Isso também se reflete na territorialidade de suas aventuras. Enquanto Peter Parker vem do bairro residencial novaiorquino do Queens e Clark Kent cresceu numa fazenda em Smallville, as aventuras do Homem-Aranha se dão em Manhattan e as do Superman em Metrópolis, centros fervilhantes das decisões mundiais. Isso sem considerar que os alter-egos desses homens comuns exploram as profundezas do espaço sideral e estranhas novas dimensões da existência.

As narrativas que confundem heróis com vítimas e vítimas com heróis ganharam endosso a partir da queda das Torres Gêmeas em 2001 e se multiplicaram depois da crise econômica de 2008. Não por acaso esses fatores também amplificaram o apoio a políticos populistas, tanto de esquerda como de direita. Como citado no início desta tese, todos esses líderes populistas contemporâneos são passíveis de serem encontrados em um mecanismo de busca de imagens retratados como super-heróis.

As fantasias de transformação estão ligadas às bases das dinâmicas da cultura, da periferia para o centro, do garoto para o homem, do desapoderado para o poderoso, do singelo para o sublime, do comum para o sobrenatural. E vice-versa. Inclui, além disso, a via dupla da vítima heróica e do herói vitimado.

Este trabalho de pesquisa apresentou algumas limitações, uma delas foi trazer uma análise de memes enxuta para dar conta das características relacionadas apenas com o bolsonarismo. Uma pesquisa mais ampla poderia elaborar relações maiores sobre o funcionamento da atual política brasileira como um todo a partir deste mesmo inventário de memes. Ao ampliar o escopo da proposta, ao mesmo tempo, seria possível chegar a algumas conclusões sobre como as masculinidades são ativadas e articuladas num espectro que acolheria todas as inclinações políticas.

Além disso, ao tratar de um ambiente machista dentro de outro ambiente machista, lidei com o “problema das partriokas”. Nem sempre foi possível dar conta ao mesmo tempo de todas as dimensões que este estudo se propôs a alcançar. Além disso, as semiosferas de Lotman possuem uma qualidade que é a esfericidade, um fator difícil de topografar em mapas de territorialidades semióticas bidimensionais. Pesquisas posteriores podem levar em conta não

apenas outras dimensões dessas semiosferas como trabalhar o efeito do tempo sobre essas movimentações culturais.

Pesquisas futuras que levem em consideração super-heróis, memes, bolsonarismo e masculinidades poderiam versar mais profundamente sobre as consequências da ausência de autorialidade nos memes e nos super-heróis. Nos próximos anos Superman, Capitão América e uma vasta companhia de super-heróis criados durante os anos 1930 e 1940 irão entrar em domínio público. Esse acontecimento futuro coaduna com uma das maiores preocupações do Tribunal Superior Eleitoral para as eleições municipais de 2024, que é o uso das Inteligências Artificiais (AIs) em campanhas políticas. Esses mecanismos digitais podem ser usados para produzir diversos tipos de imagens, vídeos e conteúdos fakes, seja com intenções humilhantes, seja com intenções laudatórias. Mais ainda, estudos vindouros desenvolvidos a partir de temas semelhantes poderiam levar em consideração as questões do anonimato das pessoas que produzem esse tipo de conteúdo e como isso facilita crimes e legítimas violências contra minorias.

Neste estudo, encarei o bolsonarismo como uma espécie de moda, de tendência social. Ao pensar nos sentidos que ele acumula, numa interação entre a lembrança de quem são/foram/serão os poderosos e o esquecimento do que o autoritarismo pode provocar, o bolsonarismo se torna exatamente aquilo que representavam movimentos políticos que já vimos no passado. Esse é o funcionamento da moda enquanto tendência social e dos memes enquanto ideias: trazer de volta à baila conteúdos e práticas abandonadas. Assim, o discurso de crise da masculinidade, a popularização dos super-heróis e a glorificação de políticos autoritários, presentes a partir da década de 20 do século XX retornam à voga na década de 20 do século XXI.

Apesar de o governo Bolsonaro ter se encerrado, as lógicas masculinistas e autoritárias na política parecem um problema que demandará maior enfrentamento, denúncias e posicionamentos. O bolsonarismo como um movimento, surgiu antes da popularização de Bolsonaro e seguirá presente enquanto sua memória for preservada como parte da cultura brasileira. Os políticos bolsonaristas seguem em atividade usando repertórios machistas e autoritários.

As mídias sociais e sua implicação com a política tem a afinidade com esse tipo de comunicação hiperbólica, que acumula discursos carregados de ódio e de fake news, contra os quais não existe ainda uma legislação ou regulação, ou ainda uma institucionalização, que controle esse tipo de conteúdo. Ainda não há nenhum enfrentamento diante do fascismo por

instituições do Estado, seja por parte da mídia tradicional ou por parte das plataformas para evitar a disseminação deste tipo de conteúdo.

Também se encontram ainda muito isolados debates para sobrepujar os discursos e ações masculinistas na política e na sociedade brasileira, que atuam de forma a intoxicar nossa cultura. Assim como a produção de memes revelaram que os sentidos de masculinidade mais usados são relacionados com estupidez e uso da força e da violência, ao mesmo tempo os sentidos de nacionalidade são repetitivos e vazios.

A eleição de Javier Milei em 2023 na Argentina é uma prova de que esse “museu de grandes novidades” continua de pé. Por outro lado, a alt-right e o bolsonarismo tentam encher de significado o que é vazio, parafraseando Laclau (2005), e que se esvazia com crescente rapidez. Talvez essas correntes sejam colocadas à margem da cultura com a mesma celeridade com que se estabelece se continuar com suas práticas que superaquecem e erodem o sistema da cultura.

Em 2023, Bolsonaro foi tornado inelegível até 2030 através de duas decisões do Tribunal Superior Eleitoral. O governo Lula reativou os incentivos à cultura e à educação e desmembrou o Ministério da Cultura do Ministério da Educação. Uma das suas ações foi aumentar em 40% o valor das bolsas de pós-graduação *stricto sensu*, congelados há dez anos. Ainda que a precariedade acadêmica persista não apenas no Brasil, mas mundialmente, essas são algumas ações que trazem alento dentro do quadro caótico que Bolsonaro trouxe para a educação e cultura do país.

Espero que esta tese ajude a lançar luz sobre movimentos autoritários, populistas e masculinistas como o bolsonarismo e contribua para que esse terrível cenário de destruição que o Brasil se tornou não se repita jamais. Que estas páginas possam ser uma tábua de iluminação e empoderamento, porque a salvação e o poder sobrenatural de inverter a lógica de rotação da Terra é melhor ser deixada para as narrativas fantasiosas dos super-heróis.

## REFERÊNCIAS

- AARÃO REIS, D. Notas para a compreensão do bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, vol. 46, n. 1, p. 1-11, jan.-abr. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/36709/19614>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- ABREU BARBOSA, Aluysio. **Brasil de Bolsonaro, Rússia de Putin e Hungria entre Orbán e Puskás**. In: Folha1 [online], publicado em 19 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://opinioes.folha1.com.br/2022/02/19/brasil-de-bolsonaro-russia-de-putin-e-hungria-entre-orban-e-puskas/>. Acesso em: 30 out. 2022.
- ALESSI, Gil. **Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido**. In: El País [online], publicado em 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html>. Acesso em: 30 out. 2022.
- ALEXANDRE, Ricardo. **E a verdade os libertará**: Reflexões sobre religião, política e bolsonarismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.
- ALIAGA, L. A restauração reacionária no Brasil em tempos de pandemia. **Revista de Educação Encontros com a Filosofia**, n. 12, p. 58-75, 2020.
- ALVES, Fernanda. **Flopou**: após atos golpistas de 8 de janeiro, manifestações bolsonaristas neste 15 de novembro têm adesão fraca. In: O Globo [online], publicado em 16 de novembro de 2023. Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/11/16/flopou-apos-atos-golpistas-de-8-de-janeiro-manifestacoes-bolsonaristas-neste-15-de-novembro-tem-adesao-fraca.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- AMATO, Gian. **Bolsonaro repete lema da ditadura de Salazar diante do coração de D. Pedro e surpreende portugueses**. In: O Globo [online], publicado em 25 de agosto de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/portugal-giro/post/2022/08/bolsonaro-repete-lema-da-ditadura-de-salazar-diante-do-coracao-de-d-pedro-e-surpreende-portugueses.ghtml>. Acesso em: 06 fev. 2024.
- AMBRA, Pedro. Homens e armas. In: AMBRA, Pedro (Org.). **Cartografias da masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.
- AMBRA, Pedro. **O que é um homem?** Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente. São Paulo: Zagodoni, 2021a.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Tiago Souza Monteiro. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga. **Faces da História**, vol. 4, n. 2, p. 58-72, 3 jan. 2018.
- ANUÁRIO Brasileiro de Segurança Pública. **ABSP 2013**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2013.

- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza - Rumo a uma nova consciência. *In*: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- APPADURAI, Arjun. Fadiga da democracia. *In*: GEISELBERGER, Heinrich (Org.). **A grande regressão: um debate internacional sobre os novos populismos - e como enfrentá-los**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.
- APPLEBAUM, Anne. **O crepúsculo da democracia: como o autoritarismo seduz e as amizades são desfeitas em nome da política**. Rio de Janeiro; Editora Record, 2020.
- ARÁN, Olga P. Juri Lotman: actualidad de un pensamiento sobre la cultura. **Escritos - Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje**, vol. 24, 2001.
- ARANTES, Paulo. **A fratura brasileira no mundo**. Lisboa: Oca Editorial, 2021.
- ARONOVICH, Lola. A trajetória e resistência do Escreva Lola Escreva. **Revista Estudos Feministas**, vol. 30, n. 2., 2022.
- ARZHEIMER, Kai. Explaining electoral support for the radical right. *In*: RYDGREN, Jens (Org.). **The Oxford handbook of the radical right**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- ASSMANN, Aleida. **Aleida Assmann, Memória Cultural**. YouTube, 30 dez. 2020. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=Mo\\_Qtjzead8](https://www.youtube.com/watch?v=Mo_Qtjzead8). Acesso em: 23 maio 2022.
- AVELAR, Idelber. **Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI**. Rio de Janeiro, Record, 2021.
- AVELAR, Idelber. Genealogia discursiva do bolsonarismo. **Aisthesis - Instituto de Estética - Pontificia Universidad Católica de Chile**, n. 70, p. 169-198, 2021.
- BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.
- BADINTER, Elizabeth. **XY: Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAHLMANN, Andrew R. **The mythology of the super-hero**. Jefferson: McFarland and Co., 2016.
- BALEIRO, Zeca. **Todo Super-Homem**. São Luís: Saravá Discos: 2019. 1 CD (4 min).
- BAPTISTA FILHO, Almir Cezar de Carvalho. **Dinâmica, determinações e sistema mundial no desenvolvimento do capitalismo nos termos de Theotônio dos Santos: da Teoria da Dependência à Teoria dos Sistemas-mundo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 70. 1977.

BARKMAN, Adam. Super-Homem: de anticristo a arquétipo de Cristo. *In*: IRWIN, William (Cord.); WHITE, Mark D. (Org.). **Superman e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2014.

BARRETO JR., Walter. **Bolsonaro e seus seguidores: o horror em 3560 frases**. São Paulo: Geração Editorial, 2023.

BARTHES, Roland. O mito, hoje. *In*: BARTHES, Roland (Org.). **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BARTHES, Roland. **The Fashion System**. Berkeley: CA Ed., 1983.

BATISTA DE OLIVEIRA, Rebeca Cristina. **Ato pró-Bolsonaro vira meme com Israel cristão, ‘pentagrama de Davi’ e ‘patriota vitruviana’**. *In*: Folha de S. Paulo [online], publicada em 7 de março de 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2024/02/ato-pro-bolsonaro-vira-meme-com-israel-cristao-pentagrama-de-davi-e-patriota-virtuviana.shtml>. Acesso em: 07 mar. 2024.

BECK, Ulrich. **The brave new world of work**. Londres: Polity, 2000.

BENÍCIO, Jeff. **Foto com suposta pose gay usada para desmoralizar Frias**. *In*: Terra [online], publicado em 22 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/foto-com-suposta-pose-gay-usada-para-desmoralizar-frias,e6c6440c1d70f529fdd5b490b5cae50ekc8ogmhh.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BENJAMIN, Cid (Org.). **Estado policial: como sobreviver**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERLANT, Lauren. **The anatomy of national fantasy: Hawthorne, utopia and everyday life**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1998.

BLACKMORE, Susan. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BOGAERTS, Arno. A redescoberta do übermensch de Nietzsche no Super-Homem como ideal heróico. *In*: IRWIN, William (Cord.); WHITE, Mark D. (Org.). **Superman e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2014.

BOLA, J. J. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense, 2020.

BOLAÑO-PÉREZ, Laura Victoria. **Los superhéroes, el deber moral y la obligación: el caso de Spider-Man y de los X-Men**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2012.

BOLDRINI, Angela. **Alexandre Frota é acusado de apologia ao estupro em programa de Rafinha**. *In*: Ilustrada/Folha de S. Paulo [online], publicado em 2 de março de 2015.

Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1596959-alexandre-frota-e-acusado-de-apologia-ao-estupro-em-show-de-rafinha-bastos.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2011.

BOLSONARO, Eduardo; MENDES, Matheus Colombo. **Jair Bolsonaro: o fenômeno ignorado**. Volume 1: eles não entenderam nada. Campinas: Vide Editorial, 2022.

BONFIM, Flávia. **Tornar-se homem: ressonância do declínio do ideal viril na sexuação**. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

BONIN, Robson. **Em 2018, Bolsonaro defendeu ‘fuzilar a petralhada’**. *In*: Veja [online], publicado em 10 de julho de 2022. Disponível em : <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/em-2018-bolsonaro-defendeu-fuzilar-a-petralhada>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BOORSTIN, Daniel. **The image: a guide to pseudo-events in America**. Nova York: Vintage Books, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BRASIL Repórter. **Não foi só Neymar: Bolsonaro dá medalha de ‘imbrochável’ a vendedor de escavadeira usada em garimpo ilegal**. *In*: Carta Capital [online], publicado em 6 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/nao-foi-so-neymar-bolsonaro-da-medalha-de-imbrochavel-a-vendedor-de-escavadeira-usada-em-garimpo-ilegal/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BRODIE, Richard. **Vírus da mente**. São Paulo: Cultrix, 2009.

BROOKER, Will. Fandom and authorship. *In*: HATFIELD, Charles; HEER, Jeet; WORCESTER, Kent. (Org.). **The superhero reader**. Jackson: The University Press of Mississippi, 2013.

BROWN, Jeffrey A. Supermoms? Maternity and the monstrous feminine in superhero comics. **Journal of Graphic Novels and Comics**, vol. 2, n. 1, 2011, p. 77-87.

BROWN, Jeffrey A. The visible and the invisible: superheroes, pornography, and phallic masculinity. *In*: PEPPARD, Anna F. (Org.). *Supersex: sexuality, fantasy, and the superhero*. Austin: TX: University of Texas Press, 2020.

BROWNIE, Barbara, GRAYDON, Danny. **The superhero costume: identity and disguise in fact and fiction**. Londres: Bloomsbury, 2016.

BRUNO, Regina. Bancada ruralista, conservadorismo e representação de interesses no Brasil contemporâneo. *In*: MALUF, Renato S.; FLEXOR, Georges (Org.). **Questões agrárias, agrícolas e rurais: conjunturas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2017.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BUENO, Samira. DE LIMA, Renato Sérgio. **A tropa de choque de Bolsonaro**. In: Piauí [online], publicada em 8 de agosto de 2020. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/tropa-de-choque-de-bolsonaro>. Acesso em: 16 out. 2022.

BUGALHO, Henry. **Minha especialidade é matar**: como o bolsonarismo tomou conta do Brasil. Curitiba: Kotter Editorial, 2020.

BUKATMAN, Scott. X-Bodies: the torment of the mutant superhero (1994). In: BUKATMAN, Scott (Org.). **Matters of gravity**: special effects and supermen in the 20th Century. Durham: Duke University Press, 2003.

BURIGO, Joanna. **Patriarcado Gênero Feminismo**. Porto Alegre: Zouk, 2022.

BUTLER, Judith. Ator performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CALGARO, Fernanda. **Bolsonaro repete que não estupra deputada porque “ela não merece”**. G1 [online], publicado em 9 de dezembro de 2014. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-repete-que-nao-estupra-deputada-porque-ela-nao-merece.html>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1998.

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 2009.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CANNIZZARO, Sara. Internet memes as internet signs: a semiotic view of digital culture. **Sign Systems Studies**, vol. 44, n. 4, 2016.

CAPANEMA, Rafael. **Bolsonaristas boicotam chocolate que patrocina Felipe Neto**. In: Núcleo [online], publicado em 16 de outubro de 2023. Disponível em <https://nucleo.jor.br/garimpo/felipe-neto-bis/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CAPANEMA, Rafael. **Estão atacando a conta de Israel no X com um Vampetaço**. In: Núcleo [online], publicado em 21 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/garimpo/israel-vampetaco>. Acesso em: 07 mar. 2024.

CARASCONE, Sarah. **Police in the US Have Embraced the Punisher Skull as an Unofficial Logo**. Now the Character’s Creator Is Asking Artists of Color to Reclaim It. In: Artnet News. Publicado em 10 de junho de 2020. Disponível em <https://news.artnet.com/art-world/punisher-black-lives-matter-1883013>. Acesso em: 19 dez. 2020.

CARRANÇA, Thais. **'Machopopulismo' de Bolsonaro é parte de tradição que remonta ao fascismo, diz historiador**. In: BBC News [online], publicado em 8 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62829604>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O cadete e o capitão**: a vida de Jair Bolsonaro no quartel. São Paulo: Todavia, 2019.

CASARA, Rubens R. R. **Bolsonaro**: o mito e o sintoma. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

CAZUZA. **O tempo não para**. Rio de Janeiro: Philips Records: 1988. 1 CD (4 min).

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes políticos. *In*: CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

CHARDIN, Teilhard de. **O Fenômeno Humano**. São Paulo: Cultrix, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural**: O Direito à Cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics**: the creation of Mods and Rockers. Nova York: Routledge, 2011.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Second Edition. Cambridge: Polity Press, 2005.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades hegemônicas: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, vol. 21, n. 1, 2013.

CONROY, Mike. **500 great comics book action heroes**. Hauppauge: Barron's, 2002.

COOGAN, Peter. **Superhero**: the secret origin of a genre. Austin: Monkey Brain Comics, 2006.

CORBIN, Alain. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História da virilidade 2**: o triunfo da virilidade - O século XIX. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. *In*: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.) **História da virilidade 2**: o triunfo da virilidade. O século XIX. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013b, p. 7-12.

COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História da virilidade 3**, p. 554-557. Petrópolis: Editora Vozes, 2013a.

CURTIS, Neal. **Sovereignty and superheroes**. Manchester: Manchester University Press, 2016.

CUSTÓDIO, Túlio. Padrão, padrão, padrão. *In*: AMBRA, Pedro (Org.). **Cartografias da masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

D'EÇA JR., Aurean *et al.* Mortalidade por suicídio na população brasileira, 1996-2015: qual é a tendência dominante? **Cadernos de Saúde Coletiva**, vol. 27, n. 1, 2019.

DA COSTA, Gustavo Gomes. Pânicos Morais. *In*: SZWAKO, José; RATTON, José Luis (Org.). **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe Editora, 2022, p. 239 - 241.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos** - Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo, Vestígio, 2020.

DAMASCENO, João Batista. Em defesa da vida no Estado policial ou em tempos de ovo da serpente. *In*: BENJAMIN, Cid (Org.). **Estado policial: como sobreviver**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DANIELS, Les. **Superman: The Complete History**. San Francisco: Chronicle Books, 2004.

DATAFOLHA. **Medo da Violência e o apoio ao Autoritarismo no Brasil**: índice de propensão ao apoio a posições autoritárias. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

DAUDELIN, Jean; D'ARAÚJO, Maria Celina. Negacionismo dependente. *In*: SZWAKO, José; RATTON, José Luis (Org.). **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe Editora, 2022, p. 207-210.

DAVIS, James Colin. **Fear, myth and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DAWSON, Graham. **Soldier heroes**: British adventure, empire and the imagining of masculinities. Londres: Routledge, 1994.

DE CAMPOS, Rogério. **Super-homem e o romantismo de aço**. São Paulo: Ugra Press, 2018.

DE DAUW, Esther. **Hot pants and spandex suits**: gender representation in American superhero comic books. New Brunswick: Rutgers University Press, 2021.

DE SOUZA, Marcos Alves. **A “nação de chuteiras”**: raça e masculinidade no futebol brasileiro. 1996. 96 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1996.

DECLERCQ, Marie. **A tristeza infinita dos incels**: um retrato da juventude em crise no Brasil. *In*: Vice [online], publicado em 21 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/j5y8q3/a-tristeza-infinita-dos-incels-um-retrato-da-juventude-em-crise-no-brasil>. Acesso em: 22 mar. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

DENNIS, Jeffrey P. Charles Atlas. *In*: KIMMEL, Michael; ARONSON, Amy (Org.). **Men and masculinities: a social, cultural and historical encyclopedia**. Santa Barbara: ABC Clio, 2014.

DIAS, Carlos Henrique. **'Coaches' estrangeiros promovem festa em mansão em SP e usam mulheres como 'cobaias' para alunos de curso de conquista**. *In*: G1 [online], publicado em 14 de março de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/15/coaches-estrangeiros-promovem-festa-em-mansao-e-sem-avisar-usam-mulheres-como-cobaias-para-alunos-de-curso-de-conquista.ghtml>. Acesso em: 26 nov. 2023.

DITTMER, Jason. **Captain America and the nationalist superhero: metaphors, narratives, and geopolitics**. Filadélfia: Temple University Press, 2013.

DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira: como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo**. São Paulo: Planeta, 2020.

DREXLER, Jorge. **Frontera**. Montevideo: EMI International: 1999. 1 CD (3 min).

DUPUIS-DÉRI, Francis. **A crise da masculinidade: anatomia de um mito persistente**. São Paulo: Blücher, 2022.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

DYER, Richard. Don't look now: the instabilities of the male pin-up. *In*: DYER, Richard (Org.). **Only entertainment**. Nova York: Routledge, 2002.

EATWELL, Roger, GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ECO, Umberto. **O mito do Superman**. *In*: ECO, Umberto (Org.). **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIACHEFF, Caroline. LARIVIÈRE, Daniel Soulez. **O tempo das vítimas**. São Paulo: Editora FAP-Unifesp, 2012.

ELLETT, Wade. The death of dueling. **Historia**, vol. 13, n. 1, p. 59-67, 2004.

ERNER, Guillaume. **Sociologia das tendências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

ESTADO de Minas. **Bolsonaro diz que há três alternativas: “ser preso, morto ou ter a vitória”**. *In*: Estado de Minas [online], publicado em 28 de agosto de 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/08/28/interna\\_politica,1300317/bolsonaro-diz-que-ha-tres-alternativas-ser-preso-morto-ou-ter-a-vitoria.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/08/28/interna_politica,1300317/bolsonaro-diz-que-ha-tres-alternativas-ser-preso-morto-ou-ter-a-vitoria.shtml). Acesso em: 26 nov. 2023.

EXTRA. **‘Bandeira jamais será vermelha’ diz Bolsonaro em discurso no Palácio do Planalto**. *In*: Extra [online], publicado em 1º de janeiro de 2019. Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/brasil/bandeira-jamais-sera-vermelha-diz-bolsonaro-em-discurso-no-palacio-do-planalto-23339528.html>. Acesso em: 15 dez. 2022.

FANTÁSTICO. **‘Enquanto esses homens estão com medo que a gente ria deles, a gente tem medo que eles nos matem’, diz mulher ameaçada por Thiago Schutz**. *In*: G1 [online], publicado em 6 de março de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/03/06/enquanto-esses-homens-estao-com-medo-que-a-gente-ria-deles-a-gente-tem-medo-que-eles-nos-matem-diz-mulher-ameacada-por-thiago-schutz.ghtml>. Acesso em: 26 nov. 2023.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, vol. 17, n. 18, p. 9-79, 2001.

FECHINE, Yvana, DEMURU, Paolo. **Um bufão no poder: ensaios sociosemióticos**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022.

FELIX, Maria Mariana; PARANHOS, Ranulfo; SILVA JUNIOR, José Alexandre da; NASCIMENTO, Willber. Tudo que você sempre quis saber sobre a bancada ruralista, mas tinha medo de perguntar: análise descritiva da Frente Parlamentar Mista da agropecuária - FPA (2006-2014). **Direito, Processo e Cidadania**, vol. 1, n. 1, p. 69-91, maio/ago, 2022.

FELLET, João. **Mensagem do governo com alusão ao nazismo agride sobreviventes do Holocausto, diz rabino**. *In*: BBC News Brasil [online], publicado em 11 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52626218>. Acesso em: 30 out. 2022.

FLAMING Lips. **Waiting for a Superman**. Los Angeles: Warner Records: 1999. 1 CD (3 min).

FLINDERS, Matthew, WOODS, Matthew. From folk devils to folk heroes: rethinking the theory of moral panics. **Deviant Behavior**, vol. 36, n.1, 2015, pp. 640-656.

FORTH, Christopher J. History of Bodybuilding. *In*: KIMMEL, Michael, ARONSON, Amy (Org.). **Men and masculinities: a social, cultural and historical encyclopedia**. Santa Barbara: ABC Clio, 2004.

FPG. **O padrãozinho nosso de cada dia**. *In*: Medium [online], publicado em 14 de março de 2019. Disponível em <https://medium.com/vox-pop/o-padr%C3%A3ozinho-nosso-de-cada-dia-27f887d95c7e>. Acesso em: 21 nov. 2023.

FRAGA DE OLIVEIRA, Eric Monné. O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020. **Sociedade e Cultura**, vol. 24, 2021.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FULLER, Norma. Fronteras y retos: varones de clase media del Peru. *In*: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (Org.) **Masculinidad/es: poder y crisis**. Santiago: Isis Internacional/FLACSO, 1997. pp. 139 - 152.

FUNDAÇÃO FHC. **Como morrem as democracias, por Steven Levitsky**. *In*: Fundação FHC [online], publicado em 8 de agosto de 2018. Disponível em: <https://fundacaoofhc.org.br/iniciativas/como-morrem-as-democracias-por-steven-levitsky>. Acesso em: 25 out. 2022.

GAGEN, Elizabeth. Making America flesh: physicality and nationhood in early twentieth-century physical education reform. **Cultural Geographies**, vol. 11, 2004.

GANDINI, Alessandro. **Zeitgeist nostalgia: on populism, work and “the good life”**. Winchester: Zero Books, 2020.

GARFINKEL, Perry. **No mundo dos homens**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

GATES, Phillip. Buddy Films. *In*: KIMMEL, Michael; ARONSON, Amy (Org.). **Men and masculinities: a social, cultural and historical encyclopedia**. Santa Barbara: ABC Clio, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERALDO, Nathália. "**Namorou metade do condomínio**": frase de Bolsonaro sobre filho é machista? *In*: Universa UOL [online], publicado em 6 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/06/ele-namorou-metade-do-condominio.htm>. Acesso em: 26 jan. 2024.

GERVEREAU, Laurent. **Ver, compreender e analisar imagens**. Lisboa: Edições 70, 2007.

GHIRALDELLI, Paulo. **A filosofia explica Bolsonaro**. São Paulo: LeYa, 2019.

GIGLIOLI, Daniele. **Crítica da vítima**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016.

GILBERTO, Gil. **Super-Homem**. Rio de Janeiro: Sony Music: 2015. 1 CD (4 min).

GIMENEZ, Henrique. **Internet debocha da IstoÉ e capa com Bolsonaro vira meme**. *In*: PlenoNews [online], publicado em 13 de novembro de 2020. Disponível em <https://pleno.news/brasil/politica-nacional/internet-debocha-da-istoe-e-capa-com-bolsonaro-vira-meme.html> Acesso em 15 de janeiro de 2024.

GINZBURG, Carlo. “Seu país precisa de você”: Um estudo de caso em iconografia política. *In*: GINZBURG, Carlo (Org.). **Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GLADWELL, Malcolm. **O ponto da virada: Como pequenas coisas podem fazer uma grande diferença**. São Paulo: Sextante, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero, “o corpo” e “imitação prestigiosa” na cultura brasileira. *Saúde Soc.*, vol. 20, n. 3, 2011.

GONZATTI, Christian. **Pode um LGBTQIA+ ser super-herói no Brasil?** Cibercontecimentos pop e a guerra semiótica sobre gênero e sexualidade na cultura nerd. 2022. 320 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

GOTTMAN, Jean. **Il significato del territorio**. Roma: Nexta Books, 2005.

GREG News. **Diretor/Produtor:** Gregório Duvivier. HBO Brasil [S06-EP16], 2022. Mídia.

GRILL, Igor Gastal. “Ismos”, “ícones” e intérpretes. *Revista de Sociologia e Política*, vol. 20, n. 43, p. 193-220, 2012.

GRISHAKOVA, Marina. Afterword: Around Culture and Explosion. *In:* LOTMAN, Iuri (Org.). **Culture and explosion**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

GRUBISIC, Brett J. Flexed for success: consumer goods, pop culture and the selling of heroic masculinity. *In:* CHAPMAN, David L.; GRUBISIC, Brett J. **American hunks: the muscular male body in popular culture (1860-1970)**. Vancouver: Arsenal Pulp Press, 2009.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suelo. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

GUTIERREZ, Filomin C. Violence and Hypermasculinity in University Fraternity Initiations: Situating the Reproduction of Masculinity in the Philippines. *Journal of Men's Studies*, [S. I.], vol. 27, n. 2, p. 149-168, 2019.

HAKALA, Ulla. Masculinism. *In:* NAPLES, Nancy A (Org.). **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2016.

HAKIM, Jamie. **Work that body: male bodies in digital culture**. Londres: Rowman & Littlefield, 2020.

HALBERSTAM, Judith/Jack. **Female Masculinity**. Durham: Duke University Press, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyné, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HARTLEY, John. **How we use stories and why that matters: cultural science in action.** Nova York: Bloomsbury, 2020.

HARTLEY, John; IBUS, Indrek; OJAMAA, Maarja. **On the digital semiosphere: culture, media and science for the anthropocene.** Londres: Bloomsbury Publishing PLC, 2021.

HASSLER-FOREST, Dan. **Capitalist superheroes: caped crusaders in the neoliberal age.** Winchester: Zero Books/John Hunt Publishing, 2012.

HEITMEYER, William. **Autoritäre Versuchungen: Signaturen der Bedrohung I.** Berlin: Suhrkamp, 2018.

HENN, Ronaldo. **El ciberacontecimiento: producción y semiosis.** Barcelona: Instituto de la Comunicació – Universitat Autònoma de Barcelona; Editorial UOC, 2014.

HENN, Ronaldo; FLÔRES, Vinícius. Fogo Cruzado e territorialidades semióticas. *In: SÁ, Simone Pereira de; AMARAL, Adriana; JANOTTI JÚNIOR., Jeder (Orgs.). Territórios afetivos da imagem e do som.* Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 267-291.

HERB, Guntram. Double vision: territorial strategies in the construction of national identities in Germany - 1949-1979. **Association of American Geographers**, vol. 94, 2004.

HERBERG, Will. **Protestant, catholic, jew: an essay in american religious sociology.** Chicago: University of Chicago Press, 1955.

HISTÓRIA em Meia Hora. **Bolsonaro.** [Locução de Vítor Soares], [s.l.]: História em meia hora, dezembro de 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3KUIJErv6x11ge53Q3yK72?si=zcsrfPJUQTSuGxi6Re3ZIQ> Acesso em: 26 mar. 2023.

HOLANDA, Carlos. **Entenda a relação entre Bolsonaro e Renato Cariani, influencer alvo de operação da PF.** *In: O Povo* [online], publicado em 14 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2023/12/14/entenda-a-relacao-entre-bolsonaro-e-renato-cariani-influencer-alvo-de-operacao-da-pf.html>. Acesso em: 16 dez. 2023.

HOLDIER, A. G. Dividing lines: a brief taxonomy of moral identity. *In: WEINER, Robert G.; PEASLEE, Robert Moses (Org.). The supervillain reader.* Jackson: University Press of Mississippi, 2020.

HOLLANDA, Marianna; MARQUES, José. **Bolsonaro discursa em clima de comício e diz que eleição é luta “do bem contra o mal”.** *In: Folha de S. Paulo* [online], publicado em 27 de março de 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/bolsonaro-diz-que-eleicao-e-luta-do-bem-contra-o-mal-em-discurso-com-clima-de-comicio.shtml>. Acesso em: 21 maio 2022.

HORROCKS, Roger. **Male myths and icons: masculinity in popular culture.** Nova York: Palgrave/Macmillan, 1995.

HORROCKS, Roger. **Masculinity in crisis: myths, fantasies and realities**. Nova York: Palgrave/Macmillan, 1994.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.  
IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

INNER Circle. **Bad Boys**. Los Angeles: One Way (Records): 1993. 1 CD (4 min).

INSTITUTO PDH. **O silêncio dos homens: uma pesquisa com mais de 40 mil pessoas em todo o Brasil**. São Paulo: Instituto PdH, 2019.

IRONWOOD, Ian. **The manosphere: a new hope for masculinity**. San Francisco: Red Pill Press, 2013.

IYENGAR, Shanto *et al.* The origins and consequences of affective polarization in the United States. **Annual Review of Political Science**, vol. 22 pp. 129-146, maio de 2019.

JABLONSKA, Ivan. **Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades**. São Paulo: Todavia, 2022.

JACKSON, Joe. **Real Man**. Londres: A&M: 1988. 1 CD (4 min).

JANONES, André. **Janonismo cultural: o uso das redes sociais e a batalha pela democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. *In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogério (Orgs.). Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA, 2015.

JEFFORDS, Susan. **Hard bodies: Hollywood masculinity in the Reagan era**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1994.

JEFFRIES, Adrienne. **In 2012 election, the meme factory hones its assembly line**. *In: The Verge* [online], publicado em 24 de outubro de 2012. Disponível em <https://www.theverge.com/2012/10/24/3541836/2012-presidential-election-memes>. Acesso em: 14 mar. 2023.

JOHANSEN, Jacob. **Fantasy, online misogyny and the manosphere: male bodies of dis/inhibition**. Nova York: Routledge, 2022.

JONES, Gerard. **Homens do amanhã: geeks, gângsteres e o nascimento dos gibis**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

JURGENSON, Nathan. **What makes a meme**. *In: Salon* [online], publicado em 28 de outubro de 2012. Disponível em: [https://www.salon.com/2012/10/28/what\\_makes\\_a\\_meme/](https://www.salon.com/2012/10/28/what_makes_a_meme/). Acesso em: 14 mar. 2023.

KAISER, Susanne. **Political Masculinity**: how incels, fundamentalists and authoritarians mobilize for patriarchy. Cambridge: Polity Press, 2022.

KALIL, Isabella; PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Rosa Mury. Sonhando com armas: masculinidade e imaginário de consumo no Brasil de Bolsonaro. *In*: JARRIN, Álvaro *et al.* (Org.). **Democracia precária**: etnografias de esperança, desespero e resistência no Brasil. Porto Alegre: Zouk, 2022.

KANN, Mark E. Democracy. *In*: KIMMEL, Michael; ARONSON, Amy (Org.). **Men and masculinities**: a social, cultural and historical encyclopedia. Santa Barbara: ABC Clio, 2014.

KASSON, John F. **Houdini, Tarzan and the perfect man**: the white male body and the challenge of modernity in America. Nova York: Hill and Wang, 2001.

KAUFMAN, Michael. Las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. *In*: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (Org.) **Masculinidad/es**: poder y crisis. Santiago: Isis Internacional/FLACSO, 1997.

KEHL, Maria Rita. **O ressentimento no Brasil**. Lisboa: Oca Editorial, 2021.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia e estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KID Abelha. **Garotos**. Rio de Janeiro: Warner Music [Educação Sentimental], 1985. 1 CD (2 min).

KIMMEL, Michael. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], vol. 3, n. 4, p. 97–124, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14910>. Acesso em: 11 mar. 2023.

KIMMEL, Michael. Masculinities. *In*: KIMMEL, Michael, ARONSON, Amy. **Men and masculinities**: a social, cultural and historical encyclopedia. Santa Barbara: ABC Clio, 2014a.

KIMMEL, Michael. Violence. *In*: KIMMEL, Michael; ARONSON, Amy (Org.). **Men and masculinities**: a social, cultural and historical encyclopedia. Santa Barbara: ABC Clio, 2014b.

KIMMEL, Michael; WADE, Lisa. “Ask a Feminist: Michael Kimmel and Lisa Wade Discuss Toxic Masculinity”. **Signs**: Journal of Women in Culture and Society, vol. 44, n. 1, 2018, p. 233-254.

KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses eram super-heróis**: a história secreta dos super-heróis das histórias em quadrinhos. São Paulo: Cultrix, 2008.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. **Homens que se veem**: Maculidade em Junior e em Men's Health Portugal. 2017. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

LACERDA, Lucas. **Eleição na Argentina tem Homem de Ferro e Chainsaw Man**. *In*: Folha de S. Paulo [online], publicado em 20 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/10/homem-de-ferro-e-personagem-de-anime-votam-na-eleicao-da-argentina.shtml> Acesso em: 21 nov. 2023.

LACERDA, Marina Basso. **Neoconservadorismo de periferia**: articulação familista, punitiva e neoliberal na Câmara dos Deputados. 2018. 207f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

LACLAU, Ernesto. **On populist reason**. Nova York: Verso Books, 2005.

LAGO, Miguel. Como explicar a resiliência de Bolsonaro? *In*: LAGO, Miguel (Org.). **Linguagem da destruição**: a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAMERICHS, Nicolle *et al.* Elite male bodies: The circulation of alt-Right memes and the framing of politicians on Social Media. **Participations Journal of Audience and Perception Studies**, vol. 15, n. 1, 2018.

LAPPER, Richard. **Beef, Bible and bullets**. Brazil in the age of Bolsonaro. Manchester: Manchester University Press, 2021.

LAWRENCE, John Shelton; JEWETT, Robert. **The myth of the American superhero**. Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2002.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. **Os memes e a memética**: o uso de modelos biológicos na cultura. São Paulo: FiloCzar, 2017.

LEFEBRE, Henri. **Le retour de la dialectique**: 12 mots-clefs pour le monde moderne. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986.

LEITE, Eudes Fernando; BALLER, Leandro. Fronteira. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org.). **Dicionário crítico de gênero**. 2ª ed. Dourados: UFGD Editora, 2019.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LIMA, Bruna. **“Xamã do Capitólio” brasileiro foi candidato no RJ e teve 228 votos**. *In*: Metrôpoles [online], publicado em 03 de maio de 2022. Disponível em <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/xama-do-capitolio-brasileiro-foi-candidato-no-rj-e-teve-228-votos> Acesso em: 23 maio 2022.

LIMA-SANTOS, André Villela de Souza; DOS SANTOS, Manoel Antonio. Incels e misoginia online em tempos de cultura digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. vol. 22, n. 3, 2022.

LINZ, Juan José. Regimes autoritários. *In*: PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org.). O estado autoritário e movimentos populares. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. p. 119 - 213.

LIPOVETSKY, Gilles. **The Empire of Fashion: Dressing Modern Democracy**, org. Catherine Porter, Princeton, NJ, 1994.

LISBÔA, Daniela Amorim. Ressentimento. *In*: SZWAKO, José; RATTON, José Luis. (Org.). **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe Editora, 2022, p. 302-305.

LOCKHART, Eleanor Amaranth. **Nerd/Geek masculinity: technocracy, rationality and gender in nerd's culture counterhegemony**. 2015. 181 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Office Graduate and Professional Studies, Dallas, 2015.

LOPES DE SOUZA, Marcelo. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

LOPES, Fernanda. **Por que O Salvador da Pátria é considerada uma novela sobre Lula?** *In*: Notícias da TV por Daniel Castro [online], publicada em 16 de abril de 2021. Disponível em <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/por-que-o-salvador-da-patria-e-considerada-uma-novela-sobre-lula-55292>. Acesso em: 14 out. 2022.

LOPES, Léo. **Um em cada três ataques em escolas já registrados no Brasil aconteceu em 2023**. *In*: CNN Brasil [online], publicado em 20 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/um-em-cada-tres-ataques-violentos-em-escolas-ja-registrados-no-brasil-aconteceu-em-2023>. Acesso em: 26 nov. 2023.

LORENZONI, Onyx. **Do baixo clero ao planalto: a história de uma vitória contra o sistema**. Porto Alegre: AGE, 2023.

LOTMAN, Iuri. A cultura como inteligência coletiva e os problemas da inteligência artificial. *In*: LOTMAN, Iuri (Org.). **Semiosfera**. São Petersburgo: Iskústvo-SPB, 2001.

LOTMAN, Iuri. **A Estrutura do Texto Artístico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

LOTMAN, Iuri. **Cultura y explosión**. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Barcelona: Gedisa, 1993.

LOTMAN, Iuri. **Culture and explosion**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

LOTMAN, Iuri. **Estructura del texto artístico**. Madrid: Ediciones ISTMO, 1970.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra Ediciones, 1996.

LOTMAN, Iuri. **La Semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**. Madri: Ediciones Cátedra, 1998.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera**: L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti. Venezia: Marsilio, 1985.

LOTMAN, Iuri. Sobre o problema da tipologia da cultura. *In*: SCHNAIDERMAN, Boris (Org.). **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

LOTMAN, Iuri. Stat'i po tipologii kulturey. *In*: LOTMAN, Iuri (Org.). **Semiosfera**. São Petersburgo: Ikusstvo-SBP, 2000.

LOTMAN, Iuri. **Universe of the Mind**: A semiotic theory of culture. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

LOTMAN, Iuri; USPENSKII, Boris. **Ensaio da Semiótica Soviética**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1981.

LOTT, Felipe. Bolsonarismo, nacionalismo como religião. *In*: BARBOSA, Eduardo; LOTT, Felipe; WABI-SABI, Mirna (Org.). **Mata**: Bolsonarismo. Rio de Janeiro: Plataforma 9, 2023.

LUNARDI, Gabriela Monteiro, BURGESS, Jean. “É zoeira”: as dinâmicas culturais do humor brasileiro na internet. *In*: CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: Editora UFBA, 2020. p. 427-458.

LUND, Martin. **Re-Constructing the Man of Steel**: Superman 1938-1941, Jewish American History, and the invention of the Jewish-Comics Connection. Cham: Palgrave/Macmillan, 2016.

LUND, Martin. The Mutant Problem: X-Men, confirmation bias, and the Methodology of Comics and Identity. **European Journal of American Studies** - (Re)visioning America in the Graphic Novel, vol. 10, n. 2, 2015.

LYNCH, Christian. CASIMIRO, Paulo Henrique. **Populismo reacionário**: ascensão e legado do bolsonarismo. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MACWILLIAMS, Matthew. **The rise of Trump**: America's authoritarian spring. Amherst, MA: Amherst College Press, 2016.

MAGNOLI, Demétrio. **O corpo da pátria**: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo: Editora da UNESP/ Editora Moderna, 1997.

MAKARYCHEV, Andrey; YATSYK, Alexandra. **Lotman's cultural semiotics and the political**. Nova York: Rowman & Littlefield, 2017.

MANIFESTO de 7 de outubro de 1932. **Integralismo** – Ação Integralista Brasileira [online], 2022. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/manifesto-de-7-de-outubro-de-1932/>. Acesso em: 07 jan. 2022.

MARAFIOTI, Roberto. Semiosfera: volver a Lotman en tiempos pandémicos. *In*: BAREI, Silvia N.; PONCE, Ariel Gómez (Org.). **Lotman revisitado: perspectivas latinoamericanas**. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados, 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Política, cultura pop e entretenimento: O improvável encontro que está transformando a democracia contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

MEDIA TALKS. **Brasil entre entre os 10 maiores geradores de tráfego no principal fórum incel do mundo, que cita estupro a cada meia hora**. *In*: Media Talks [online], publicado em 29 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://mediatalks.uol.com.br/2022/12/29/brasil-entre-10-mais-presentes-no-maior-forum-incel-brasil-entel-do-mundo-revela-estudo/>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MELLEN, Joan. **Big bad wolves: masculinity in the American film**. Nova York: Pantheon, 1977.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MEN'S Health Portugal. **Treine como um super-herói**. Lisboa: Editora Motorpress, vol. 14, n. 17, 2015.

MENDES, Conrado Hübner. **Reféns do bolsonarismo**. *In*: Estadão [online], publicado em 13 de março de 2014. Disponível em <https://www.estadao.com.br/opiniaao/refens-do-bolsonarismo-imp-/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

METRÓPOLES. **Do Val publica foto de sunga e provoca Dino: “Cada um usa a arma que tem”**. *In*: Metrôpoles [online], publicado em 1 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/do-val-publica-foto-de-sunga-e-provoca-dino-cada-um-usa-armas-que-tem>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MILNER, Ryan M. **The world made meme: public conversations and participatory media**. Cambridge/Londres: The MIT Press, 2016.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem: para uma nova antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MORIN, Edgar. **O Método I: A Natureza da Natureza**. Mira-Sintra: Europa-América, 1986.

MOSSE, George L. **Nationalism and sexuality: respectability and abnormal sexuality in modern Europe**. New York, NY: Howard Fertig, 1985.

MOSSE, George L. **The image of man: the creation of modern masculinity**. Nova York: Oxford University Press, 1998.

MOTTA, Suelen Homrich. O espetáculo da política brasileira em cena: Jean Wyllys e Jair Bolsonaro. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, vol. 9, n. 21, 2023.

MOURA, Maurício. CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu**. Rio de Janeiro, Record, 2019.

MOURA, T.; TAYLOR, A. Y.; SCABIO, J. L.; BORDE, E.; AFONSO, J. S.; BARKER, G. **Isso aqui não é vida para você: masculinidades e não violência no Rio de Janeiro, Brasil - Resultados do Estudo Internacional sobre Homens e Igualdade de Gênero (IMAGES) com foco na violência urbana**. Washington, DC/Rio de Janeiro: Promundo, 2016.

MOURA, Thais Monique Costa. **Masculinidades em tempos de desencanto: usos e desusos da história medieval nas redes sociais da internet no Brasil (2018-2022)**. 2023. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2023.

MUDDE, Cas. **The far-right today**. Cambridge: Polity Press, 2019.

MURDOCK, Maureen. **A jornada da heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2022.

MUSZKAT, Susana. **Violência e masculinidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

NAKAMURA, L. “I will do everything that am asked”: scambaiting, digital show-space, and the racial violence of social media. **Journal of Visual Culture**, vol. 13, n. 3, p. 257-274, 2014.

NETO, Lauro. **Fãs de Batman fazem petição para tirar do ar paródia polêmica**. In: O Globo [online], publicado em 6 de janeiro de 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/megazine/fas-de-batman-fazem-peticao-para-tirar-do-ar-parodia-polemica-3586543>. Acesso em: 12 mar. 2013.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. **Biografia do abismo: Como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem: Ensaios sobre bolsonarismo em um mundo em transição**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

O’NEIL, Dennis. Superheroes and power. In: ROSEMBERG, Robin S.; COOGAN, Peter. **What is a superhero?** Nova York: Oxford University Press, 2013.

OLIVADRA, Roberto. Adonis complex. In: KIMMEL, Michael; ARONSON, Amy (Org.). **Men and masculinities: a social, cultural and historical encyclopedia**. Santa Barbara: ABC Clio, 2014.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

ORENSTEIN, Peggy. **Boys & sex: young men on hookups, love, porn, consent, and navigating the new masculinity**. Nova York: Harper Collins, 2020.

ORWELL, George. Notas sobre o nacionalismo. *In*: ORWELL, George. **Por que eu escrevo e outros textos**. Porto Alegre: L & PM Editores, 2022.

PACHECO, Lorena. **'A morte esteve a dois milímetros distante de mim,' diz Bolsonaro em vídeo**. *In*: Correio Braziliense [online], publicado em 7 de setembro de 2018. Disponível em [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/09/07/interna\\_politica,704695/a-morte-esteve-a-dois-milimetros-distante-de-mim-diz-bolsonaro-em-v.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/09/07/interna_politica,704695/a-morte-esteve-a-dois-milimetros-distante-de-mim-diz-bolsonaro-em-v.shtml). Acesso em: 18 fev. 2023.

PAES MANSO, Bruno. **A república das milícias: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

PASSOS, Aline; DE FIORI, Ana Letícia; PORTELLA, Ana Paula. Masculinidade. *In*: SZWAKO, José; RATTON, José Luiz (Org.). **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe Editora, 2022.

PEIRCE, Charles Sanders. **A fixação da crença**. Tradução de Anabela Gradim. *In*: Lusofia [online], 1997. Disponível em [http://www.lusosofia.net/textos/peirce\\_a\\_fixacao\\_da\\_crenca.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf). Acesso em: 29 fev. 2024.

PENNY, Laurie. **A nova revolução sexual: como a masculinidade tóxica e o fascismo moderno estão destruindo o mundo e como o contra-ataque feminista pode salvá-lo**. São Paulo: Cultrix, 2022.

PERASSOLO, João. **Entenda por que memes da ultradireita fetichizam homens fortes e machões**. *In*: Folha de S. Paulo [online], publicado em 4 de julho de 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/entenda-por-que-memes-da-ultradireita-fetichizam-homens-fortes-e-machoes.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2022.

PEREIRA GONÇALVES, Leandro, CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

PERINI-SANTOS, Ernesto. Pós-verdade. *In*: SZWAKO, José; RATTON, José Luis. (Org.). **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe Editora, 2022, p. 271 - 274.

PINHEIRO MACHADO, Rosana. **Do lulismo ao bolsonarismo: Entrevista especial com Rosana Pinheiro-Machado - Instituto Humanitas Unisinos – IHU**. *In*: IHU, 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/581843-do-lulismo-ao-bolsonarismo-entrevista-especial-com-rosana-pinheiro-machado>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PINHEIRO, Leila. **Serra do Luar / Música Incidental** [Coração Tranquilo]. Rio de Janeiro: Warner Bros: 1991. 1 CD (4min).

PINHO, Osmundo. Qual a identidade do homem negro? **Revista Democracia Viva**, vol. 22, p. 64-69, jun-jul 2004.

PITTY. **Admirável chip novo**. Rio de Janeiro: Deckdisc/Polysom: 2003. 1 CD (3 min).

PODER360. **Bolsonaro zera imposto de Whey e é alvo de críticas nas redes**. *In: Poder360* [online], publicado em 19 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/bolsonaro-zera-imposto-de-whey-e-e-alvo-de-criticas-nas-redes/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

PODER360. **Milei já se fantasiou de “super-herói libertário”; assista**. *In: Poder360* [online], publicado em 28 de agosto de 2023. Disponível em <https://www.poder360.com.br/internacional/milei-ja-se-fantasiou-de-super-heroi-libertario-assista/> Acesso em: 21 nov. 2023.

PODER360. **Se o senhor é da Swat, eu sou dos Vingadores, diz Dino para Do Val**. *In: YouTube* [online], publicado em 9 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8PPtonGL4Q0> Acesso em 13 de janeiro de 2024.

PRADO, Michele. **Tempestade ideológica** - Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Editora LUX, 2021.

QUEIROZ, Mário. **Homens e moda no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2019.

RADAELLI, Samuel Mânica. **Direcionário**: o dicionário reacionário. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. Territorializzazione, deterritorializzazione, riterritorializzazione e informazione. *In: TURCO, A (Org.). Regione e regionalizzazione*. Milano: Franco Angeli, 1984.

RAIMUNDO, Orlando. **O último salazarista**: a outra face de Américo Thomaz. São Paulo: LeYa, 2017.

RAMOS, Jair de Souza. Frouxonauro e cornoservadores: metáforas de virilidade masculina no ativismo digital da extrema direita brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. vol. 1, n. 39, 2023, pp. 1-31.

RATTON, José. Negacionismo. *In: SZWAKO, José; RATTON, José Luis (Org.). Dicionário dos negacionismos no Brasil*. Recife: Cepe Editora, 2022, p. 197-200.

REBLIN, Iuri Andréas. **Histórias em quadrinhos**: perspectivas religiosas e possibilidades hermenêuticas. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020.

REBLIN, Iuri Andréas. **O alienígena e o menino**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

RENNÓ, Carlos; BROWN, Chico; LUÍS, Pedro. **Movimento 4** - "Hino" ao Inominável. Rio de Janeiro: Grupo AM4/Imaginária, 2022. 1 Áudio (. Rio de Janeiro: 2,36 min).

REYNOLDS, Richard. Masked heroes. *In*: HATFIELD, Charles; HEER, Jeet; WORCESTER, Kent (Org.). **The superhero reader**. Jackson: University Press do Mississippi, 2013.

REYNOLDS, Richard. **Super-heroes: a modern mythology**. Jackson: University Press of Mississippi, 1994.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit III**. Paris: Seuil, 1985.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2022.

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther; MEDEIROS, Jonas. **The Bolsonaro paradox: the public sphere and right-wing counterpublicity in contemporary Brazil**. Cham, Suíça: Springer, 2021.

ROCHA, Lucas. **Copo de leite: Bolsonaro usa símbolo de supremacia racial em live**. *In*: Revista Fórum [online], publicado em 29 de maio de 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2020/5/29/copo-de-leite-bolsonaro-usa-simbolo-nazista-de-supremacia-racial-em-live-76033.html>. Acesso em: 30 out. 2022.

RODRÍGUEZ, Delia. **Memecracia: los virales que nos gobiernan**. Madri: Gestion 2000, 2013.

ROHDEN, Fabíola. Para que serve o conceito de honra, ainda hoje? **Campos: Revista de Antropologia**, vol. 7, 2006.

ROSA, Vilma. **Autoritarismo**. São Paulo: Lafonte, 2020.

ROSADO MILLAN, María Jesus; GARCÍA, Francisco; ALFEO ÁLVAREZ, Juan Carlos/ RODRIGUEZ ROSADO, Javier. El suicidio masculino: una cuestión de género. **Prisma Social**, vol. 13, 2014.

ROSÁRIO, Nísia Martins; AGUIAR, Lisiane Machado. Implosão mediática: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem. Significação: **Revista de Cultura Audiovisual**, vol. 41, n. 42, 2014.

RUDNITZKI, Ethel, OLIVEIRA, Rafael. **Deus vult: uma velha expressão na boca da extrema direita**. *In*: Pública [online], publicado em 30 de abril de 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/> Acesso em 27 de março de 2023.

RUSHKOFF, Douglas. **Media Virus! Hidden agendas in popular culture**. Nova York: Ballantine Books, 1996.

SAEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Salvador: Editora Devires, 2022.

SAKAMOTO, Leonardo. **Atentado em Aracruz mostra que o Brasil está copiando o pior dos EUA**. *In*: UOL [online], publicado em 25 de novembro de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2022/11/25/atentado-em-aracruz-mostra-que-o-brasil-esta-copiando-o-pior-dos-eua.htm>. Acesso em: 22 mar. 2023.

SAMPAIO, Paulo. **“Nunca namorei na vida”, diz Paulo Kogos, influencer com 126 mil seguidores**. *In*: TAB OUL [online], publicado em 5 de novembro de 2020. Disponível em <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/11/05/nunca-namorei-na-vida-diz-paulo-kogos-influencer-com-116-mil-seguidores.htm>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **A moda é sintoma da cultura?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.

SANTIAGO, Silviano. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. Lisboa: Oca Editorial, 2021.

SANTOS JR., Marcelo Alves. **#vaipracuba: A gênese das redes de direita no Facebook**. Curitiba: Appris, 2019.

SANTOS, Janiene. **Sobre tendências e o espírito do tempo**. São Paulo: Estação das Cores e das Letras, 2017.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

SARMENTO, Ana. **“Redpillado” como “Matrix” inspira grupos machistas e a extrema direita**. *In*: TAB UOL [online], publicado em 23 de novembro de 2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/11/23/redpillado-como-matrix-inspira-grupos-machistas-e-a-extrema-direita.htm>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SAUER, Bridget. Authoritarian right-wing populism as masculinist identity politics. The Role of Affects. *In*: DIETZE, Gabriele; ROTH, Julia (Org.). **Right-wing Populism and gender: European perspectives and beyond**. Berlin: De Gruyter, 2020. pp. 23-40.

SCHARRER, Erica. Men, muscles, and machismo: the relationship between television violence exposure and aggression and hostility in the presence of hypermasculinity. **Media Psychology**, vol 3, n. 2, 2001.

SCHMIDT, Victoria Lynn. **45 master characters: mythic models for creating original characters**. Cincinnati: Writer's Digest Books, 2001.

SCHWALBE, Michael. **Manhood acts: gender and the practices of domination**. Boulder: Paradigm Publishers, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SCOTTO DI CARLO, Giuseppina. Trumping twitter: Sexism in President Trump's tweets. **Journal of Language and Politics**, vol. 19, n. 1, 2020.

SEMENENKO, Aleksei. **The texture of culture**: an introduction to Yuri Lotman's semiotic theory. Nova York: Palgrave Macmillan, 2012.

SENRA, Rircado. **Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista**. In: BBC News Brasil [online], publicado em 7 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SERRA, Marcelo. **La semiosfera de los cómics de superhéroes**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) - Universidade Complutense de Madrid, Madrid, 2010.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge: The MIT Press, 2013.

SIDES, J.; TAUSANOVITCH, C.; VAVRECK, L. **The bitter end**: the 2020 presidential campaign and the challenges to American democracy. Princeton: Princeton University Press, 2022.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

SIMMEL, Georg. **Gesamtausgabe - Vol.X: Philosophie der Mode**, Frankfurt: 1989.

SINGER, Marc. **Breaking the frames**: populism and prestige in comics studies. Austin: University of Texas Press, 2018.

SMITH, Murray. **Engaging characters**: fiction, emotion and the cinema. Oxford: Clarendon Press, 1995.

SOARES, Thiago. Percursos para o estudo sobre música pop. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo, FERRAZ, Rogério (Org.). **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SOBERON, Lennart. Vivisecting the villain: a framework for the analysis of enemy image construction in cinema. In: WEINER, Robert G.; PEASLEE, Robert Moses (Org.). **The supervillain reader**. Jackson: University Press of Mississippi, 2020.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: ABRANCHES, Sergio *et al.* (Org.). **Democracia em Risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 307-321.

SOLOMON, Michael R. **O comportamento do consumidor**: comprando, possuindo e sendo. Porto Alegre: Bookman, 2002.

SOREL, Georges. **Reflexões sobre a violência**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Descolonizar**: abrindo a história do presente. Belo Horizonte: Autêntica Editora/São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

SOUZA, Jessé. **A guerra contra o Brasil**: Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: A política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L & PM, 2019.

STAR Wars: Episódio III - A Vingança dos Sith. **Direção**: George Lucas. **Produção**: Rick McCallum. **Local**: 20th Century Studios, 2015. Mídia.

STARLING, Heloísa Murgel. Brasil, país do passado. *In*: STARLING, Heloísa Murgel (Org.). **Linguagem da destruição**: a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

STEINMETZ, Christian. A genealogy of evil: Captain America vs. the shadows of national imagined community. *In*: WEINER, Robert G. (Org.). **Captain America and the struggle of superhero**: critical essays. Jefferson: McFarland, 2009.

STENNER, Karen. **The authoritarian dynamic**. Cambridge/Nova York: Cambridge University Press, 2010.

STOPPINO, Mario. Autoritarismo. *In*: BOBBIO, Norberto (Org.). **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

SUGIURA, Lisa. **The incel rebellion**: the rise of manosphere and the virtual war against women. Bingley: Emerald Publishing, 2021.

SVENDSEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SZWAKO, José; RATTON, José Luis. **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe Editora, 2022.

TAMM, Marek; TOROP, Peeter. Introduction. *In*: TAMM, Marek; TOROP, Peeter (Org.). **The companion to Juri Lotman**: a semiotic theory of culture. Nova York: Bloomsbury Academic, 2022.

TARDELI, Denise D’Aurea. Super-heróis na construção da personalidade. *In*: VIANA, Nildo. REBLIN, Iuri Andreas (Org.). **Super-heróis, cultura e sociedade**: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos. Aparecida: Editora Ideias & Letras, 2011.

TATAR, Marie. **The heroine with 1001 faces**. Nova York: Liveright Publishing Corporation, 2021.

TAYLOR, Aaron. “He’s gotta be strong, he’s gotta be fast, and he’s gotta be larger than life”: investigating the engendered superhero body. **Journal of Popular Culture**, vol. 40, n. 2, 2007.

TEIXEIRA, Isabela; RODRIGUES, Marcus. No QG, bolsonaristas recomendam a substituição da camisa verde e amarela. Veja nova orientação. *In*: Metrôpoles [online], publicado em 1º de dezembro de 2022. Disponível em

<https://www.metropoles.com/colunas/grande-angular/no-qg-bolsonaristas-recomendam-troca-da-camisa-verde-e-amarela>. Acesso em: 15 dez. 2022.

TERJESEN, Andrew. O Super-Homem é um ícone americano? *In*: IRWIN, William (Cord.); WHITE Mark D. (Org.). **Superman e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2014.  
THOMPSON, Derek. **Hit makers**: como nascem as tendências. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018.

TIBURI, Márcia. **Complexo de vira-latas**: análise da humilhação brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

TIXA NOTÍCIAS. **Bolsonaro, o paizinho da Sara**. *In*: YouTube [online], publicado em 16 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cRczjAuOntU>. Acesso em: 15 dez. 2022.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**: a Sociedade do Anel. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2019.

TOMKINSON, Sian; HARPER Tael; ATWELL Katie. Confronting Incel: Exploring possible policy responses to misogynistic violent extremism. **Australian Journal of Political Science**, vol. 55, n. 2, 2020.

TORMEY, Simon. **Populismo**: uma breve introdução. São Paulo: Cultrix, 2019.

TOROP, Peeter. Semiospherical understanding: textuality. **Sign system studies**, vol. 31, n. 2, 2004, p. 323-329.

TRAVASSOS DA SILVA, Marcelo. **Superman**: entre quadrinhos, discurso e ideologia. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só**: a crise do masculino. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

TUCKER, Reed. **Pancadaria**: por dentro do épico conflito Marvel vs DC. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

UOL. **Bolsonaro volta a atacar STF em entrevista a influencer português**. YouTube [online], publicado em 5 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nCgDgT7EdcA>. Acesso em: 06 fev. 2024.

URMSON, J. O. Santos y heróes. *In*: FEINBERG, Joel (Org.). **Conceptos Morales**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

VARGAS MAIA, Tatiana, PONTIN, Fabrício. Cidadania, semi cidadania e democracia no Brasil contemporâneo. *In*: PINHEIRO-MACHADO, Rosana, DE FREIXO, Adriano (Org.). **Brasil em transe**: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

VELOSO, Caetano. **Podres Poderes**. Rio de Janeiro: PolyGram: 1984. 1 CD (4 min).

VERNADSKY, Vladimir. **Biosfera**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2019.

VILLAÇA, Gracila, D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizada. **Revista EcoPós**. vol. 24, n. 2, 2021.

VILLAS BÔAS, Luciana. **A República de chinelos**: Bolsonaro e o desmonte da representação. São Paulo: Editora 34, 2022.

VISCARDI, Janaisa Martins. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 59, n. 2, 2020, pp. 1134-1157.

VIVAS, Fernanda. **Bolsonaro inelegível pela segunda vez**: veja os próximos passos dos processos contra o ex-presidente. *In*: G1 [online], publicado em 1 de novembro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/11/01/bolsonaro-inelegivel-pela-segunda-vez-veja-os-proximos-passos-dos-processos-contr-o-ex-presidente.ghtml> Acesso em 13 de janeiro de 2024.

WAINBERG, Jacques A. **Influenciadores sociais**: o feitiço, a fama e a fé. Brasília: Senado Federal, 2021.

WANDTKE, Terrence R. **The meaning of super-heroes' comic books**. Jefferson: MacFarland and Company, 2012.

WASSERMAN, Denise. **O super-herói Bolsonaro**. *In*: Nosso Jornal [online], publicada em 28 de outubro de 2018. Disponível em: <http://www.nosso.jor.br/o-super-heroi-bolsonaro/> Acesso em: 23 maio 2022.

WEINER, Robert G.; PEASLEE, Robert Moses; PRETTYMAN, Duncan. It's all about the villain! *In*: WEINER, Robert G.; PEASLEE, Robert Moses (Org.). **The supervillain reader**. Jackson: University Press of Mississippi, 2020.

WELDON, Glen. **Superman**: uma biografia não autorizada. São Paulo: LeYa, 2016.

WELTZIEN, Friedrich. Masque-ulinities: Changing Dress as a Display of Masculinity in the Superhero Genre. Fashion Theory: **The Journal of Dress, Body & Culture**, vol. 9, 2005.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, vol. 9, n. 2, p.460-482, 2001.

WINK, Walter. **The powers that be**. Nova York: Galilee, Doubleday, 1998.

WITTIG, Monique. **O pensamento hetero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

WRIGHT, Bradford W. **Comic book nation**: the transformation of youth culture in America. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2003.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. A árvore de imagens. **Intexto**, n. 41, p. 58-69, jan./abr. 2018.

YAMAGUTI, Bruna. **Entenda o que é 'machosfera' e saiba como mulheres podem se prevenir de comportamentos agressivos**. *In*: G1 [online], publicado em 6 de março de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/06/entenda-o-que-e-machosfera-e-saiba-como-mulheres-podem-se-prevenir-de-comportamentos-agressivos.ghtml>. Acesso em: 22 mar. 2023.

ZALIZNIÁK, A. A.; IVÁNOV, V. V.; TOPORÓV, V. N. Sobre a possibilidade de um estudo tipológico-estrutural de alguns sistemas semióticos modelizantes. *In*: SCHNAIDERMAN, Bóris (Org.). **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ZICMAN DE BARROS, Thomás, LAGO, Miguel. **Do que falamos quando falamos de populismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.